

Arte
2^o
ano

Ensino Fundamental – Anos Iniciais
Componente curricular: Arte

Ápis

Eliana Pougy
André Vilela

Manual do
Professor





Ensino Fundamental – Anos Iniciais
Componente curricular: Arte

Eliana Pougy

Bacharel em Comunicação Social pela
Fundação Armando Álvares Penteado (Faap)

Especialista em Linguagens da Arte pelo
Centro Universitário Maria Antônia da Universidade de São Paulo (Ceuma-USP)

Mestra em Educação pela Universidade de São Paulo (USP)

Doutora em Teoria Política com foco em Educação na
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Autora de livros didáticos e paradidáticos sobre Arte

André Vilela

Licenciado em Educação Artística pela
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp-SP)

Coordenador pedagógico do programa Fábricas de Cultura de São Paulo

Professor de cursos de capacitação e de formação de professores em Arte

Professor de História da Arte

Autor de livros didáticos sobre Arte

2ª edição

São Paulo, 2017

Atualizado de acordo com a BNCC.



editora ática

Direção geral: Guilherme Luz

Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas

Gestão de projeto editorial: Tatiany Renó

Gestão e coordenação de área: Alice Silvestre e Camila De Pieri Fernandes

Edição: André Saretto (assist.), Fabiana Marsaro e Renato Malkow

Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga

Planejamento e controle de produção: Paula Godo, Roseli Said e Marcos Toledo

Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scalf Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Ana Curci, Ana Paula C. Malfa, Brenda Moraes, Célia Carvalho, Celina Fugyama, Claudia Virgílio, Flávia S. Vênezio, Gabriela M. de Andrade e Heloisa Schiavo

Arte: Daniela Amaral (ger.), Claudio Faustino (coord.), Yong Lee Kim (edição de arte), Jacqueline Ortolan e Lívia Vitta Ribeiro (edit. arte)

Iconografia: Silvio Klugin (ger.), Denise Durand Kremer (coord.), Thaisi Albarracin Lima (pesquisa iconográfica)

Licenciamento de conteúdos de terceiros:

Cristina Akisino (coord.), Liliane Rodrigues (licenciamento de textos), Erika Ramires e Claudia Rodrigues (analistas adm.)

Design: Gláucia Correa Koller (ger. e proj. gráfico) e Talita Guedes da Silva (proj. gráfico e capa)

Ilustração de capa: ArtefatoZ

Todos os direitos reservados por Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221, 3º andar, Setor A
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061

www.atica.com.br / editora@atica.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pougy, Eliana
Ápis arte, 2º ano : ensino fundamental, anos iniciais / Eliana Pougy, André Vilela. -- 2. ed.-- São Paulo : Ática, 2017.

Suplementado pelo manual do professor.
Bibliografia.
ISBN 978-85-08-18811-6 (aluno)
ISBN 978-85-08-18812-3 (professor)

1. Arte (Ensino fundamental) I. Vilela, André.
II. Título.

17-11163

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

2017

Código da obra CL 713534

CAE 728793 (AL) / 728751 (PR)

2ª edição

1ª impressão

Atualizado de acordo com a BNCC.



Impressão e acabamento

Apresentação

Olá, professor!

Esta coleção busca auxiliá-lo no processo de ensino e aprendizagem em Arte. Para tanto, tem como base o ensino da Arte por meio de projetos de trabalho que respeitam a faixa etária dos estudantes e as culturas infantis, repletos de experimentações artísticas e de leituras e reflexões acerca de obras de arte das diferentes linguagens artísticas, e que resultam em produtos e manifestações artísticas híbridas.

A abordagem contextualizada da coleção privilegia o estudo das artes contemporâneas e das manifestações artísticas tradicionais, uma vez que elas são as formas de arte com as quais mais mantemos contato e, portanto, ajudam a incentivar a pesquisa e a liberdade de expressão ao valorizar a singularidade de cada artista, além de destacar a identidade cultural brasileira e os artistas do país.

Acreditamos que esse diálogo entre as culturas infantis, as artes contemporâneas e as artes tradicionais brasileiras permite um processo de ensino e aprendizagem contextualizado e significativo, além de promover aulas dinâmicas e interessantes, que estimulam a exploração de materiais e de técnicas e convidam à participação dos estudantes.

Aprender arte é um direito de todos os alunos. As aulas de Arte, por esse viés, promovem a inclusão e permitem que cada estudante possa desenvolver a própria forma de expressão, além do respeito pelo próprio trabalho, pelo trabalho dos colegas e também pelo trabalho dos artistas. Dessa forma, ao aprender arte, os estudantes também desenvolvem as chamadas habilidades socioemocionais.

Desejamos a você um bom trabalho e muita, mas muita arte ao longo dos anos iniciais do Ensino Fundamental!

Os autores.

SUMÁRIO

Orientações gerais

I. Princípios gerais	VI
1. Ensino de Arte e livro didático	VII
2. Ensino de Arte e Projeto de Trabalho	VIII
Interdisciplinaridade e Projeto de Trabalho	IX
Como trabalhar os procedimentos das diversas disciplinas em projetos interdisciplinares . . .	XI
3. Ensino de Arte e a Base Nacional Comum Curricular	XI
II. Fundamentos teóricos	XVI
1. A Arte-educação baseada na cultura visual	XVI
2. Objetivos e didática da Arte-educação baseada na cultura visual	XVIII
3. As linguagens artísticas e as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental	XIX
Linguagem visual e audiovisual	XIX
O trabalho com a produção midiática	XXI
Linguagem da dança	XXII
Linguagem musical	XXIII
Linguagem teatral	XXIV
Linguagens integradas	XXV
III. Ambiente de aprendizagem e acesso aos espaços de divulgação cultural . . .	XXV
1. O ambiente de aprendizagem	XXV
2. Visitas culturais	XXVI
Preparando a visita	XXVI
Durante a visita	XXVII
Depois da visita	XXVII
Comunicando o que foi aprendido	XXVII
IV. Avaliação	XXVII
1. Sugestão de fichas de acompanhamento do portfólio dos estudantes	XXVIII
Consciência da construção de seu percurso em relação aos processos vivenciados nas aulas	XXVIII
Pesquisa pessoal	XXVIII
Construção de sua postura de aluno na escola	XXIX

Troca de experiências e participação em uma situação de partilha	XXIX
Produção artística e aprimoramento técnico	XXX
Ampliação de repertório	XXX
Participação e envolvimento	XXX
2. Avaliação das sequências didáticas	XXXI
Avaliação inicial	XXXI
Avaliação processual.	XXXI
Avaliação final para o professor	XXXII
3. Avaliação do produto final do Projeto de Trabalho	XXXII
V. Estrutura geral da coleção	XXXIII
1. Seções e boxes da coleção	XXXV
2. Principais competências, objetos de conhecimento e habilidades da coleção	XXXVII
3. Material Digital do Professor	XLV
VI. Referências para aprofundamento do professor	XLVI

Orientações específicas

Unidade 1 – A arte faz pensar?	8
Capítulo 1: Teatro: a imaginação ganha vida!	14
Capítulo 2: Dançar para alertar!.	32
Unidade 2 – Brinquedo pode ser arte?	58
Capítulo 3: Um museu de brinquedo!.	64
Capítulo 4: Uma orquestra de brinquedo!	82
Bibliografia	110



Orientações gerais

I. Princípios gerais

A despeito das diversas formas de entender o que é arte e de como se ensina e se aprende arte na escola – todas coerentes com os diferentes momentos históricos em que foram concebidas –, hoje se entende que a disciplina Arte¹ é um *componente curricular obrigatório e que seu objeto de estudo é a arte produzida socialmente, em suas diferentes linguagens* (artes visuais, música, dança, teatro e artes integradas).

Assim, e de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)² e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)³, esta coleção entende que a arte é um saber passível de ser ensinado e aprendido, e, também, patrimônio histórico e cultural da humanidade.

Como área do conhecimento, a arte abarca o fazer e o pensamento artísticos, que se caracterizam como um modo particular de dar sentido à vida, pois esse pensamento e esse fazer relacionam-se à *experiência estética* ou à experiência que vivemos ao apreciar e produzir *beleza*.

Beleza é um dos valores que atribuímos às coisas do mundo e tem uma relação direta com aquilo que agrada aos nossos sentidos. Mas isso não quer dizer que o belo é apenas o que é “bonito” ou “correto”. Muitas vezes, algo que não é considerado bonito nem convencionalmente correto pode despertar fortes emoções, como o medo, o asco, a raiva, a revolta ou a tristeza e, conseqüentemente, causar intensas experiências estéticas.

É sempre bom lembrar que o significado que cada pessoa em cada cultura dá à beleza varia; por isso dizemos que é relativo às experiências vividas pelo sujeito e aos valores culturais de dado grupo social. Assim, a arte também pode ser definida como uma forma de conhecimento que se manifesta por meio da experiência cultural.

Durante essas experiências, nos emocionamos e usamos a razão ao mesmo tempo. A arte nos faz usar a razão porque as obras de arte e os produtos culturais trazem consigo um conteúdo, um tema ou um assunto que, por meio das linguagens livres da arte, nos fazem refletir, questionar, colocar em discussão e, muitas vezes, rever valores, atitudes, certezas e conceitos. Por isso, além de mobilizar sensações e afetos, a experiência estética nos leva a conhecer mais sobre nós mesmos, sobre a vida, sobre as diversas áreas do conhecimento e sobre a própria arte.

Os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, assim como qualquer um de nós, desde o nascimento fazem parte de determinado universo cultural (familiar, da comunidade, regional, de sua época) e, assim, estão expostos às mais variadas manifestações artísticas. Muitas vezes, convivem com artistas amadores ou profissionais, que fazem parte das artes tradicionais feitas pelo povo, do *design*, do mundo acadêmico, que podem ser membros de suas famílias ou da comunidade em que estão inseridos. Como experimentadoras ousadas, as crianças se expressam artisticamente por meio de linguagens verbais e não verbais, utilizando diferentes materiais, instrumentos e técnicas.

Todo esse contato com a arte, no entanto, não significa que as crianças não precisem aprender mais sobre esse campo na escola. Pelo contrário: o prazer e o conhecimento artísticos e a experiência estética e cultural podem e devem ser cultivados e ampliados pela mediação educativa realizada pela instituição escolar, com o objetivo de desenvolver competências e habilidades relativas a essa área do saber. Por isso, compreendemos que é na escola, e com sua mediação, professor⁴, que os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental podem conhecer melhor a cultura em que estão inseridos e aprender mais sobre o

¹ Quando se trata do componente curricular, grafa-se Arte; nos demais casos, arte.

² BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997a; BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997b.

³ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

⁴ Segundo orientações da Federação de Arte/Educadores do Brasil (Faeb), quem ministra as aulas de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental são os licenciados em Artes Visuais, Música, Dança e Teatro, para evitar a polivalência. Caso não existam professores especialistas na escola, para cumprir a LDB vigente, quem ministra essas aulas é o professor de sala que, preferencialmente, tenha formação em Arte.

campo expandido da arte, abrindo-se, desse modo, para a produção artística e cultural de outras culturas, de hoje e de outros tempos.

É na escola que os estudantes têm a oportunidade de conhecer, apreciar, criticar, dialogar, refletir e valorizar as diversas culturas e manifestações da arte, abrindo-se para o “diferente”, ao respeitar e valorizar a diversidade.

Como afirma a BNCC:

O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas.

Nesse sentido, as manifestações artísticas não podem ser reduzidas às produções legitimadas pelas instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas. A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores. ⁵

Além disso, é nas aulas de Arte que os estudantes aprendem procedimentos e técnicas construídas socialmente e que permitem a eles se expressarem artisticamente. Isso quer dizer que as manifestações e produções artísticas são fruto de aprendizado sistematizado, que é direito dos estudantes brasileiros.

O grande objetivo das aulas de Arte é, portanto, *promover experiências estéticas e culturais, a fim de desenvolver as competências e habilidades artísticas dos estudantes, ampliar seu repertório acadêmico e cultural e promover uma cidadania participativa, crítica e criativa.* Esse é nosso desafio.

1. Ensino de Arte e livro didático

O livro didático de Arte vem sendo construído desde a década de 2000, inicialmente para escolas particulares. Em 2011, passou a integrar as políticas públicas participando do Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLD – EJA), buscando a formação integral dos estudantes das escolas públicas brasileiras e fazendo cumprir a Lei de

Diretrizes Básicas (LDB) 9394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica.

§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.

Depois, a Arte também esteve presente no PNLD 2014 – EJA; PNLD 2015 – Ensino Médio; PNLD 2016 – 4º e 5º ano; PNLD 2017 – 6º a 9º ano; PNLD 2018 – Ensino Médio; e, agora, no PNLD 2019 – 1º a 5º ano, pela primeira vez contemplando também o 1º, 2º e 3º ano, o que reforça a valorização do componente curricular e a importância do livro didático como suporte para as aulas de Arte.

O livro didático é um suporte porque traz uma proposta didático-pedagógica clara, textos de apoio e sugestões de atividade que buscam cumprir o que dispõem as orientações governamentais presentes nos PCN e na BNCC. Além disso, tem o papel de inspirar a prática dos professores, já que traz estruturadas propostas que abarcam o trabalho didático-pedagógico de um segmento completo da educação básica.

Entretanto, ele só é útil e verdadeiramente um suporte à medida que os professores possam dialogar com ele e usar sua autonomia e criatividade na condução das atividades propostas no livro.

Nesse sentido, a coleção traz propostas de trabalho que podem e devem ser ampliadas por você em diálogo com sua realidade local. Por isso, escolhemos projetos temáticos, conteúdos (conceituais, atitudinais e procedimentais) e atividades que buscam desenvolver as competências e as habilidades descritas na BNCC, mas que, ao mesmo tempo, se abrem para a possibilidade de trabalho com outros temas, conteúdos e atividades que podem ser elencados a partir da realidade e do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola e da rede de ensino de que ela faz parte.

⁵ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 193.

2. Ensino de Arte e Projeto de Trabalho

A partir dos princípios explanados anteriormente e das orientações dos PCN e da BNCC, esta coleção organiza o ensino e o estudo dos diferentes campos da arte por meio da investigação e da participação ativa dos estudantes, ou por meio de Projetos de Trabalho:

A prática investigativa constitui o modo de produção e organização dos conhecimentos em Arte. É no percurso do fazer artístico que os alunos criam, experimentam, desenvolvem e percebem uma poética pessoal. Os conhecimentos, processos e técnicas produzidos e acumulados ao longo do tempo em Artes visuais, Dança, Música e Teatro contribuem para a contextualização dos saberes e das práticas artísticas. Eles possibilitam compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura.⁶

Um Projeto de Trabalho se vincula à exploração de *problemas significativos* para os estudantes, mas que, ao mesmo tempo, os aproxima dos saberes escolares. Em outras palavras, um projeto parte de questões consideradas relevantes para os estudantes e também para o desenvolvimento das competências e habilidades específicas da Arte.

Consequentemente, essa questão ou problema tanto pode partir do interesse dos estudantes quanto ser proposto pelo professor⁷ que, por sua vez, deve ter em vista o desenvolvimento dessas competências e habilidades a partir de objetivos, conteúdos e propostas de atividades preestabelecidos.

A perspectiva de globalização que se adota na escola, e que se reflete nos Projetos de trabalho, trata de ensinar o aluno a aprender, a encontrar o nexos, a estrutura, o problema que vincula a informação e que permite aprender. Finalidade esta que se pode fazer coincidir com os objetivos finais de cada nível educativo.⁸

Por isso, em primeiro lugar, é necessário que coordenação, professor e estudantes concordem com a escolha de um problema que sirva de *disparador* de

um projeto que, no caso das aulas de Arte, pode estar relacionado a uma inquietação sobre algum assunto ou tópico do campo das artes ou sobre uma questão técnica, artística, estética ou ética a respeito do trabalho de um artista ou grupo de artistas, e também relacionado a temáticas contemporâneas que mobilizam a reflexão e a crítica sobre quem somos hoje.

Em um projeto, diferentemente de outras modalidades organizativas, o professor medeia a escolha do tema, pois ele é quem deve dirigir o “fio condutor” do trabalho, em diálogo com o Projeto Político-Pedagógico da escola e com o universo cultural dos estudantes:

O ponto de partida para a definição de um Projeto de trabalho é a escolha do tema. Em cada nível e etapa da escolaridade, essa escolha adota características diferentes. Os alunos partem de suas experiências anteriores, da informação que têm sobre os Projetos já realizados ou em processo de elaboração por outras classes. Essa informação se torna pública num painel situado na entrada da escola (com isso, as famílias também estão cientes). Dessa forma, o tema pode pertencer ao currículo oficial, proceder de uma experiência comum (como os acampamentos), originar-se de um fato da atualidade, surgir de um problema proposto pela professora ou emergir de uma questão que ficou pendente em outro Projeto.

[...]

O critério de escolha de um tema pela turma não se baseia num “porque gostamos”, e sim em sua relação com os trabalhos e temas precedentes, porque permite estabelecer novas formas de conexão com a informação e a elaboração de hipóteses de trabalho, que guiem a organização da ação. Na Etapa Inicial, uma função primordial do docente é mostrar ao grupo ou fazê-lo descobrir as possibilidades do Projeto proposto (o que se pode conhecer), para superar o sentido de querer conhecer o que já sabem.⁹

A obra em questão propõe temas geradores que foram pensados na especificidade da infância, tais como a integração das linguagens artísticas e a brincadeira. O professor, como ser autônomo e conhecedor da turma, poderá propor, e abrir espaço para que os

⁶ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p.193.

⁷ Paulo Freire, importante educador brasileiro, também propõe essa abordagem metodológica em *Educação como prática da liberdade* (1986).

⁸ HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2017. p. 66.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 67.

alunos também proponham, vetores de interesse que estejam na mesma direção dos temas geradores propostos ao longo da obra ou paralelos a eles.

Definidos o tema e a questão disparadora, tornam-se necessários o estudo sistematizado e a pesquisa, a fim de buscar respostas e soluções para o problema e, também, que as crianças organizem as informações, descobrindo a relação entre elas. Para tanto, é preciso que elas vivam situações de simulação de decisões, estabeleçam relações ou infiram novos problemas.

Por isso, em um projeto não interessa só a localização de respostas, mas, principalmente, entender o significado e a pertinência delas, aplicando-as em vivências diversas presentes em diferentes modos de ensinar e aprender, como aulas expositivas, debates, apresentações, oficinas, trabalhos em grupo e individuais, visitas culturais, etc.

Quando trabalhamos com projetos, é muito importante que os estudantes apresentem sua pesquisa em forma de seminário. Mesmo no trabalho com os estudantes dos três primeiros anos do Ensino Fundamental, é possível e recomendável que eles tenham a oportunidade de apresentar para a turma o que descobriram. O importante é que, aos poucos, eles se acostumem com a divulgação do que pesquisaram, e que essa atividade não fique restrita a um texto que apenas vai ser corrigido pelo professor e devolvido a eles.

Além disso, o aprendizado e a compreensão por parte dos estudantes precisam se dar por meio de atividades diversas que englobam as dimensões do conhecimento artístico, como fruição, leitura de textos e obras de arte, pesquisa, reflexão, crítica, estesia, expressão e criação, mas sempre de modo dialógico e participativo.

Conseqüentemente, ao longo de um Projeto de Trabalho, os estudantes acabam por produzir diversos e valiosos produtos e instrumentos de avaliação do seu aprendizado, que auxiliam o professor a desvendar o que eles descobriram, que dúvidas surgiram, as dificuldades e os sucessos de cada um, entre outros aspectos. Isso permite que o professor participe ativamente do processo, indicando fontes de pesquisa, avaliando cada etapa do trabalho e mantendo uma postura de participação e envolvimento.

Ao final do projeto, deve acontecer uma produção que sintetize o conhecimento aprendido e exponha para a comunidade escolar esse aprendizado. Esse produto, no caso das aulas de Arte, pode ser a criação e produção de obras de arte e sua exposição/divulgação,

de modo que elas sintetizem o aprendizado e expressem o que os estudantes vivenciaram.

A partir desse primeiro projeto, outros problemas, questões e temas surgirão. Nesse sentido, o professor consegue construir um currículo vivo e interessante, além de integrado às orientações curriculares da escola, da rede de ensino e do Estado.

O Projeto de Trabalho é uma situação de aprendizagem em que os estudantes participam ativamente, pois buscam respostas às suas dúvidas em parceria com o professor, ou de forma coletiva. Em outras palavras, ao participar das diferentes fases e atividades de um projeto, os alunos desenvolvem a consciência de seu próprio processo de aprendizado, ou seja, aprendem a aprender.

Interdisciplinaridade e Projeto de Trabalho

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (Parecer CNE/CEB nº 7/2010 e Resolução CNE/CEB nº 4/2010), a interdisciplinaridade é recomendada no trabalho escolar, pois facilita o exercício da *transversalidade*, ou o modo de organizar o currículo por meio de temas transversais. A articulação dos conhecimentos é um dos objetivos deste modo de organizar o currículo, pois permite romper com a forma rígida de trabalhar com os conteúdos escolares.

Nesse sentido, ao realizar um Projeto de Trabalho, o professor tem a oportunidade de fazer os estudantes entenderem que determinado conhecimento não é exclusividade de determinada disciplina, isto é, que esse conhecimento transita entre diferentes modos de entender e explicar a vida, e pode, inclusive, fazer parte de outras disciplinas, o que abre espaço para trabalhos interdisciplinares.

Segundo Fernando Hernández¹⁰, para realizar projetos interdisciplinares, é importante que o professor integre conteúdos e desenvolva habilidades de vários componentes curriculares em um mesmo projeto, reconhecendo a curiosidade das crianças, estimulando suas questões e as possíveis relações que elas mesmas são capazes de fazer sobre as conexões entre os saberes. Portanto, a organização do currículo por Projetos de Trabalho permite que a interdisciplinaridade entre as linguagens artísticas e entre a Arte e os outros componentes curriculares aconteça, pois eles não se esgotam em seus conteúdos iniciais: os conteúdos dos diferentes componentes curriculares podem e devem ser trabalhados ao mesmo tempo.

Além disso, a BNCC afirma que:

¹⁰ HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

[...] cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Entre esses temas, destacam-se: direitos da criança e do adolescente (Lei nº 8.069/1990), educação para o trânsito (Lei nº 9.503/1997), educação ambiental (Lei nº 9.795/1999, Parecer CNE/CP nº 14/2012 e Resolução CNE/CP nº 2/2012), educação alimentar e nutricional (Lei nº 11.947/2009), processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso (Lei nº 10.741/2003), educação em direitos humanos (Decreto nº 7.037/2009, Parecer CNE/CP nº 3/2004 e Resolução CNE/CP nº 1/2012), educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena (Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, Parecer CNE/CP nº 3/2004 e Resolução CNE/CP nº 1/2004), bem como saúde, vida

familiar e social, educação para o consumo, educação financeira e fiscal, trabalho, ciência e tecnologia e diversidade cultural (Parecer CNE/CEB nº 11/2010 e Resolução CNE/CEB nº 7/2010). Na BNCC, essas temáticas são contempladas em habilidades dos componentes curriculares, cabendo aos sistemas de ensino e escolas, de acordo com suas especificidades, tratá-las de forma contextualizada¹¹.

Assim, os conteúdos e procedimentos específicos de cada uma das linguagens artísticas e alguns dos conteúdos das outras disciplinas dos anos iniciais do Ensino Fundamental estão contemplados em cada uma das unidades da coleção, conforme o tema contemporâneo presente em cada projeto. Acreditamos que essa abertura para a interdisciplinaridade poderá despertar em você, professor, a vontade de experimentar e trazer mais conteúdo de outras disciplinas para cada projeto.

A seguir, apresentamos a organização dos temas, linguagens e disciplinas participantes de cada unidade/projeto da coleção:

Volume	Unidade	Tema	Linguagens	Disciplinas
1ª	1	<ul style="list-style-type: none"> Trabalho, ciência e tecnologia 	<ul style="list-style-type: none"> Artes visuais – Desenho Música – Paisagem sonora Artes integradas – Desenho animado 	<ul style="list-style-type: none"> Arte Matemática Geografia
	2	<ul style="list-style-type: none"> Direitos da criança e do adolescente 	<ul style="list-style-type: none"> Dança – Dança contemporânea Teatro – Pantomima literária Artes integradas – Filme documentário 	<ul style="list-style-type: none"> Arte Matemática Geografia
2ª	1	<ul style="list-style-type: none"> Educação ambiental 	<ul style="list-style-type: none"> Teatro – Teatro de objetos Dança – Dança contemporânea Artes integradas – Intervenção 	<ul style="list-style-type: none"> Arte Ciências Geografia
	2	<ul style="list-style-type: none"> Vida familiar e social Educação para o consumo 	<ul style="list-style-type: none"> Artes visuais – Escultura Música – Música de concerto Artes integradas – Exposição 	<ul style="list-style-type: none"> Arte História Ciências
3ª	1	<ul style="list-style-type: none"> Educação ambiental Educação para o consumo 	<ul style="list-style-type: none"> Artes visuais – Assemblagem e fotografia Música – Música experimental Artes integradas – Plástica sonora 	<ul style="list-style-type: none"> Arte Geografia Ciências
	2	<ul style="list-style-type: none"> Saúde 	<ul style="list-style-type: none"> Teatro – Teatro de rua Dança – Dança aérea Artes integradas – Palhaçaria 	<ul style="list-style-type: none"> Arte Língua Portuguesa Educação Física
4ª	1	<ul style="list-style-type: none"> Diversidade cultural Respeito e valorização do idoso 	<ul style="list-style-type: none"> Música – Música tradicional brasileira Dança – Danças afro-brasileiras Artes integradas – Festejo brasileiro 	<ul style="list-style-type: none"> Arte Língua Portuguesa Geografia
	2	<ul style="list-style-type: none"> Diversidade cultural Vida familiar e social 	<ul style="list-style-type: none"> Teatro – Contação de histórias Artes visuais – Gravura e relevo Artes integradas – Instalação interativa 	<ul style="list-style-type: none"> Arte Geografia História

¹¹ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 19-20.

5º	1	<ul style="list-style-type: none"> • Diversidade cultural • Educação em direitos humanos 	<ul style="list-style-type: none"> • Música – Música indígena • Artes visuais – Pintura • Artes integradas – Festejo brasileiro 	<ul style="list-style-type: none"> • Arte • Geografia • Matemática
	2	<ul style="list-style-type: none"> • Diversidade cultural • Educação em direitos humanos 	<ul style="list-style-type: none"> • Dança – Danças africanas • Teatro – Mamulengo • Artes integradas – Filme em <i>stop-motion</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Arte • Língua Portuguesa • História

Como trabalhar os procedimentos das diversas disciplinas em projetos interdisciplinares

Quando falamos em projetos interdisciplinares, é preciso organizar o trabalho escolar de modo que os estudantes aprendam os diversos procedimentos das diferentes disciplinas, e não apenas os seus conteúdos abstratos. Nesse sentido, os Projetos de Trabalho concordam com a Pedagogia Ativa e dela obtêm seu saber pedagógico e sua prática didática.

Foi com John Dewey e outros representantes dessa pedagogia, como Maria Montessori, Célestin Freinet, Jean-Ovide Decroly, Anísio Teixeira, entre outros, que se valorizou a aprendizagem do aluno não só por meio de aulas expositivas, mas principalmente pela prática e pelo estudo do meio em que ele participa.

Nessa forma de entender o processo de ensino-aprendizagem, o professor organiza e coordena situações de aprendizagem em espaços variados, e não apenas expõe conteúdos aos alunos em sala de aula.

A grande justificativa para esse tipo de didática é que cada disciplina possui um lugar e uma ação no espaço social: a Educação Física é praticada em quadras e espaços abertos e naturais; a Língua Portuguesa, as Línguas Estrangeiras, a História e a Geografia são pesquisadas e pensadas em salas de aula, bibliotecas com computadores ligados à internet, filmotecas e bancos de imagens; as Ciências da Natureza operam em laboratórios de ciências e em meio à natureza; a Arte ocupa ateliês, teatros, estúdios, discotecas e espaços de divulgação cultural; a Matemática é formulada em salas de aula e em laboratórios, e assim por diante.

Esses locais são específicos, pois permitem colocar em prática os conceitos e as teorias de cada área do saber, ou seja, mantêm e renovam procedimentos específicos e singulares que se ensinam e que se aprendem de geração em geração.

Na escola, sobretudo nos anos iniciais do Ensino Fundamental, as práticas específicas são muito relevantes, pois é a partir do concreto que as crianças até 10 anos aprendem. Em outras palavras, sem experimentar procedimentos, elas não conseguem assimilar¹² os con-

teúdos completamente. Por exemplo: quando se ensina e se aprende sobre os seres vivos, é importante entrar em contato com os animais em seu *habitat*; quando se ensina e se aprende sobre as artes visuais, é importante o acesso ao ateliê de artistas e também a museus de arte.

Assim, ao planejar projetos interdisciplinares, além de elencar os conteúdos que se relacionam, o professor precisa planejar atividades práticas próprias de cada área do saber. Dessa forma, o estudante pode experimentar as diferentes formas de pensar e agir sobre um mesmo objeto de estudo.

Cada capítulo da presente coleção, de acordo com a BNCC, apresenta objetos do conhecimento e as respectivas habilidades de alguns componentes curriculares que podem ser unidas em projetos interdisciplinares. Cabe a você, professor, buscar os procedimentos dessas disciplinas, em livros didáticos ou em outras fontes, de modo a promover experiências de aprendizagem integradas aos estudantes.

3. Ensino de Arte e a Base Nacional Comum Curricular

A Base Nacional Comum Curricular é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

O documento baseia-se nos princípios éticos, políticos e estéticos ditados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) e visa a uma educação para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Assim, os estudantes do Ensino Fundamental brasileiro devem desenvolver as seguintes competências gerais:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

¹² PIAGET, Jean. *O juízo moral da criança*. 4. ed. São Paulo: Summus, 1994.

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.¹³

Segundo a BNCC, é por meio das linguagens que os indivíduos interagem consigo mesmos e com os outros, configurando-se como sujeitos sociais. As diferentes linguagens são responsáveis por mediar as práticas sociais que, por sua vez, constituem o espaço de realização das atividades humanas. Esse entendimento leva à conclusão de que os conhecimentos humanos são sempre construídos por formas de linguagem, uma vez que são fruto das interações sociais.

Nesse sentido, o processo de ensino e aprendizagem das linguagens na escola deve:

[...] possibilitar aos estudantes participar de práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens, em continuidade às experiências vividas na Educação Infantil.¹⁴

Na BNCC, a área de conhecimento Linguagens é composta dos seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e, no Ensino Fundamental – Anos Finais, Língua Inglesa.

Ao longo dos anos iniciais do Ensino Fundamental, as disciplinas da área de Linguagens organizam suas aprendizagens com o objetivo de levar o estudante à compreensão de que cada linguagem tem suas especificidades, sem deixar de observar que fazem parte de um todo, e de que as linguagens são construções sociais em constante transformação.

Nesse sentido, os estudantes do Ensino Fundamental brasileiro devem desenvolver as seguintes competências específicas de Linguagens:

¹³ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 9-10.

¹⁴ Ibidem, p. 63.

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.¹⁵

A BNCC entende a Arte como área do conhecimento e propõe o estudo centrado em quatro linguagens: *Artes visuais, Dança, Música, Teatro*, além da exploração das relações e articulações entre elas por meio das *Artes Integradas*.

[...] o componente Arte no Ensino Fundamental articula manifestações culturais de tempos e espaços diversos, incluindo o entorno artístico dos alunos e as produções artísticas e culturais que lhes são contemporâneas. Do ponto de vista histórico,

social e político, propicia a eles o entendimento dos costumes e dos valores constituintes das culturas, manifestados em seus processos e produtos artísticos, o que contribui para sua formação integral.¹⁶

Além disso, as cinco dimensões da área (criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão) devem ser trabalhadas em todas as linguagens artísticas.

Assim, os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental brasileiro devem desenvolver as seguintes competências específicas de Arte:

1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.
3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.
4. Experimentar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, resignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.
5. Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.
6. Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.
7. Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.
8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.
9. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.¹⁷

¹⁵ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 65.

¹⁶ Ibidem, p.196-197.

¹⁷ Ibidem, p.198.

Para garantir o desenvolvimento dessas competências específicas, o componente curricular Arte apresenta este conjunto de habilidades para o 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental:

Artes visuais

Objetos de conhecimento	Habilidades
Contextos e práticas	(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
Elementos da linguagem	(EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).
Matrizes estéticas e culturais	(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.
Materialidades	(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
Processos de criação	(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade. (EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.
Sistemas da linguagem	(EF15AR07) Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).

Dança

Objetos de conhecimento	Habilidades
Contextos e práticas	(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.
Elementos da linguagem	(EF15AR09) Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado. (EF15AR10) Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.
Processos de criação	(EF15AR11) Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança. (EF15AR12) Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.

Música

Objetos de conhecimento	Habilidades
Contextos e práticas	(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.

Elementos da linguagem	(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.
Materialidades	(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.
Notação e registro musical	(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.
Processos de criação	(EF15AR17) Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.

Teatro

Objetos de conhecimento	Habilidades
Contextos e práticas	(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.
Elementos da linguagem	(EF15AR19) Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).
Processos de criação	<p>(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.</p> <p>(EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.</p> <p>(EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.</p>

Artes integradas

Objetos de conhecimento	Habilidades
Processos de criação	(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
Matrizes estéticas e culturais	(EF15AR24) Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.
Patrimônio cultural	(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
Arte e tecnologia	(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística.

II. Fundamentos teóricos

1. A Arte-educação baseada na cultura visual

Esta coleção busca seu referencial teórico na *Arte-educação baseada na cultura visual*. Essa abordagem, que foi sendo construída ao longo do século XX e que possui forte influência do pensamento antropológico e pedagógico brasileiros, entende que a arte e a educação podem auxiliar na compreensão das diferentes culturas visuais, ou das diversas culturas que organizam e regulam a percepção visual, as funções da visão e os seus usos.

A Arte-educação baseada na cultura visual tem respaldo nos *Estudos Culturais*, um campo de estudos interdisciplinares que envolve diversas áreas do saber, como a Antropologia, a Comunicação Social, a Arte, a Literatura, as Ciências Sociais, entre outras. Em seu artigo “A cultura visual antes da cultura visual”¹⁸, Ana Mae Barbosa, importante arte-educadora brasileira, enfoca a importância do pensamento brasileiro para a construção dessa abordagem crítica, em especial a contribuição do antropólogo brasileiro Gilberto Freyre.

Freyre sempre se interessou pelas artes visuais e pela iconografia como documentos históricos e importantes fontes de contextualização para pensar os jogos de poder presentes em nossa sociedade. Um exemplo disso são as pinturas que ele utilizou como fonte de análise das relações de poder entre as diferentes classes sociais brasileiras em seus livros.

Para os Estudos Culturais, cultura é a produção e a troca de significados entre membros de determinados grupos sociais, significados esses que podem estar presentes nas conversas do dia a dia, nas teorias mais elaboradas dos intelectuais, na arte acadêmica, na TV ou nos festejos populares. Mas a cultura não é somente essa multiplicidade de manifestações e produções culturais, entre elas, as artísticas. Ela é, também, um campo de conflitos e de negociação para a validação de significados dados a essas manifestações e produções.

Esses conflitos, negociações e validações acontecem tanto no âmbito das linguagens quanto no das práticas sociais, ou seja, os seres humanos agem, pensam e se expressam de forma a validar, ou até mesmo impor, significados preconcebidos para modos de pensar, agir, desejar. A isso chamamos de controle das subjetividades. Esse controle acontece porque a fonte

geradora de sentidos parte tanto de instâncias individuais quanto coletivas, engendradas em jogos de poder e de linguagem.

Outro referencial importante para os Estudos Culturais é o educador brasileiro Paulo Freire. Em sua obra *Pedagogia do oprimido*¹⁹, Paulo Freire afirma que é possível que professores e estudantes de diferentes grupos culturais estabeleçam uma relação dialógico-dialética em que todos aprendam juntos. Em seu texto, ele propõe um método de ensino em que a palavra escrita deve ser vista como fruto da experiência vivida e da leitura de mundo dos estudantes. Nesse sentido, ela deve ser vista como geradora de problemas, ou como uma palavra-geradora. Segundo Paulo Freire, as palavras-geradoras precisam ser objetivadas ou vistas a distância, para, então, serem codificadas e “descodificadas” pelos estudantes com a mediação do professor. É nesse processo de objetivação, codificação e descodificação da palavra-geradora que a experiência vivida ganha sentido e uma nova leitura de mundo se estabelece. Por isso, alfabetização, para Paulo Freire, é significação produzida pela práxis.

Para tanto, é imprescindível que professores e estudantes encontrem-se naquilo que Freire chamou de *Círculo de Cultura*, pois é nesse círculo que acontece o diálogo autêntico e a síntese cultural – ou o reconhecimento do outro e o reconhecimento de si, no outro. Segundo Freire, é somente em um círculo de cultura que é possível a educação como prática da liberdade e é somente em um círculo de cultura que o mundo pode ser relido em profundidade crítica. Esse círculo, entretanto, não é um local tranquilo, controlado, pois as consciências são comunicantes e comunicam-se na oposição.

Em seu trabalho, Paulo Freire também destacou a importância de se praticar, na escola, o respeito pelo repertório cultural dos estudantes sem negar, entretanto, a importância do processo de ensino e aprendizagem do conhecimento historicamente constituído. Segundo o educador, a alfabetização deve ser a porta de entrada para os saberes antes apenas relegados à elite. E, para aprendê-los, faz-se necessário superar a curiosidade ingênua e instaurar a curiosidade epistemológica, pois é ela que garante uma consciência transformadora. É preciso, portanto, que a escola alfabetize, e que, também, leve os estudantes a pesquisar, buscar fontes, refletir, comunicar suas descobertas, estudar, enfim, estar sempre em diálogo com o professor.

¹⁸ BARBOSA, Ana Mae. A cultura visual antes da cultura visual. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 293-301, set./dez. 2011.

¹⁹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

A influência de Paulo Freire nos Estudos Culturais permitiu que uma nova forma de educar e de ensinar arte ganhasse espaço.

Um dos mais influentes educadores da Cultura Visual é o espanhol Fernando Hernández, que tem como referências Paulo Freire e John Dewey²⁰. Em seu livro *Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho*²¹, Hernández afirma que:

[...] a compreensão da cultura visual implica em aproximar-se de todas as imagens, de todas as culturas com um olhar investigativo, capaz de interpretar(-se) e dar respostas ao que acontece ao mundo em que vivemos. Vincular a educação à cultura visual pode ser a conexão para nos religar no caminho para se ensinar tudo aquilo que se pode aprender nesse cruzamento de saberes que é a arte e conectar o que se ensina e o que se aprende na escola com o que acontece além dos seus muros.

No Brasil, ao longo do século XX, a preocupação por um ensino de Arte crítico e dialógico manifestou-se desde a década de 1950. Nas Escolinhas de Arte do Brasil (EAB), criadas por Augusto Rodrigues, as aulas saíam dos muros da escola e alcançavam a cidade, estimulando a pesquisa e a participação de todos.

Tendo em vista a construção de pesquisas artísticas e educacionais, que buscavam verificar de que forma a Arte colabora não só para o desenvolvimento da capacidade criadora e expressiva dos estudantes, mas também para a sua autonomia e participação na sociedade, ou seja, para a sua cidadania consciente e crítica, Ana Mae Barbosa buscou inspiração em sua experiência de trabalho e formação com Paulo Freire, além da abordagem do ensino de arte concebida nos Estados Unidos, a *Discipline Based Art-Education* (Arte-educação baseada na Disciplina), as *Escuelas al Aire Libre* (Escolas ao ar livre) mexicanas e o *Critical Studies* (Estudos críticos) inglês²².

A Arte-educação baseada na disciplina tratava de forma integrada a história da arte, a crítica, a estética e a produção. Essa concepção previa a superação da autoexpressão criativa e do tecnicismo, resgatando um conteúdo específico em artes, com foco no desenvolvimento do pensamento artístico e estético.

No Brasil, essa proposta sofreu uma adaptação desenvolvida por Ana Mae Barbosa a partir de sua convivência e experiência profissional com Paulo Freire e de sua formação pedagógica crítica: uniram-se as vertentes da crítica e da estética na dimensão “leitura da imagem”. Essa forma de entender o processo de ensino e aprendizagem foi denominada *Abordagem Triangular*, pois orienta que o processo de ensino e aprendizagem da arte se dê em três eixos: leitura, produção e contextualização.

Além das EAB e Ana Mae Barbosa, pode-se destacar o trabalho de Noêmia Varela, Mariazinha Fusari, Analice Dutra Pillar, Ivone Richter, Maria Helena Rossi, entre outras arte-educadoras que, com suas pesquisas, vêm destacando a importância do estudo e do ensino da arte para além da História da Arte.

A Arte-educação baseada na cultura visual e a Abordagem Triangular dialogam e se complementam, como afirma Raimundo Martins²³:

São muitas as maneiras de aprender e ensinar, muitas as infâncias, adolescências e identidades. Nenhuma abordagem pedagógica por si é capaz de dar conta dessa multiplicidade e riqueza.

[...]

Abordagens pedagógicas não devem ser exclusivas. Elas se justificam ao atender necessidades de aprendizagem ajudando estudantes a desenvolver uma visão crítica de significados culturais e artísticos, de valores e práticas sociais. A cultura visual é inclusiva e, ao contrário de concepções modernistas com ênfase excessiva nas belas artes, trabalha com imagens do cotidiano – filmicas, de publicidade, ficção, informação etc. As tecnologias fazem proliferar depoimentos, versões e formas abertas de interação, impactando a produção de subjetividades de alunos e professores.

Por isso, a Arte-educação baseada na cultura visual visa desenvolver um olhar sensível, um pensamento reflexivo e contextualizado e, também, um fazer artístico e a construção de uma autoria significativos, frutos de uma ação discente participativa e crítica. Sendo assim, orientamos a produção da presente coleção por esses fundamentos.

²⁰ Para Dewey, filósofo estadunidense, o conhecimento é construído por consensos que resultam de discussões coletivas, da cooperação e do autogoverno dos estudantes.

²¹ HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 51.

²² BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998. p. 33-34.

²³ MARTINS, Raimundo. Abordagem Triangular e Cultura Visual: possibilidades no ensino da arte complementares ou excludentes? *Boletim Arte na Escola*, São Paulo, edição 76, maio/jun. 2015. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/boletim/materia.php?id=75450>>. Acesso em: 2 set. 2017.

2. Objetivos e didática da Arte-educação baseada na cultura visual

A Arte-educação baseada na cultura visual afirma que vivemos em um mundo em que a imagem, estática ou em movimento, acompanhada ou não de sons e música, ou as *visualidades*, estão por toda parte, criando desejos, verdades e sonhos. Para Mitchell²⁴, um dos teóricos da cultura visual, essa forma de cultura baseada na imagem inclui a relação com todos os outros sentidos e linguagens. Nesse sentido, as outras formas de arte, como a música, o teatro e a dança, vêm ganhando uma expressão audiovisual muito forte e, por conta do intenso desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, irreversível.

Segundo Mirzoeff, estudar a cultura visual nos leva a compreender a vida contemporânea. Para ele, compreendê-la é uma:

[...] tática para estudar a genealogia, a definição e as funções da vida cotidiana pós-moderna a partir da perspectiva do consumidor, mais que do produtor. [A cultura visual] é um lugar sempre desafiante de interação social e definição em termos de classe, gênero, identidade sexual e racial.²⁵

As imagens, para a cultura visual, são entendidas como mediadoras de valores culturais e caracterizam-se por trazerem metáforas que, por sua vez, surgem da necessidade de construção de significados tipicamente humana e social. Por isso, uma das finalidades da educação baseada na cultura visual é reconhecer as diferentes metáforas, valorizá-las e, assim, estimular a produção de novas metáforas.

Nesse sentido, a Arte-educação baseada na cultura visual busca dirigir o olhar dos estudantes para uma sensibilidade e crítica apuradas ao permitir que se sintam capazes de produzir, conhecer e apreciar arte, de conhecer as histórias das artes e a história da vida dos diferentes artistas.

Por isso, o uso do livro didático pode ser um excelente apoio para a educação para a cultura visual: nele estão relacionadas imagens, sugestão de sites da internet, textos de apoio e atividades que podem ser usadas como fontes de informação e pesquisa e que,

também, podem servir como disparadores de outras questões e buscas por parte dos estudantes e dos professores.

A Arte-educação baseada na cultura visual tem, como principal objetivo, estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento de sua própria cultura e, gradativamente, ampliando seu repertório. Desse modo, o ensino de arte pode auxiliar na reorganização da escola como um grande palco do diálogo entre diferentes culturas, ou da interculturalidade²⁶.

O conteúdo das aulas de Arte precisa, então, abranger as mais diversas manifestações artísticas e culturais, mas principalmente as manifestações artísticas e culturais contemporâneas²⁷. O processo de ensino e aprendizagem de arte se torna, assim, significativo tanto para os professores como para os estudantes. Além disso, as estratégias de ensino precisam ser pautadas pelo diálogo e pelo respeito à faixa etária dos alunos.

Para Fernando Hernández, a Arte-educação baseada na cultura visual pode e deve ser trabalhada desde os primeiros anos do Ensino Fundamental. Ao promover o diálogo, a descoberta coletiva de problemas instigantes, a experimentação e a pesquisa engajada como procedimentos de ensino e aprendizado, as crianças se sentem valorizadas e participam ativamente do processo educativo.

Nesse sentido, o trabalho do professor ganha outra prática, voltada para os Projetos de Trabalho, e para um processo de ensino e aprendizado significativo, que pode abraçar qualquer tema e que é direcionado aos estudantes por argumentação, e não por apresentação. Professores, crianças e jovens são encarados como estudantes, intérpretes e copartícipes, por isso o professor é procurado pelos estudantes para que seja um orientador de pesquisas.

É importante ter em mente, entretanto, que os temas usados em Projetos de Trabalho devem ter relação com os projetos e temas anteriores e os possíveis posteriores, porque isso permite estabelecer novas formas de conexão com a informação e a elaboração de hipóteses de trabalho, que guiem a organização da ação. É preciso ter um fio condutor que, por sua vez, relaciona-se com o Projeto Político-Pedagógico da escola,

²⁴ MITCHELL, William J. T. *Que és la cultura visual*. Princeton: Irving Lavin Institute for Advanced Study, 1995.

²⁵ MIRZOEFF, Nicholas. *Una introducción a la cultura visual*. Barcelona: Paidós, 2003. p. 20.

²⁶ Para saber mais sobre interculturalidade, leia *Por que debater sobre interculturalidade é importante para a Educação?*, de Simone Romani e Raimundo Rajobac. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/12715/8342>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

²⁷ Por arte contemporânea, entendemos as produções e manifestações de arte feitas hoje, em sua diversidade.

com o currículo do município, do estado e do país em que a escola está situada.

Assim, o trabalho do professor em sala de aula enfoca a criação de índices ou listas, que organizam o trabalho, e a elaboração de sínteses para a conferência das descobertas feitas pelos estudantes.

Essas listas permitem uma previsão dos conteúdos (conceituais e procedimentais) e das atividades, da escolha de algumas fontes de informação que permitam iniciar e desenvolver o Projeto. Essa seleta de informação deve ser contrastada com fontes que os estudantes já possuam ou possam apresentar, e também com as possibilidades de saídas culturais e outros eventos de ampliação do repertório.

As sínteses, por sua vez, reforçam a consciência do aprender e auxiliam estudantes e professor a verificar o que foi aprendido.

A atuação dos estudantes (no caso dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em conjunto com o professor) deve estar voltada para o planejamento das atividades, de modo que todos tenham consciência do que irá acontecer nos próximos encontros e quais tarefas terão de cumprir. A produção de uma lista com as tarefas, estudos, atividades, pesquisas, saídas culturais, auxilia no trabalho e envolve os estudantes.

Além disso, em um projeto, a produção de novas questões e problemas a partir do que foi vivenciado e aprendido é um dos resultados esperados. Afinal, um assunto nunca se esgota, se ele for interessante e fruto de questões significativas.

3. As linguagens artísticas e as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental

As linguagens artísticas visual, musical, corporal e teatral se caracterizam pela *liberdade* em relação à expressão: um artista pode criar seu próprio sistema de signos, inclusive misturando linguagens verbais e não verbais. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte, o fazer artístico é uma *experiência poética*, em que se articulam os significados e a experimentação de técnicas materiais visuais e plásticas, de movimentos, de materiais sonoros, entre outros. Assim, os alunos dos anos iniciais devem ser convidados a experimentar os mais diversos procedimentos artísticos.

Para que essa **experimentação** aconteça é preciso, antes de tudo, que a escola e os professores reconheçam os trabalhos artísticos infantis como uma forma de investigação e de atribuição de sentido das crianças a suas vivências, inclusive às escolares, e que nem sempre são reveladas por meio de uma produção “bonita” ou

“bem-acabada”. É preciso, portanto, valorizar a expressão artística infantil e refrear a tendência de fazer o trabalho pelos alunos, “maquiando” o que poderia parecer uma “imperfeição”.

As linguagens artísticas também devem ser **apreciadas**. As crianças precisam ter momentos de fruição estética, de poder “mergulhar” em obras de arte e ler textos não verbais. Durante a apreciação, todos somos afetados de forma intensa, já que os signos presentes nas obras de arte podem provocar muitas emoções e despertar pensamentos e ideias que também levam a leituras diversas da realidade. A fruição estética possibilita a todos uma livre interpretação da obra apreciada, gerando o que chamamos de *polissemia* de sentidos.

A **fruição estética** é um processo que envolve emoção e razão e pode ser exteriorizada tanto por meio de expressões faciais e/ou corporais como por meio da linguagem verbal. Cada criança responde de um modo muito próprio aos estímulos da fruição estética. Algumas ficam animadas e alegres, outras, tímidas. Dessa forma, é importante que você esteja atento às respostas de seus alunos. Aos poucos, saberá avaliar quanto cada um se envolveu ou não com as atividades e poderá, também, perceber o gosto estético de cada criança. Afinal, em Arte é possível preferir determinada linguagem a outra, o que não significa que a criança poderá escolher se quer participar das atividades propostas ou não. Os alunos têm o *direito* de vivenciar todas as atividades escolares, já que para poder manifestar preferência é preciso conhecer. Em outras palavras, a expressão artística e a fruição dependem do repertório cultural de cada um.

Isso quer dizer que é papel da escola e da disciplina Arte planejar mediações educativas que levem os estudantes a vivenciar momentos de produção artística e fruição estética para que, assim, possam ampliar seu conhecimento artístico e estético e seu repertório cultural.

Linguagem visual e audiovisual

Ao se expressar por meio da linguagem visual – com desenhos, pinturas, colagens, esculturas, fotografias, etc. –, as crianças revelam o que *sabem* e *sentem* em relação aos objetos. Esse fato está intimamente ligado a sua capacidade de *abstração*: o que elas apresentam resulta na escolha daquilo que lhes parece mais importante representar. Por exemplo: ao desenhar um carro, podem excluir as portas se a característica que mais lhes emociona é o movimento, representado pelas rodas.

Jean Piaget, em seu livro *A formação do símbolo na criança*²⁸, afirma que o exercício da abstração é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, especialmente no que se refere à habilidade de formar conceitos. Nesse sentido, muito mais do que avaliar a verossimilhança de um desenho infantil ou as habilidades técnicas demonstradas pelas crianças, ao educador importa compreender aquilo que elas querem mostrar com seus traços. A expressão visual infantil também pode ser entendida como um meio de confrontação entre o mundo interior (subjetivo) e o mundo exterior, na medida em que articula a percepção do mundo “real” à imaginação e à capacidade criativa. Como afirmam Viktor Lowenfeld e W. Lambert Brittain em seu livro *Desenvolvimento da capacidade criadora*²⁹, a expressão visual é, também, um meio de expressão do sujeito, cuja observação cuidadosa pode criar um vínculo mais profundo entre o professor e cada estudante.

Por isso, na presente coleção, a proposição de fazer com as artes visuais busca a sensibilidade e a expressão infantil, e não apenas um aprendizado técnico ou com resultados “corretos”. Aqui busca-se desenvolver a expressividade cultivada por meio das técnicas, e não a técnica por ela mesma.

Ao desenhar, pintar, colar ou esculpir, as crianças se expressam e se comunicam. Elas já apresentam um repertório visual oriundo do contato que têm com a produção artística de adultos, dos desenhos vistos na televisão ou no cinema, das obras expostas em revistas, livros, museus ou outros espaços de divulgação e, também, a partir do contato com a produção de outras crianças. Dessa forma, constroem conhecimento sobre artes visuais participando da cultura. O mesmo ocorre quando leem e interpretam obras de arte visual: as crianças expressam sua experiência, conhecimento prévio e repertório cultural. O que significa que a apreciação pode ser mais ou menos complexa, dependendo do contato do apreciador com as obras de arte. Daí a importância da mediação ativa por parte da escola e dos educadores, a fim de criar indivíduos críticos e futuros produtores de arte com responsabilidade social e ações cidadãs.

Michael Parsons, em seu livro *Compreender a arte*³⁰, afirma que a leitura de uma obra de arte visual sempre busca significações e sentidos. Por isso, as crianças podem e devem ser estimuladas durante essa leitura,

desde que ela seja dirigida com uma finalidade específica, como o tema, a expressão, os aspectos formais e o juízo. Segundo ele, a maioria das crianças em idade escolar dá ênfase ao tema da pintura e tem maior atração pelas imagens realistas, que valorizam a beleza e a harmonia. Os adolescentes, por sua vez, fazem uma análise mais subjetiva da obra, observando também a emoção que o objeto de arte transmite, e não apenas o que ele representa. Para o autor, existem ainda dois estágios de apreciação de arte, que estão ligados a uma maior formação: um olhar com foco na organização e no estilo da obra e em sua função social e um olhar que faz a reconstrução do sentido, interpretando-a com base em conceitos e valores vigentes.

Edmund Feldman, em seu livro *Becoming Human Through Art*³¹, identifica os diferentes tipos de olhar que podem suscitar do leitor que desenvolveu a crítica de arte. Ele os classificou em quatro estágios:

- A primeira abordagem da leitura de imagem seria a descritiva, na qual listamos o que vemos no objeto, seus elementos formais, como linhas, cores, formas, etc., fazendo uma leitura formal, sem julgamento ou opiniões.
- Depois, existe o estágio da análise, no qual relacionamos os elementos formais de uma composição e percebemos como eles se influenciam.
- Em seguida, temos o estágio da interpretação, em que damos sentido à composição, desvendando seu significado. Como uma obra possui vários níveis de significado e como a bagagem cultural e de informações do leitor pode variar, as interpretações também podem ser diversificadas.
- Por fim, há o estágio do julgamento, que depende de nosso conhecimento sobre os fundamentos da filosofia da arte. Como esta é temporal, pulsa conforme a época, o lugar e a cultura. Então, podemos dizer que o julgamento depende de fatores sociais e culturais e do momento histórico do leitor.

Também existem pesquisas brasileiras relevantes sobre leitura de imagens realizadas por Ana Mae Barbosa, Rosa Iavelberg, Terezinha Franz, Anamélia Bueno Buoro, entre outros estudiosos, que entendem que as imagens são objetos do conhecimento e destacam a necessidade em desvelar aos alunos as imbricações entre arte e cultura.

²⁸ PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. 4. ed. São Paulo: LCT, 2010.

²⁹ LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

³⁰ PARSONS, Michael. *Compreender a arte*. Portugal: Presença, 1992.

³¹ FELDMAN, Edmund B. *Becoming Human Through Art*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1970.

Por tudo isso, durante a leitura de imagens, as crianças devem ser livres para se expressar. É por meio da sua escuta respeitosa e do diálogo estabelecido com você e os colegas que elas desenvolverão a capacidade de questionamento, tão importante para a formação de um leitor que interpreta os textos que estão a sua volta.

Mas, a fim de mediar conhecimentos, é preciso conduzir o olhar dos estudantes e ressaltar aspectos formais das obras, como linhas, cores, formas, volume, proporção, movimento, etc., e, também, aspectos relativos aos conteúdos (conceituais, factuais, procedimentais) considerados relevantes para o aprendizado dos estudantes.

Para Anamélia Bueno Buoro³², existem sete momentos importantes para a mediação de leitura de imagem:

- Descrição da imagem.
- Descoberta de percursos visuais sobre a imagem a fim de perceber toda a estruturação da composição e possibilitar o afloramento de questões e significações pertinentes e inerentes ao texto visual.
- Percepção das relações entre a obra focalizada e a produção anterior realizada pelo artista produtor.
- Pesquisa a fim de se aproximar mais do significado visual, saindo em busca das respostas que surgiram no processo de leitura.
- Comparação ou diálogo entre obras contemporâneas.
- Construção de texto verbal com registro do percurso empreendido, o qual abarque a significação do texto visual lido.
- Abordagem do conceito de produção artística como construção de linguagem e trabalho humano.

Além dos aspectos formais e do conteúdo de uma obra de arte visual, com base em uma perspectiva crítica³³, é preciso olhar para o que há de mim na obra, ou como eu me reconheço nela, o que eu vejo de minha vida em sociedade nessa imagem, por que determinadas representações são sempre recorrentes, que interesses são satisfeitos com essas representações. Assim, é possível também discutir com as crianças aspectos presentes nas obras de arte relativos aos jogos de poder, à diversidade, aos temas contemporâneos e instigantes que fazem parte da vida delas e que as interessa.

A fim de trabalhar a leitura das obras de arte visuais apresentadas neste material, propomos, tanto no material do aluno quanto nas orientações didáticas:

- Questões que buscam desenvolver nos estudantes um olhar crítico e contextualizado;
- Momentos de conhecer outros trabalhos do artista para que seja possível estabelecer relações entre suas obras;
- Ampliação de repertório para um diálogo com outras produções artísticas, inclusive de outras linguagens;
- Inserção progressiva de um registro escrito sobre as impressões a respeito da obra;
- Incentivo para a investigação da poética do artista e da linguagem construída por ele;
- Questionamentos sobre como os alunos se sentiram e o que pensaram ao ver as obras, revelando o que veem de si mesmos e da vida em sociedade na obra que analisam.

Com esse trabalho sistemático de experimentação em artes visuais e leitura de imagens, com foco na análise artística e estética, buscamos desenvolver as habilidades listadas na BNCC relacionadas às artes visuais. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

O trabalho com a produção midiática

Segundo dados divulgados pelo Instituto Alana³⁴, as crianças brasileiras passam mais de cinco horas por dia vendo programas de televisão, filmes e desenhos animados e assistem a aproximadamente quarenta mil propagandas em um ano. Como sabemos, muitos desses objetos culturais incentivam o consumismo exagerado. Por isso, tão importante quanto saber ler, interpretar e escrever, assistir a um filme ou a um vídeo com olhos críticos é fundamental para que se alcance uma formação cidadã.

Segundo a Arte-educação baseada na cultura visual, a cultura midiática pode e deve ser problematizada nas aulas de Arte, pois, em nossos dias, quase tudo o que nos sensibiliza e informa advém das imagens e “visuallidades” veiculadas pelos meios de comunicação e pe-

³² BUORO, Anamélia B. *Olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*. São Paulo: Cortez, 1996.; Idem. *Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte*. São Paulo: Educ/Fapesp/Cortez, 2002.

³³ SARDELICH, Maria E. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 128, p. 451-472, maio/ago. 2006.

³⁴ Disponível em: <<http://criancaeconsumo.org.br/consumismo-infantil/>>. Acesso em: 6 out. 2017.

la publicidade. Visualidade, para os arte-educadores, significa mais do que visão, ou seja, mais do que um dos sentidos humanos. Ela se relaciona ao modo como um grupo social cria o seu modo de “ver”, ou de descrever e representar o mundo visualmente. Um dos representantes dessa forma de entender o ensino de Arte é o já mencionado professor estadunidense Nicholas Mirzoeff³⁵. Segundo ele, a visualização é a característica do mundo contemporâneo, entretanto, poucos de nós conhecemos aquilo que observamos, pois existe uma grande distância entre a constante experiência visual da cultura contemporânea e a habilidade para analisá-la. É preciso que a escola ajude os alunos a desenvolvê-la.

Utilizar a linguagem audiovisual em sala de aula apenas como passatempo é, portanto, desconsiderar seu potencial educativo. Há uma notória preferência por essa linguagem. Os estudantes podem ampliar diversas habilidades se forem instigados a pensar sobre as produções midiáticas e a produzir audiovisuais. Enfim, são telespectadores e aprendem muitas coisas com a televisão: conhecem culturas, absorvem diferentes modos de falar e agir, recebem informações, etc. Tudo isso se dá por meio da representação imagética e da percepção sonora. Cabe, então, ao educador, saber usá-las de forma produtiva para criar significados.

O trabalho com a linguagem audiovisual na escola abrange três eixos primordiais: *apreciação*, *produção* e *divulgação*. A apreciação enfoca a leitura crítica de alguma obra mediada pelo educador. A produção, a participação em experimentações audiovisuais com e sem tecnologias, utilizando brinquedos, atividades com luz e sombra, registros do movimento, brincadeiras, etc. Já a divulgação dos trabalhos realizados pelas crianças implica uma ação política de democratização de acesso aos meios de comunicação. Nesse sentido, a internet se configura em excelente meio, além dos eventos escolares.

Em relação aos gêneros cinematográficos, os desenhos animados são especialmente indicados para o trabalho com crianças. O mundo infantil é repleto de personagens fictícios que participam de histórias próprias. Essas fantasias nascem de uma realidade interna, criada pela vida afetiva e por representações que se constroem internamente.

Com a presença crescente das tecnologias na vida cotidiana, muitas crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental tiram fotografias e fazem pequenos vídeos com telefone celular. Assim, é muito indicado o

uso desse aparelho em trabalhos com a linguagem audiovisual. É papel da escola fornecer parâmetros, tanto técnicos como éticos, para que as tecnologias sejam utilizadas com cuidado e consciência, evitando maus usos.

No material, o trabalho com a linguagem audiovisual é feito com o objetivo de ampliar o repertório cultural dos alunos, além de mostrar possibilidades de criação com o uso de tecnologias da informação. Ao pedir aos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental que usem a tecnologia para criar, visamos construir com eles novos sentidos para esses materiais, indo além do entretenimento e incentivando a crítica e o uso consciente. Sendo nativos digitais, a produção usando um celular, câmera fotográfica ou de vídeo, ou um gravador de áudio, pode ser uma tarefa que os engaje e seja próxima do que têm acesso fora da escola. Os desenhos animados e filmes de animação que compõem a coleção foram cuidadosamente selecionados e são abordados com um viés crítico e voltado para a formação cidadã.

Linguagem da dança

A visão dualista que coloca corpo e alma como domínios opostos faz com que, muitas vezes, os educadores vejam o trabalho físico apartado do trabalho intelectual. Com isso, relega-se a dança ao âmbito da “ginástica” ou ao universo da “pura diversão”, como se nada disso pudesse contribuir para o aprendizado e a formação do cidadão. No entanto, alguns estudiosos da dança e do movimento humano, como Rudolf Laban, Klaus Vianna, Gerda Alexander, Angel Vianna, entre outros, entendem a dança como o “pensamento do corpo”, sugerindo que essa visão dualista seja abandonada e que o processo educativo seja tornado mais holístico e produtivo. Como afirma Isabel Marques³⁶, é possível “pensar dançando e dançar pensando”.

Por isso, a presença da dança na escola não deve ter como objetivo apenas um aprimoramento técnico que forme bailarinos como “fazedores de dança”. Podemos entender o ato de dançar como um dos modos de a pessoa conhecer seu corpo e a si mesma. Nesse sentido, não existem os que “sabem” e os que “não sabem” dançar: a dança é um dos aspectos que compõem a existência de qualquer pessoa, uma vez que o movimento é a base de todas as ações humanas. Nosso corpo, mesmo quando parece estar parado, precisa estar em movimento para estar vivo (esta é, a propósi-

³⁵ MIRZOEFF, Nicholas. *Visual Culture Reader*. London: Routledge, 1998; Idem. *An Introduction to Visual Culture*. London: Routledge, 1999.

³⁶ MARQUES, Isabel. *A dança no contexto*. São Paulo: Ícone, 1999.

to, uma das questões centrais para muitos artistas da dança contemporânea, que incluem em seus trabalhos a importância do movimento interno dos órgãos e dos fluidos do corpo).

A dança é uma forma de o ser humano se expressar por meio do movimento corporal. É também uma maneira de conhecer o mundo e de interagir com ele e com as outras pessoas. Daí o trabalho com dança na escola ser uma maneira de criar elos mais estreitos entre professores e estudantes. Para isso, é fundamental reservar momentos para discutir sobre as práticas propostas. Conhecendo e compreendendo a expressão corporal dos alunos, o professor pode se aproximar deles, além de impulsionar uma maior integração do grupo.

Incorporando a dança às aulas de Arte, é possível explorar nossas possibilidades de movimento e as relações entre tais possibilidades e a expressão individual. Trabalham-se a relação entre os diferentes corpos, e a relação entre o corpo e o espaço. É claro que esse tipo de trabalho estimula a coordenação motora, o equilíbrio e o tônus muscular, além de abrir espaço para o exercício da imaginação, a capacidade lúdica e a socialização.

Descobrir maneiras de se movimentar para além daquelas com as quais estamos habituados no cotidiano constitui a criação estética que permeia a dança. E é justamente a busca por novas possibilidades, para além do usual, que permitirá que as crianças e os jovens que formamos possam imaginar e dar forma a um mundo diferente, não restrito àquilo que já está estabelecido.

Na coleção, para sistematizar o ensino de dança, propomos tanto no material do aluno quanto nas orientações didáticas:

- Exercícios de consciência corporal;
- Apreciação de diferentes manifestações de dança;
- Atividades de reconhecimento de elementos da linguagem corporal;
- Atividades de criação e de improvisação de movimentos dançados;
- Ampliação gradativa do repertório cultural dos estudantes, abordando a dança em suas diferentes formas.

Buscamos, dessa forma, desenvolver as habilidades listadas na BNCC relacionadas à dança. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

Linguagem musical

Para a tradição, a técnica e a erudição são aspectos considerados essenciais para uma boa formação musical. Desde meados do século XX, entretanto, outro modo de ensinar e aprender música vem sendo aceito e valorizado. A fim de ampliar a percepção e a consciência do indivíduo e contribuir para a superação de preconceitos, posturas individualistas e visões de mundo dualistas, três eixos de trabalho fazem parte dessa nova prática: a apreciação, a *performance* e a criação musicais. Para tanto, é preciso criar contextos educacionais que respeitem e estimulem o sentir, o questionar e o criar, além de promover situações para o debate relacionado à música e ao humano.

O ato de ouvir e apreciar músicas e canções consiste em receber estímulos sonoros, transformá-los em percepções e, então, inseri-las em nosso contexto mental (psíquico, afetivo, cultural, entre outros). Essa inserção se dá mediante a estruturação de novas configurações mentais. Nossa reação à música é, portanto, um ato de (re)criação. Segundo Moraes³⁷, a música atua por meio de três dimensões: a corpórea-sensorial, a afetivo-subjetiva e a estético-social. Essas dimensões são indissociáveis e integram aspectos fisiológicos, psicológicos e socioculturais.

A dimensão *corpóreo-sensorial* é epidérmica, está relacionada ao *ritmo* e é acompanhada pelo ato de dançar. Já a *afetivo-subjetiva* relaciona-se às *sensações, lembranças, emoções e sentimentos* e é difícil de definir verbalmente. A *estético-social*, por sua vez, envolve a apreciação musical baseada em determinadas *estruturas e formas estéticas compartilhadas* e é estabelecida histórica e socialmente por meio do contato com diferentes músicas e canções. Assim, a mediação escolar pode e deve diversificar e ampliar a escuta musical.

O jogo e a brincadeira permitem que os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental realizem experimentações com materiais sonoros, instrumentos musicais, o corpo e a voz. Ao participar desse tipo de sensibilização, os alunos desenvolvem habilidades relacionadas tanto à escuta musical como à *performance* e à criação. A escuta sonora e musical desenvolve aquilo que Murray Schafer³⁸ chamou de “ouvido pensante”: mais do que simplesmente ouvir, a escuta atenta e sensível leva os estudantes a perceber, analisar e refletir sobre o mundo a sua volta e sobre as produções musicais. A *performance*, por sua vez, não é tratada como

³⁷ MORAES, José J. de. *O que é música*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

³⁸ SCHAFFER, Murray. *Le paysage sonore*. Marseille: Wildproject, 2010.; Idem. *O ouvido pensante*. 3. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.

atividade delegada apenas a instrumentistas talentosos ou “gênios” musicais, mas como uma atividade criativa e ativa, o que inclui a participação envolvida e comprometida dos estudantes.

Nessa perspectiva, a improvisação e a composição mais complexa são equivalentes na criação musical. Isso quer dizer que a criação musical se relaciona a uma organização de ideias que podem ou não seguir princípios de estilo. Mais uma vez, o engajamento dos estudantes é essencial: é preciso ter consciência de que se está criando uma sequência de sons e ter essa intenção, além do fato de essa sequência conseguir expressar seus pensamentos e emoções. Para Hans-Joachim Koellreuter³⁹, a improvisação está sempre relacionada com a autodisciplina, a concentração, o trabalho em equipe, a memória e o senso crítico.

Em outras palavras, o processo de ensino e aprendizagem de música deve valorizar uma visão global e integradora do mundo e os processos de escuta, experimentação e criação. Nesse sentido, também deve dialogar com músicas e canções da estética contemporânea e das culturas não ocidentais.

Na coleção, a fim de sistematizar o ensino de música, propomos, tanto no material do aluno quanto nas orientações didáticas:

- Atividades de escuta sensível de sons e de música;
- Atividades de fazer musical, enfocando as brincadeiras e os jogos musicais;
- Desenvolvimento gradativo do saber formal da música, como a notação musical e os instrumentos tradicionais;
- Ampliação do repertório cultural dos estudantes, abordando diversos gêneros musicais.

Buscamos, dessa forma, desenvolver as habilidades da BNCC referentes à música. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

Linguagem teatral

Para Viola Spolin⁴⁰, o objetivo do trabalho com a linguagem teatral na escola não é o de fazer do estudante um ator, mas abrir caminho para que cada um descubra a si próprio e reconheça a importância da arte em sua vida. O teatro ajuda o aluno a desenvolver maior domínio do tempo, do corpo e da verbalização e a se tornar mais expressivo. Porém, longe de ser ape-

nas instrutivo, o teatro é, sobretudo, uma forma de arte que deve ser explorada por seu caráter estético. Como arte, o teatro em sala de aula põe o aluno em contato com uma das mais antigas manifestações culturais, que sempre discute as questões essenciais dos seres no mundo. Nessa perspectiva, o teatro tem função estética, catártica, questionadora, social e política. Existem, então, algumas facetas do teatro que podemos explorar, como a criação do personagem, o espaço cênico e a ação teatral, que estão presentes nos jogos teatrais, desenvolvidos por Viola Spolin e trazidos ao Brasil pela professora Ingrid Koudela. Baseados na improvisação, os jogos teatrais constituem um recurso interessante para desenvolver capacidades como atenção, concentração e observação.

Nas produções teatrais em sala de aula, é essencial que se compreenda a diferença entre improvisação e dramatização. A improvisação caracteriza-se pela espontaneidade e jogo de regras. Já a dramatização se caracteriza pela construção intencional de uma peça de teatro, com todos os elementos que lhe são próprios: espaço cênico (cenário, figurino, maquiagem, iluminação), personagens e ação teatral.

Assim, o trabalho com teatro na escola articula o discurso falado e o escrito, a expressão corporal, as expressões plástica, visual e sonora na elaboração de dramatizações; contribui para o desenvolvimento da comunicação e expressão; ajuda os estudantes a desenvolver suas próprias potencialidades; coloca-os em contato com um novo gênero literário; e favorece a produção coletiva de conhecimento da cultura.

Na coleção, para sistematizar o ensino de teatro, propomos, tanto no material do aluno quanto nas orientações didáticas:

- Atividades de apreciação de teatro;
- Experimentação de jogos teatrais;
- Atividades de improvisação, atuação e encenação;
- Atividades de reconhecimento de elementos da linguagem teatral;
- Ampliação gradativa do repertório cultural dos estudantes, abordando a variedade de formas de teatro presentes em nossa sociedade.

Buscamos, dessa forma, cumprir todas as habilidades listadas na BNCC relacionadas ao teatro. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

³⁹ KATER, Carlos. *Música Viva e H. J. Koellreutter: movimentos em direção à modernidade*. São Paulo: Musa/Atravez, 2001.

⁴⁰ SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.; Idem. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.; Idem. *O jogo teatral no livro do diretor*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

Linguagens integradas

As linguagens integradas são a forma de expressão infantil mais característica. Ao desenhar, o corpo da criança se movimenta. Ao dançar, ela canta. Ao contar um fato, a encenação se faz. Ao brincar de faz de conta, imagina e cria. Por isso, ao abordar essas formas de arte que mesclam as linguagens durante a educação em arte dos estudantes, ganhamos a oportunidade de aproximá-los mais ainda dos saberes da arte.

Além disso, as artes contemporâneas, ou as artes que são criadas, produzidas e expostas por artistas vivos, caracterizam-se quase sempre por essa integração. A arte contemporânea nasceu da ruptura com os valores da arte tradicional ocidental, por isso atualmente temos obras de arte que podem nos causar sensações diversas. Existem muitas vertentes e tendências da arte contemporânea, por isso é muito difícil defini-la de maneira a dar conta de toda essa variedade. Mas uma coisa que podemos afirmar acerca das transformações que ocorreram na arte durante o século XX e continuam a se desenrolar no século XXI é que noções como as de beleza, imitação do real, obra-prima, talento e, principalmente, o papel e o valor da arte passaram a ser amplamente discutidos e revistos. Por isso, a arte tem estado em permanente mudança e muitas das produções artísticas atuais nos causam sensações de estranhamento, curiosidade e, por vezes, rejeição.

Muitas vezes o senso comum e os mecanismos de legitimação da arte, como os museus, as galerias, os livros e os críticos de arte, apresentam ideias que o público considera contraditórias. Um exemplo disso é o fato de muitos museus possuírem em seu acervo algumas obras de arte clássicas e outras contemporâneas que, embora discordem do ideal clássico, estão expostas na mesma instituição.

Nesse sentido a arte contemporânea caracteriza-se por:

- questionar o sistema de circulação das artes;
- incorporar as artes das periferias urbanas;
- ocupar as ruas e os espaços públicos;
- mesclar as culturas populares brasileiras e as artes que são fruto do ensino formal;
- valorizar, ver e ouvir quem somos nós.

Além disso, segundo Ana Mae Barbosa⁴¹, os seguintes elementos estruturam a arte contemporânea:

- diálogo entre as linguagens artísticas;
- uso inusitado de materiais e meios;
- estranhamento que causa no público;
- ludicidade e integração entre obra e espectador;
- uso de tecnologias de comunicação e informação.

Por isso, na coleção, de acordo com a BNCC, o ensino das artes integradas é sistematizado com atividades de apreciação e de produção. Gradativamente, apresentamos os elementos presentes nessa forma de arte, ampliando, assim, o repertório cultural dos estudantes. Buscamos, dessa forma, cumprir todas as habilidades listadas na BNCC relacionadas às artes integradas, em especial a habilidade **EF15AR23**, que prevê o reconhecimento e a experimentação das relações processuais entre as linguagens artísticas em projetos temáticos. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

III. Ambiente de aprendizagem e acesso aos espaços de divulgação cultural

1. O ambiente de aprendizagem

O ambiente de aprendizagem em Arte é muito importante, pois auxilia o professor a conduzir os estudantes à experiência estética, estimulando sensações e pensamentos. Para tanto, é importante que o espaço destinado às atividades do fazer artístico seja minimamente adequado. Independentemente da situação física da sala, o cuidado com a preparação do espaço e com a recepção das crianças é fundamental.

Para a realização de atividades de arte visual, é importante haver acesso fácil a pias e a itens de higiene, como papel toalha, além da disponibilidade de mesas grandes (ou a possibilidade de juntar pequenas mesas ou carteiras). Observe a disposição dos materiais que serão utilizados e que devem ser previamente separados.

Os alunos devem utilizar aventais (ou camisetas velhas) e aprender a se comportar adequadamente diante de materiais e instrumentos – algo que precisa de sua mediação paciente, afinal, as crianças quase sempre ficam eufóricas ao mexer com tintas, argila, sucata, etc.

Se a escola dispuser dos recursos e do profissional, as atividades de arte audiovisual devem ser realizadas com equipamentos eletrônicos, como computadores

⁴¹ Disponível em: <<http://old-portalic.icnetworks.org/materiacontinuum/marco-abril-2009-afinal-o-que-e-arte-contemporanea/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

e câmeras de vídeo, por exemplo, em parceria com o professor de Informática Educativa, no laboratório de informática.

Uma sala com algum tipo de isolamento acústico ou outro ambiente mais afastado deve ser reservada para as experimentações musicais. É importante separar com antecedência recursos como CDs e DVDs, instrumentos musicais e aparelhos de som e de gravação, quando necessário.

Se houver auditório na escola, ele deve ser utilizado para as atividades de teatro. Do contrário, pode-se utilizar a própria sala de aula, desde que as carteiras e as cadeiras sejam afastadas para abrir um espaço adequado para as atividades, que deve ser limpo e sem obstáculos.

As atividades de dança podem ser realizadas na quadra esportiva, no pátio da escola ou em uma sala de aula livre de carteiras e cadeiras. Como as crianças farão exercícios de apoio e de contato corporal no chão, se possível, utilize tatames ou tapetes emborrachados.

É importante lembrar que os alunos com deficiência podem e devem participar das atividades a seu modo, com ou sem a sua ajuda ou dos colegas, sempre tendo suas limitações respeitadas e suas conquistas valorizadas. Sempre faça as adaptações necessárias para que eles possam participar efetivamente das atividades propostas.

2. Visitas culturais

Além do ambiente escolar, outro importante recurso que favorece a ampliação do repertório cultural dos alunos são as visitas culturais. O estudo do meio, entre outras vantagens, possibilita a reintegração da escola ao meio físico, social e cultural em que está inserida e leva à compreensão e ao reconhecimento da importância dos processos e fatos históricos, conscientizando alunos e professores da responsabilidade ética de sua participação cidadã.

As visitas culturais têm como objetivos aprofundar um tema ou conteúdo trabalhado em sala de aula e, também, estimular o olhar investigativo e o desejo de pesquisar. Elas têm um papel importante no processo de construção de conceitos e do pensamento crítico dos alunos sobre arte, pois auxiliam no desenvolvimento da capacidade de observar, descobrir, documentar, analisar, criticar e utilizar diferentes meios de expressão. As visitas propiciam, também, o desenvolvimento das

habilidades **EF15AR07** e **EF15AR25**, presentes na BNCC, que preveem, respectivamente, o reconhecimento pelos alunos de algumas categorias do sistema das artes visuais (como museus, galerias, instituições, etc.) e o conhecimento e valorização do patrimônio cultural, material e imaterial.

Portanto, fique atento às opções que sua cidade oferece. Você pode planejar visitas culturais a praças, parques, fábricas, centros culturais, teatros, cinemas e, até, passeios por bairros inteiros, por exemplo. Além disso, podem ser consideradas estudo do meio cultural as visitas a ateliês de artistas e artesãos, espaços de arte urbana (como a produzida pela cultura *hip hop*), feiras populares, coleções particulares, espaços culturais comunitários, aldeias indígenas, quilombos, entre outros.

Lembre-se de que para realizar uma visita cultural significativa, ou que tenha sentido para estudantes e professores, é preciso relacionar o lugar a ser visitado à temática e ao conteúdo que estão sendo trabalhados em sala de aula. Também é importante ressaltar que, nessas visitas, deve-se ter o cuidado de não podar a curiosidade das crianças, já que elas poderão agir de forma a interagir com a obra ou o artista. Quando isso couber, não é preciso pedir silêncio ou cercear a espontaneidade dos alunos⁴².

Preparando a visita

É seu papel estimular os estudantes a participar ativamente da visita cultural, conversando sobre o local a ser visitado e tendo em mente a relação que você quer que eles estabeleçam entre o conteúdo que está sendo estudado em sala e as informações e conhecimentos que a visita ajudará a construir.

É importante, também, que haja uma atividade prévia de busca de imagens, reportagens, folhetos ou vídeos com informações sobre o objeto da visita. Se alguém da turma já visitou o lugar, aproveite para explorar suas impressões e observações, sem censura.

Providencie as autorizações dos pais ou responsáveis para sair com os alunos da escola. Caso necessário, explique a eles os objetivos dessa saída cultural.

Peça a ajuda da direção da escola em relação ao transporte que os levará até o local. Lembre-se de visitá-lo antes de levar os alunos e se informar sobre possíveis regras e restrições, como a proibição de fotografar ou filmar. Caso seja uma visita longa, pense também na alimentação e no vestuário das crianças.

⁴² Indicamos a leitura de um texto produzido por Ingrid Koudela sobre a ida das crianças ao teatro junto com o professor: KOUDELA, Ingrid. *A ida ao teatro*. Programa Cultura e Currículo. São Paulo, 2010. (Disponível em: <<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/420090630140316A%20ida%20ao%20teatro.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2017.)

Verifique se o local possui monitores ou arte-educadores que possam auxiliá-lo durante a visitação. Converse com eles para planejar a apreciação conforme seus objetivos pedagógicos. Se a visita for a uma casa de espetáculos, averigüe se os artistas podem conversar com os alunos ao final da apresentação.

É também seu papel indicar aos alunos que material deve ser utilizado durante a visita, como caderno de anotações, papel e prancheta, caneta, lápis de cor, máquina fotográfica, câmera de vídeo, etc. Para que tudo corra bem, promova um bate-papo antes de sair e combine com os alunos algumas regras de convivência e comportamento. Registre o combinado na lousa como uma forma de contrato didático, regulando o conteúdo escrito à progressão da alfabetização dos alunos.

Durante a visita

Estimule os alunos a questionar aquilo que veem, ouvem, percebem e sentem, conversando e fazendo perguntas tanto a você como aos artistas e/ou monitores do local.

Se a visita for a alguma manifestação cultural popular, como um festejo, deixe que as crianças dançam e cantem livremente. Essas manifestações são muito envolventes e será uma experiência inesquecível para os alunos!

Em todas as situações, sua participação como mediador das informações advindas da visita cultural e do conteúdo trabalhado em sala de aula é muito importante. Registre a visita em vídeo e, se tiver permissão, também o diálogo das crianças com os artistas e/ou monitores. Esse registro é essencial para que você possa avaliar a experiência e verificar se os objetivos foram alcançados. Ele também pode compor o portfólio de cada aluno, sendo uma fonte diversificada de aprendizagem para a turma, inclusive, fora da escola.

Depois da visita

Em uma roda de conversa, discuta com os alunos as impressões e descobertas realizadas durante o passeio. Faça uma síntese do que foi aprendido, registrando por escrito ou gravando em vídeo.

Comunicando o que foi aprendido

As visitas culturais sempre suscitam muita expectativa e animação nas crianças, que se envolvem completamente nessa atividade. Por isso, aproveite para fechá-la com chave de ouro!

Sugerimos, por exemplo, que você ajude os alunos a produzir um jornal-mural sobre a visita, com imagens e, a partir do segundo ano do Ensino Fundamental, pequenas notas acompanhando-as, o que também será de grande valor para o processo de alfabetização. Dessa forma, eles reconhecerão a importância de comunicar aos outros suas descobertas e aprendizados.

Essas visitas são importantes para desenvolver nos alunos o gosto pela cultura e despertar neles o desejo de realizá-las autonomamente. Incentive-os sempre a levar os familiares ao local visitado por vocês!

IV. Avaliação

A avaliação é um recurso importante, não só para definir aprovação ou retenção do estudante, mas para acompanhar sua aprendizagem durante um Projeto de Trabalho. Além disso, a avaliação constante serve, também, para que o professor avalie suas estratégias de ensino. Por isso, os processos e instrumentos avaliativos não devem aparecer somente no final do percurso, como se a aprendizagem fosse um produto pronto que se pode medir e avaliar com um gabarito. Lembramos que essa avaliação deve ser formativa e constante.

Para tanto, é preciso que o professor crie uma rotina de registro, em um **diário de bordo**, das falas, comportamentos e atitudes das crianças, sua relação com os diversos conhecimentos e seu envolvimento nas atividades propostas. Esse diário pode ser um caderno ou um registro digital em que você relate o que aconteceu durante as aulas e onde possa arquivar fotografias e vídeos que fizer de suas aulas.

Além disso, é preciso recorrer sempre ao **portfólio**⁴³ de cada estudante, para verificar o desenvolvimento deles. O portfólio se constitui em uma pasta ou caixa em que são colocados, em ordem cronológica, os registros dos trabalhos realizados ao longo do ano letivo, como desenhos, fotografias, CDs, DVDs, textos escritos, etc. Vale ressaltar que mobilizar recursos tecnológicos como forma de registro é uma das competências específicas de Arte na BNCC.

O portfólio é tanto um instrumento de avaliação como de autoavaliação e registro. Ao selecionar os trabalhos que farão parte desse instrumento, professores e alunos devem fazer uma avaliação crítica e cuidadosa dos objetivos estabelecidos e dos propósitos de cada atividade.

⁴³ Sobre o portfólio como recurso avaliativo do processo de desenvolvimento da criança, sugerimos a leitura da dissertação de Mestrado de Cassiana Raizer, *Portfólio na Educação Infantil: desvelando possibilidades para a avaliação formativa*. (Disponível em: <www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2007/2007%20-%20RAIZER,%20Cassiana%20Magalhaes.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2017.)

1. Sugestão de fichas de acompanhamento do portfólio dos estudantes

As fichas a seguir foram pensadas com o intuito de auxiliar o professor no acompanhamento do portfólio, sugerindo diferentes aspectos que podem ser avaliados e o que pode guiar essa análise e avaliação. É muito importante que cada docente possa refletir sobre sua prática e a realidade de sua sala de aula, para então escolher quais fichas usar, como usá-las e verificar a necessidade de criar novas fichas que contemplem aspectos diferentes das apresentadas nesta seção.

É importante ressaltar que o exame do portfólio a partir das fichas trará um recorte do desenvolvimento do aluno naquele momento, ou seja, é fundamental retomar fichas que já foram vistas para que haja a construção de um histórico do desenvolvimento de cada aluno, destacando as evoluções e mesmo as maiores dificuldades de cada um, o que pode guiar o conteúdo a ser trabalhado ou reforçado para cada estudante.

As fichas sugeridas se relacionam diretamente com algumas competências que constam na BNCC, por exemplo, agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários; Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.

Consciência da construção de seu percurso em relação aos processos vivenciados nas aulas

Indicador

Capacidade do aluno de se perceber, se colocar, produzir e estabelecer uma relação de autonomia com seu processo de aprendizagem.

Perguntas orientadoras

Quanto o aluno se apropria da produção dele? Que significado a produção do aluno tem para ele mesmo? Que significado seu trabalho tem para ele mesmo? Ele se sente representado pelo seu trabalho? Ele tem escolhas conscientes e marcas de autoria? O aluno manifesta interesse ou vontade de construir sua marca pessoal? Ele busca isso? Ou ele está querendo só repetir? O aluno tem consciência do que é autoria na

linguagem que ele está trabalhando? O aluno identifica/reconhece marcas pessoais no trabalho do outro? Identifica/reconhece marcas pessoais de artistas daquela linguagem?

1	O aluno precisa ser estimulado para se envolver nas atividades e não aponta para a construção de seu percurso pessoal. Ele tem dificuldade de estabelecer pontes entre sua individualidade e o coletivo, não compartilhando descobertas e dificuldades provenientes do processo.
2	O aluno se engaja em algumas empreitadas (produção, pesquisa, troca de ideias e experiências) em seu processo na sala. Ele apresenta algumas características próprias em seu trabalho resultantes de suas descobertas, mesmo que sem consciência disso.
3	O aluno tem consciência do que constitui o fator autoral na linguagem artística que ele está trabalhando, a partir disso, reconhece seu processo criativo e se sente representado pelo seu trabalho.
4	O aluno tem consciência da importância de ser o autor/protagonista de seu processo de aprendizagem e, a partir disso, interage com o grupo, cria e compartilha suas experiências de maneira crítica, colaborativa e dialógica. Ele reconhece sua pesquisa artística como fator necessário (indispensável e integrado) em sua interação com seu contexto sociocultural.

Pesquisa pessoal

Indicador

Interesse do aluno pela busca de referências para produção e desenvolvimento de estratégias de pesquisa e reflexão acerca da produção artística.

Perguntas orientadoras

O aluno se sente estimulado a procurar referências artísticas além das que ele trouxe consigo? Na linguagem que está estudando, o aluno está revendo conceitos preestabelecidos? O aluno está relativizando o conceito que ele tem de gosto? Ele entende que o gosto pode ser alterado?

1	O aluno não reconhece como novas referências artístico-culturais podem contribuir para suas concepções sociais e visão de mundo. Chega a apresentar preconceitos e pré-concepções a respeito de diferentes manifestações artísticas e culturais, ou seja, está orientado por referências externas e aceita sem elaborar, sem critérios.
---	---

2	O aluno manifesta interesse pelos temas e conteúdos, pela diversidade cultural que é apresentada nas atividades, mas ainda não se engaja na construção de sua própria pesquisa de ampliação de repertório. Ele não legitima a escola como um espaço de troca e criação de repertório.
3	O aluno reconhece, identifica e estabelece que seu repertório cultural pode ser ampliado de diversas maneiras e alimentado pelos conhecimentos que ele constrói das linguagens artísticas. O aluno compreende a diversidade de seu repertório e subsidia sua produção artística.
4	Ao se relacionar com o gosto e as referências do outro, o aluno aceita indicações, dicas, etc. e contribui para a ampliação de repertório dos colegas, realiza pesquisas pessoais fora da escola, aponta e compartilha suas fontes de pesquisa.

Construção de sua postura de aluno na escola

Indicador

Compreensão, reconhecimento e envolvimento nas dinâmicas da atividade e grau de iniciativa e participação na rotina estabelecida para o grupo.

Perguntas orientadoras

Que papel o aluno exerce no grupo que participa? Como ele manifesta o significado da aula de arte na vida dele? Ele fala sobre isso? De que forma ele participa das atividades propostas? De que forma ele se relaciona com os colegas? Qual a assiduidade e participação dele?

1	O aluno recorrentemente não está implicado na atividade proposta (ele não sabe quais são os objetivos da atividade). O aluno não reconhece vários dos elementos da rotina estabelecida para o grupo e ele não participa, ou participa pouco, dessas atividades.
2	Quando chamado a participar, o aluno geralmente se envolve com as propostas da aula de Arte. Sua colaboração se dá porque ele reconhece que está inserido em um contexto de aprendizagem e assume o papel de responder aos estímulos que recebe para se integrar.
3	O aluno participa ativamente das rotinas de trabalho de seu grupo. Identifica e expressa a sua relação com a aula de Arte, e, nesse contexto, sabe do seu papel no grupo e tem consciência de sua responsabilidade sobre sua própria formação.

4	O aluno se compromete com a rotina de suas atividades por reconhecer o papel que elas desempenham na sua formação integral. Por identificar a aula de Arte como um espaço coletivo, ele trabalha tentando envolver pessoas com laços familiares e de amizade.
---	---

Troca de experiências e participação em uma situação de partilha

Indicador

Iniciativa/disposição em compartilhar, isto é, saber falar e saber ouvir (escuta ativa), os conhecimentos construídos acerca das linguagens artísticas, ciente da importância da contribuição individual nos processos coletivos de pesquisa e criação.

Perguntas orientadoras

De que forma o aluno participa das situações coletivas, discussões e conversas acerca dos temas trazidos pelos educadores? O aluno considera a participação dos colegas na sua fala? O aluno muda de ideia a partir da escuta e consideração da fala do outro? Como o aluno lida com a mudança de ideia do colega? O aluno respeita opiniões diferentes das suas? O aluno participa ativamente dos diálogos no grupo ou só assiste à discussão? Ele respeita os períodos de silêncio e concentração? O aluno respeita o tempo do outro? Participa de situações de troca? Ele respeita a produção do outro? O aluno manifesta sua opinião de forma respeitosa e colaborativa?

1	O aluno não participa das situações coletivas de troca e discussão, ou, quando participa, é apenas para apontar seus próprios processos. Ele não reconhece ou não identifica relações entre seu processo e o processo dos colegas. Não manifesta interesse em falar sobre seu processo e compartilhá-lo, tampouco demonstra curiosidade no trabalho dos colegas.
2	O aluno se envolve e participa das situações coletivas de troca e discussão. Estabelece relações de coleguismo e de companheirismo com os outros aprendizes e, em parte de seu processo, é possível identificar poucas conexões com os processos e pesquisas dos colegas e os interesses coletivos do grupo.
3	O aluno participa ativamente das situações coletivas de troca e discussão. Sabe falar sobre seu processo e apresenta uma escuta cuidadosa em relação aos colegas. É um indivíduo ativo no desenvolvimento dos interesses coletivos do grupo.

4 O aluno tem consciência da importância da construção coletiva de conhecimentos e saberes e busca criar situações de integração de processos com os colegas, inclusive aprendizes de outras atividades e projetos. Em muitas situações exerce papel de liderança e é propositor de situações de troca de experiência e de coletividade.

Produção artística e aprimoramento técnico

Indicador

Grau de domínio dos procedimentos técnicos, materiais, suportes, meio de produção e expressão na linguagem artística.

Perguntas orientadoras

Em que grau o aluno se apropria e sabe usar (domina) os procedimentos que são ensinados e como os incorpora em suas produções individuais? Como o aluno relaciona seu aprendizado técnico com o que ele quer fazer? As escolhas são diversificadas? Considera alternativas técnicas e poéticas? O aluno se disponibiliza a aprender novas técnicas e procedimentos?

1	O aluno precisa de ajuda técnica, só produz com orientação e/ou acompanhamento do educador, com ajuda total.
2	O aluno apresenta facilidade em trabalhar com meios e suportes, mas ainda precisa de alguma orientação.
3	O aluno consegue se apropriar e trabalhar com os procedimentos, meios e materiais propostos sem necessidade de supervisão ou de acompanhamento direto.
4	O aluno explora e pesquisa os materiais e suportes a partir da apropriação que ele tem dos procedimentos desenvolvidos na atividade.

Ampliação de repertório

Indicador

Curiosidade pela produção artístico-cultural na sua relação com o contexto social, identificação do próprio repertório e como incorpora essas referências na sua pesquisa pessoal.

Perguntas orientadoras

De que forma a ampliação do repertório reflete na produção do aluno? O aluno tem uma postura investigativa que o leva a ampliar suas possibilidades de produção? Ele aceita o que é apresentado nas atividades? Ele faz produções em grupo que consideram a diver-

sidade de competências? Ele tem interesse em outras linguagens artísticas e busca trazer aspectos destas no trabalho dele? Ele elabora um discurso sobre sua produção que revela seu percurso investigativo, suas descobertas e pesquisas?

1	O repertório apreendido se restringe a nenhum ou poucos aspectos formais, técnicos e procedimentais apresentados nas atividades. O aluno não reflete acerca de suas referências artístico-culturais e não legitima o papel desse processo no seu aprendizado.
2	O aluno se apropriou de aspectos formais, técnicos e procedimentais apresentados nas atividades. Demonstra interesse por referências fora do seu campo de interesse original, mas ainda sem organizar ou sistematizar essas novas referências na relação com sua pesquisa e produção pessoal.
3	O aluno incorpora as referências apresentadas nas vivências da aula de arte em sua produção e se dedica a pesquisas pessoais para ampliar seu repertório.
4	O aluno identifica que seu repertório artístico-cultural foi ampliado, reconhece a importância desse processo e colabora para a ampliação do repertório do grupo.

Participação e envolvimento

Indicador

Envolvimento e resposta do aluno às atividades propostas, atenção às dinâmicas individuais e do grupo e dedicação à própria produção.

Perguntas orientadoras

O aluno aceita os desafios ou o que é apresentado como atividade? Ele vai até o final? Ele estabelece seus próprios objetivos? Ele se dispersa? Ele experimenta diferentes respostas ao que lhe é proposto?

1	O aluno costuma desviar a atenção e precisa recorrentemente ser chamado de volta a participar da atividade. Não parece ter consciência de suas vontades e desejos em relação às aulas de Arte.
2	O aluno mantém atenção nas propostas e participação nas atividades e se compromete com os objetivos e conteúdos que são compartilhados – o que está explícito pelo educador.
3	O aluno tem suas próprias metas e desejos em relação a seu aprendizado artístico-cultural, tem atenção e dedicação ao seu processo de aprendizagem e participa ativamente das propostas de trabalho, contribuindo para a configuração de um trabalho de grupo baseado na troca de experiências.

4

Ao longo do processo o aluno amplia e constrói novas metas e objetivos para sua formação artístico-cultural e estabelece planos de como alcançá-los. O aluno amplia suas perspectivas e campos de pesquisa e contribui na elaboração de novas propostas de trabalho para o grupo.

2. Avaliação das sequências didáticas

Diferentemente do Projeto de Trabalho, que é uma forma de organização do currículo, a sequência didática pode ser definida como uma série de aulas concatenadas, com um ou mais objetivos e que não necessariamente tem uma produção final. Uma sequência didática é um trabalho organizado de forma sequencial durante um tempo determinado e estruturado pelo professor a fim de focar conteúdos relacionados ao projeto. Podemos afirmar, portanto, que dentro de um Projeto de Trabalho podem ocorrer diversas sequências didáticas.

Procure analisar o processo de construção do conhecimento em Arte dos estudantes antes, durante e depois de cada sequência didática, visando um processo de ensino e aprendizagem significativo.

A avaliação constante pode desvendar o processo de trabalho do professor de Arte durante todo o ano letivo, promovendo transformação das práticas pedagógicas com base na reflexão sobre a experiência vivida. Os momentos avaliativos ao longo do processo podem ser distintos e, em cada um deles, você deve procurar elaborar instrumentos como debates, questionários escritos e trabalhos práticos que possam fornecer dados para responder algumas questões importantes sobre a aprendizagem dos alunos. Há várias formas de elaborar instrumentos de avaliação em Arte. Podem ser trabalhos, provas, testes, relatórios, interpretações, questionários e outros que sejam mais sensíveis ao estágio de desenvolvimento específico dos estudantes.

O processo de avaliação pode ser individual ou em grupo e não deve se restringir a atitudes e valores. Por meio dele, todos os alunos devem refletir sobre os avanços em relação às suas aprendizagens específicas.

A estrutura geral desta coleção foi pensada como sequências didáticas. Cada unidade tem uma abertura, dois capítulos e um fechamento, que serão detalhados na próxima seção deste Manual. Cada uma dessas partes da unidade se constitui em uma sequência didática, ou seja, a abertura é uma sequência, o Capítulo 1 é outra, o Capítulo 2 até o fechamento,

também. Para a avaliação desses e de outros conteúdos, sugerimos os seguintes momentos de avaliação.

Avaliação inicial

- O que os alunos conhecem sobre arte (artes visuais, música, dança, teatro, cinema, etc.)?
- Com quais tipos de arte convivem no cotidiano?
- Frequentam algum tipo de aula de Arte fora da escola? Quais e em quais espaços essas aulas são realizadas?
- Conhecem as práticas culturais e artísticas que ocorrem na comunidade? Como adquiriram esse conhecimento?
- Costumam frequentar os espaços culturais da cidade (museus, galerias de arte, centros culturais, teatros, cinemas, etc.)? Quais? Com que frequência?

Avaliação processual

Antes da sequência didática

- O que os alunos conhecem sobre o objeto cultural que será estudado?
- O tema da sequência didática faz parte ou tem alguma relação com o cotidiano dos alunos?
- Que experiências os estudantes têm com a linguagem artística que será estudada?
- Conhecem algum artista que trabalhe com o mesmo tipo de produção cultural que será estudado na sequência?

Durante a sequência didática

- Os alunos demonstram interesse pela produção apresentada no capítulo? Que pontos despertam mais curiosidade?
- O tema abordado no capítulo é significativo para sua turma? Que relações existem entre esse tema e o cotidiano das crianças?
- Como os alunos compreendem o contexto sócio-histórico-cultural que envolve o objeto cultural que está sendo estudado?
- O objeto cultural que está sendo estudado é acessível a todos ou é dirigido apenas a determinado grupo social?
- Como os alunos compreendem os elementos das linguagens artísticas implicados na produção do que está sendo estudado e como se apropriam deles?

Depois da sequência didática

- Depois dos estudos, o conhecimento dos alunos sobre o objeto cultural estudado mudou? Procure

identificar como eles se apropriaram dos conteúdos estudados.

- Os alunos identificam em seu cotidiano a presença do tipo de objeto cultural e da(s) linguagem(ns) artística(s) estudados(a)? Procure exemplos.
- Como os estudantes se relacionaram com sua própria produção artística durante as atividades? Ficaram satisfeitos? Apropriaram-se dos procedimentos trabalhados? Envolveram-se em pesquisas e experimentações com os materiais? Consideram que sua produção artística expressa suas opiniões/sentimentos/emoções?
- Consideram importante expor/divulgar seu trabalho artístico e se envolver em eventuais montagens e apresentações de seus trabalhos?
- Quais foram as maiores dificuldades ao longo do projeto?

Avaliação final para o professor

- Você realizou o mapeamento cultural? De que forma o mapeamento cultural auxiliou em seu plano de ensino?
- Foi possível abordar mais de uma linguagem artística na mesma atividade?
- Qual linguagem foi mais bem-aceita pelos alunos?
- Os recursos materiais existentes na escola foram disponibilizados para o seu trabalho com os estudantes? Quais recursos foram utilizados com êxito? Dê exemplos.
- Os espaços físicos da escola foram disponibilizados e estavam preparados para ser utilizados nas aulas de Arte?
- Você realizou a avaliação processual? Como utilizou a avaliação processual nas atividades de ensino?
- Até que ponto sua prática educativa foi alterada a partir da avaliação processual? Reflita se, ao longo do processo, você mudou de estratégia, elaborou novas atividades ou alterou alguma que já estava em andamento ao observar que os alunos estavam com dificuldades ou, então, se mudou o planejamento porque as crianças se entusiasmaram e aderiram à proposta, envolvendo-se mais do que o esperado.
- Elenque as alterações que realizou em seus procedimentos de ensino a partir da avaliação processual.
- Essas alterações resultaram na melhoria da aprendizagem dos alunos? Justifique.
- Você permitiu que os estudantes realizassem uma autoavaliação sobre as produções?

- Você promoveu visitas culturais? Os objetivos planejados foram alcançados?
- Conseguiu realizar mostras/exposições/festivais de arte? Comente.

3. Avaliação do produto final do Projeto de Trabalho

A avaliação do trabalho final dos alunos, seja ele uma produção individual, seja em grupo, envolve a verificação do aprendizado de técnicas e também da ampliação do repertório cultural dos estudantes. Essa produção, portanto, deve refletir o aprendizado dos conteúdos estudados ao longo do Projeto de Trabalho e deve, principalmente, refletir o processo de elaboração e de planejamento dessa produção final.

Nesse sentido, é importante que os estudantes registrem o processo de elaboração e de construção da obra por meio de fotografias, desenhos, vídeos, gravação de voz, textos.

No mundo da arte, esse registro se chama **memorial descritivo**. O memorial descritivo artístico é uma pequena redação sobre o processo de trabalho, da prática artística e de outras preocupações mais amplas. Ele serve de explanação, em linhas gerais, dos conceitos, motivações e processos de um trabalho de arte.

Essa forma de registro auxilia na avaliação do produto final de um Projeto de Trabalho, pois ajuda na racionalização de um processo tipicamente subjetivo. Para auxiliá-lo na avaliação de produtos finais, elencamos algumas questões que podem dirigir tanto a sua crítica quanto a dos próprios alunos:

- Quais temas, ideias e preocupações vocês consideraram em seu trabalho?
- Existem quaisquer influências externas ou ideias, talvez fora do universo das artes, que têm influência sobre seu trabalho?
- Há uma “intenção” por trás do trabalho, o que você quer que o trabalho alcance?
- Existem teorias, culturas ou artistas ou escolas de pensamento que são relevantes para seu trabalho?
- Com que materiais e recursos vocês trabalharam? O que interessa a vocês sobre esses tipos de material?
- Por que você trabalha com esses materiais? Existe uma relação entre eles e as suas ideias?
- Que processos estão envolvidos no seu trabalho e como eles se relacionam com as suas ideias?

No caso do trabalho com crianças em fase de alfabetização, é possível dialogar com elas em uma roda de conversa. Assim, você poderá verificar quanto as crianças conseguiram absorver em relação aos conteúdos abordados e qual a relação deles com o produto final.

V. Estrutura geral da coleção

Para cumprir a proposta de trabalhar com Projetos de Trabalho, tendo como fundamento teórico a Arte-educação baseada na cultura visual e a Abordagem Triangular, cada livro desta coleção possui duas unidades temáticas que se configuram como Projetos de Trabalho e que duram um semestre letivo.

Essas duas unidades/projetos buscam trabalhar as quatro linguagens artísticas do componente curricular e, também, as diferentes linguagens integradas apontadas na BNCC e que contextualizam o estudo das linguagens.

Assim, cada projeto parte de uma questão disparadora que busca provocar o interesse dos estudantes. O trabalho desenvolvido a partir da pergunta busca levá-los a refletir sobre um *tema contemporâneo* (como direitos da criança e do adolescente, educação ambiental, vida familiar e social, educação para o consumo, trabalho, ciência e tecnologia e diversidade cultural), aliado ao estudo de uma *manifestação das artes integradas*, ou das artes que exploram as relações e as articulações entre as diferentes linguagens e suas práticas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, indicadas na BNCC:

Ainda que, na BNCC, as linguagens artísticas das Artes visuais, da Dança, da Música e do Teatro sejam consideradas em suas especificidades, as experiências e vivências dos sujeitos em sua relação com a Arte não acontecem de forma compartimentada ou estanque. Assim, é importante que o componente curricular Arte leve em conta o diálogo entre essas linguagens, o diálogo com a literatura, além de possibilitar o contato e reflexão acerca das formas estéticas híbridas, tais como as artes circenses, o cinema e a *performance*.

Atividades que facilitem um trânsito criativo, fluido e desfragmentado entre as linguagens artísticas podem construir uma rede de interlocução,

inclusive, com a literatura e com outros componentes curriculares. Temas, assuntos ou habilidades afins de diferentes componentes podem compor projetos nos quais saberes se integrem, gerando experiências de aprendizagem amplas e complexas.⁴⁴

Assim, cada unidade de cada volume da coleção possui:

1. *Abertura do Projeto*, que apresenta a questão disparadora e envolve os estudantes com imagens e textos instigantes e experimentações artísticas;
2. Dois *Capítulos*, que abordam de forma mais aprofundada linguagens artísticas que fazem parte do componente curricular e que ajudam na coleta de informações e em vivências que vão servir de fonte de pesquisa para resolver a questão disparadora do projeto;
3. *Fechamento do Projeto*, que apresenta de forma aprofundada a linguagem integrada ou híbrida estudada para que o produto final do projeto seja realizado.

A *Abertura do Projeto* traz textos e imagens que provocam a discussão e o debate acerca da questão disparadora, de forma reflexiva e contextualizada. Como os estudantes do 1º ao 5º ano são crianças, essa sensibilização busca ser lúdica, respeitando a faixa etária e as culturas infantis, e dialógica, por meio de uma roda de conversa inicial.

Nessa roda, professor e estudantes dialogam, o que permite que você desvele o que as crianças sabem sobre o problema, que outras questões ele abarca e que caminhos ele abre. Além disso, nesse momento, os estudantes vivenciam experimentações que desenvolvem competências e habilidades artísticas ao mesmo tempo que despertam seu interesse.

Cada um dos dois *Capítulos* que compõem uma unidade traz uma sequência didática relacionada ao aprendizado de uma linguagem artística por meio de atividades inspiradas na Abordagem Triangular desenvolvida por Ana Mae Barbosa e que também abarcam as seis dimensões do conhecimento presentes na BNCC, a saber: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão.

Ressaltamos que o Projeto de Trabalho dialoga com a Abordagem Triangular. Ainda que a Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa seja

⁴⁴ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 196.

voltada para o ensino das artes visuais e não oriente uma ordem ou sequência didática específica de organização dos vértices do triângulo, na coleção, nos apropriamos dessa proposta para o ensino de todas as linguagens.

Por isso, as atividades estão organizadas de modo que os estudantes aprendam arte de forma contextualizada e permeada de sentido. Além disso, o estudo dos capítulos garante o desenvolvimento das competências e habilidades presentes na BNCC, mas permite que você amplie o trabalho, trazendo outros procedimentos e pesquisas, além de outros saberes/linguagens que quiser e considerar relevantes, de acordo com o Projeto Político-Pedagógico da escola e rede de ensino de que participa.

Cada capítulo começa com a apresentação de uma obra de arte especialmente escolhida para que os estudantes continuem a refletir e construir respostas para o problema do projeto e, também, para apresentar alguns dos conteúdos obrigatórios da área de Arte.

A partir da apreciação e da contextualização da obra, o capítulo traz uma seção com conceitos estéticos, elementos da linguagem ou saberes artísticos, mesclada a experimentações artísticas, que promovem a vivência necessária para a construção de seu percurso criador e autoral e, também, a construção de um olhar sensível e crítico, que busca desvelar o que há “por trás” da obra apresentada no livro, de acordo com o referencial teórico que embasa a coleção.

Além disso, o capítulo também apresenta outros trabalhos do artista que conheceram no início e traz uma seção de ampliação do repertório cultural dos estudantes, apresentando o trabalho de outros artistas, outras linguagens e outras culturas, estimulando a pesquisa e o trabalho coletivo, também de acordo com o referencial teórico.

O final de cada um dos dois capítulos propõe uma atividade de criação e produção artística com foco na linguagem estudada e que se relaciona à preparação do produto final do projeto.

Optamos por organizar as seções dos capítulos nessa ordem por acreditarmos que, quanto mais os estu-

dantes conhecerem e relacionarem o trabalho de artistas e grupos apresentados com seu contexto e a própria produção artística, mais serão capazes de criar e produzir arte.

O *Fechamento do Projeto* traz, também, a apresentação de uma obra e uma sequência de atividades que promove o aprendizado da linguagem artística integrada ou híbrida que se relaciona à pergunta apresentada na abertura, além de uma proposta de criação e produção que resultará no principal produto do projeto.

Desse modo, ao longo de um ano letivo, os estudantes entrarão em contato com artistas e obras de arte de diferentes linguagens, tempos e culturas, além de vivenciarem experimentações e criações que garantem um percurso criador e autoral com um repertório ampliado e uma visão crítica que permite a criação artística autônoma.

Por fim, vale destacar que em um Projeto de Trabalho é preciso mobilizar a curiosidade e o interesse dos estudantes para que o aprendizado aconteça. Assim, os cinco volumes da coleção trazem uma proposta de progressão das aprendizagens que visa tornar o estudo das linguagens artísticas sempre instigante.

A cada ano letivo, propomos temas de projetos, obras de arte, atividades, pesquisas, reflexões e produção de produtos cada vez mais complexos e desafiadores, estimulando as descobertas dos alunos e a construção de novos conhecimentos. Ainda assim, de acordo com aquilo que está previsto na BNCC, essas aprendizagens não estão propostas de maneira rígida⁴⁵, mas se relacionam com as anteriores e as posteriores na aprendizagem em Arte. Assim, sempre que julgar necessário, você pode adaptar a abordagem às necessidades e aos interesses da turma e também ao desenvolvimento do projeto, fazendo movimentos de retomada ou de antecipação de conteúdos, adaptando a complexidade do material e dos processos para o momento em que os alunos se encontram.

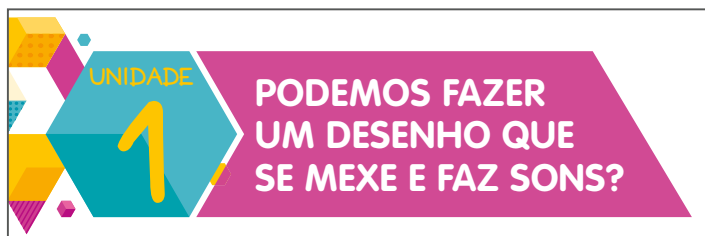
Com esse trabalho, a coleção busca desenvolver as competências específicas da área de Arte para os anos iniciais do Ensino Fundamental presentes na BNCC.

⁴⁵ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 197.

1. Seções e boxes da coleção

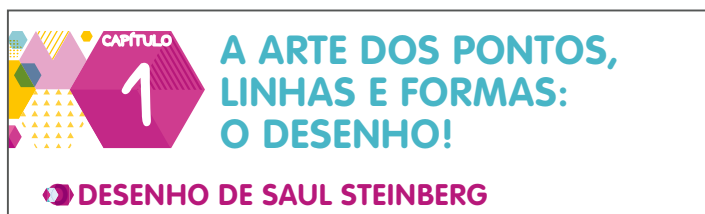
A seguir, apresentamos um esquema visual das seções e dos boxes que compõem cada volume da coleção. Os boxes fixos são apresentados dentro da seção em que aparecem. Os demais boxes são apresentados logo após as seções.

1. Introdução da unidade



É a abertura do Projeto de Trabalho. Nas duas primeiras páginas, apresenta uma imagem e a pergunta disparadora. Em seguida, há imagens e textos de sensibilização e, por fim, uma experimentação artística para que os alunos comecem a explorar o tema.

2. Abertura do capítulo



Cada capítulo aborda de forma mais aprofundada uma das quatro linguagens da arte, a partir da obra de um artista ou de um grupo em especial.

Para iniciar



O box “Para iniciar” traz perguntas para despertar o interesse do estudante e direcionar ao tema do capítulo.

3. Que obra é essa?



Seção que apresenta e promove a apreciação da obra do artista eleito para a construção do conteúdo do capítulo.

4. Como a obra foi feita?



Seção que desvela o produto artístico, mostrando que há um processo de construção da obra.

5. Conteúdos artísticos



Seção com conceitos estéticos, elementos da linguagem e saberes artísticos apresentados a partir da apreciação e da contextualização da obra principal do capítulo.

6. Atividade prática



Momento privilegiado para a criança “colocar a mão na massa”, ou seja, experimentar, a partir de um dos vetores do trabalho conhecido, uma criação. É importante ressaltar que, nas primeiras atividades práticas, as crianças podem ter pouca familiaridade com o modo de fazer arte proposto, mas a continuidade, o incentivo e as suas proposições possibilitarão ao aluno desenvolver autonomia e desfrutar cada vez mais do processo de criação em arte.

7. Outros trabalhos de



Apresenta outros trabalhos do artista para que os alunos possam conhecer mais de sua produção e de sua poética.

Sobre o artista



Breve biografia do artista ou grupo que aproxima o artista do ser humano comum, desmistificando para a criança o imaginário do artista inacessível.

Assim também aprendo



Seção que auxilia o estudante a verbalizar suas aproximações e repulsas ao trabalho do artista/grupo e é uma forma de auxiliá-lo a construir seu senso estético.

8. Ampliando o repertório cultural

AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL

Oportunidade de trazer obras de outros artistas e linguagens que dialogam com o conceito estético desenvolvido no capítulo.

9. Experimentação

EXPERIMENTAÇÃO

Vivência de experimentações artísticas que desenvolvem competências e habilidades de arte ao mesmo tempo que despertam o interesse dos alunos.

10. O que estudamos

O QUE ESTUDAMOS

Momento em que o aluno revê o conteúdo desenvolvido ao longo do capítulo ou da unidade, tira dúvidas e reforça conceitos. Você pode aproveitar a seção para visitar algumas atividades que despertaram mais interesse nas crianças.

Dica de visitação

DICA DE VISITAÇÃO

Sugestões de visitas culturais que podem aproximar um artista/grupo local da escola e da construção do saber em Arte das crianças.

É hora de retomar o portfólio

É HORA DE RETOMAR O PORTFÓLIO

Construção passo a passo do produto final que os estudantes terão no fim do ano letivo: o portfólio.

11. Encerramento da unidade

PODEMOS FAZER
UM DESENHO QUE
SE MEXE E FAZ SONS!

É o fechamento do Projeto de Trabalho. Apresenta uma obra relacionada à pergunta proposta inicialmente e trabalhada ao longo dos capítulos, auxiliando os alunos a respondê-la.

12. Fazendo arte

FAZENDO ARTE

Proposta de criação e de produção que resultará no principal produto do Projeto de Trabalho.

I. Saiba mais

SAIBA MAIS >>

Boxe que traz uma curiosidade ou mais informações sobre algum aspecto interligado à obra em questão ou ao tema abordado.

II. Arte e...

ARTE & MATEMÁTICA

Boxe que busca promover a interdisciplinaridade do conteúdo artístico com outro componente curricular.

III. Glossário

INSTALAÇÃO:
TIPO DE ARTE VISUAL QUE CRIA
OU MODIFICA UM AMBIENTE.

Apresenta conceitos para os alunos. Se julgar conveniente, você pode adotar o procedimento de escrever as palavras glossariadas na lousa e, quando pertinente, explorá-las no processo de alfabetização.

IV. Sugestão de...

SUGESTÃO DE...

Indicações de sites, vídeos, livros e filmes selecionados para os alunos.

2. Principais competências, objetos de conhecimento e habilidades da coleção

A seguir, apresentamos as principais competências, objetos do conhecimento e habilidades trabalhados na coleção.

1º ano
Unidade 1 - Podemos fazer um desenho que se mexe e faz sons?
Abertura e Fechamento do Projeto
Temas contemporâneos
Trabalho, ciência e tecnologia
Competências gerais
Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
Competência de Linguagens
Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
Competência de Arte
Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.
Unidade temática
Artes integradas – Desenho animado
Objeto do conhecimento
Arte e tecnologia
Habilidade
(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, <i>softwares</i> , etc.) nos processos de criação artística.

Capítulo 1
Unidade temática
Artes visuais – Desenho
Objeto do conhecimento
Elementos da linguagem
Habilidade
(EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento, etc.).
Capítulo 2
Unidade temática
Música – Paisagem sonora
Objeto do conhecimento
Elementos da linguagem
Habilidade
(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo, etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.
Unidade 2 - Brincar é importante?
Abertura e Fechamento do Projeto
Temas contemporâneos
Direitos da criança e do adolescente
Competências gerais
Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Competências de Arte

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.

Unidade temática

Artes integradas – Filme documentário

Objetos do conhecimento

Matrizes estéticas culturais

Arte e tecnologia

Habilidades

(EF15AR24) Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.

(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística.

Capítulo 3

Unidade temática

Dança – Dança contemporânea

Objetos do conhecimento

Contextos e práticas

Processos de criação

Habilidades

(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

(EF15AR11) Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.

Capítulo 4

Unidade temática

Teatro – Pantomima literária

Objeto do conhecimento

Processos de criação

Habilidades

(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.

(EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.

(EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.

2º ano

Unidade 1 - A arte faz pensar?

Abertura e Fechamento do Projeto

Tema contemporâneo

Educação ambiental

Competências gerais

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Competência de Linguagens

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Competência de Arte

Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

Unidade temática
Artes integradas – Intervenção artística
Objeto de conhecimento
Processos de criação
Habilidade
(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
Capítulo 1
Unidade temática
Teatro – Teatro de manipulação
Objeto de conhecimento
Elementos da linguagem
Habilidade
(EF15AR19) Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).
Capítulo 2
Unidade temática
Dança – Dança contemporânea
Objeto de conhecimento
Elementos da linguagem
Habilidades
(EF15AR09) Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado.
(EF15AR10) Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.
Unidade 2 - Brinquedo pode ser arte?
Abertura e Fechamento do Projeto
Temas contemporâneos
Vida familiar e social
Educação para o consumo

Competências gerais
Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
Competência de Linguagens
Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
Competência de Arte
Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
Unidade temática
Artes integradas – Criação de exposição interativa
Objetos de conhecimento
Processos de criação
Matrizes estéticas e culturais
Habilidades
(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
(EF15AR24) Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.
Capítulo 3
Unidade temática
Artes visuais – escultura
Objetos de conhecimento
Processos de criação
Sistemas de linguagem

Habilidades

(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

(EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.

(EF15AR07) Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).

Capítulo 4

Unidade temática

Música – Música de concerto

Objetos de conhecimento

Elementos da linguagem

Notação e registro musical

Habilidades

(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.

(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.

3º ano

Unidade 1 - A arte pode ser feita com tudo?

Abertura e Fechamento do Projeto

Temas contemporâneos

Educação ambiental

Educação para o consumo

Competências gerais

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Competência de Linguagens

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Competência de Arte

Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.

Unidade temática

Artes integradas – Criar uma instalação sonora com materiais inusitados.

Objeto de conhecimento

Processos de criação

Habilidade

(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.

Capítulo 1

Unidade temática

Artes visuais – Assemblagem e fotografia

Objeto de conhecimento

Materialidades

Habilidade

(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

Capítulo 2

Unidade temática

Música – Música experimental

Objetos de conhecimento

Materialidades

Notação e registro musical

Habilidades
(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.
(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.
Unidade 2 - A arte pode fazer a gente se sentir bem?
Abertura e Fechamento do Projeto
Tema contemporâneo
Saúde
Competências gerais
Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
Competência de Linguagens
Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
Competência de Arte
Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
Unidade temática
Artes integradas – Festival de <i>clowns</i>

Objeto de conhecimento
Processos de criação
Habilidade
(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
Capítulo 3
Unidade temática
Teatro – Palhaçaria
Objeto de conhecimento
Processos de criação
Habilidades
(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.
(EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.
(EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.
Capítulo 4
Unidade temática
Dança – Dança e o Novo Circo
Objeto de conhecimento
Processos de criação
Habilidades
(EF15AR11) Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.
(EF15AR12) Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.

4º ano

Unidade 1 - A arte pode unir as pessoas?

Abertura e Fechamento do Projeto

Tema contemporâneo

Diversidade cultural

Respeito e valorização do idoso

Competências gerais

Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Competências de Linguagens

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

Competência de Arte

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

Unidade temática

Artes integradas – Organizar uma apresentação na escola

Objeto de conhecimento

Patrimônio cultural

Habilidade

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Capítulo 1

Unidade temática

Música – Música brasileira

Objetos de conhecimento

Contexto e práticas

Notação e registro musical

Habilidades

(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.

(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.

Capítulo 2

Unidade temática

Dança – Danças afro-brasileiras

Objeto de conhecimento

Contextos e práticas

Habilidade

(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

Unidade 2 - A arte pode construir lugares?

Abertura e Fechamento do Projeto

Tema contemporâneo

Diversidade cultural

Vida familiar e social

Competências gerais
Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
Competências de Linguagens
Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
Competência de Arte
Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
Unidade temática
Artes integradas – Instalação interativa
Objetos de conhecimento
Patrimônio cultural
Arte e tecnologia
Habilidades
(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, <i>softwares</i> etc.) nos processos de criação artística.

Capítulo 3
Unidade temática
Teatro – Musical
Objeto de conhecimento
Contextos e práticas
Habilidade
(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.
Capítulo 4
Unidade temática
Artes visuais – Gravura e relevo
Objetos de conhecimento
Contextos e práticas
Matrizes estéticas e culturais
Habilidades
(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

5º ano
Unidade 1 - A arte tem raiz?
Abertura e Fechamento do Projeto
Temas contemporâneos
Diversidade cultural
Educação em direitos humanos
Competências gerais
Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Competências de Linguagens

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

Competência de Arte

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

Unidade temática

Artes integradas – Criar um festejo na escola

Objeto de conhecimento

Patrimônio cultural

Habilidade

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Capítulo 1

Unidade temática

Música e artes integradas – Música indígena

Objetos de conhecimento

Materialidades

Patrimônio cultural

Habilidades

(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Capítulo 2

Unidade temática

Artes visuais e artes integradas – Azulejaria

Objetos de conhecimento

Matrizes estéticas e culturais

Patrimônio cultural

Habilidades

(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Unidade 2 - Arte é patrimônio?

Abertura e Fechamento do Projeto

Temas contemporâneos

Diversidade cultural

Educação em direitos humanos

Competências gerais

Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Competências de Linguagens

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

Competência de Arte

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

Unidade temática

Artes integradas – Criação de filme usando a técnica *stop-motion*

Objetos do conhecimento

Patrimônio cultural

Arte e tecnologia

Habilidades

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares, etc.) nos processos de criação artística.

Capítulo 3

Unidade temática

Dança e artes integradas – Danças africanas

Objetos de conhecimento

Contextos e práticas

Patrimônio cultural

Habilidades

(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Capítulo 4

Unidade temática

Teatro - Mamulengo

Objeto de conhecimento

Contextos e práticas

Habilidade

(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.

3. Material Digital do Professor

Complementa o trabalho desenvolvido no material impresso, com o objetivo de organizar e enriquecer o trabalho docente, contribuindo para sua contínua atualização e oferecendo subsídios para o planejamento e o desenvolvimento de suas aulas. Neste material, você encontrará:

- Orientações gerais para o ano letivo.
- Quadros bimestrais com os objetos de conhecimento e as habilidades que devem ser trabalhados em cada bimestre.
- Sugestões de atividades que favoreçam o trabalho com as habilidades propostas para cada ano.
- Orientações para a gestão da sala de aula.
- Proposta de projetos integradores para o trabalho com os diferentes componentes curriculares.
- Sequências didáticas para ampliação do trabalho em sala de aula.

VI. Referências para aprofundamento do professor

Arte-educação

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da Arte*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. *Arte-educação: conflitos e acertos*. São Paulo: Max Limonad, 1984.

_____. *Arte-educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. *John Dewey e o ensino da Arte no Brasil*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

_____. *O pós-modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. *Redesenhando o desenho: educadores, política e história*. São Paulo: Cortez, 2015.

_____. *Teoria e prática da educação artística*. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

_____.; COUTINHO, Rejane. *Arte-educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2009.

_____.; CUNHA, F. (Org.). *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica*. Brasília, 2013.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte*. Brasília, 2000.

DEWEY, John. *A arte como experiência*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2010.

EFLAND, Arthur D.; FREEDMAN, Kerry; STUHR, Patricia. *La educación en el arte posmoderno*. Barcelona: Paidós, 2003.

FERREIRA, Sueli (Org.). *O ensino das artes: construindo caminhos*. 10. ed. Campinas: Papirus, 2015.

FUSARI, Maria R.; FERRAZ, Maria H. *Arte na educação escolar*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *Metodologia do ensino de Arte*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GEERTZ, Clifford. A Arte como um sistema cultural. In: _____. *O saber local: novos ensaios em Antropologia interpretativa*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GIROUX, Henry. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Penso, 1997.

_____. *Pedagogia radical: subsídios*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1983.

GRANT, N. *Multicultural Education in Scotland*. Edinburgh: Dunedin Academic Press, 2000.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 16. ed. Campinas: Papirus, 2005.

_____.; ROLNIK, Sueli. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____.; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

LAYTON, Robert. *A Antropologia da Arte*. Lisboa: Edições 70, 2001.

MARQUES, Isabel; BRAZIL, Fábio. *Arte em questões*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

READ, Herbert. *A educação pela arte*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

RICHTER, Ivone M. *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

RIZZI, Maria Cristina de S. Caminhos metodológicos. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SACRISTÁN, José G. A educação que temos, a educação que queremos. In: IMBERNÓN, F. (Org.). *A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, Tomaz T.; MOREIRA, Antônio F. (Org.). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, Tomaz T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Interdisciplinaridade

BOCHNIAK, Regina. *Questionar o conhecimento: interdisciplinaridade na escola*. São Paulo: Loyola, 1998.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. 2. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.

FAZENDA, Ivani C. A. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. 18. ed. Campinas: Papirus, 2016.

_____. (Org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

JAMESON, Fredric. *A virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

JANTSCH, Ari P.; BIANCHETTI, Lucídio. *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *A Árvore do conhecimento: as bases biológicas para a compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MORIN, Edgar. *O problema epistemológico da complexidade*. Portugal: Europa-América, 1996.

NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. 3. ed. São Paulo: Triom, 2017.

PAVIANI, Jayme. *Interdisciplinaridade: conceitos e distinções*. 3. ed. Caxias do Sul: Educs, 2014.

SANTOS, Boaventura S. (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS, Vivaldo P. *Interdisciplinaridade na sala de aula*. São Paulo: Loyola, 2007.

SENGE, Peter M. *A quinta disciplina: arte e prática da organização que aprende*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2009.

SOMMERMAN, Américo. *Inter ou transdisciplinaridade?* São Paulo: Paulus, 2006.

Artes visuais

AGUILAR, Nelson (Org.). *Bienal Brasil século XX*. São Paulo: Fundação Bienal, 1994.

ARGAN, G. C. *Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual*. 2. ed. São Paulo: Cengage, 2016.

BERGER, John. *Modos de ver*. São Paulo: Rocco, 1999.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHIPP, Herschel. *Teorias da Arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DANTO, Arthur. *Após o fim da Arte: a Arte contemporânea e os limites da História*. São Paulo: Edusp, 2006.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

GOMBRICH, Ernst. H. *A história da Arte*. 16. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HARRISON, Hazel. *Técnicas de desenho e pintura*. Rio Grande do Sul: Edelbra, 1994.

HAYES, Colin. *Guia completo de pintura y dibujo, técnicas y materiales*. Barcelona: Herman Blume, 1992.

KANDINSKY, Wassily. *Ponto e linha sobre plano*. Lisboa: Edições 70, 2006.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

Audiovisual

BARBERO, Jesus. M. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009.

BARBOSA FILHO, André. *Mídias digitais: convergência tecnológica e inclusão social*. São Paulo: Paulinas, 2005.

CITELLI, Adilson. *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

COELHO, Raquel. *A arte da animação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Formato, 2012.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ESPERON, T. M. Educação para mídia. *Pedagogia da Comunicação: Caminhos e desafios*. In: PENTEADO, Heloísa D. (Org.). *Pedagogia da Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

FERRÉS, Joan. *Televisão e educação*. Porto Alegre: Artmed, 1996.

GALLIMARD, Jeunesse. *A imagem*. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

GIACOMANTONIO, Marcello. *O ensino através dos audiovisuais*. São Paulo: Summus, 1981.

GRAÇA, Marina E. *Entre o olhar e o gesto: elementos para uma poética da imagem animada*. São Paulo: Senac, 2009.

HAMANN, Fernanda P.; SOUZA, Solange J.; PIRES, Cecília C. *Juro que vi... Lendas brasileiras: adultos e crianças na criação de desenhos animados*. Rio de Janeiro: Multirio/Núcleo de Publicações, 2004.

KUNSCH, Margarida (Org.). *Comunicação e educação: caminhos cruzados*. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.

LUCENA JÚNIOR, Alberto. *Arte da animação: técnica e estética através da história*. 2. ed. São Paulo: Senac, 2005.

SILVA, Salete. T. A. Desenho animado e educação. In: CITELLI, Adilson. *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática*. São Paulo: Cortez, 2008.

Música

ANDRADE, Mário de. *Dicionário musical brasileiro*. São Paulo: IEB/Edusp, 1989.

BEYER, Esther. *Ideias em educação musical*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

_____; KEBACH, Patrícia (Org.). *Pedagogia da Música: experiências de apreciação musical*. Porto Alegre: Mediação, 2015.

CAGE, John. *De segunda a um ano*. São Paulo: Cobogó, 2013.

FONTEERRADA, Marisa. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2005.

KEBACH, Patrícia Fernanda Carmem (Org.). *Expressão Musical na Educação Infantil*. Porto Alegre: Mediação, 2013.

MARIZ, Vasco. *História da música no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

MOURA, Ieda C.; BOSCARDIN, Maria T.; ZAGONEL, Bernadete. *Musicalizando crianças: teoria e prática da educação musical*. São Paulo: InterSaberes, 2013.

SCHAFER, Murray. *Le paysage sonore*. Marseille: Wildproject, 2010.

_____. *O ouvido pensante*. 3. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2013.

TINHORÃO, José R. *Pequena história da música popular: da modinha à canção de protesto*. 7. ed. São Paulo: 34, 2013.

WISNIK, José M. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Dança

BARRETO, Débora. *Dança... ensino, sentidos e possibilidades na escola*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

BREGOLATO, Roseli. *Cultura corporal da dança*. 3. ed. São Paulo: Ícone, 2007.

CORTES, Gustavo. *Dança, Brasil! Festas e danças populares*. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

FERREIRA, Táís; FALKEMBACH, Maria T. *Teatro e Dança nos anos iniciais*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

KATZ, Helena. *Brasil descobre a dança, a dança descobre o Brasil*. São Paulo: DBA, 1994.

LABAN, Rudolf. *Dança educativa moderna*. São Paulo: Ícone, 1990.

_____. *Domínio do movimento*. 5. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

MARQUES, Isabel. *A dança no contexto*. São Paulo: Ícone, 1999.

_____. *Interações: crianças, dança e escola*. São Paulo: Blucher, 2012.

OSSONA, Paulina. *A educação pela dança*. 6. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

VIANNA, Klaus. *A dança*. São Paulo: Summus, 2005.

Teatro

CABRAL, Beatriz. *Drama como método de ensino*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

_____. *Ensino do teatro: experiências interculturais*. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1998.

CHACRA, Sandra. *Natureza e sentido da improvisação teatral*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

COURTNEY, Richard. *Jogo, teatro e pensamento*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

DESGRANGES, Flávio. *Pedagogia do Teatro: provocação e diálogo*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

JAPIASSU, Ricardo. *Metodologia do ensino do teatro*. 9. ed. Campinas: Papirus, 2001.

KOUDELA, Ingrid. *Brecht na pós-modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

_____. *Brecht: um jogo de aprendizagem*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

_____. *Jogos teatrais*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. *Texto e jogo*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

NOVELLY, Maria C. *Jogos teatrais: exercícios para grupos e sala de aula*. Campinas: Papirus, 1994.

SANTANA, Arão P. de. *Teatro e formação de professores*. São Luís: EDUFMA, 2009.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. *Brincadeira e conhecimento: do faz de conta à representação teatral*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

SILVA, Isabel de Oliveira e; SILVA, Ana Paula Soares da; MARTINS, Aracy Alves (Org.). *Infâncias do Campo*. São Paulo: Autêntica, 2013.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

_____. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. *O jogo teatral no livro do diretor*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

STANISLAVSKI, Constantin. *A criação de um papel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.



Ensino Fundamental – Anos Iniciais
Componente curricular: Arte

Eliana Pougy

Bacharel em Comunicação Social pela
Fundação Armando Álvares Penteado (Faap)
Especialista em Linguagens da Arte pelo
Centro Universitário Maria Antônia da Universidade de São Paulo (Ceuma-USP)
Mestra em Educação pela Universidade de São Paulo (USP)
Doutora em Teoria Política com foco em Educação na
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
Autora de livros didáticos e paradidáticos sobre Arte

André Vilela

Licenciado em Educação Artística pela
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp-SP)
Coordenador pedagógico do programa Fábricas de Cultura de São Paulo
Professor de cursos de capacitação e de formação de professores em Arte
Professor de História da Arte
Autor de livros didáticos sobre Arte

2ª edição

São Paulo, 2017

Atualizado de acordo com a BNCC.

ea
editora ática



editora ática

Direção geral: Guilherme Luz

Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas

Gestão de projeto editorial: Tatiany Renó

Gestão e coordenação de área: Alice Silvestre e Camila De Pieri Fernandes

Edição: André Saretto (assist.), Fabiana Marsaro e Renato Malkov

Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga

Planejamento e controle de produção: Paula Godo, Roseli Said e Marcos Toledo

Revisão: Héliá de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Ana Curci, Cesar G. Sacramento, Gabriela M. de Andrade, Heloisa Schiavo, Maura Loria, Patricia Cordeiro e Rita de Cássia C. Queiroz

Arte: Daniela Amaral (ger.), Claudio Faustino (coord.), Yong Lee Kim (edição de arte), Jacqueline Ortolan e Lívia Vitta Ribeiro (edit. arte)

Iconografia: Silvio Klugin (ger.), Denise Durand Kremer (coord.), Thaisi Albarracin Lima (pesquisa iconográfica)

Licenciamento de conteúdos de terceiros:

Cristina Akisino (coord.), Liliâne Rodrigues (licenciamento de textos), Erika Ramires e Claudia Rodrigues (analistas adm.)

Tratamento de imagem: Cesar Wolf e Fernanda Crevin

Ilustrações: Andrea Ebert, Ariel Fajtlowicz, Galvão, Joana Resek e Roberto Weigand

Design: Gláucia Correa Koller (ger. e proj. gráfico) e Talita Guedes da Silva (proj. gráfico e capa)

Ilustração de capa: ArtefatoZ

Todos os direitos reservados por Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221, 3ª andar, Setor A

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061

www.atica.com.br / editora@atica.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pougy, Eliana
Ápis arte, 2º ano : ensino fundamental, anos iniciais / Eliana Pougy, André Vilela. -- 2. ed. -- São Paulo : Ática, 2017.

Suplementado pelo manual do professor.

Bibliografia.

ISBN 978-85-08-18811-6 (aluno)

ISBN 978-85-08-18812-3 (professor)

1. Arte (Ensino fundamental) I. Vilela, André.
II. Título.

17-11163

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

2017

Código da obra CL 713534

CAE 624246 (AL) / 624247 (PR)

2ª edição

1ª impressão

Atualizado de acordo com a BNCC.

Impressão e acabamento





APRESENTAÇÃO

BRINCAR É IMPORTANTE? A ARTE FAZ PENSAR?
BRINQUEDO PODE SER ARTE? A ARTE PODE SER FEITA
DE TUDO? A ARTE PODE UNIR AS PESSOAS? ARTE É
PATRIMÔNIO?

ESSAS E MUITAS OUTRAS PERGUNTAS FAZEM
PARTE DOS NOSSOS PENSAMENTOS DESDE QUE NÓS
TÍNHAMOS A SUA IDADE!

PARA RESPONDER A ESSAS QUESTÕES, ESTUDAMOS
ARTE NA ESCOLA E TAMBÉM FORA DELA.

ASSIM, FOMOS APRENDENDO E ORGANIZANDO
IDEIAS, ELABORANDO OUTRAS PERGUNTAS E
ORDENANDO PENSAMENTOS.

AFINAL, NÓS SÓ APRENDEMOS QUANDO FAZEMOS
PERGUNTAS E VAMOS ATRÁS DE RESPOSTAS, NÃO
É MESMO?

POR ESSE MOTIVO, PROCURAMOS TRAZER NESTE
LIVRO DE ARTE DIVERSOS QUESTIONAMENTOS...

E É POR ISSO QUE PROPOMOS A VOCÊ QUE, AO
LONGO DOS ESTUDOS, BUSQUEMOS, JUNTOS,
RESPOSTAS PARA ELES!

VAMOS REFLETIR SOBRE O FAZER ARTÍSTICO,
EXPERIMENTAR LINGUAGENS, APRECIAR AS MAIS
DIVERSAS OBRAS, CONHECER A VIDA E O TRABALHO
DE DIFERENTES ARTISTAS E PRODUZIR MUITA ARTE.

DESSA MANEIRA, ESPERAMOS QUE VOCÊ CHEGUE A
ALGUMAS CONCLUSÕES, FAÇA VÁRIAS DESCOBERTAS
E PROPONHA MUITAS NOVAS PERGUNTAS SOBRE ARTE!

BOM APRENDIZADO!

OS AUTORES



CONHEÇA SEU LIVRO

AO FOLHEAR ESTE LIVRO, VOCÊ VAI VER QUE ELE CONTÉM ILUSTRAÇÕES, FOTOGRAFIAS, IMAGENS DE OBRAS DE ARTE, TEXTOS E ATIVIDADES. VAMOS ENTENDER COMO ELE ESTÁ ORGANIZADO?

UNIDADE

O LIVRO TEM DUAS UNIDADES, COM UMA INTRODUÇÃO, DOIS CAPÍTULOS E UM ENCERRAMENTO CADA UMA DELAS. A INTRODUÇÃO APRESENTA UMA IMAGEM DE PÁGINA DUPLA E UMA PERGUNTA QUE VAI CONDUZIR O ESTUDO DE TODA A UNIDADE. EM SEGUIDA, HÁ UMA SENSIBILIZAÇÃO E UMA EXPERIMENTAÇÃO PARA VOCÊ COMEÇAR A EXPLORAR O TEMA.



VOCE JÁ VU ALGUMA FORMA DE ARTE NAS RUAS, EM UMA PRAÇA OU EM UM PARQUE? NO LUGAR ONDE VOCÊ MORAR COMO VOCÊ SE SENTIRIA AO ENCONTRAR UMA OBRA DE ARTE EM UM LUGAR ASSIM NA SUA CIDADE? POR QUE ALGUNS ARTISTAS ESCOLHEM ESPAÇOS PÚBLICOS PARA DIVULGAR A ARTE DELES?


UNIDADE 1 **TEATRO: A IMAGINAÇÃO GANHA VIDA!**

O TEATRO DA CIA. TRUKS
A ARTE É CAPAZ DE DESPERTAR NOSSA IMAGINAÇÃO E PODE FAZER ISSO DE MUITAS MANEIRAS! QUEM UM EXEMPLO? OBSERVE ALGUNS DOS OBJETOS DA SUA SALA DE ÁGUA, LAPIS, CADERNOS, CADEIRAS... VOCÊ ACHA QUE ELAS PODERIAM GANHAR VIDA?
VAMOS CONHECER O TRABALHO DE UM GRUPO DE TEATRO QUE MOSTRA QUE ISSO É POSSÍVEL!

PARA REFLETIR

1. VOCÊ JÁ FOI AO TEATRO? O QUE VOCÊ SENTIU?
2. JÁ ASSISTIU A UMA PEÇA DE TEATRO EM QUE OS PERSONAGENS ERAM BONECOS? O QUE ACHOU DA ENCENAÇÃO?
3. COMO É POSSÍVEL CRIAR PERSONAGENS E CONTAR HISTÓRIAS USANDO OBJETOS?

OBSERVE A IMAGEM AO LADO. QUAIS OBJETOS VOCÊ VÊ NELA? OLHANDO PARA A IMAGEM, VOCÊ SE LEMBRA DE ALGUM ANIMAL? QUAL?



COMPOSIÇÃO DE OBJETOS PARA O ESPETÁCULO ZOO-LÓGICO DA CIA. TRUKS, SÃO PAULO, 2004.

CAPÍTULO

CADA CAPÍTULO ABORDA UMA LINGUAGEM ARTÍSTICA. ALÉM DE APRENDER MAIS SOBRE AS ARTES VISUAIS, O TEATRO, A DANÇA E A MÚSICA, VOCÊ REALIZARÁ ATIVIDADES E EXPERIMENTAÇÕES QUE VÃO AUXILIÁ-LO A RESPONDER À PERGUNTA DA UNIDADE.

CONHECENDO OBRAS E ARTISTAS
CADA CAPÍTULO COMEÇA COM A APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE UM ARTISTA OU GRUPO, COM EXEMPLOS DE OBRAS E INFORMAÇÕES SOBRE ELE E AS TÉCNICAS QUE UTILIZA. EM SEGUIDA, VOCÊ VAI CONHECER MAIS SOBRE AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS, POR MEIO DE TEXTOS E ATIVIDADES PRÁTICAS.

AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL

ALDEMIR MARTINS
ATE SÓLUI, VIMOS LUM CISEM EM UM ESPETÁCULO DE DANÇA E UMA BALEIA-AZUL EM FORMA DE ESCULTURA. ESSES E OUTROS ANIMAIS SÃO TEMAS DAS OBRAS DE ARTE DE MUITOS ARTISTAS!
UM DESSES ARTISTAS É O CEARENSE ALDEMIR MARTINS (1922-2004). UM DOS PINTORES MAIS IMPORTANTES DO BRASIL, EM SUAS OBRAS, CHEIAS DE CORES FORTES, ELE VALORIZA AS PAISAGENS DE NOSSO PAÍS. ALDEMIR MARTINS TAMBÉM PINTOU VÁRIOS ANIMAIS. VEJA ALGUNS EXEMPLOS A SEGUIR.



TRÊS GATOS DE ALDEMIR MARTINS, 2004 (ARTE DA BALEIA-AZUL)

GAO, DE ALDEMIR MARTINS, 1977 (ARTE DA BALEIA-AZUL)

E VOCÊ? TEM UM ANIMAL PREFERIDO? QUAL GOSTARIA DE VER EM UMA PINTURA COMO AS DE ALDEMIR MARTINS?

QUE OBRA É ESSA?
O ESPETÁCULO ZOO-LÓGICO FOI CRIADO PELA CIA. TRUKS EM 2004, EM PARCERIA COM O ARTISTA CLÁUDIO SALTINI.
NA PEÇA, DOIS AMIGOS DECIDEM IR AO ZOO-LÓGICO, MAS, AO CHEGAR LÁ, ENCONTRAM AS PORTAS FECHADAS. SABE O QUE ELAS FAZEM ENTÃO? USAM A IMAGINAÇÃO PARA INVENTAR SEU PRÓPRIO ZOO-LÓGICO, CRIANDO ANIMAIS COM TALHERES, BACIAS, PEDAÇOS DE PÃO E OUTROS OBJETOS DO DIA A DIA.
OBSERVE MAIS ALGUMAS IMAGENS DO ESPETÁCULO ZOO-LÓGICO E VEJA OUTROS ANIMAIS CRIADOS PELO GRUPO DE ARTISTAS. VOCÊ RECONHECE TODOS OS OBJETOS USADOS EM CADA UM DELES?

SAPOEIRO NO ESPETÁCULO ZOO-LÓGICO DA CIA TRUKS, SÃO PAULO, 2004

QUAIS OBJETOS FORAM USADOS PARA COMPOR OS SAPOEIRO?

BOIA NO ESPETÁCULO ZOO-LÓGICO DA CIA TRUKS, SÃO PAULO, 2004

QUE OBJETOS OS ARTISTAS UTILIZARAM PARA CRIAR A FOCA? AS MÃOS DOS ATORES FORAM USADAS PARA DAR VIDA À QUE PARTES DO ANIMAL?


AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL
VOCÊ VAI CONHECER OUTRAS OBRAS E ARTISTAS DE DIFERENTES LINGUAGENS ARTÍSTICAS QUE SE RELACIONAM COM A OBRA DO ARTISTA OU DO GRUPO APRESENTADO NO INÍCIO DO CAPÍTULO.

EXPERIMENTAÇÃO

VOCÊ VAI REALIZAR ATIVIDADES DE VIVÊNCIA E DE EXPERIMENTAÇÃO ARTÍSTICA, TESTANDO TÉCNICAS E EXPLORANDO ELEMENTOS DAS LINGUAGENS DA ARTE.

EXPERIMENTAÇÃO

- QUE TAL FAZER COMO GISELDA FERNANDES E, COM OS COLEGAS, APRESENTAR UM ESPETÁCULO DE DANÇA INSPIRADO NOS ANIMAIS?
- FORME UM GRUPO COM NOVE COLEGAS.
- COM O GRUPO, ESCOLHA OS ANIMAIS QUE VÃO INSPIRAR A APRESENTAÇÃO DE VOCÊS.
- COM OS COLEGAS, PENSE NOS SONS E NOS MOVIMENTOS QUE OS ANIMAIS ESCOLHIDOS FAZEM.
- AGORA, CRIE UMA SEQUÊNCIA DESSES MOVIMENTOS. DEPOIS, ESCOLHA UMA MÚSICA PARA SER USADA NA APRESENTAÇÃO.
- ENSAIE ATÉ DECORAR TODOS OS MOVIMENTOS.



APRESENTANDO

- COMBINE COM O PROFESSOR O DIA DA APRESENTAÇÃO.
- CONVITE SUA FAMÍLIA, OS COLEGAS E A COMUNIDADE ESCOLAR PARA ASSISTIR AO ESPETÁCULO!

REGISTRANDO

- TIRE FOTOGRAFIAS DOS ENSAIOS E DA APRESENTAÇÃO. DEPOIS, IMPRIMA ALGUMAS E GUARDE NO PORTFÓLIO!

O QUE ESTUDAMOS

- A ARTE MEXE COM AS EMOÇÕES E PODE SURPREENDER.
- NA PEÇA **ZOO LÓGICO**, A CIA, TRUK DÁ VIDA A OBJETOS DO COTIDIANO E ESTIMULA NOSSA IMAGINAÇÃO.
- A ARTE PODE NOS FAZER PENSAR EM COMO CUIDAMOS OS ANIMAIS E COMO INTERAGIMOS COM ELES.
- O TEATRO DE OBJETOS E O TEATRO DE BONECOS SÃO TIPOS DE TEATRO DE ANIMAÇÃO.
- OS PERSONAGENS PODEM SER REAIS OU FICTÍCIOS.
- OS PERSONAGENS TAMBÉM PODEM SER ANIMAIS, PLANTAS OU OBJETOS.
- PARA INTERPRETAR OS PERSONAGENS, OS ATORES PODEM USAR BONECOS, OBJETOS E SOMBRAS, ALÉM DO PRÓPRIO CORPO.
- OS ANIMAIS PODEM SER TEMA DE MÚSICAS E CANÇÕES.
- ALGUNS POVS INDÍGENAS BRASILEIROS PRODUZEM OBJETOS INSPIRADOS EM ANIMAIS.

DICA DE VISITAÇÃO

NA CIDADE EM QUE VOCÊ MORAR EXISTE ALGUMA COMPANHIA DE TEATRO DE ANIMAÇÃO? SE SIM, VÁ, DEIXE DE VISITA-LA COM OS COLEGAS E O PROFESSOR!

É HORA DE RETOMAR O PORTFÓLIO

QUE VOCÊ APRENDEU NESTE CAPÍTULO? EM UMA FOLHA DE PAPEL QUADRO, FAÇA UMA COLAGEM E MOSTRE O QUE VOCÊ MAIS GOSTOU DE ESTUDAR.

O QUE ESTUDAMOS

FINALIZANDO O CAPÍTULO, HÁ UMA SÍNTESE DOS ASSUNTOS ABORDADOS, DICAS DE VISITAS CULTURAIS E UMA RETOMADA DO SEU PORTFÓLIO.

FAZENDO ARTE


PARA CONCLUIR A UNIDADE RETOMAMOS A PERGUNTA PROPOSTA INICIALMENTE E TRABALHADA AO LONGO DOS CAPÍTULOS. VOCÊ VAI REALIZAR UMA ATIVIDADE DE FAZER ARTÍSTICO, INSPIRADA NAS OBRAS DOS ARTISTAS OU GRUPOS ESTUDADOS, QUE O AJUDARÁ A RESPONDER À PERGUNTA INICIAL.

FAZENDO ARTE

VAMOS ENCERRAR ESTA UNIDADE CRIANDO UMA INTERVENÇÃO INSPIRADA NO TRABALHO DE THIAGO COSTACAZ. ESSA INTERVENÇÃO DEVE LEVAR O PÚBLICO A REFLETIR SOBRE OS ANIMAIS AMEAÇADOS PELA POLUIÇÃO DOS RIOS E DOS MARES.

- PARA COMEÇAR, CADA ALUNO DA TURMA DEVE FAZER UMA PABINHA, UM TIPO DE PIRA SEM VARETAS CUJO NOME REMETE AO DA PABIA, UM PEixe QUE CORRE RISCO DE EXTINÇÃO.


PARA FAZER SUA PABINHA, COMECE ENROLANDO A FOLHA DE JORNAL ABERTA ATÉ A METADE.




MATERIAL NECESSÁRIO

- UMA FOLHA DE JORNAL
- BARBANTE
- TESOURA COM PONTAS ARREDONDADAS
- PAPEL CREPOM
- PAPEL LAMINADO
- COLA BRANCA
- VARA DE BAMBU


DOBRE A OUTRA METADE DA FOLHA QUASE NO MEIO, DEIXANDO UM LADO MAIOR QUE O OUTRO.




PASSE COLA BRANCA NA SOBRA, DOBRE PARA DENTRO E APERTE.



A PARTE EM QUE NÃO HÁ JORNAL ENROLADO SERÁ O RABO DA SUA PABINHA. DOBRE AS DUAS PONTAS PARA DENTRO E COLE-AS PARA DAR A FORMA DE PEIXE.




PARA DECORAR, RECORTE E COLE DOIS CÍRCULOS DE PAPEL LAMINADO PARA FAZER OS OLHOS DA PABINHA. DEPOIS, FAÇA AS BARBATANAS TAMBÉM COM PAPEL LAMINADO. POR ÚLTIMO, FAÇA O RABO COM O PAPEL CREPOM.



ALÉM DESSAS SEÇÕES, SEU LIVRO TAMBÉM APRESENTA ALGUNS BOXES:

ARTE E GEOGRAFIA

OUTROS ARTISTAS TAMBÉM CRIAM OBRAS QUE NOS SURPREENDEM E, AO MESMO TEMPO, NOS FAZEM PENSAR SOBRE NOSSA RELAÇÃO COM A NATUREZA. VEJA O EXEMPLO.



ESCALATURA DE BALEIA-AZUL, FEITA COM

ARTE E...

MOSTRA COMO A ARTE SE RELACIONA AOS CONTEÚDOS E AOS PROCEDIMENTOS DE OUTROS COMPONENTES CURRICULARES.

Saiba mais

A pipa é um brinquedo muito conhecido no Brasil e já foi tema do trabalho de muitos artistas visuais. Observe a obra ao lado.

Que sentimentos e sensações essa obra desperta em você? Você já soltou pipa? O que achou?

Menino soltando pipa, de Cândido Portinari, 1947 (óleo sobre tela, 60,5 cm x 73,5 cm).



SAIBA MAIS

APRESENTA CURIOSIDADES E MAIS INFORMAÇÕES SOBRE ASSUNTOS E CONTEÚDOS ABORDADOS NO LIVRO.

SUGESTÃO DE...

LIVRO

ORIGAMI PARA CRIANÇAS: ANIMAIS DA TERRA, DO AR E DO MAR, DE NAOKI ONO E ROSHIN ONO (PUBLICOLINHA, 2015). TRAZ PASSO A PASSO E MATERIAL PARA VOCÊ CRIAR DIVERSOS ORIGAMIS DE ANIMAIS!



SUGESTÃO DE...

APRESENTA UMA SELEÇÃO DE SITES, VÍDEOS, LIVROS E FILMES PARA VOCÊ.

OS ÍCONES DISTRIBUÍDOS EM ALGUMAS PÁGINAS MOSTRAM COMO AS ATIVIDADES DEVEM SER REALIZADAS:



ATIVIDADE INDIVIDUAL



ATIVIDADE EM DUPLA



ATIVIDADE EM GRUPO



ATIVIDADE ORAL



ATIVIDADE ESCRITA

SUMÁRIO

UNIDADE 1 A ARTE FAZ PENSAR? 8

A ARTE EMOCIONA!	10
A ARTE SURPREENDE!	11
EXPERIMENTAÇÃO	12

CAPÍTULO 1 TEATRO: A IMAGINAÇÃO GANHA VIDA!.....14

O TEATRO DA CIA. TRUKS.....	14
PARA INICIAR	14
QUE OBRA É ESSA?.....	16
COMO A OBRA FOI FEITA?.....	18
CRIANDO DIFERENTES PERSONAGENS	20
PERSONAGENS REAIS	20
PERSONAGENS DE FICÇÃO	20
PERSONAGENS QUE SÃO ANIMAIS, PLANTAS OU OBJETOS.....	22
DANDO VIDA AOS PERSONAGENS	24
COM BONECOS	24
COM O PRÓPRIO CORPO	24
COM SOMBRAS	25
OUTROS TRABALHOS DA CIA. TRUKS	26
AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL....	28
O FORRÓ DE BENÍCIO GUIMARÃES	28
OS OBJETOS INSPIRADOS EM ANIMAIS DOS POVOS INDÍGENAS BRASILEIROS ..	29
EXPERIMENTAÇÃO	30
O QUE ESTUDAMOS	31



Ilustrações: Galvão/Arquivo da editora

6

CAPÍTULO 2 DANÇAR PARA ALERTAR!..... 32 A DANÇA DE GISELDA FERNANDES 32

PARA INICIAR	32
QUE OBRA É ESSA?.....	34
COMO A OBRA FOI FEITA?.....	36
MOVIMENTOS CORPORAIS.....	38
TIPOS DE MOVIMENTO.....	38
DE UM MOVIMENTO A OUTRO	42
OUTROS TRABALHOS DE GISELDA FERNANDES	44
AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL....	46
ALDEMIR MARTINS	46
A ARTE JAPONESA DO ORIGAMI	47
EXPERIMENTAÇÃO	48
O QUE ESTUDAMOS	49

A ARTE FAZ PENSAR!..... 50 A INTERVENÇÃO DE THIAGO CÓSTACKZ

50	50
QUE OBRA É ESSA?.....	52
COMO A OBRA FOI FEITA?.....	53
FAZENDO ARTE	54
O QUE ESTUDAMOS	57



UNIDADE
2

**BRINQUEDO
PODE SER ARTE? .. 58**

BRINQUEDOS DE MONTÃO!..... 60
EXPERIMENTAÇÃO63

**CAPÍTULO 3
UM MUSEU DE BRINQUEDO!.....64**

AS ESCULTURAS DE DIM BRINQUEDIM.. 64
PARA INICIAR64
QUE OBRA É ESSA?.....66
COMO A OBRA FOI FEITA?.....68
PINTURAS, ESCULTURAS E COLAGENS70
PINTURA.....70
ESCULTURA72
COLAGEM74
ASSEMBLAGEM74
OUTROS TRABALHOS DE
DIM BRINQUEDIM76
AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL...78
BONECAS DO MUNDO TODO.....78
BRINQUEDOS DE MIRITI.....79
EXPERIMENTAÇÃO80
O QUE ESTUDAMOS81



Angela Mader/Arquivo do Museu

**CAPÍTULO 4
UMA ORQUESTRA
DE BRINQUEDO!..... 82**

**A MÚSICA DA ORQUESTRA DE
BRINQUEDOS..... 82**
PARA INICIAR82
QUE OBRA É ESSA?.....84
COMO A OBRA FOI FEITA?.....86
PROPRIEDADES DOS SONS.....88
SONS FORTES.....88
SONS FRACOS88
SONS GRAVES.....90
SONS AGUDOS.....90
SONS LONGOS.....92
SONS CURTOS92
OUTROS TRABALHOS DA ORQUESTRA
DE BRINQUEDOS94
AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL...96
O QUEBRA-NOZES96
BRINQUEDOS INDÍGENAS
BRASILEIROS97
EXPERIMENTAÇÃO98
O QUE ESTUDAMOS99

BRINQUEDO PODE SER ARTE!....100

**A EXPOSIÇÃO DE SÁLUA CHEQUER
E ZÉ DE ROCHA 100**
COMO A EXPOSIÇÃO FOI FEITA? 102
FAZENDO ARTE104
O QUE ESTUDAMOS 109

BIBLIOGRAFIA 110



Ilustrações: Galvão/Arquivo da editora

Unidade 1

A arte faz pensar?

Cada unidade dos livros da coleção traz uma proposta de Projeto de Trabalho prevista para durar um semestre e busca criar um diálogo entre os interesses dos estudantes e o desenvolvimento das competências e habilidades presentes na BNCC, com vistas ao desenvolvimento de seus conhecimentos artísticos e estéticos e ao aprendizado da arte.

O projeto proposto para a unidade 1 contempla os seguintes aspectos:

- **Questão norteadora:** A arte faz pensar?
- **Tema contemporâneo:** Educação ambiental, com foco no cuidado com os animais.
- **Capítulo 1:** Elementos do teatro de animação, em especial o teatro de objetos.
- **Capítulo 2:** Elementos da dança contemporânea.
- **Produto final:** Intervenção artística que faça o público refletir sobre a preservação do meio ambiente e o cuidado com os animais.

As questões do boxe e a ilustração ajudam a iniciar e apresentar as discussões da unidade 1, que traz um problema em forma de questão relacionado ao estudo de intervenções artísticas. Essa forma de arte, inscrita no campo das artes integradas da BNCC, relaciona-se às demais linguagens artísticas (artes visuais, dança, música e teatro) e se caracteriza, principalmente, por tomar os espaços públicos como campos de investigação e divulgação da arte. Dessa forma, a intervenção expande o conceito de arte e também o seu modo de circulação. Em geral, as intervenções buscam causar um estranhamento no público, alterando a rotina da vida cotidiana.

A educação ambiental e o cuidado com os animais serão abordados, ao longo do percurso sugerido nos capítulos, como exemplos de temas que podem ser pensados pela arte.



Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Expectativas de aprendizagem desta unidade

- Identificar e reconhecer aspectos característicos do teatro e da dança.
- Conhecer obras de diversas linguagens artísticas e identificar as possibilidades de integração entre elas.
- Conhecer e experimentar atividades relacionadas à linguagem corporal e à expressividade gestual e coreográfica.
- Estabelecer relações entre movimento, expressividade e espaço.



VOCÊ JÁ VIU ALGUMA FORMA DE ARTE NAS RUAS, EM UMA PRAÇA OU EM UM PARQUE NO LUGAR ONDE VOCÊ MORA? COMO VOCÊ SE SENTIU AO ENCONTRAR UMA OBRA DE ARTE EM UM LUGAR ASSIM? NA SUA OPINIÃO, POR QUE ALGUNS ARTISTAS ESCOLHEM ESPAÇOS PÚBLICOS PARA DIVULGAR A ARTE DELES?

9

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Competências desta unidade

- Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
- Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
- Problematicar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.
- Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

A BNCC nestas páginas

Processos de criação

BNCC EF15AR23

Neste momento, por meio da mobilização dos conhecimentos prévios, os estudantes serão sensibilizados para o trabalho com diferentes linguagens artísticas em projetos temáticos, principalmente o teatro e a dança.

- Estabelecer relações entre questões ambientais e produção artística.
- Apreciar obras de teatro e de dança e descrever o que vê e sente em relação a elas.
- Comunicar aos colegas sua apreciação, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e alguns de seus trabalhos.

A arte emocional!

Realize a leitura coletiva da imagem e do texto. O objetivo é levar os alunos a refletir sobre aquilo que a arte pode provocar. Para orientar a leitura, faça perguntas como: “O que o garoto está fazendo?”; “Observem o rosto dele. O que ele parece estar sentindo?”; “Ele parece estar se divertindo?”.

Pergunte aos estudantes que emoções eles sentem quando veem uma imagem, escutam uma música ou assistem a um filme ou a uma peça de teatro. Converse com eles sobre as vezes em que tomaram contato com obras de arte e sobre as emoções que elas costumam lhes provocar.

Abaixo, indicamos uma leitura que pode ajudar a compreender um pouco mais sobre o sentido que atribuímos às obras de arte. Se possível, leia o texto na íntegra.

A ARTE EMOCIONA!

VOCÊ JÁ CHOROU OUVINDO UMA MÚSICA? OU DEU MUITAS RISADAS ASSISTINDO A UM FILME? JÁ SE SENTIU DIFERENTE DEPOIS DE VER UMA PINTURA? SE SIM, COMO FORAM ESSAS EXPERIÊNCIAS?



ESSAS SITUAÇÕES ACONTECEM PORQUE A ARTE PODE MEXER COM NOSSAS EMOÇÕES E MUDAR ALGUMA COISA DENTRO DA GENTE!

COM SUAS OBRAS, OS ARTISTAS PODEM NOS FAZER SENTIR ALEGRIA, TRISTEZA, CALMA, RAIVA... ALGUMA OBRA DE ARTE JÁ FEZ VOCÊ SENTIR ALGUMA DESSAS EMOÇÕES?

10

UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Arte e cultura

[...] situar a arte no campo de uma cultura é compreender que o sentido e o valor que atribuímos às práticas artísticas e aos objetos de arte, assim como os atos que lhe dão nascença, se concebem e se determinam em função de múltiplos fatores e circunstâncias que dependem do meio ambiente não artístico, no qual outras escolhas, outras crenças e outros desejos são investidos.

[...] uma das virtudes da arte reside certamente na contribuição que ela traz para o enriquecimento de nossa experiência, da compreensão de nós mesmos e do mundo [...].

Arte como experiência

A noção de experiência aqui não recebe somente um conteúdo relacional que pressupõe levar em conta os elementos contextuais; ela se

A ARTE SURPREENDE!

MUITAS VEZES, A EMOÇÃO QUE OS ARTISTAS E SUAS OBRAS NOS FAZEM SENTIR É SURPRESA!



O CONTATO COM A ARTE, PRINCIPALMENTE ONDE E QUANDO A GENTE MENOS ESPERA, PODE NOS SURPREENDER E NOS DEIXAR PENSATIVOS.

AFINAL, O QUE O ARTISTA QUIS DIZER COM AQUELA OBRA? SERÁ QUE ELE TEVE ALGUMA INTENÇÃO? SERÁ QUE ELE QUIS PASSAR UMA MENSAGEM?

ALGUMA OBRA DE ARTE JÁ SURPREENDEU VOCÊ? CONTE PARA OS COLEGAS E O PROFESSOR.

» INTRODUÇÃO

11

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A arte surpreende!

Pergunte aos alunos se uma obra de arte já os surpreendeu em alguma ocasião. Neste momento, é importante construir um contexto para a pergunta que irá orientar as reflexões, pesquisas e discussões dos estudantes no projeto, de maneira a inter-relacionar os diferentes conteúdos dos capítulos. Portanto, é importante que pensem a respeito do papel de promover reflexões que a arte pode desempenhar. Para isso, faça perguntas como: “Vocês se lembram de ter visto, ouvido ou assistido a uma obra ou apresentação artística que os deixou pensativos?”; “Os artistas podem usar a arte para transmitir uma ideia ou sentimentos às pessoas? Como isso pode acontecer?”.

A BNCC nestas páginas

Processos de criação

BNCC EF15AR23

Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, ao refletir sobre os impactos das obras de arte em seu público, os estudantes terão oportunidade de ampliar o repertório relativo às diferentes linguagens artísticas, bem como o reconhecimento das relações processuais entre elas.

inscreve à contracorrente de uma concepção das relações sujeito/objeto que se traduz, o mais frequente, em uma reificação do objeto e/ou em uma visão do sujeito que, em um jogo de pêndulo absolutamente típico e insensato, põe o peso das análises ora sobre o sujeito, ora sobre o objeto compreendidos na relação [...].

Nosso interesse é tão grande que nos faz lançar sobre este conceito para compreender como o que parece se concentrar sobre uma experiência específica, geralmente tida por autônoma, de ordem emocional e independente do tipo de interesse, participa de fato da compreensão do mundo e de sua construção, comunicando com fatores e condições de ordem cognitiva, fazendo apelo às aprendizagens, e mesmo às convenções. COMMETTI, Jean-Pierre. Arte e experiência estética na tradição pragmatista. *Poiésis*, n. 12, p. 163-178, nov. 2008. Disponível em: <www.poesis.uff.br/PDF/poesis12/Poesis_12_pragmatista.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

Experimentação

Para realizar a **primeira experimentação**, na qual os alunos têm de expressar sentimentos usando partes do corpo, providencie duas caixinhas onde eles possam depositar os pedaços de papel. Diferencie as caixas escrevendo “Sentimentos e sensações” e “Partes do corpo” na frente de cada uma.

Antes de os estudantes escreverem ou desenharem nos papéis, converse com eles sobre os diversos sentimentos, sensações, estados de espírito e humores que podem ser explorados na atividade. Assim, eles poderão mencionar ideias diferentes, como pressa, paciência, esperança, curiosidade, etc.

Para elaborar o movimento a ser feito, peça aos alunos que primeiro pensem em como o corpo inteiro se comporta quando eles sentem uma determinada emoção e, então, que procurem se lembrar especificamente de como a parte do corpo que foi sorteada reage. Se as crianças tiverem dificuldade, dê exemplos. Caso alguém sorteie “irritação” e “pés”, por exemplo, você pode representar essa sensação batendo os pés no chão bem rápido; a mesma reação serviria para o sentimento de “impaciência”. Ao fim da atividade, pergunte de que forma eles se inspiraram para representar o sentimento ou sensação sorteada.

Antes de partir para a **segunda experimentação**, em que os alunos deverão interpretar os sentimentos e as sensações de um animal, como aquecimento, você pode pesquisar na internet vídeos que mostrem diferentes comportamentos dos animais escolhidos pelas crianças. Exiba alguns desses vídeos para a turma e peça que observem os movimentos, sons e expressões dos animais em diferentes contextos.

Comece a atividade fazendo pausas maiores ao falar o nome de cada sensação ou sentimento, dando aos alunos mais tempo para pensar nas interpretações. Depois, vá falando os nomes cada vez mais rápido, a fim de trabalhar também a improvisação dos estudantes.

EXPERIMENTAÇÃO

AGORA, QUE TAL EXPERIMENTAR MANEIRAS DIFERENTES DE EXPRESSAR SENTIMENTOS E SENSACÕES?

PARA ISSO, VOCÊ VAI PARTICIPAR DE DUAS EXPERIMENTAÇÕES. AO TERMINAR, CONVERSE COM OS COLEGAS E O PROFESSOR SOBRE COMO FOI CADA UMA DELAS. DEPOIS, GUARDE UM REGISTRO DAS ATIVIDADES NO **PORTFÓLIO**.

SAIBA MAIS

O PORTFÓLIO É UMA PASTA OU CAIXA ONDE VOCÊ DEVE GUARDAR AS SUAS PRODUÇÕES. ELE SERVE PARA AJUDAR A LEMBRAR O QUE FOI ESTUDADO NAS AULAS DE ARTE!

VAMOS TENTAR EXPRESSAR SENTIMENTOS E SENSACÕES USANDO APENAS ALGUMAS PARTES DO CORPO?

- 1 ESCOLHA UM SENTIMENTO OU UMA SENSACÃO E UMA PARTE DO CORPO. DEPOIS, ESCREVA OU DESENHE SUAS ESCOLHAS EM DOIS PEDAÇOS DE PAPEL E DEPOSITE CADA UM DELES NAS CAIXAS QUE O PROFESSOR INDICAR.
- 2 TODOS OS ALUNOS VÃO SORTEAR UM PEDAÇO DE PAPEL DA CAIXA DE SENTIMENTOS E SENSACÕES E OUTRO DA CAIXA DE PARTES DO CORPO. NÃO CONTE AOS COLEGAS O QUE ESTÁ ESCRITO OU DESENHADO NOS PAPÉIS QUE VOCÊ SORTEOU. GUARDE SEGREDO!
- 3 O PROFESSOR VAI CHAMAR UM ALUNO POR VEZ PARA REPRESENTAR O SENTIMENTO OU A SENSACÃO QUE TIROU USANDO APENAS A PARTE DO CORPO SORTEADA. O RESTANTE DA TURMA VAI TENTAR ADIVINHAR O SENTIMENTO QUE VOCÊ ESTÁ REPRESENTANDO!



12

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Para registrar a realização das duas experimentações propostas, você pode pedir aos alunos que façam um desenho daquilo que mais lhes marcou em cada atividade. Outra possibilidade é elaborar um texto coletivo com a turma, fazendo o papel de escriba, e depois pedir que cada estudante guarde uma cópia no portfólio.

Sugestão de...

Site

No site do canal de TV Animal Planet é possível encontrar vídeos que podem ser usados para apresentar o comportamento de diversos animais. Disponível em: <www.brasil.discovery.uol.com.br/animal-planet>. Acesso em: 18 out. 2017.

AGORA, VAMOS INTERPRETAR OS SENTIMENTOS E AS SENSações DE UM ANIMAL!

- 1 ESCOLHA UM ANIMAL PARA REPRESENTAR. PROCURE SE LEMBRAR DE CADA DETALHE DELE: COMO É A CABEÇA, SE TEM OU NÃO TEM FOCINHO, COMO SÃO AS PATAS, SE ANDA OU SE RASTEJA, SE TEM RABO, ETC.
- 2 AGORA, PENSE EM COMO VOCÊ PODERIA IMITAR ESSE ANIMAL. POR EXEMPLO: SE O ANIMAL QUE VOCÊ ESCOLHEU TEM RABO, COM QUE PARTE DO SEU CORPO VOCÊ PODE REPRESENTAR O RABO DELE? E O FOCINHO? E AS ORELHAS?
- 3 O PROFESSOR VAI FALAR O NOME DE UM SENTIMENTO OU DE UMA SENSação EM VOZ ALTA. PENSE EM COMO O ANIMAL QUE VOCÊ ESCOLHEU SE COMPORTARIA AO SENTIR ESSA EMOÇÃO. POR EXEMPLO, SE O PROFESSOR DISSER "MEDO!" E VOCÊ TIVER ESCOLHIDO UM ELEFANTE, PENSE: COMO O ELEFANTE AGIRIA SE ESTIVESSE COM MEDO? QUE SONS ELE FARIA? SERá QUE ELE MOVIMENTARIA A TROMBA DE UM JEITO DIFERENTE?
- 4 DEPOIS, O PROFESSOR VAI FALAR O NOME DE OUTRO SENTIMENTO OU DE OUTRA SENSação PARA CONTINUAR A BRINCADEIRA!



VIMOS QUE A ARTE PODE MEXER COM AQUILO QUE A GENTE SENTE. ELA PODE NOS EMOCIONAR E TAMBÉM NOS SURPREENDER. AO ENTRAR EM CONTATO COM UMA OBRA DE ARTE, SE VOCÊ ESTIVER TRISTE, PODERá FICAR ALEGRE. SE ESTIVER ANIMADO, PODERá FICAR DESANIMADO. SE NÃO TIVER INTERESSE, PODERá SE INTERESSAR! SABENDO QUE A ARTE PODE DESPERTAR ESSES SENTIMENTOS EM NÓS, VAMOS DESCOBRIR DO QUE MAIS ELA É CAPAZ?

13

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nestas páginas

Processos de criação

BNCC EF15AR21

BNCC EF15AR22

A realização das experimentações propostas será uma oportunidade para que os estudantes possam exercitar a imitação e o faz de conta, experimentando-se no lugar do outro, ao representar sentimentos e sensações, de forma intencional e reflexiva, explorando, também, as possibilidades criativas do corpo e da voz.

Ao concluir a abertura da unidade, é importante conversar com os alunos sobre os caminhos e as relações que devem ser estabelecidos no estudo dos capítulos 1 e 2. Neles, os alunos verão conteúdos importantes sobre duas linguagens artísticas – o teatro e a dança – e poderão entender como elas podem estar presentes na realização de intervenções artísticas.

Antes de iniciar o trabalho com o capítulo 1, retome com os alunos a conversa anterior sobre obras de arte que os emocionaram, surpreenderam ou deixaram pensativos. Em seguida, apresente o título do primeiro capítulo, "Teatro: a imaginação ganha vida!", e, então, faça algumas perguntas como: "Do que será que fala este capítulo?"; "Vocês acham que o teatro é um bom jeito de dar vida à nossa imaginação?"; "Vocês acham que objetos podem ajudar a fazer uma encenação?".

Depois, junto com a turma, redija uma lista com tópicos relativos a conteúdos e atividades que eles imaginam que serão trabalhados durante o bimestre. A proposta é que os alunos levantem o que será necessário fazer para responder à pergunta colocada: "A arte faz pensar?". Abaixo, há uma primeira lista de tópicos que pode ser usada como base para o que será trabalhado nos capítulos que seguem. Acate as sugestões deles, caso surjam, e extrapole a sugestão de tópicos relacionados a seguir, promovendo mais atividades, como visitas culturais e técnicas, convidando profissionais para irem à escola serem entrevistados pelos alunos, entre outras possibilidades.

- Descobrir mais sobre o teatro e seus elementos.
- Experimentar jogos teatrais e teatro de animação.
- Conhecer outras formas de arte e outras culturas que representam os animais.
- Criar uma obra coletiva que mostre o que aprendemos sobre o teatro de objetos.

Unidade 1 – Capítulo 1

Teatro: a imaginação ganha vida!

Ao iniciar os estudos do capítulo 1, retome com os estudantes a questão norteadora da unidade: “A arte faz pensar?”. É sempre bom retomar, também, a lista de tópicos relativos aos conteúdos e atividades trabalhados durante o bimestre, disponível na página anterior. Assim, ninguém perde o fio da meada!

O teatro da Cia. Truks

Para iniciar

Neste capítulo, nosso objetivo é que os alunos identifiquem o teatro como uma linguagem artística com recursos e procedimentos específicos. Além de ampliar o repertório artístico e cultural dos estudantes, os conteúdos e as atividades propostos visam proporcionar diferentes experiências com essa linguagem.

Faça a leitura das perguntas do boxe com os alunos e estimule-os a falar sobre as experiências deles com o teatro, especialmente o teatro de animação. Depois, peça aos estudantes que observem as imagens do espetáculo **Zoo-ilógico** e converse sobre elas, chamando atenção para os objetos e para a expressão do ator em cena. Incentive-os a se expressar livremente a respeito delas. Enfatize o fato de a Cia. Truks ter usado materiais inusitados, de uso cotidiano, para fazer teatro. Incite-os, então, a compartilhar suas impressões e opiniões. Pergunte, por exemplo: “O que vocês sentem ao ver a imagem?”; “Vocês gostam da possibilidade de criar personagens do teatro com objetos do cotidiano? Por quê?”; etc.

Anote as observações dos alunos em seu diário de bordo e retome as anotações após a conclusão do trabalho com o capítulo. Essa é uma forma de registro que ajuda a acompanhar o desenvolvimento dos estudantes nas aulas de Arte.



TEATRO: A IMAGINAÇÃO GANHA VIDA!

O TEATRO DA CIA. TRUKS

A ARTE É CAPAZ DE DESPERTAR NOSSA IMAGINAÇÃO! E PODE FAZER ISSO DE MUITAS MANEIRAS! QUER UM EXEMPLO? OBSERVE ALGUNS DOS OBJETOS DA SUA SALA DE AULA: LÁPIS, CADERNOS, CADEIRAS... VOCÊ ACHA QUE ELES PODERIAM GANHAR VIDA?

VAMOS CONHECER O TRABALHO DE UM GRUPO DE TEATRO QUE MOSTRA QUE ISSO É POSSÍVEL!

PARA INICIAR

1. VOCÊ JÁ FOI AO TEATRO? O QUE VOCÊ SENTIU?
2. JÁ ASSISTIU A UMA PEÇA DE TEATRO EM QUE OS PERSONAGENS ERAM BONECOS? O QUE ACHOU DA ENCENAÇÃO?
3. COMO É POSSÍVEL CRIAR PERSONAGENS E CONTAR HISTÓRIAS USANDO OBJETOS?

OBSERVE A IMAGEM AO LADO. QUAIS OBJETOS VOCÊ VÊ NELA? OLHANDO PARA A IMAGEM, VOCÊ SE LEMBRA DE ALGUM ANIMAL? QUAL?

A composição de objetos que aparece na imagem lembra um elefante e é formada por duas bacias, um regador e uma mangueira.



► COMPOSIÇÃO DE OBJETOS UTILIZADA NO ESPETÁCULO **ZOO-ILÓGICO**, DA CIA. TRUKS, SÃO PAULO, 2004.

14 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Expectativas de aprendizagem deste capítulo

- Conhecer e participar de jogos teatrais.
- Compreender o conceito de personagem teatral.
- Apreciar obras de arte teatrais, em especial do teatro de animação.
- Descrever o que vê e sente em relação às obras apreciadas.
- Comunicar aos colegas sua apreciação, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Compreender os valores estéticos e valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e suas principais obras.
- Criar e produzir um teatro de objetos inspirado no espetáculo **Zoo-ilógico** da Cia. Truks.

AGORA, OBSERVE ESTA OUTRA IMAGEM:



▶ O ATOR GABRIEL SITCHIN EM CENA DO ESPETÁCULO **ZOO-ILÓGICO**, DA CIA. TRUKS, SÃO PAULO, 2004.

NESSA FOTO, VEMOS O ATOR GABRIEL SITCHIN DURANTE UMA APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO **ZOO-ILÓGICO**, DO GRUPO DE TEATRO CIA. TRUKS.

VOCÊ PERCEBEU QUE ELE ESTÁ SEGURANDO A MESMA COMPOSIÇÃO DE OBJETOS QUE OBSERVAMOS NA PÁGINA ANTERIOR? QUE MOVIMENTOS VOCÊ ACHA QUE ELE ESTÁ FAZENDO?

NESSA PEÇA DE TEATRO, GABRIEL E SEU PAI, O ATOR HENRIQUE SITCHIN, CONTAM UMA HISTÓRIA DANDO VIDA A OBJETOS DO DIA A DIA! COMO VOCÊ ACHA QUE ELES FAZEM ISSO?

▶ CAPÍTULO 1 15

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Competências deste capítulo

- Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Linguagem

Teatro.

Dimensões do conhecimento

Estesia; criação; expressão; fruição.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de reconhecer e apreciar o teatro de objetos como forma de manifestação do teatro, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.

Que obra é essa?

Antes de iniciar a leitura coletiva do texto e das imagens, pesquise mais informações sobre a Cia. Truks.

Promova a leitura compartilhada do texto e destaque os conceitos apresentados, esclarecendo possíveis dúvidas. Intercale a leitura do texto com a leitura das imagens presentes na seção. Aproveite esse momento para levantar algumas questões: “Vocês conseguem identificar que elementos nos remetem a figuras de animais? Quais?”; “A forma do objeto escolhido, a cor ou o jeito como ele foi composto com outro ajudam na identificação do animal?”; “De que maneira o objeto é segurado, movido, torcido ou apoiado?”; “Como age o manipulador?”; “O que vocês acham da expressão dos atores?”.

Ressalte o fato de a peça em questão não ter cenário, mas um fundo escuro em que os atores, vestidos de preto, manipulam os objetos. Pergunte aos alunos por que os artistas podem ter escolhido esse recurso. As informações sobre a obra e os artistas servem para ampliar a apreciação das crianças e não devem ser colocadas acima de suas impressões.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

Neste momento, os estudantes terão a oportunidade de reconhecer e apreciar o teatro de objetos como uma forma de manifestação do teatro que pode estar presente em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.

QUE OBRA É ESSA?

O ESPETÁCULO **ZOO-ILÓGICO** FOI CRIADO PELA CIA. TRUKS EM 2004, EM PARCERIA COM O ARTISTA CLÁUDIO SALTINI.

NA PEÇA, DOIS AMIGOS DECIDEM IR AO ZOOLÓGICO, MAS, AO CHEGAR LÁ, ENCONTRAM AS PORTAS FECHADAS. SABE O QUE ELES FAZEM ENTÃO? USAM A IMAGINAÇÃO PARA INVENTAR SEU PRÓPRIO ZOOLÓGICO, CRIANDO ANIMAIS COM TALHERES, BACIAS, PEDAÇOS DE PANO E OUTROS OBJETOS DO DIA A DIA.

OBSERVE MAIS ALGUMAS IMAGENS DO ESPETÁCULO **ZOO-ILÓGICO** E VEJA OUTROS ANIMAIS CRIADOS PELO GRUPO DE ARTISTAS. VOCÊ RECONHECE TODOS OS OBJETOS USADOS EM CADA UM DELES?

▶ SAPOS, NO ESPETÁCULO **ZOO-ILÓGICO**, DA CIA. TRUKS, SÃO PAULO, 2004.



Pietro Feliciano/Arquivo Cia. Truks

QUAIS OBJETOS FORAM USADOS PARA COMPOR OS SAPOS?

Os sapos foram compostos de tigelas e funis de plástico.



Pietro Feliciano/Arquivo Cia. Truks

▶ FOCA, NO ESPETÁCULO **ZOO-ILÓGICO**, DA CIA. TRUKS, SÃO PAULO, 2004.

QUE OBJETOS OS ARTISTAS UTILIZARAM PARA CRIAR A FOCA? AS MÃOS DOS ATORES FORAM USADAS PARA DAR VIDA A QUE PARTES DO ANIMAL?

16

UNIDADE 1 ▶

A foca foi criada com uma sacola plástica. As mãos dos atores dão vida às patas e ao rosto do animal. Os olhos foram feitos com rolas, que ficam entre os dedos de um dos artistas.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de...

Site

Se possível, acesse com os alunos o site oficial do grupo e assista com a turma a algumas cenas deste e de outros espetáculos da companhia. Disponível em: <www.truks.com.br/videos>. Acesso em: 18 nov. 2017.

► GALINHA, NO ESPETÁCULO ZOO-ILÓGICO, DA CIA. TRUKS, SÃO PAULO, 2004.



Pietro Feliciano/Azavero Cia., Truks

E A GALINHA? QUE OBJETOS OS ATORES USARAM PARA CRIÁ-LA?

Uma caneca, um pedaço de tecido e a ponta de um espanador.



Pietro Feliciano/Azavero Cia., Truks

► CÃO E GATO, NO ESPETÁCULO ZOO-ILÓGICO, DA CIA. TRUKS, SÃO PAULO, 2004.

QUE SOM VOCÊ ACHA QUE O ATOR DA DIREITA ESTÁ FAZENDO NESTA CENA?

Pela expressão facial, parece que o ator da direita está fazendo o som de um gato quando está bravo.

PARA DAR VIDA A ESSAS E A OUTRAS CRIATURAS, OS **ATORES** DA CIA. TRUKS NÃO DIZEM UMA ÚNICA PALAVRA! ELES USAM GESTOS E EXPRESSÕES FACIAIS, E IMITAM OS SONS DOS ANIMAIS, ALÉM DE EXPLORAR A **TRILHA SONORA**.

O RESTANTE É POR CONTA DO PÚBLICO, QUE PRECISA ENTRAR NA BRINCADEIRA E DEIXAR O PENSAMENTO ROLAR SOLTO, IMAGINANDO OS PERSONAGENS E AS SITUAÇÕES QUE ESTÃO SENDO ENCENADOS.

E VOCÊ, JÁ FOI A UM ZOOLÓGICO? O QUE ACHA DE OS ANIMAIS FICAREM PRESOS PARA SEREM VISTOS POR NÓS, HUMANOS?

AO APRESENTAR A PEÇA, OS ARTISTAS PODEM NOS FAZER PENSAR SOBRE COMO CONVIVEMOS COM OS ANIMAIS E COMO PODEMOS CUIDAR DELES. TROQUE IDEIAS SOBRE ISSO COM OS COLEGAS E O PROFESSOR.

- **ATOR:** ARTISTA QUE DÁ VIDA A UM PERSONAGEM.
- **TRILHA SONORA:** MÚSICAS E EFEITOS DE SOM DE UM ESPETÁCULO.

► CAPÍTULO 1 17

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

O teatro de objetos da Cia. Truks – a alfabetização para a poesia

Nesta peça utilizamos a técnica de teatro conhecida por “teatro de objetos”, ou então, como também gostamos de chamar, à maneira da Cia. Truks, de “teatro com objetos”. Aqui, mudamos o uso cotidiano do objeto para construir nossas criaturas, ou simbolizar personagens. [...]

A criança, pela pouca experiência de vida, não tem repertórios para fazer comparações e ou entendimentos racionais, elaborados, de certos assuntos. Então, para isso, elas usam do artifício do jogo simbólico: brincam de ser como o papai, para entender, na prática, que são necessárias regras de convívio, brincam de boneca para experimentarem ser como a mamãe, empenham uma espada para sentirem-se fortes como os príncipes e os heróis, conversam com bichinhos imaginários, são capazes de enxergar vida onde não há vida. Passam a conhecer a si mesmas e, a partir daí, terão subsídios também para começar o processo de identificação do outro – prática fundamental para o convívio em sociedade.

O teatro de objetos promove, ainda, uma rica experiência poética que, em nossas pesquisas, denominamos pelo termo “a alfabetização para a poesia”. Para a construção de uma metáfora, na literatura, juntam-se duas palavras para se criar um terceiro significado, que não é a simples combinação delas [...]. O Teatro de Objetos pode operar na mesma lógica [...]. Assim, um bule de café, combinado a um pano de prato e um espanador de pó dão origem a uma galinha. Isto nada mais é senão poesia visual, ou ainda, podemos dizer, metáfora visual. [...]

Ao aceitar um grampeador de papéis como representante de um jacaré, o espectador, na idade em que for, estará se iniciando na linguagem da metáfora visual. Assim como o poeta “refuncionaliza”, ou ressignifica palavras, nós refuncionalizamos objetos.

CIA. TRUKS. Zoo-ilógico. Disponível em: <www.truks.com.br/espeticulos/zoo-ilogico>. Acesso em: 27 nov. 2017.

Como a obra foi feita?

Para discutir os diferentes tipos de teatro de animação e, mais especificamente, do teatro de bonecos, promova uma leitura coletiva das imagens apresentadas. Em um primeiro momento, deixe que os alunos comentem livremente o que observam em cada uma das imagens.

Depois, conduza a discussão a fim de problematizar o que estão vendo e chegar a novas reflexões: "O que vemos nestas imagens?"; "Como são os personagens?"; "Vocês imaginam como estes bonecos são manipulados?"; "Conseguimos identificar de quais materiais são feitos?"; "Que tipos de cenas parecem estar acontecendo?"; "Vocês conhecem o teatro de marionetes?"; "Vocês já viram peças de teatro de marionetes?".

Texto complementar

Ao fazer a leitura da imagem do teatro de marionetes de Mianmar, comente com a turma que esse tipo de teatro de bonecos é bem popular naquele país.

Em Myanmar (antigo reino de Burma), na Ásia, as marionetes eram usadas pelos soberanos para passar mensagens aos súditos. Por exemplo, um rei poderia pedir aos apresentadores do espetáculo para contar uma parábola ou uma fábula endereçada a algum ministro ou membro da família real que estivesse se comportando de maneira inadequada. Assim, o "faltoso" ficava sabendo que o soberano já "estava de olho" e procurava se corrigir.

SOMBRA, Fábio. *Folha de S.Paulo*, 28 maio 2011. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folhinha/921995-confira-curiosidades-sobre-os-bonecos-e-saiba-onde-compra-los.shtml>. Acesso em: 18 out. 2017.

COMO A OBRA FOI FEITA?

COMO VIMOS, OS ARTISTAS DA CIA. TRUKS CRIARAM OS ANIMAIS DO ESPETÁCULO **ZOO-ILÓGICO** USANDO ELEMENTOS COMO BACIAS, TIGELAS E PEDAÇOS DE TECIDO. PARA DAR VIDA A ESSES PERSONAGENS E CONTAR A HISTÓRIA DA PEÇA, O GRUPO UTILIZOU TÉCNICAS DO **TEATRO DE OBJETOS**.

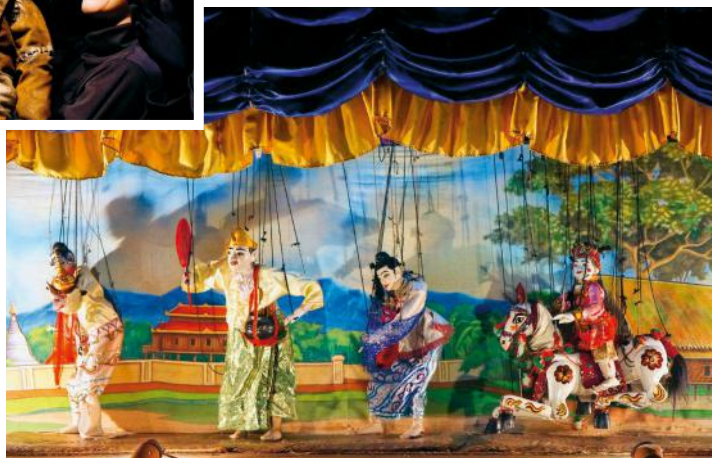
O **TEATRO DE OBJETOS** É UM TIPO DE **TEATRO DE ANIMAÇÃO**. ESSA TÉCNICA MEXE MUITO COM A IMAGINAÇÃO E COM OS SENTIDOS. OS ARTISTAS CRIAM A ILUSÃO DE QUE OS PERSONAGENS MANIPULADOS ESTÃO VIVOS DE VERDADE!

ALÉM DE OBJETOS, NO **TEATRO DE ANIMAÇÃO** OS ARTISTAS PODEM USAR FORMAS, MÁSCARAS, BONECOS E O QUE MAIS A CRIATIVIDADE PERMITIR!

NO **TEATRO DE BONECOS**, COMO O NOME DIZ, OS ATORES CONTAM HISTÓRIAS USANDO BONECOS. PARA MOVIMENTÁ-LOS, OS ATORES PODEM UTILIZAR APENAS AS MÃOS E O CORPO OU TAMBÉM FIOS E VARETAS. OBSERVE ALGUNS EXEMPLOS:



▶ BONECO MANIPULADO DIRETAMENTE POR DUAS ARTISTAS, EM CENA DA PEÇA **PEDRO E O LOBO**, NO TEATRO TUCA, SÃO PAULO, 2012.



▶ BONECOS MOVIDOS POR FIOS EM UM TEATRO DE MARIONETES, BAGAN, MIANMAR, 2010.

18 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de...

Site

Se possível, acesse com a turma o site do Museu da Marioneta, localizado em Lisboa, Portugal. Nele é possível conhecer marionetes de diversas partes do mundo, inclusive do Brasil, por meio de fotos e textos sobre a representação do teatro de bonecos. Disponível em: <www.museudamarioneta.pt/pt/colecoes/marionetas>. Acesso em: 18 out. 2017.

► BONECOS MANIPULADOS COM AS MÃOS EM UM TEATRO DE FANTOCHES.



Alfred Studio/Shutterstock



► BONECOS DE VESTIR MOVIDOS COM O CORPO NO ESPETÁCULO MIRA, DA CIA. DE PERNAS PRO AR, CANOAS, RIO GRANDE DO SUL, 2012.

NO TEATRO DE BONECOS E NOS OUTROS TIPOS DE TEATRO DE ANIMAÇÃO, USANDO SONS E MOVIMENTOS, OS ARTISTAS FAZEM COM QUE OS PERSONAGENS PAREÇAM PENSAR, RESPIRAR E SENTIR EMOÇÕES. ISSO NÃO É INCRÍVEL?

PARA MOSTRAR QUE UM PERSONAGEM ESTÁ ALEGRE, POR EXEMPLO, O ARTISTA PODE FAZÊ-LO PULAR VÁRIAS VEZES. JÁ PARA EXPRESSAR TRISTEZA, O ARTISTA PODE ABAIXAR SUA CABEÇA BEM DEVAGAR, ENQUANTO FAZ O SOM DE UM SUSPIRO.

SUGESTÃO DE...

LIVRO

A PEQUENA MARIONETE, DE GABRIELLE VINCENT (EDITORA 34, 2009), NARRA A HISTÓRIA DE UM MENINO, UMA BONECA DE PAÑO E UM MANIPULADOR DE MARIONETES. SEM PALAVRAS E COM IMAGENS SIMPLS, ESSE LIVRO NOS CONVIDA A MERGULHAR EM UM MUNDO DE IMAGINAÇÃO.



Reprodução/Editora 34

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Após a leitura, procure mobilizar as experiências e os interesses dos estudantes por meio de perguntas como: “Você gosta de assistir a peças de teatro?”; “Que tipo de peças você prefere: com bonecos ou com personagens interpretados por pessoas?”; “Você costuma observar as roupas, o cenário, a iluminação, os sons e as músicas que compõem as peças?”.

As perguntas propostas buscam instigar os estudantes a observar as imagens e compartilhar suas ideias, opiniões e experiências sobre o teatro de animação. Essa forma de encenação se relaciona com a questão norteadora da unidade (A arte faz pensar?) uma vez que instiga a imaginação do público. Ao assistir à peça **Zoo-ilógico**, por exemplo, os espectadores precisam criar a imagem dos animais que estão sendo representados com o uso de objetos.

◆ A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

Neste momento, os estudantes terão a oportunidade de exercitar o reconhecimento e a apreciação do teatro de bonecos – especialmente marionetes, fantoches e bonecos de vestir – como uma forma de manifestação do teatro que pode estar presente em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.

Sugestão de...

Leitura complementar

O teatro de objetos, ainda pouco estudado no Brasil, é considerado uma vertente do teatro de animação. O termo surgiu na França, na década de 1980, com os espetáculos realizados por Katy Deville e Christian Carrignon, e diz respeito a encenações nas quais o foco está voltado para objetos prontos, deslocados de suas funções utilitárias, que se tornam personagens na cena, carregados de novos significados. Para saber mais sobre o assunto, sugerimos a leitura da dissertação **Teatro de objetos: um olhar singular sobre o cotidiano**, de Flávia D’Ávila (disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86855/davila_fr_me_ia.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 29 nov. 2017).

Criando diferentes personagens

O estudo dos diferentes tipos de personagem tem o objetivo de ampliar a compreensão dos estudantes sobre elementos específicos da linguagem teatral.

Faça a leitura do texto em voz alta, enquanto os alunos a acompanham. Esclareça as possíveis dúvidas que surgirem. Chame a atenção para as imagens que ilustram cada tópico e analise-as com eles. Deixe-os comentar as referências que identificarem nas imagens e resalte a importância de construir um repertório artístico e cultural.

Destaque a diferença entre os tipos de personagens que podem existir em uma peça teatral: personagens reais, personagens fictícios, personagens que representam plantas, animais ou objetos. Aproveite e dê exemplos concretos de cada tipo de personagem. Ao tratar dos personagens que representam animais, por exemplo, fale um pouco sobre as fábulas: “O que elas significam?”; “Por que os personagens animais têm características humanas nessas histórias?”.

Personagens reais

Promova a leitura da imagem, resgatando as experiências dos alunos com a linguagem teatral e com o que eles aprenderam até o momento sobre o teatro. Proponha perguntas como: “O que vocês veem na imagem?”; “O que o personagem está fazendo?”; “Vocês conhecem a história de Santos Dumont? Como vocês acham que ela está sendo contada nesse espetáculo?”; “Vocês gostariam de ver um espetáculo sobre ele?”; “Vocês gostariam de ver espetáculos teatrais sobre outras pessoas? Quem?”.

Personagens de ficção

Ao conversar com os alunos sobre personagens fictícios, incentive-os a se lembrar de uma história inventada, como um conto de fadas ou uma fábula. Depois, pergunte: “Esse personagem existiu de verdade ou foi inventado?”; “Como vocês representariam esse personagem?”. Para concluir o tema, proponha que façam um desenho desse personagem fictício.

CRIANDO DIFERENTES PERSONAGENS

VOCÊ LEMBRA QUAIS ERAM OS PERSONAGENS DO ESPETÁCULO ZOO-ILÓGICO, DA CIA. TRUKS?

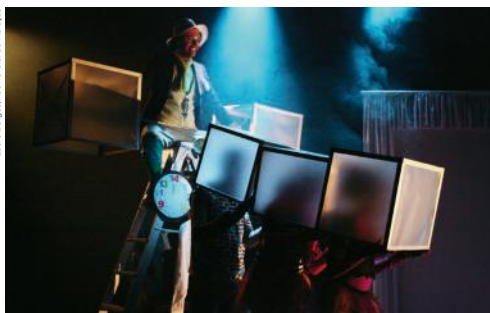
PARA CONTAR AS HISTÓRIAS CRIADAS PELOS DRAMATURGOS, OS ATORES DE TEATRO PODEM REPRESENTAR VÁRIOS TIPOS DE PERSONAGEM.

Os dois amigos que foram ao zoológico e os animais que eles criaram: o elefante, os sapos, a foca, a galinha, o cão e o gato.

PERSONAGENS REAIS

OS PERSONAGENS REAIS SÃO BASEADOS EM PESSOAS QUE EXISTEM OU EXISTIRAM NA VIDA REAL.

NA IMAGEM A SEGUIR, POR EXEMPLO, O ATOR QUE APARECE EM CENA ESTÁ REPRESENTANDO O AVIADOR BRASILEIRO SANTOS DUMONT.



Larissa Bergamaschi/Arquivo Cia do Abacaxi

VOCÊ SE LEMBRA DE ALGUM PERSONAGEM REAL? CONHECE ALGUÉM QUE PODERIA INSPIRAR A CRIAÇÃO DE UM PERSONAGEM?

► CENA DO ESPETÁCULO **SOBREVOAR**, DA COMPANHIA DO ABRAÇÃO, CURITIBA, PARANÁ, 2015.

PERSONAGENS DE FICÇÃO

TAMBÉM EXISTEM PERSONAGENS DE FICÇÃO OU FICTÍCIOS. ESSES PERSONAGENS FORAM CRIADOS PELA IMAGINAÇÃO E NÃO EXISTEM NEM EXISTIRAM NA VIDA REAL. UM EXEMPLO SÃO OS PERSONAGENS DOS CONTOS DE FADA.

► **FICÇÃO:**
CRIAÇÃO BASEADA NA IMAGINAÇÃO; FANTASIA.

► CENA DO ESPETÁCULO **ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS**, TEATRO NACIONAL DE MUNIQUE, ALEMANHA, 2017.



Sven Hoppe/Photography/Alamy.com

20

UNIDADE 1 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Durante a leitura da imagem, verifique se eles conhecem o livro **Alice no País das Maravilhas** ou assistiram a algum filme que conte essa história e explique-lhes que também foi criado um musical inspirado no livro. Veja se eles reconhecem os personagens e se lembram de detalhes do enredo. Peça àqueles que conhecem a história que a contem aos demais colegas.

Sugestão de...

Livro

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

O livro é uma referência fundamental para que você conheça o trabalho de Viola Spolin.

NA IMAGEM DO ESPETÁCULO **ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS**, NA PÁGINA AO LADO, OS ATORES ESTÃO REPRESENTANDO PERSONAGENS DA HISTÓRIA DE MESMO NOME, ESCRITA POR LEWIS CARROLL. QUE OUTROS PERSONAGENS FICTÍCIOS VOCÊ CONHECE?

ATIVIDADE PRÁTICA

QUE TAL INTERPRETAR UM PERSONAGEM? VOCÊ VAI FAZER ISSO PARTICIPANDO DE UM JOGO TEATRAL. NÃO SE ESQUEÇA DE COMPARTILHAR COM OS COLEGAS O QUE VOCÊ ACHOU DA ATIVIDADE E DEPOIS GUARDAR UM REGISTRO NO PORTFÓLIO.

VAMOS BRINCAR DE “QUEM SOU EU?”?

- 1 FORME UM GRUPO COM ATÉ SETE COLEGAS. UM DELES SERÁ O ADIVINHO E DEVE FICAR FORA DA SALA DE AULA.
- 2 OS DEMAIS COLEGAS DO GRUPO DEVEM PENSAR EM UMA SITUAÇÃO, EM UM PERSONAGEM E EM UM PROBLEMA PARA QUE O ADIVINHO RESOLVA DE IMPROVISO. POR EXEMPLO, IMAGINE QUE HOJE É O ANIVERSÁRIO DO ADIVINHO E QUE FOI PLANEJADA UMA FESTA SURPRESA, MAS ELE FICOU DOENTE. PARTE DOS COLEGAS QUER QUE ELE VÁ COMEMORAR E PARTE ACHA QUE ELE PRECISA DESCANSAR!
- 3 A ÚNICA REGRA É QUE O ADIVINHO DEVE PARTICIPAR DA CENA SEM SABER O QUE FOI COMBINADO!
- 4 IMPROVISEM A CENA PROPOSTA ATÉ QUE O COLEGA DESCUBRA QUAL É O PERSONAGEM E A CENA REPRESENTADA.
- 5 QUANDO O COLEGA DESCOBRIR, OUTRO MEMBRO DO GRUPO DEVE ASSUMIR O PAPEL DE ADIVINHO.



▶ CAPÍTULO 1 21

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR19

Processos de criação

BNCC EF15AR20 BNCC EF15AR21

Neste momento, os estudantes terão a oportunidade de identificar teatralidades na vida cotidiana, em situações de brincadeira ou situações combinadas, identificando ele-

mentos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas, etc.).

Também será possível experimentar o trabalho coletivo e colaborativo, por meio da improvisação da cena criada, exercitando a imitação e o faz de conta, ressignificando fatos e experimentando-se no lugar do outro.

Atividade prática

Os jogos teatrais no ambiente escolar têm a função de promover a integração, a criatividade, a comunicação e uma visão crítica sobre temas ou aspectos do dia a dia. Estimule os alunos a se envolver nas atividades de improvisação de situações e personagens e a explorar as articulações, a voz e as expressões faciais.

Converse com eles sobre a importância de prestar atenção nos colegas e da interação com o grupo. É importante que eles participem de situações em que sejam personagens e outras em que sejam espectadores. Esse tipo de vivência possibilita o desenvolvimento de habilidades necessárias ao teatro e ao processo de aprendizagem, como atenção, observação e concentração.

No jogo “**Quem sou eu?**”, o objetivo é que os alunos continuem a cena sem revelar com perguntas e respostas explícitas a função do adivinho – até que ele descubra. Além disso, é necessário resolver o problema apresentado.

Divida os alunos em grupos de, no máximo, sete integrantes e, se achar pertinente, brinque uma vez com a turma toda, para que os estudantes entendam a proposta da atividade. Uma sugestão é utilizar o exemplo apresentado no item 2: o colega de fora da sala é o aniversariante que vai ganhar uma festa surpresa, mas que está doente e indisposto. Os integrantes do grupo precisam agir como se quisessem levá-lo a uma festa, mas alguns devem ponderar dizendo que ele está doente e que é melhor descansar. O colega deve resolver o problema como achar conveniente e deve adivinhar seu papel na encenação.

Personagens que são animais, plantas ou objetos

Após fazer a leitura coletiva do texto e das imagens, peça aos alunos que formem trios para fazer um levantamento de animais, plantas e objetos que aparecem nos desenhos animados que eles conhecem. Depois, proponha que reatrem os personagens citados em desenhos e inicie uma conversa sobre alguns elementos e recursos utilizados nas representações de animais, plantas e objetos animados: “Esses animais (ou plantas) usam roupas?”; “Eles se movimentam como animais de verdade?”; “Como eles se comunicam?”.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

Processos de criação

BNCC EF15AR20 e BNCC EF15AR21

Neste momento, os estudantes terão a oportunidade de reconhecer e apreciar a representação de animais, plantas e objetos como elementos da manifestação teatral, aprendendo a ver e ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.

Além disso, poderão exercitar a imitação e o faz de conta por meio de um jogo teatral, experimentando o trabalho coletivo e colaborativo em improvisações teatrais.

PERSONAGENS QUE SÃO ANIMAIS, PLANTAS OU OBJETOS

ALÉM DE SERES HUMANOS, OS PERSONAGENS TAMBÉM PODEM SER ANIMAIS, PLANTAS OU OBJETOS, REAIS OU INVENTADOS.

NA IMAGEM A SEGUIR, VEMOS A CENA DE UMA PEÇA EM QUE OS ATORES INTERPRETAM ANIMAIS. VOCÊ RECONHECE QUE ANIMAIS SÃO ESSES? *Uma barata e um rato.*



► CENA DO ESPETÁCULO **DONA BARATINHA DA SILVA SÓ**, DIREÇÃO DE ROGÉRIO BOZZA, CURITIBA, PARANÁ, 2017.

NESTA OUTRA IMAGEM, UMA DAS PERSONAGENS EM CENA É UMA ÁRVORE!



► CENA DO ESPETÁCULO **A ÁRVORE QUE FUGIU DO QUINTAL**, DIREÇÃO DE ZÉ HELOU, RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO, 2016.

22 UNIDADE 1 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de...

Site

Se possível, acesse com os alunos o site do Zoológico de São Paulo. Lá é possível encontrar diversas informações sobre os animais que fazem parte do plantel da instituição. Disponível em: <www.zoologico.com.br/nossos-animais>. Acesso em: 2 dez. 2017.

ARTE E CIÊNCIAS

NO INÍCIO DO CAPÍTULO, VIMOS OS ANIMAIS QUE A CIA. TRUKS CRIOU COM OBJETOS DO NOSSO COTIDIANO.

COM SUAS OBRAS DE ARTE, OS ARTISTAS PODEM EXPRESSAR AQUILO QUE SENTEM E PENSAM SOBRE OS ANIMAIS, BUSCANDO ENTENDER E INTERPRETAR COMO ESSES SERES PARTICIPAM DO NOSSO MUNDO.

NÃO É SÓ A ARTE QUE FAZ ISSO: AS CIÊNCIAS TAMBÉM! MAS OS ARTISTAS E OS CIENTISTAS TÊM FORMAS DIFERENTES DE PENSAR E DE AGIR SOBRE O MESMO ASSUNTO.

OS CIENTISTAS QUE ESTUDAM OS ANIMAIS SÃO CHAMADOS DE ZOÓLOGOS E TRABALHAM ANALISANDO E DESCREVENDO AS CARACTERÍSTICAS DESSES SERES, COMO O TAMANHO DELES, ONDE VIVEM, O QUE COMEM, ENTRE MUITAS OUTRAS INFORMAÇÕES!

QUE TAL FAZER UMA PESQUISA SOBRE UM ANIMAL COMO SE VOCÊ FOSSE UM ZOÓLOGO? SIGA AS ORIENTAÇÕES DO PROFESSOR.

ATIVIDADE PRÁTICA

 A BRINCADEIRA AGORA É INTERPRETAR UM ANIMAL AQUÁTICO!

- 1 COM OS COLEGAS, FORME UMA RODA. FIQUE DE OLHOS FECHADOS E ESCOLHA QUAL ANIMAL AQUÁTICO QUER SER. CADA UM PODE ESCOLHER O QUE QUISER, MAS NINGUÉM DEVE DIZER NADA.
- 2 ENQUANTO ISSO, O PROFESSOR VAI ANDAR EM TORNO DA RODA E TOCAR NO OMBRO DAQUELE QUE SERÁ UM ANIMAL AQUÁTICO PERIGOSO E NA MÃO DAQUELE QUE SERÁ O DETETIVE.
- 3 ASSIM QUE O PROFESSOR BATER PALMAS UMA VEZ, ABRA OS OLHOS E COMECE A ATUAR COMO O ANIMAL ESCOLHIDO.
- 4 O JOGADOR ESCOLHIDO PARA SER O ANIMAL AQUÁTICO PERIGOSO DEVE TENTAR ELIMINAR OS COLEGAS USANDO PISCADAS: QUANDO ELE PISCAR PARA ALGUÉM, O COLEGA DEVE DEITAR NO CHÃO.
- 5 O DETETIVE DEVE DESCOBRIR QUEM É O ANIMAL AQUÁTICO PERIGOSO ANTES QUE TODOS SEJAM ELIMINADOS.

Atividade prática

Durante a realização da atividade, lembre os alunos de que devem representar como se estivessem embaixo da água. Explique que o detetive terá duas chances para tentar adivinhar quem é o animal aquático perigoso. Caso erre as duas, ele se manterá no papel de detetive na próxima rodada, já com outro colega representando o animal. Se o detetive acertar, aquele que foi o animal perigoso será o detetive da próxima rodada.

Essa proposta de jogo teatral e criação artística tem forte componente lúdico. É importante que percebam que o prazer e a diversão estão integrados à produção artística e que os jogos, como toda brincadeira, possuem regras.

Arte e Ciências

Explique aos alunos que tanto os cientistas como os artistas precisam observar atentamente os animais para realizarem seus trabalhos, que são diferentes. Converse sobre os procedimentos de pesquisa dos cientistas: eles estudam o *habitat* dos animais, do que se alimentam, como crescem, como cuidam dos filhotes, como se organizam em grupos (liderança e cooperação) e outros hábitos de sua rotina (quantas horas passam na água, horas de sono por dia, etc.).

Para finalizar, oriente os alunos a se colocarem no lugar de um zoólogo para realizar uma pesquisa sobre um animal e usar o que descobrirem para ilustrar os hábitos e a vida dele. Organize um momento para que os estudantes compartilhem com os colegas as informações que descobriram e sistematizem os aspectos da vida dos animais pesquisados. Em seguida, organize grupos de 4 ou 5 integrantes para que cada um escolha alguma característica estudada e crie um desenho – com cartolina, lápis de cor, giz de cera e canetinhas.

Interdisciplinaridade: Arte e Ciências na BNCC

Seres vivos no ambiente; Plantas

BNCC EF02CI04

A proposta de pesquisa sobre os elefantes pode ajudar os estudantes a desenvolver a habilidade de descrição das características de plantas, como as presentes no *habitat*, e animais (tamanho, forma, cor, local onde se desenvolvem, etc.).

▶ Dando vida aos personagens

Relembre com os alunos a técnica utilizada pelos artistas da Cia. Truks para compor os personagens do espetáculo **Zoo-ilógico** – o teatro de objetos – e faça perguntas para que levantem hipóteses sobre as formas de se compor personagens: “Vocês se lembram de como eram os personagens da peça **Zoo-ilógico**? De que eram feitos?”; “De que outras formas podemos dar vida aos personagens de teatro?”. Depois, promova a leitura compartilhada do texto e das imagens e destaque os conceitos apresentados, esclarecendo possíveis dúvidas.

Com bonecos

Ao tratar da composição de personagens com bonecos, procure resgatar as experiências dos alunos não apenas com a manipulação de bonecos (especialmente em suas brincadeiras), mas também como espectadores desse tipo de encenação. Converse com eles sobre os diversos tipos de boneco, como os manipulados por fios e os que são manipulados diretamente pelas mãos do artista. Estimule-os a comparar a interpretação dos bonecos com a dos atores ou personagens animados: “Vocês acham que é muito diferente um personagem interpretado por um boneco ou por uma pessoa? Por quê?”. Assim, será possível estabelecer diferenças em relação a expressões faciais e corporais, por exemplo.

Com o próprio corpo

Ao observar com os alunos a imagem do artista sendo maquiado para interpretar o personagem Shrek, ressalte a importância da caracterização no trabalho dos atores. Pergunte: “O que podemos ver na foto?”; “O que as pessoas estão fazendo?”; “Como o ator pode se transformar em um personagem?”; “Vocês já pintaram o rosto para realizar alguma brincadeira?”.

Com sombras

Comente com os alunos que, no teatro de sombras, as silhuetas podem ser criadas pelo corpo dos artistas, por bonecos ou por figuras recortadas, que são coladas em varetas finas de madeira. Ressalte

▶ DANDO VIDA AOS PERSONAGENS

PARA DAR VIDA AOS ANIMAIS DO ESPETÁCULO **ZOO-ILÓGICO**, OS ATORES USARAM OBJETOS DO COTIDIANO. DE QUE OUTRAS FORMAS SERIA POSSÍVEL INTERPRETAR OS PERSONAGENS DE UMA HISTÓRIA? VEJA ALGUMAS A SEGUIR.

COM BONECOS

COMO VIMOS, OS ATORES TAMBÉM PODEM CONTAR HISTÓRIAS USANDO BONECOS, EM UMA TÉCNICA CONHECIDA COMO **TEATRO DE ANIMAÇÃO**. ESSA FORMA DE ENCENAÇÃO TEM ESSE NOME PORQUE OS BONECOS SÃO ANIMADOS PELOS ARTISTAS, QUE UTILIZAM DIFERENTES RECURSOS PARA MOVIMENTÁ-LOS.



▶ O ARTISTA BOB BAKER E SEUS BONECOS, LOS ANGELES, ESTADOS UNIDOS, 1997.

VOCÊ JÁ MANIPULOU UMA MARIONETE OU JÁ VIU ALGUÉM MANIPULANDO UMA? O QUE ACHOU?

COM O PRÓPRIO CORPO

OS ATORES TAMBÉM PODEM CONTAR HISTÓRIAS USANDO O PRÓPRIO CORPO, QUE É SEU PRINCIPAL INSTRUMENTO DE TRABALHO!

OS GESTOS, A EXPRESSÃO DO ROSTO E OS MOVIMENTOS CORPORAIS DO ATOR SÃO ELEMENTOS IMPORTANTES NA COMPOSIÇÃO DE UM PERSONAGEM. A MAQUIAGEM E O FIGURINO TAMBÉM AJUDAM NESSA **CARACTERIZAÇÃO**.

▶ **CARACTERIZAÇÃO:**

TÉCNICA QUE TRANSFORMA O ATOR EM UM PERSONAGEM POR MEIO DE MAQUIAGEM, FIGURINO E EXPRESSÃO CORPORAL.

24

UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

o fato de que esse tipo de encenação precisa de palco e iluminação especiais para ser realizado, além do planejamento necessário para que a plateia consiga visualizar toda a apresentação – é preciso realizar testes e ensaios para evitar problemas com a fonte de luz, por exemplo.

OBSERVE, NA IMAGEM AO LADO, UM ATOR SENDO MAQUIADO PARA ENTRAR EM CENA. VOCÊ CONHECE O PERSONAGEM QUE ELE VAI INTERPRETAR?

▶ ATOR SENDO MAQUIADO PARA O MUSICAL **SHREK**, DÜSSELDORF, ALEMANHA, 2015.



COM SOMBRAS

OS ATORES TAMBÉM PODEM USAR A PRÓPRIA SOMBRA E A SOMBRA DE OUTROS OBJETOS PARA DAR VIDA AOS PERSONAGENS DE UMA HISTÓRIA! ESSA TÉCNICA É CHAMADA DE **TEATRO DE SOMBRAS**.

PARA CRIAR AS CENAS DO TEATRO DE SOMBRAS É PRECISO TER UMA FONTE DE LUZ, QUE PODE SER UMA LANTERNA, E UMA TELA OU SUPERFÍCIE LISA, COMO UMA PAREDE, PARA PROJETAR AS IMAGENS.



▶ CENA DA PEÇA **AUTO LUMINOSO DE NATAL**, DA CIA. TEATRO LUMBRA, JARAGUÁ DO SUL, SANTA CATARINA, 2004.

NO TEATRO DE SOMBRAS, OS ARTISTAS PODEM CRIAR MUITAS FIGURAS USANDO APENAS AS PRÓPRIAS MÃOS, COMO NA FOTO AO LADO.

VOCÊ JÁ BRINCOU DE FAZER SOMBRAS? O QUE SENTIU?

▶ MÃOS PROJETANDO A FORMA DE UMA POMBA.



▶ CAPÍTULO 1 25

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de atividade complementar

Teatro de sombras

Para realizar esta atividade, providencie os materiais necessários: papel de seda ou papel vegetal, uma lanterna ou outro foco de luz potente, cola branca e uma tesoura sem pontas.

1. Peça aos alunos que formem grupos de quatro integrantes. Cada grupo deverá criar uma história sobre um animal, real ou fictício.
2. Oriente-os para que decidam como serão interpretados os personagens da encenação (objetos do dia a dia, partes do corpo, recortes de papel, etc.). Lembre-os de que a narrativa deve ser simples e ter poucos elementos, pois os recursos cenográficos do teatro de sombras são mais limitados.
3. Após decidirem a história e como ela será representada, pergunte a eles se precisam de alguma música para ambientar as cenas. Se possível, providencie um aparelho de som para isso.
4. Ajude os grupos a ensaiar as apresentações e combine um momento para realizá-las.
5. Quando chegar a hora, combine a ordem dos grupos, apague as luzes e dê início às encenações.

Para produzir o palco, utilize uma caixa de papelão grande. Auxilie os alunos a recortarem uma janela em uma das laterais da caixa e, depois, a colar um pedaço de papel vegetal ou papel de seda branco por dentro dela. A face com o papel deve ficar voltada para o público e as figuras devem ser manipuladas atrás dela. O foco de luz deve ser posicionado atrás dos personagens, em direção ao papel. É importante que o tamanho do palco seja adequado para a apresentação.

◆ A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR19

Neste momento, os estudantes poderão atentar para algumas teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas, etc.), percebendo também as diferentes formas de representar personagens.

Outros trabalhos da Cia. Truks

Retome com os estudantes os elementos da linguagem teatral que foram estudados a partir do trabalho da Cia. Truks. Conduza uma conversa com a turma sobre a relação dessas aprendizagens com a questão central da unidade: “A arte faz pensar?”. Pergunte: “Vocês acham que o que vimos sobre o teatro até agora nos ajuda a refletir sobre essa questão?”; “Vocês acham que o teatro é uma forma de arte que pode fazer pensar? Por quê?”; “Sobre o que o teatro pode fazer pensar?”.

Faça uma leitura coletiva do texto e das imagens. Se achar pertinente, reveja os conteúdos sobre o trabalho do grupo apresentados no início do capítulo para conversar com os estudantes sobre a linguagem do teatro e sobre como ela pode nos fazer pensar.

Ao falar sobre o espetáculo **Expedição Pacífico**, comente com a turma sobre o problema do lixo nos oceanos.

Texto complementar

Remota ilha no Pacífico Sul tem a maior densidade de lixo do planeta

Os cientistas calculam que mais de 300 milhões de toneladas de plástico foram produzidos em 2014 em todo o mundo, enquanto na década de 1950 a produção mundial não chegava a 2 milhões de toneladas.

O plástico que não é reciclado flutua e tem um período de vida bastante longo, uma situação que põe em perigo mais de 200 espécies que habitam os oceanos, entre elas peixes, invertebrados, mamíferos e aves.

Os restos de plástico representam um perigo para muitos animais que se enroscam neles ou os ingerem, além de acabar nas margens das praias, formando barreiras que impedem a passagem das tartarugas marinhas.

OTOYA, Rocio. Empresa Brasil de Comunicação S/A – EBC. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-05/remota-ilha-no-pacifico-sul-tem-maior-densidade-de-lixo-do-planeta>>. Acesso em: 19 out. 2017.

OUTROS TRABALHOS DA CIA. TRUKS

ZOO-ILÓGICO NÃO É A ÚNICA PEÇA DA CIA. TRUKS! O PRIMEIRO ESPETÁCULO DO GRUPO FOI **TRUKS, A BRUXINHA**, INSPIRADO EM UMA FAMOSA PERSONAGEM DA AUTORA E ILUSTRADORA EVA FURNARI. VOCÊ JÁ CONHECIA ESSA PERSONAGEM?



Rafael Hupawi/Fotografias

▶ CENA DE **TRUKS, A BRUXINHA**, DA CIA. TRUKS, SÃO PAULO, SÃO PAULO, 1991.

OUTRO TRABALHO DA CIA. TRUKS É O ESPETÁCULO **EXPEDIÇÃO PACÍFICO**. NESSA PEÇA, OS ARTISTAS COMPARAM A CIDADE DE SÃO PAULO A UMA GRANDE ILHA DE LIXO QUE FLUTUA NO OCEANO PACÍFICO, LEVANDO O PÚBLICO A REFLETIR SOBRE ALGUNS DOS PROBLEMAS DESSA CIDADE.



Alberto Roach/Oswaldo

▶ CENA DE **EXPEDIÇÃO PACÍFICO**, DA CIA. TRUKS, SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2016.

26

UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

Neste momento, os estudantes poderão dar sequência ao exercício de reconhecimento e apreciação das formas de manifestação do teatro. Por meio da reflexão sobre o que foi estudado, poderão continuar cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.

SOBRE A COMPANHIA

A CIA. TRUKS SURTIU NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1990, EM SÃO PAULO. O GRUPO É ESPECIALIZADO EM TEATRO DE ANIMAÇÃO E NASCEU DE UM ENCONTRO DOS ARTISTAS HENRIQUE SITCHIN, VERÔNICA GERCHMAN E CLÁUDIO SALTINI COM A AUTORA EVA FURNARI.

A COMPANHIA JÁ TEM MAIS DE VINTE ANOS DE CARREIRA E NESSE TEMPO VEM EXPERIMENTANDO DIFERENTES MANEIRAS DE FAZER TEATRO, USANDO BONECOS, OBJETOS, DESENHOS E O QUE MAIS A IMAGINAÇÃO MANDAR!



OS BONEQUEIROS DA CIA. TRUKS, SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2010.

SUGESTÃO DE...

SITE

PARA CONHECER MAIS SOBRE A CIA. TRUKS E VER CENAS DO ESPETÁCULO ZOO-ILÓGICO, VISITE A PÁGINA OFICIAL DO GRUPO. DISPONÍVEL EM: <www.truks.com.br>. ACESSO EM: 25 DE SETEMBRO DE 2017.

ASSIM TAMBÉM APRENDO



O QUE VOCÊ ACHOU DO TRABALHO DA CIA. TRUKS? CONVERSE COM OS COLEGAS E O PROFESSOR CONTANDO POR QUE GOSTOU OU NÃO DO TRABALHO DELES.

Assim também aprendo

Depois de ler o boxe, organize a conversa e proponha aos alunos a elaboração coletiva de um texto crítico sobre o trabalho da Cia. Truks. Explique o que é preciso considerar para construir um texto como esse:

- Identificar aspectos que lhes fizeram gostar ou não da obra.
- Argumentar em defesa de seu ponto de vista, explicando as razões pelas quais gostaram ou não da obra.

- Criar um título adequado ao texto que ajude o leitor a antecipar o tipo de crítica que encontrará.

Organize as opiniões da turma em um cartaz ou na lousa, fazendo o papel de escriba. Os estudantes devem guardar uma cópia do texto no portfólio.

Sugestão de atividade complementar

Pesquisa: a ilha de lixo do oceano Pacífico

Proponha aos alunos uma pesquisa sobre a ilha de lixo do oceano Pacífico, abordando como ela se forma, do que ela é composta, suas dimensões, propostas para solucionar o problema, entre outras questões.

Com a pesquisa feita, pergunte aos alunos quantos já sabiam sobre esse assunto e se o consideram importante. Pergunte, então, o que poderiam fazer para torná-lo mais conhecido, assim como as possíveis soluções para o problema. Chame a atenção novamente para o trabalho da Cia. Truks e como a arte pode levantar questões ou levar informações para o público.

Para finalizar, peça aos alunos que criem uma forma de representar artisticamente a ilha de lixo, seus impactos e as possíveis soluções para esse problema. A representação pode ser um desenho, uma pintura, uma escultura, uma canção ou mesmo uma breve encenação. Lembre-os da importância da materialidade da obra, ou seja, a escolha do que vai compor a obra pode ser relevante para a mensagem que se deseja transmitir.

Combine um dia para que uma mostra seja feita na escola, convidando a comunidade escolar para apreciar o trabalho dos alunos e também conhecer mais sobre os impactos de determinados hábitos de consumo.

Ampliando o repertório cultural

O forró de Benício Guimarães

Ao trabalhar com o forró “Festa dos animais”, busque criar um momento lúdico. Leia a letra da canção com os alunos e, em seguida, pergunte: “Que história essa canção conta?”. Você pode encontrar vários vídeos com a música na internet (um exemplo está disponível em: <www.youtube.com/watch?v=iJblnHO9ud8>. Acesso em: 26 set. 2017). Para procurá-los, digite o nome da canção e do artista na barra de busca do seu navegador. Se preferir, reproduza apenas o áudio da canção. Proponha que todos cantem juntos, algumas vezes, até aprenderem.

Depois que memorizarem a letra e a melodia, pergunte se alguém conhece a dança do forró: “Como se dança forró?”. Você pode organizar a turma para dançar ao som da canção. Deixe-os dançar livremente. Depois, oriente-os para que façam pares e que tentem alguns passos típicos desse ritmo. No passo básico do forró, em pares abraçados, os dançarinos dão dois passos para um lado e dois passos para o outro, girando devagar.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão a oportunidade de apreciar formas distintas da música e das artes visuais, além de conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial da cultura brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL

O FORRÓ DE BENÍCIO GUIMARÃES

SERÁ QUE OS ANIMAIS TAMBÉM PODEM SER TEMA DE MÚSICA?
QUE TAL CONHECER UM DIVERTIDO **FORRÓ**
SOBRE OS ANIMAIS, COMPOSTO PELO MÚSICO
BRASILEIRO BENÍCIO GUIMARÃES? LEIA A
LETRA DA CANÇÃO A SEGUIR.

FORRÓ:
RITMO MUSICAL E DE DANÇA
TÍPICO DO NORDESTE E
MUITO EXECUTADO NAS
FESTAS JUNINAS.

FESTA DOS ANIMAIS

EU VI O CORVO CONQUISTANDO A EMA
EU VI A ANTA CONQUISTANDO O PÔNEI
VI O RINOCERONTE CONQUISTANDO O HIPOPÓTAMO
VI O DINOSSAURO GRITANDO COM O DINO FRANCO
VI O ELEFANTE BRANCO CONQUISTANDO A ZEBRA
AQUELA FESTA NÃO SAI DA LEMBRANÇA
VI O LEÃO COM A ONÇA SEM ACANHAMENTO
NA FESTA DOS ANIMAIS
VI O POMBO DANÇANDO A DANÇA DO SEU CASAMENTO
CRUZARAM O LAGARTO COM O CAMALEÃO
JOGARAM O FILHOTE NA ÁGUA: VIROU CROCODILO
CRUZARAM A ÁGUIA COM O GAVIÃO
NASCEU O CARCARÁ: BICHO FORTE, TRANQUILO
CRUZARAM O PAPAGAIO COM O PAVÃO
NASCEU A AVE MAIS LINDA DO MUNDO ANIMAL
SE VOCÊ NÃO ACREDITA
VAI EXAMINAR
NASCEU UMA ARARA LOIRA
É BONITO SEU CANTAR

ESTA ARARA FALA,
ESTA ARARA FALARÁ
FALA, ARARA LOIRA
QUERO OUVIR VOCÊ CANTAR

BENÍCIO GUIMARÃES. FESTA DOS ANIMAIS. IN: _____. **BENÍCIO GUIMARÃES**. [S.L.]:
BANDEIRANTES DISCOS, 1980. 1 DISCO. FAIXA 4.

28

UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Sobre o Forró

O forró faz parte da história brasileira. É um ritmo envolvente. Inicialmente, típico dos festejos juninos, tornou-se hoje numa dança comum em todo o País independentemente da época. No forró, as pessoas dançam agarradinhas e se deixam envolver pelas emoções que só ele proporciona.

O nome forró, segundo o folclorista Câmara Cascudo, deriva de forrobodó, expressão que significa divertimento pagodeiro. [...]

Com as suas raízes no Nordeste, não se sabe ao certo como, onde e quando ele apareceu. [...]

VOCÊ CONHECE TODOS OS ANIMAIS CITADOS NA LETRA DA CANÇÃO?

OS OBJETOS INSPIRADOS EM ANIMAIS DOS POVOS INDÍGENAS BRASILEIROS

OS ANIMAIS TAMBÉM SERVEM DE INSPIRAÇÃO PARA OBJETOS PRODUZIDOS POR ALGUNS POVOS INDÍGENAS BRASILEIROS. VEJA ALGUNS EXEMPLOS:

AS IMAGENS NÃO ESTÃO REPRESENTADAS EM PROPORÇÃO.



▶ BANCO DE MADEIRA REPRESENTANDO UMA TARTARUGA, FEITO PELOS ÍNDIOS YAWALAPITI.



▶ BANCO DE MADEIRA REPRESENTANDO UM JACARÉ, FEITO PELOS ÍNDIOS WAURÁ.



▶ MINIATURA DE MADEIRA REPRESENTANDO UM PAPAGAIO, FEITA PELOS ÍNDIOS GUARANI.



▶ PANELA DE CERÂMICA REPRESENTANDO UMA ANTA, FEITA PELOS ÍNDIOS WAURÁ.

GERALMENTE, OS BANCOS DE MADEIRA SÃO FEITOS A PARTIR DE UM ÚNICO TRONCO DE ÁRVORE, COMO A LIXEIRA, A PIRANHEIRA E A CANELA. VOCÊ CONHECE ALGUMA DESSAS ÁRVORES?

AS CORES USADAS PARA DECORAR OS OBJETOS SÃO OBTIDAS COM O USO DE PIGMENTOS NATURAIS, QUE PODEM TER VÁRIAS ORIGENS.

COM O PEQUI, POR EXEMPLO, É POSSÍVEL OBTER UM PIGMENTO AMARELO, QUE TAMBÉM PROTEGE A MADEIRA. O VERMELHO PODE SER OBTIDO COM O URUCUM E O PAU-MĂWATAN. JĂ O PRETO PODE VIR DO CARVĂO OU DO PAU-IURILO.

▶ CAPÍTULO 1 29

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

O forró tradicional é constituído pelo sanfoneiro, pandeirista e o tocador de zabumba e de triângulo junto com os acompanhamentos musicais de sanfona, triângulo e agogô. Antes, preso somente ao Nordeste e aos festejos juninos, falava de devastação, sofrimento e lamentação.

Hoje, o forró moderno é constituído por baterista, guitarrista, baixista e outros equipamentos eletrônicos, trazendo um novo estilo de dança. É mais alegre, sensual, carismático e todas as pessoas, de todas as idades e de diversas classes sociais se alegram e se divertem ao som desse ritmo.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Disponível em: <www.cultura.gov.br/por-dentro-do-ministerio/-/asset_publisher/dhdgdV8fiG9W/content/dia-nacional-do-forro-55244/10883>. Acesso em: 19 out. 2017.

Os objetos inspirados em animais dos povos indígenas brasileiros

Antes da leitura do texto e das imagens, pergunte aos alunos o que sabem sobre as etnias indígenas presentes no Brasil e sua cultura: “Vocês costumam ver notícias sobre povos indígenas na televisão?”; “Que imagem vocês têm dos povos indígenas em sua memória? Sabem como eles vivem, quais são seus costumes, como é seu dia a dia?”; “Vocês conhecem alguma expressão de arte indígena?”; “Vocês acham que nossa sociedade reconhece e valoriza a cultura e a arte indígenas? Por quê? De que forma?”.

Aproveite o momento para tratar dos grafismos indígenas. Pergunte aos alunos se eles já fizeram algum trabalho baseado nos desenhos tradicionais indígenas. Se sim, pergunte se eles sabem desenhar um ou mais padrões de grafismos indígenas e estimule-os a reconhecer que cada cultura possui seus próprios padrões. Abra espaço para discussões, trocas de experiências e compartilhamento de hipóteses.

Caso haja algum estudante indígena na sala, se achar pertinente e se ele se sentir à vontade, peça que compartilhe com os colegas alguns detalhes sobre a cultura de seu povo, especialmente sobre as produções artísticas.

Sugestão de...

Site

Se possível, acesse com a turma a seção Artes do site **Povos Indígenas no Brasil**. Nela é possível conhecer mais sobre a relação dos povos indígenas com a arte por meio de textos e fotos representativas. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/modos-de-vida/artes>>. Acesso em: 19 out. 2017.

Experimentação

Com antecedência, peça aos alunos que tragam de casa objetos diversos. Recolha todos os objetos e forme uma roda com as crianças, sentando-se no chão. Solicite que fechem os olhos e dê a cada uma um objeto para manusear. Peça que sintam a textura, o peso, o volume, a temperatura e imaginem a cor. Diga que o importante não é reconhecer o objeto, mas pensar o que ele poderia ser ou um jeito diferente de utilizá-lo. Em seguida, peça que passem o objeto para o colega ao lado.

Depois, inicie a **experimentação** proposta no livro. Organize os grupos e, uma vez que os alunos tenham definido a cena que farão, deixe que testem novamente as possibilidades com os objetos que todos trouxeram. O ideal é que tenham um amplo leque de possibilidades e que testem quantas vezes forem necessárias. Deixe que experimentem também como “dar vida” aos objetos que trouxeram.

Dê algumas dicas extras:

- Para que o público atente para o personagem, o manipulador deve sempre olhar para o objeto enquanto ele “fala” ou “se movimenta”. Dessa forma, o manipulador dará o foco para o objeto/personagem e não para si mesmo.
- É importante que, toda vez que o objeto/personagem estiver realizando alguma ação ou falando, ele se movimente. O objeto estático dá a sensação de que está sem vida, mesmo que esteja falando.
- É importante definir a frente e as costas do personagem. Isso contribui para que o público e os próprios manipuladores visualizem o personagem como um “ser” e não mais como um objeto. Um jeito de conseguir isso é demarcar, de alguma maneira, os olhos do personagem, pintando ou mesmo usando alguma característica do próprio objeto: furos, manchas, etc.
- Quando estiverem contracenando com outro personagem, é importante que façam o seu personagem olhar para o outro (não necessariamente o tempo todo, mas mantendo essa referência).

EXPERIMENTAÇÃO

PARA FINALIZAR ESTE CAPÍTULO, QUE TAL DAR VIDA A DIFERENTES ANIMAIS EM UM TEATRO DE OBJETOS?

- 1 O PROFESSOR VAI ORGANIZAR A TURMA EM GRUPOS DE ATÉ SEIS ALUNOS.
- 2 CADA GRUPO DEVERÁ CRIAR UMA HISTÓRIA QUE TENHA ANIMAIS COMO PERSONAGENS.
- 3 COM SEU GRUPO, FAÇA UMA LISTA DOS PERSONAGENS QUE APARECEM NA HISTÓRIA.
- 4 CONVERSE COM OS COLEGAS SOBRE AS CARACTERÍSTICAS DOS PERSONAGENS E PENSE NOS OBJETOS QUE PODERÃO SER USADOS PARA CRIÁ-LOS.
- 5 DEPOIS DE DEFINIR OS OBJETOS QUE SERÃO UTILIZADOS PARA CRIAR OS PERSONAGENS, O GRUPO ESCOLHE QUEM VAI MANIPULAR CADA UM DELES.
- 6 COM O PROFESSOR E OS COLEGAS, ESCREVA O ROTEIRO DA PEÇA.
- 7 ESCOLHAM A TRILHA SONORA PARA A ENCENAÇÃO.
- 8 AGORA É SÓ ENSAIAR BASTANTE!



APRESENTANDO

APÓS OS ENSAIOS, COMBINEM COM O PROFESSOR O DIA, O LOCAL E O HORÁRIO PARA A APRESENTAÇÃO DA PEÇA. BOM ESPETÁCULO!

REGISTRANDO

ORGANIZE-SE COM OS COLEGAS PARA FOTOGRAFAR AS APRESENTAÇÕES. FAÇAM TAMBÉM O REGISTRO EM VÍDEO DAS ENCENAÇÕES.

30

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

- Uma das coisas mais difíceis é fazer o personagem/objeto “ter reações”. No teatro de objetos a reação do manipulador passa a ser a do personagem. Por exemplo, se o personagem está triste, quem deve reagir é o manipulador (sempre olhando para o seu objeto). Assim o público pode perceber que aquela reação está sendo atribuída ao objeto/personagem.

A BNCC nestas páginas

Processos de criação

BNCC EF15AR21

A proposta de que os alunos encenem uma história por meio do teatro de objetos é importante para exercitar a imitação e o faz de conta, fazendo-os ressignificar objetos e fatos, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, de forma intencional e reflexiva.

O QUE ESTUDAMOS

- A ARTE MEXE COM AS EMOÇÕES E PODE SURPREENDER.
- NA PEÇA **ZOO-ILÓGICO**, A CIA. TRUKS DÁ VIDA A OBJETOS DO COTIDIANO E ESTIMULA NOSSA IMAGINAÇÃO.
- A ARTE PODE NOS FAZER PENSAR EM COMO CUIDAMOS DOS ANIMAIS E COMO INTERAGIMOS COM ELES.
- O TEATRO DE OBJETOS E O TEATRO DE BONECOS SÃO TIPOS DE TEATRO DE ANIMAÇÃO.
- OS PERSONAGENS PODEM SER REAIS OU FICTÍCIOS.
- OS PERSONAGENS TAMBÉM PODEM SER ANIMAIS, PLANTAS OU OBJETOS.
- PARA INTERPRETAR OS PERSONAGENS, OS ATORES PODEM USAR BONECOS, OBJETOS E SOMBRAS, ALÉM DO PRÓPRIO CORPO.
- OS ANIMAIS PODEM SER TEMA DE MÚSICAS E CANÇÕES.
- ALGUNS POVOS INDÍGENAS BRASILEIROS PRODUZEM OBJETOS INSPIRADOS EM ANIMAIS.



DICA DE VISITAÇÃO

NA CIDADE EM QUE VOCÊ MORA EXISTE ALGUMA COMPANHIA DE TEATRO DE ANIMAÇÃO? SE SIM, NÃO DEIXE DE VISITÁ-LA COM OS COLEGAS E O PROFESSOR!

É HORA DE RETOMAR O PORTFÓLIO



O QUE VOCÊ APRENDEU NESTE CAPÍTULO? EM UMA FOLHA DE PAPEL SULFITE, FAÇA UMA COLAGEM E MOSTRE O QUE VOCÊ MAIS GOSTOU DE ESTUDAR.

» O QUE ESTUDAMOS

31

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

O que estudamos

Leia com os alunos a síntese daquilo que foi estudado no capítulo e esclareça possíveis dúvidas. Depois, converse com eles sobre a questão apresentada no box **É hora de retomar o portfólio**. Com base nessa questão e no exame dos trabalhos arquivados no portfólio, incentive-os a refletir sobre seu desempenho nos estudos e a compartilhar as

avaliações que fizerem. Faça uma roda com todos os alunos sentados no chão. Eles podem estar com seus livros, o que os ajudará a se lembrar do que estudaram. Peça a eles que digam aquilo que de mais importante estudaram e aprenderam no capítulo. Por fim, faça um registro coletivo dessa conversa. Em um pedaço grande de cartolina ou papel paraná, vá anotando o que disserem, em tópicos. Depois, promova a leitura coletiva do texto.

É hora de retomar o portfólio

Antes de orientar os alunos a fazer a colagem proposta, converse com eles sobre o percurso que fizeram durante o estudo deste capítulo. Para isso, pergunte: “Depois do que vimos neste capítulo, seu conhecimento acerca do teatro mudou? Justifique.”; “Você ficou satisfeito com as suas produções artísticas?”; “Quais foram as suas maiores dificuldades no decorrer dos estudos?”.

Retome a lista que foi feita no início do bimestre, junto com a turma, assim os alunos terão mais condições de perceber o que foi aprendido até agora. Verifique, também, o aprendizado deles analisando seus portfólios e a participação em sala a partir dos seguintes critérios observáveis.

- O aluno reconhece e distingue os elementos fundamentais da linguagem teatral estudados?
- O aluno utiliza elementos constitutivos da linguagem teatral em suas produções (improvisações e composições) de maneira consciente?
- O aluno avalia o uso das propriedades cênicas em suas produções, reconhecendo suas estratégias de composição?
- O aluno compara e avalia os resultados de suas pesquisas e experimentações teatrais, na busca de soluções para expressar suas ideias e sentimentos? Além disso, avalie se o aluno:
 - precisa de ajuda para identificar e reconhecer os elementos da linguagem teatral.
 - apresenta facilidade em trabalhar com os diversos elementos constitutivos da linguagem teatral e suas propriedades, mas ainda precisa de alguma orientação.
 - consegue se apropriar e trabalhar com os elementos da linguagem teatral explorados, sem necessidade de supervisão ou acompanhamento direto.
 - explora e pesquisa os elementos constitutivos da linguagem teatral e reconhece suas propriedades, a partir da apropriação que ele tem dos procedimentos desenvolvidos nas atividades.

Unidade 1 – Capítulo 2

Dançar para alertar!

Neste capítulo, continuamos o trabalho com a questão norteadora da unidade: “A arte faz pensar?”. É importante destacar a dança como uma possibilidade de expressão artística capaz de provocar reflexões.

Antes de iniciar o estudo do capítulo, retome com os alunos a lista feita ao final da introdução da unidade e atualize-a. Pergunte a eles se o que foi listado se concretizou e se há outros elementos para adicionar à lista. Retome a pergunta norteadora do projeto e pergunte o que os alunos imaginam que precisam saber sobre a dança para respondê-la. Pergunte também o que imaginam que vão estudar, analisando o título do capítulo. Sugira, então, alguns itens para compor a lista com a turma:

- Conhecer um ou mais artistas que expressem o que pensam sobre algum tema usando a linguagem da dança.
- Descobrir mais sobre a dança e seus elementos.
- Experimentar exercícios de consciência corporal.
- Conhecer outras formas de arte e outras culturas que representem a preocupação com os animais.
- Criar uma obra coletiva que mostre o que aprendemos sobre dança.

Incentive-os a complementar essa lista e acate sugestões, assim como foi feito antes de iniciar o capítulo 1.

A dança de Giselda Fernandes

Para iniciar

Ao iniciar o trabalho com o capítulo, estimule os alunos a falar sobre as experiências deles com dança. Depois, peça que observem as imagens do espetáculo **Sobre cisnes** e converse sobre elas, chamando atenção para os gestos, para o figurino e para a construção do cenário.

Ao trabalhar as questões do boxe, procure estabelecer relações com a questão central da unidade:



DANÇAR PARA ALERTAR!

A DANÇA DE GISELDA FERNANDES

NO CAPÍTULO 1, VIMOS COMO A ARTE PODE INSTIGAR NOSSA IMAGINAÇÃO, FAZENDO COM QUE OS OBJETOS GANHEM VIDA. MAS A ARTE PODE MEXER COM AQUILO QUE A GENTE PENSA DE OUTRAS MANEIRAS? SERÁ QUE UMA OBRA DE ARTE É CAPAZ DE NOS FAZER MUDAR DE OPINIÃO? PARA COMEÇAR A REFLETIR SOBRE ESSAS QUESTÕES, VAMOS CONHECER UM ESPETÁCULO DE DANÇA!

PARA INICIAR >

1. VOCÊ GOSTA DE DANÇAR?
2. COMO VOCÊ SE SENTE QUANDO DANÇA? QUE MOVIMENTOS VOCÊ FAZ?
3. VOCÊ JÁ VIU OU PARTICIPOU DE UMA APRESENTAÇÃO DE DANÇA? COMO FOI?
4. E UM ESPETÁCULO DE BALÉ? VOCÊ JÁ VIU?

AS IMAGENS DAS PÁGINAS 32 E 33 SÃO CENAS DO ESPETÁCULO **SOBRE CISNES**, CRIADO PELA BAILARINA E COREÓGRAFA CARIOCA GISELDA FERNANDES (1961-). OBSERVE-AS COM ATENÇÃO.

> GISELDA FERNANDES DANÇANDO NO ESPETÁCULO **SOBRE CISNES**, NO TEATRO CACILDA BECKER, RIO DE JANEIRO, 2016.



32

UNIDADE 1 >

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

“A arte faz pensar?”. Para isso, pergunte: “A partir do que já vimos sobre este espetáculo de dança, ele faz pensar sobre algo? O quê?”. Destaque o fato de que a coreografia trata da morte de um cisne e incentive os alunos a apontarem de que forma este tema se relaciona à questão central que estamos discutindo.



Foto: Américo Junior/Arquivo do Fotógrafo

► CENAS DE GISELDA FERNANDES DANÇANDO NO ESPETÁCULO **SOBRE CISNES**, NO TEATRO CACILDA BECKER, RIO DE JANEIRO, 2016.



A ROUPA DA BAILARINA É FEITA DE QUE MATERIAL? E O CENÁRIO? POR QUE SERÁ QUE ESSE TIPO DE MATERIAL FOI ESCOLHIDO PARA COMPOR O FIGURINO E O CENÁRIO DO ESPETÁCULO?

O figurino da bailarina foi composto de tecido e sacos plásticos. O cenário do espetáculo foi composto de sacos plásticos. Em relação à pergunta sobre a escolha dos materiais, as respostas são pessoais.

► CAPÍTULO 2 33

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Competências deste capítulo

- Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Linguagem

Dança.

Dimensões do conhecimento

Fruição; reflexão.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

Neste momento, os estudantes terão a oportunidade de apreciar a dança contemporânea e o balé como formas de manifestação da dança, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

Expectativas de aprendizagem deste capítulo

- Reconhecer elementos da linguagem da dança.
- Conhecer e participar de exercícios de consciência corporal.
- Apreciar espetáculos de dança.
- Descrever aquilo que vê e sente em relação às obras apreciadas.
- Comunicar aos colegas sua apreciação, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e suas principais obras.
- Compreender os valores estéticos dos artistas que realizaram as obras apreciadas.
- Criar e produzir uma coreografia inspirada no trabalho da bailarina e coreógrafa carioca Giselda Fernandes.

Que obra é essa?

Ao fazer a leitura coletiva das imagens e do texto com os alunos, procure levantar seus repertórios sobre o balé e promover a troca de impressões e hipóteses sobre a coreografia do espetáculo apresentado. Faça perguntas como: “Vocês já fizeram ou viram alguém fazendo essas posições?”; “Essas posições parecem difíceis? Por quê?”; “O que vocês acharam das roupas que os bailarinos usam na apresentação? São leves ou pesadas?”; “Vocês acham que essas roupas ajudam os bailarinos a executarem os movimentos?”.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de apreciar a dança contemporânea e o balé como formas de manifestação da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

QUE OBRA É ESSA?

O ESPETÁCULO **SOBRE CISNES** É INSPIRADO NO BALÉ CLÁSSICO **A MORTE DO CISNE**.

O BALÉ CLÁSSICO É UMA TÉCNICA DE DANÇA COM PASSOS ENSAIADOS QUE EXISTE HÁ MUITO TEMPO. OS DANÇARINOS DO BALÉ SÃO CHAMADOS DE BAILARINOS. AO DANÇAR, ELES BUSCAM LEVEZA E ELEGÂNCIA E FAZEM MUITOS MOVIMENTOS PARA CIMA!

VÁRIAS POSIÇÕES DO BALÉ SÃO DESAFIADORAS E LEVAM OS BAILARINOS AO LIMITE: ELES LEVANTAM O CORPO USANDO AS PONTAS DOS PÉS, DÃO SALTOS BEM LONGE DO CHÃO E LEVAM OS BRAÇOS E AS PERNAS ACIMA DA CABEÇA. OBSERVE A POSIÇÃO DA PERNA DA BAILARINA NA IMAGEM A SEGUIR.



▶ BAILARINOS DE BALÉ CLÁSSICO NO ESPETÁCULO **A BELA ADORMECIDA**, DNIPRO, UCRÂNIA, 2017.

34

UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Na Europa, após a Revolução Francesa no final do século XVIII, abre-se um leque de possibilidades primoroso para a criação artística, podendo a arte versar sobre temas de cunho político, heroico, social e propagandista. [...].

A expressão da individualidade é Paris, o centro difusor de criatividade para a Europa. O romantismo, que se estabelece a partir de 1820, tem como características mais evidentes a ênfase em valores emocionais e nacionalistas e profunda admiração pela natureza.

O contexto histórico do balé romântico teve na poesia, na literatura, na música e na pintura uma moldura perfeita para o seu desenvolvimento. O etéreo e o exótico encontraram no palco o lugar perfeito para expressar-se. [...]

A maioria dessas obras descreve histórias fantásticas com personagens reais, camponeses e príncipes que contracenam com seres etéreos, fadas, elfos e cisnes, sempre expressando a dualidade real *versus* ideal, carnal *versus* espiritual, vida *versus* morte. **A Morte do Cisne**, um simples solo de 2 minutos, coreografia de Michel Fokine e música de Saint Saens, é o melhor exemplo do ideal romântico no balé.

NAS APRESENTAÇÕES DE BALÉ CLÁSSICO, OS BAILARINOS USAM UM FIGURINO ESPECIAL, QUE PODE INCLUIR **SAPATILHAS DE PONTA**, **COLLANT** E **TUTU**.

A MORTE DO CISNE FOI UM BALÉ CRIADO ESPECIALMENTE PARA A BAILARINA RUSSA ANNA PAVLOVA (1881-1931). A COREOGRAFIA FOI INSPIRADA NO ÚLTIMO VOO DE UM CISNE ANTES DE SUA MORTE.

A SEQUÊNCIA DE MOVIMENTOS FOI ELABORADA PELO COREÓGRAFO RUSSO MIKHAIL FOKINE (1880-1942), A PARTIR DE UMA MÚSICA DO COMPOSITOR FRANCÊS CAMILLE SAINT-SAËNS (1835-1921). O BALÉ É UM **SOLO**, OU SEJA, A BAILARINA SE APRESENTA SOZINHA NO PALCO.



► A BAILARINA ANNA PAVLOVA DANÇANDO **A MORTE DO CISNE**, NO INÍCIO DO SÉCULO XX.

VEJA O FIGURINO DA BAILARINA ANNA PAVLOVA DANÇANDO **A MORTE DO CISNE**. COMO VOCÊ DESCREVERIA ESSE FIGURINO?

QUE DIFERENÇAS VOCÊ OBSERVA ENTRE ESSE FIGURINO E O FIGURINO UTILIZADO PELA BAILARINA GISELDA FERNANDES, NO ESPETÁCULO **SOBRE CISNES**?

O figurino de Anna Pavlova é composto de tecido e penas. O figurino de Giselda Fernandes é composto principalmente de sacolas plásticas.

► CAPÍTULO 2 35

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

O movimento corporal que imita um cisne, eleito pelos poetas como símbolo romântico, o timbre melancólico de um violoncelo, o figurino alvo e com plumas e o cenário esfumado, dando a impressão que a bailarina flutua, e a interpretação apaixonada da bailarina contribuem para a imagem do ideal romântico, onde o etéreo, a melancolia e a morte dimensionavam o verdadeiro conceito de beleza artística da época.

SILVA, Eliana Rodrigues. As configurações do corpo na cena artística contemporânea. *Cógit*, Salvador, 2008. v. 9. p. 29-34. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792008000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 dez. 2017.

Texto complementar

Elementos da dança

A maioria das danças segue a música, que determina o estilo e o aspecto dramático da coreografia. Por exemplo, na dança oriental chamada *raqs sharqi*, ou dança do ventre, a música dita o clima e a história. Nos balés, há partes inteiras da música que seguem o estilo do personagem que está dançando.

Alguns estilos de dança exigem determinados tipos de roupas, calçados ou adereços. Dançarinos podem usar, por exemplo, arpões, máscaras e maquiagem para enfatizar danças guerreiras ou de caça. O uso de certos trajes em danças rituais também pode deixar claro que se trata de uma ocasião sagrada. No Brasil, as tribos indígenas fazem pinturas no corpo de acordo com o significado de cada dança. Os espetáculos de dança usam figurinos, cenários e iluminação, que ajudam a contar a história, a criar o clima desejado ou a elaborar padrões visuais interessantes. O balé clássico exige o uso de sapatilhas com ponta firme, que permite aos bailarinos ficar na ponta dos pés; já no sapateado os dançarinos utilizam sapatos especiais que têm pequenas placas de metal presas à sola.

Dança. In: Britannica Escola. *Enciclopédia Escolar Britannica*, 2017. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/levels/fundamental/article/dan%C3%A7a/481107#287697>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

Sugestão de...

Vídeo

Este vídeo de 1925 mostra a bailarina Anna Pavlova executando um trecho do balé **A morte do cisne**. Se possível, exiba-o para os alunos. A música foi inserida posteriormente. Disponível em: <www.youtube.com/watch?time_continue=6&v=YW01o9x0Alc>. Acesso em: 19 out. 2017.

Como a obra foi feita?

No espetáculo **Sobre cisnes**, os sacos plásticos estão relacionados ao conceito de **objeto-partner**, criado pela bailarina, coreógrafa e produtora Giselda Fernandes.

Observe e comente a imagem com os alunos, para que percebam a função do **objeto-partner**: “Com o que ela está dançando?”; “Vocês reconhecem estes objetos?”; “Como vocês acham que eles estão presos ao corpo da bailarina?”; “Vocês acham que estes objetos podem influenciar a forma como ela dança?”.

Se achar pertinente, faça uma sondagem com a turma para verificar se os alunos estão devidamente familiarizados com os conceitos de cenário e figurino. Se necessário, apresente as definições a seguir.

- **Cenário:** Todos os elementos que compõem o espaço onde se apresenta um espetáculo de teatro.
- **Figurino:** A roupa usada em um espetáculo de dança ou teatro.

Texto complementar

Objeto-partner

Giselda Fernandes criou o conceito de **objeto-partner** para denominar seu uso de objetos cotidianos como parceiros em suas criações coreográficas.

Vassouras, garrafas PET, bancos de plástico, entre outros, são mais que objetos de cena: “Ter um objeto como *partner* altera seu corpo, conduz a construção coreográfica e a dramaturgia”, como explica a coreógrafa.

O conceito de **objeto-partner** vem se desenvolvendo desde o ano de 2001 em coreografias geradas a partir da ideia de Giselda de que manter o objeto em contato com o corpo conduz a movimentos diferentes com diferentes *partners*.

Giselda diz: “A parceria com o objeto foi a descoberta que me permitiu mergulhar no universo criativo e, finalmente, encontrar a trilha que me levaria à dança que eu sempre quis criar e dançar. A partir de então, passei a desenvolver um conceito próprio em dança contemporânea”.

Apresentação. *Os Dois*. Disponível em: <www.osdois.com/cia-de-danca/apresentacao>. Acesso em: 20 out. 2017.

COMO A OBRA FOI FEITA?

EM **SOBRE CISNES**, GISELDA FERNANDES CRIA UMA DANÇA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DO BALÉ CLÁSSICO **A MORTE DO CISNE**. A BAILARINA DANÇA COM SACOS PLÁSTICOS, QUE TAMBÉM FORAM USADOS PARA COMPOR O FIGURINO E O CENÁRIO DO ESPETÁCULO.

CONTEMPORÂNEO:
ATUAL, DO NOSSO
TEMPO.

AO SOM DA MÚSICA DE CAMILLE SAINT-SAËNS E, ÀS VEZES, SEM MÚSICA NENHUMA, GISELDA VAI VESTINDO MAIS E MAIS SACOS PLÁSTICOS. NO COMEÇO, ELES ENFEITAM E DIVERTEM O CISNE VIVIDO PELA BAILARINA, MAS, AOS POUCOS, PASSAM A SUFOCÁ-LO, PROVOCANDO A MORTE DELE.



► CENA DO ESPETÁCULO **SOBRE CISNES**, DE GISELDA FERNANDES, NO TEATRO CACILDA BECKER, RIO DE JANEIRO, 2016. O **TUTU** DA BAILARINA FOI FEITO COM QUINHENTOS SACOS PLÁSTICOS!

APESAR DE SER MUITO PRÁTICO, O PLÁSTICO É UM MATERIAL PÉSSIMO PARA A NATUREZA. SACOS, GARRAFAS E OUTROS OBJETOS FEITOS DE PLÁSTICO SUJAM OS RIOS E OS OCEANOS E PODEM CAUSAR A MORTE DE MUITOS ANIMAIS, SE FOREM ENGOLIDOS.

36 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR01 **BNCC EF15AR08**

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de apreciar aspectos de um espetáculo de dança contemporânea criado a partir do balé clássico como uma forma de manifestação da dança, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

Ao apreciar o trabalho dos artistas filipinos, bem como a construção do figurino e do cenário do espetáculo **Sobre cisnes**, os alunos também poderão identificar e apreciar uma formas de arte visual contemporânea, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

NO ESPETÁCULO **SOBRE CISNES**, GISELDA FERNANDES UTILIZA OS SACOS PLÁSTICOS PARA LEVAR AS PESSOAS A PENSAR SOBRE O USO E O IMPACTO DESSE MATERIAL NA NATUREZA.

VOCÊ OU ALGUÉM NA SUA CASA USA SACOS PLÁSTICOS NO DIA A DIA? CONHECER UM POUCO O ESPETÁCULO **SOBRE CISNES** FEZ VOCÊ PENSAR SOBRE ISSO? É POSSÍVEL USAR MENOS SACOS PLÁSTICOS?

SUGESTÃO DE...

SITE

VEJA CENAS DO ESPETÁCULO **SOBRE CISNES** NA PÁGINA OFICIAL DA COMPANHIA OS DOIS – DANÇA CONTEMPORÂNEA, CRIADA POR GISELDA FERNANDES. DISPONÍVEL EM: <www.osdois.com/repertorio/sobre-cisnes>. ACESSO EM: 16 DE SETEMBRO DE 2017.

ARTE & GEOGRAFIA

OUTROS ARTISTAS TAMBÉM CRIAM OBRAS QUE NOS SURPREENDEM E, AO MESMO TEMPO, NOS FAZEM PENSAR SOBRE NOSSA RELAÇÃO COM A NATUREZA. VEJA O EXEMPLO.

► ESCULTURA DE BALEIA-AZUL FEITA COM OBJETOS DE PLÁSTICO RETIRADOS DO OCEANO. OBRA ENCOMENDADA PELO GREENPEACE FILIPINAS A ARTISTAS LOCAIS. NAIC, FILIPINAS, 2017.



MAS NÃO É SÓ A ARTE QUE NOS LEVA A PENSAR SOBRE A NOSSA RELAÇÃO COM A NATUREZA! OS GEÓGRAFOS ESTUDAM OS IMPACTOS CAUSADOS NO MEIO AMBIENTE PELOS NOSSOS DIFERENTES MODOS DE VIDA, LEVANDO-NOS A REFLETIR SOBRE O QUE PRECISAMOS MUDAR NAS NOSSAS ATITUDES.

PENSANDO NISSO, SIGA AS ORIENTAÇÕES DO PROFESSOR E LEVANTE INFORMAÇÕES SOBRE O USO DE SACOS PLÁSTICOS NA SUA ESCOLA.

► CAPÍTULO 2 37

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Interdisciplinaridade: Arte e Geografia na BNCC

Produção, circulação e consumo

BNCC EF03GE08

A apreciação do trabalho dos artistas filipinos pode ajudar os estudantes a relacionar a produção de lixo doméstico ou da escola aos problemas causados pelo con-

sumo excessivo e construir propostas para o consumo consciente, considerando a ampliação de hábitos de redução, reúso e reciclagem/descarte de materiais consumidos em casa, na escola e/ou no entorno. Esta é uma antecipação de conteúdo que consta do 3º ano de Geografia da BNCC. No entanto, trata-se de uma abordagem inicial, que poderá ser devidamente aprofundada no ano seguinte.

Arte e Geografia

O boxe pode ser um ponto de partida para trabalhar com produção tridimensional e materiais reciclados, identificar relações entre a produção artística apresentada e a preservação do meio ambiente e refletir acerca do papel da arte como instrumento de indignação, protesto e conscientização ambiental.

Ao apreciar a imagem com os alunos, faça perguntas como: “Você reconhece o animal representado pelos artistas?”; “Acha que eles quiseram passar alguma mensagem com a obra?”. Estimule-os a levantar hipóteses sobre como os artistas filipinos trabalharam com os resíduos plásticos recolhidos no mar: “Que tipo de interferência vocês acham que eles fizeram? Eles os cortaram, amassaram, retalharam, serraram, pintaram?”; “Como vocês acham que eles produziram a escultura?”. O objetivo não é que eles desvendem ou descubram exatamente como a escultura foi feita, mas que reflitam a partir das próprias experiências com arte.

Oriente os alunos na investigação proposta sobre os usos de sacos plásticos na escola: “São usados muitos sacos plásticos?”; “E garrafas ou outros tipos de embalagens?”; “Onde eles são descartados?”; “É possível reduzir esse uso?”. Oriente-os sobre como podem obter esse tipo de informação: eles podem entrevistar funcionários e outros alunos da escola, por exemplo. Sugira questões como: “Para que usamos sacos plásticos?”; “De que forma obtemos os sacos plásticos?”; “Para onde eles vão depois de serem usados?”; “Quantos sacos plásticos usamos por dia?”. Explique que para o trabalho do geógrafo (ou de outros estudiosos, como historiadores, cientistas sociais, etc.) a elaboração e aplicação de entrevistas é muito importante, pois é um método fundamental para organizar e colher as informações sobre o assunto que estão pesquisando.

Auxilie-os a organizar e a registrar os resultados. Depois, divida-os em grupos para que façam cartazes ilustrados com as informações colhidas para conscientizar a comunidade escolar sobre o uso de sacos plásticos na instituição.

Movimentos corporais

A dança e a expressão corporal, quando trabalhadas no contexto escolar, devem ser compreendidas como recursos de articulação e de construção de conhecimento e repertório. Isso está relacionado à formação integral dos alunos, ao desenvolvimento da percepção de si mesmos e à exploração do movimento de maneira expressiva, comunicativa e criativa.

É importante compreender que, para trabalhar o movimento e a brincadeira, você pode ir além da ideia de propor uma série de exercícios espontâneos ou somente lúdicos, ou focar em um aprendizado de um “estilo/código” de dança específico, como se concentrar no aprendizado de passos de um determinado estilo ou tipo de dança. A visão e a abordagem da dança, do movimento e da brincadeira propostas aqui se referem à realização de um trabalho consciente e criativo que oriente a criança para que conheça seu corpo, explore e desenvolva seu movimento, interagindo com o outro, com o espaço da escola e com outras linguagens artísticas e conteúdos de outras áreas, em um processo de construção de conhecimento e de criação constante.

As crianças dessa faixa etária costumam gostar de se movimentar. Elas vivem e demonstram seus estados afetivos com o corpo inteiro: se estão alegres, por exemplo, costumam pular, correr e brincar ruidosamente.

O estudo da dança é uma oportunidade para potencializar a energia e o gosto por brincar dos alunos em atividades pedagógicas. O movimento é uma linguagem que comunica estados, sensações, ideias: o corpo fala. Assim, é importante organizar situações e atividades em que as crianças possam conhecer e valorizar as possibilidades expressivas do próprio corpo.

Tipos de movimento

Ao abordar os tipos de movimento, vamos trabalhar com as variações de força e de velocidade. Promova a leitura coletiva do texto e das imagens. Para aproximar o tema das experiências dos alunos, explore com eles as questões apresentadas no texto.

MOVIMENTOS CORPORAIS

VOCÊ VIU COMO GISELDA FERNANDES USOU A DANÇA PARA NOS FAZER PENSAR SOBRE O USO DE SACOS PLÁSTICOS E O IMPACTO DELES NA NATUREZA.

OBSERVE NOVAMENTE AS IMAGENS DO ESPETÁCULO. COMO SÃO OS MOVIMENTOS FEITOS PELA BAILARINA? ELES SE PARECEM COM OUTROS QUE VOCÊ CONHECE?

TIPOS DE MOVIMENTO

PARA SE EXPRESSAR, OS DANÇARINOS FAZEM MOVIMENTOS E GESTOS VARIADOS, QUE SE MODIFICAM O TEMPO TODO. ELES SE CURVAM, ENCOLHEM-SE, SALTAM, GIRAM...

OS MOVIMENTOS DA DANÇA PODEM SER PESADOS OU LEVES, RÁPIDOS OU LENTOS.

MOVIMENTOS PESADOS

OS DANÇARINOS PODEM FAZER MOVIMENTOS PESADOS COMO OS DOS ELEFANTES!

VOCÊ JÁ OBSERVOU COMO UM ELEFANTE SE MOVIMENTA? SABE COMO ELE MOVE AS PATAS? COMO É O BALANÇO DO CORPO DESSE ANIMAL? E O MOVIMENTO DA TROMBA?

PARA EXECUTAR MOVIMENTOS PESADOS, COMO OS DO ELEFANTE, É PRECISO FAZER MUITA OU POUCA FORÇA?



38

UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Movimentos pesados

O estudo da dança e a apreciação dos movimentos dependem muito da observação e da experimentação. Por essa razão, ao tratar dos movimentos pesados, organize os alunos em quartetos e peça a cada um que imite um movimento dos elefantes. Depois, pergunte: “Como é o movimento das patas do elefan-

te?”; “E da tromba?”; “Você faz muita ou pouca força para executar esse movimento?”. É importante que eles observem uns aos outros para perceber as diferentes maneiras de imitar um elefante. Ressalte que não existe uma maneira “correta”; cada um pode fazer a representação da forma que achar mais adequada.

MOVIMENTOS LEVES

OS DANÇARINOS TAMBÉM PODEM FAZER MOVIMENTOS LEVES COMO OS DOS GATOS!

VOCÊ JÁ OBSERVOU OS MOVIMENTOS DOS GATOS? SABE COMO OS GATOS CAMINHAM? O QUE MAIS CHAMA A SUA ATENÇÃO NO MOVIMENTO DESSES ANIMAIS?

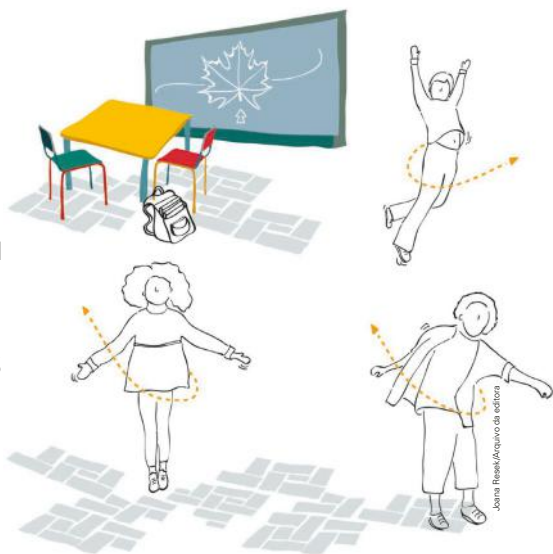
VOCÊ ACHA QUE PARA EXECUTAR MOVIMENTOS LEVES, COMO OS DO GATO, É PRECISO FAZER MUITA OU POUCA FORÇA?



ATIVIDADE PRÁTICA

VAMOS BRINCAR DE FOLHAS AO VENTO?

- 1 IMAGINE QUE VOCÊ É UMA FOLHA DE UMA PLANTA NO MEIO DA VENTANIA.
- 2 ESSA FOLHA É BEM LEVE E ESTÁ SEMPRE EM MOVIMENTO PORQUE O VENTO A ARRASTA PARA TODOS OS LADOS POR MUITO TEMPO.
- 3 COM ESSA SENSÇÃO, MOVIMENTE-SE PELO ESPAÇO LIVREMENTE.



▶ CAPÍTULO 2 39

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Movimentos leves

Ao conduzir a apreciação da imagem com os alunos, pergunte: “Quem tem um gato em casa ou já viu um gato na rua ou na casa de amigos?”; “Como ele se movimenta?”; “O que mais chama a atenção na movimentação do gato?”; “Que diferenças vocês notam entre a forma de o gato se movimentar e a do elefante?”; “O gato é veloz?”. Ressalte que os gatos, por vezes, movimentam-se muito rápido e, às vezes, bem lentamente. Organize a turma novamente em quartetos e peça a cada um que imite um movimento dos gatos. Converse com eles também sobre as ações dos gatos: eles comem, brincam, dormem, caçam, limpam-se, etc.

Atividade prática

Antes de iniciar, combine com os alunos que eles deverão se movimentar pela sala, ou pelo ambiente em que estiverem, com cuidado para não esbarrarem uns nos outros. Ao imitar as folhas voando ao vento, eles provavelmente tenderão a abrir os braços. Deixe-os livres para inventarem os movimentos com criatividade e imaginação. Pode ser que alguns alunos se deem no chão, já que as folhas podem voar rasteiras.

Estimule-os a criar os movimentos perguntando: “Que tipo de folhas vocês estão imitando? Grandes, pequenas, secas, verdes... De que tipo de árvore?”.

Converse com os estudantes durante a atividade e estimule-os a perceber que, mesmo que a proposta seja igual para todos, o movimento é criado individualmente e que, assim, cada um sempre imprime a sua marca ao movimento que faz. Pergunte: “Como cada um de vocês imagina uma folha caindo?”; “O vento é forte ou fraco?”.

Se houver alunos com deficiência na turma, eles também podem e devem participar da atividade a seu modo, com ou sem sua ajuda ou mesmo dos colegas, sempre tendo suas limitações respeitadas e suas conquistas valorizadas.

A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR09 BNCC EF15AR10

Processos de criação

BNCC EF15AR11

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal, experimentar diferentes formas de orientação

no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos, etc.) na construção do movimento dançado, podendo criar e improvisar de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento.

Movimentos rápidos

Se for possível, busque na internet um vídeo de um beija-flor para exibir aos alunos. Sugira a eles que comparem o tamanho do beija-flor ao tamanho do gato e procurem estabelecer relações entre peso, velocidade e movimento, perguntando: “Será que um beija-flor se movimenta mais rápido porque é leve?”; “Quais são as partes do corpo de um beija-flor?”; “Por que o beija-flor consegue voar?”; “Com que velocidade vocês acham que ele bate as asas?”.

Texto complementar

Como o beija-flor fica suspenso no ar?

Em primeiro lugar, a agilidade dessa ave é garantida pela velocidade do batimento de suas asas, muito maior que a de outros pássaros – chegando, em alguns casos, ao impressionante número de 80 batidas por segundo. Mas o verdadeiro segredo é outro. “Ao contrário das outras aves, o beija-flor não agita as asas para cima e para baixo, mas para a frente e para trás, na horizontal”, afirma o ornitólogo Luiz Francisco Sanfilipeo, do Parque Zoológico de São Paulo. Como a ligação da asa com o corpo não é rígida, ela pode ser revirada como uma hélice. Assim, de maneira semelhante a um helicóptero, formam-se redemoinhos de ar que mantêm o pássaro pairando.

MUNDO ESTRANHO, 17 jun. 2017. Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/mundo-animado/como-o-beija-flor-fica-suspenso-no-ar/#>>. Acesso em: 20 out. 2017.

Movimentos lentos

Ao apreciar a ilustração com os alunos, pergunte: “Quem já viu uma tartaruga?”; “Como ela é?”; “Como são suas pernas?”; “Ela consegue correr?”; “Como ela se movimenta?”; “O que mais chama a atenção na tartaruga?”; “Quais são as partes do corpo da tartaruga?”; “Quais diferenças vocês notam entre a forma de se movimentar dos gatos, por exemplo, dos elefantes e das tartarugas?”; “Vocês sabem como uma tartaruga se comporta, quais são seus movimentos, o que ela faz?”; “Ela é tão ativa como os gatos?”.

MOVIMENTOS RÁPIDOS

OS DANÇARINOS TAMBÉM PODEM FAZER MOVIMENTOS RÁPIDOS COMO OS DOS BEIJA-FLORES.

VOCÊ JÁ OBSERVOU OS MOVIMENTOS DE UM BEIJA-FLORE? COMO AS ASAS DELE SE AGITAM? NOTOU QUE EM ALGUNS MOMENTOS ELE PAIRA NO AR?

SERÁ QUE MOVIMENTOS RÁPIDOS, COMO OS DAS ASAS DO BEIJA-FLORE, EXIGEM MUITA OU POUCA VELOCIDADE?



MOVIMENTOS LENTOS

OS DANÇARINOS TAMBÉM PODEM FAZER MOVIMENTOS LENTOS COMO OS DAS TARTARUGAS!



VOCÊ JÁ OBSERVOU OS MOVIMENTOS DE UMA TARTARUGA? COMO ELA SE MOVIMENTA? COMO SÃO AS PERNAS DESSE ANIMAL? E O CORPO?

SERÁ QUE MOVIMENTOS LENTOS, COMO OS DA TARTARUGA, EXIGEM MUITA OU POUCA VELOCIDADE?

40 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR10

Processos de criação

BNCC EF15AR11

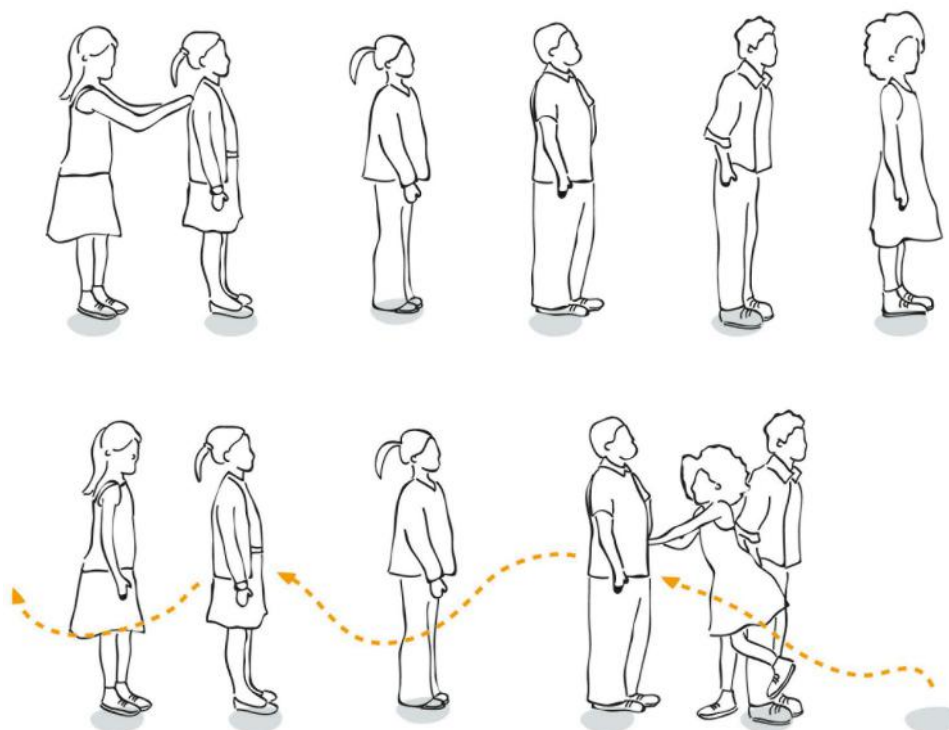
Neste momento, os estudantes poderão experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções,

caminhos, etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido), criando e improvisando de modo individual e de forma colaborativa, interagindo com os colegas, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.

ATIVIDADE PRÁTICA

AGORA, VAMOS FAZER A DANÇA DO ZIGUE-ZAGUE!

- 1 COM OS COLEGAS, FAÇA UMA FILA MANTENDO A DISTÂNCIA DE UM BRAÇO ENTRE UM COLEGA E OUTRO.
- 2 SE VOCÊ ESTIVER NO INÍCIO DA FILA, ATRAVESSE-A PASSANDO ENTRE OS COLEGAS EM ZIGUE-ZAGUE, ATÉ CHEGAR AO FINAL. EM VEZ DE SIMPLEMENTE CAMINHAR, INVENTE MOVIMENTOS PARA COMPOR UMA DANÇA IMPROVISADA, MAS SEM SE ESQUECER DO ZIGUE-ZAGUE!
- 3 QUANDO VOCÊ CHEGAR AO FINAL, O COLEGA DO INÍCIO DA FILA VAI FAZER O MESMO PERCURSO, E ASSIM POR DIANTE.



Ilustrações: Joana Resnik/Arquivo da editora

Atividade prática

Durante a realização da atividade, é importante que os alunos levem em conta os limites físicos dos colegas, respeitando suas habilidades e possibilidades. Valorize e estimule toda movimentação, acolhendo diferenças e trabalhando com elas durante a dinâmica da aula. Isso é fundamental para o desenvolvimento do potencial criativo e expressivo dos estudantes em dança.

Os alunos que frequentam a Educação Infantil e o Ensino Fundamental costumam trazer consigo um conhecimento intuitivo a respeito de seu corpo, mas que muitas vezes não foi despertado ou observado de forma consciente, ainda que eles o utilizem todos os dias, durante as brincadeiras, os jogos, os esportes e ao se comunicar. A criança desenvolve-se e cresce vivenciando experiências através do próprio corpo, em contato com o mundo que a cerca e com os outros indivíduos.

Em todas as fases, observa-se a importância do corpo como forma de expressar emoções. Trabalhar os diversos exercícios de expressividade corporal e conhecimento da própria corporeidade com os alunos de Ensino Fundamental é importante, pois, mesmo que intuitivamente, perceberão que seus repertórios e experiências pessoais se constituem em elementos de construção de conhecimento.

Sugestão de atividade complementar

Efeito cascata

Dê um comando para que os estudantes comecem a caminhar pelo espaço livremente, todos ao mesmo tempo. Iniciada a caminhada, passe a orientar mudanças de direção e de velocidade. Ressalte que eles devem procurar distribuir-se regularmente pelo espaço, sem deixar grandes vazios nem se aglomerar em uma parte da sala. Depois de algum tempo, dê

um comando para que um dos alunos pare. A partir daí, todos têm de parar também, sempre um de cada vez.

Combine com a turma que não vale se comunicar com a fala, só com o olhar. Se dois alunos pararem ao mesmo tempo, a brincadeira recomeça. O objetivo é que todos estejam parados ao final. Proponha então a brincadeira ao contrário: todos devem voltar a andar, mas um de cada vez.

De um movimento a outro

Nesse momento, vamos abordar as formas de passar de um movimento para outro: suavemente ou bruscamente. Promova a leitura coletiva do texto e das imagens. Para aproximar o tema das experiências dos alunos, explore com eles as questões apresentadas no texto, incentivando-os a compartilhar ideias e opiniões.

Mudança suave

Durante a observação da ilustração com os alunos, proponha uma brincadeira de câmera lenta para fazer uma analogia com o movimento do bicho-preguiça. Eles devem executar o movimento de um esporte ou de uma brincadeira, como futebol, vôlei, pega-pega, ciranda, entre outros, e depois repetir esse movimento da forma mais lenta que conseguirem. Pergunte: “Como é esse movimento?”; “Como começa e como termina?”; “Como fazemos para nos equilibrar?”; “Que parte do corpo faz mais força?”; “Que parte do corpo nos sustenta?”.

Mudança brusca

Durante a observação da ilustração com os alunos, converse com eles sobre a ideia apresentada: mudar de movimento bruscamente. Pergunte: “Vocês conseguem mudar de uma posição para outra muito rapidamente?”.

Peça a eles que escolham duas posições e diga que, para mudar da primeira para a segunda posição, eles terão de fazer um movimento mais enérgico. Todos os alunos devem ficar na primeira posição e, quando você bater palmas, eles vão mudar para a segunda posição de um modo bem rápido! Bata palmas de novo para que voltem à primeira posição. Em seguida, proponha que façam a mudança de uma posição para outra em câmera lenta, usando movimentos suaves, como na dinâmica anterior. Depois, pergunte: “Qual é a diferença entre se movimentar de maneira suave e brusca?”; “Como nos equilibramos?”; “Como é a força que fazemos?”.

DE UM MOVIMENTO A OUTRO

AO PASSAR DE UM MOVIMENTO PARA OUTRO, O DANÇARINO PODE FAZER ESSA MUDANÇA DE FORMA SUAVE OU BRUSCA.

MUDANÇA SUAVE

ALGUMAS VEZES, OS DANÇARINOS MUDAM DE MOVIMENTO SUAVEMENTE, COMO UM BICHO-PREGUIÇA!

VOCÊ JÁ VIU OS MOVIMENTOS DO BICHO-PREGUIÇA? SABE COMO ELE MUDA DE UM MOVIMENTO PARA OUTRO?



MUDANÇA BRUSCA

OUTRAS VEZES, OS DANÇARINOS MUDAM DE MOVIMENTO BRUSCAMENTE, COMO UM MACACO!



VOCÊ CONHECE OS MOVIMENTOS DO MACACO? JÁ NOTOU COMO ELE MUDA DE UM MOVIMENTO PARA OUTRO?

42 UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

▶ A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR10

Processos de criação

BNCC EF15AR11

Neste momento, os estudantes poderão experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos, etc.) e ritmos de movimento

(lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado, criando e improvisando de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.

ATIVIDADE PRÁTICA

QUE TAL INVENTAR UMA SEQUÊNCIA DE MOVIMENTOS COM A TURMA?

- 1 FAÇA UMA RODA COM OS COLEGAS E ESCOLHA ALGUÉM PARA COMEÇAR. PODE SER VOCÊ!
- 2 ESCOLHA UM ÚNICO MOVIMENTO PARA MOSTRAR AOS COLEGAS. DEPOIS, A RODA TODA VAI REPETIR SEU MOVIMENTO EM CONJUNTO.
- 3 AGORA É A VEZ DO COLEGA DO LADO. ELE VAI REPETIR SOZINHO SEU MOVIMENTO E ACRESCENTAR OUTRO.
- 4 DEPOIS, A RODA TODA VAI REPETIR OS DOIS MOVIMENTOS JUNTOS.
- 5 A BRINCADEIRA CONTINUA PASSANDO POR TODA A RODA, ATÉ QUE TODOS TENHAM INVENTADO OS MOVIMENTOS E APRENDIDO A SEQUÊNCIA PARA REPETI-LA EM CONJUNTO COM OS COLEGAS.



▶ CAPÍTULO 2 43

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade prática

Você pode iniciar esta atividade com um diagnóstico dos conhecimentos iniciais e das memórias dos alunos sobre as possibilidades de movimento do corpo. Nesse momento, faça algumas perguntas: “Quais tipos de dança vocês conhecem?”; “Quais movimentos fazemos no nosso dia a dia?”; “Como são os movimentos dos esportes?”; “E os das brincadeiras?”.

Nessa atividade, peça aos alunos que atencem para os diferentes movimentos, gestos e expressões que criarem. Mesmo que tenha um caráter lúdico, a brincadeira é um momento importante de criação e de experimentação com a corporeidade. Deixe que a turma repita a sequência completa criada, realizada na roda, mais de uma vez.

Sugestões de atividades complementares

Reprodução de movimentos

Para ajudar a ampliar o repertório dos estudantes, você pode apresentar alguns vídeos em sala de aula em que eles observem diferentes ritmos e danças em várias culturas, atividades esportivas, apresentações de artistas, etc. (na internet há vários exemplos). Nesse momento, pergunte: “Como são as roupas, os passos e a organização do espaço?”; “Como vocês reconhecem os movimentos diferentes e semelhantes?”.

Após a observação, peça que se distribuam pela sala e tentem reproduzir alguns dos movimentos vistos, experimentando as velocidades e os ritmos livremente. Oriente-os a observar os próprios movimentos e os dos colegas, para que possam ampliar seu repertório.

Boneco dobrável

Se possível, providencie bonecos dobráveis – como os utilizados para a demonstração da anatomia humana em aulas de Ciências ou de Educação Física. Leve-os para a sala de aula e peça aos estudantes que explorem e brinquem com as partes do corpo dos bonecos e testem suas possibilidades de movimentação e de articulação. Depois, proponha que caminhem pela sala reproduzindo os movimentos que fizeram com os bonecos, mexendo cabeça, membros e tronco.

Em seguida, oriente-os a formar duplas para que analisem o corpo um do outro. Com cuidado, eles devem verificar como as partes se articulam, quais são as partes mais longas, curtas, pesadas e leves do corpo, etc.

Uma após a outra, cada dupla deve então escolher uma posição para colocar o boneco e as demais deverão “modelar” o corpo de um colega reproduzindo a posição escolhida.

Outros trabalhos de Giselda Fernandes

Faça a leitura coletiva do texto e das imagens. Se julgar necessário, extrapole a discussão fazendo mais perguntas, por exemplo: “Que tipo de movimentos você imagina que os artistas estão fazendo?”; “Qual você acha que é o papel dos objetos nessas performances?”.

Retome com os alunos a conversa sobre o papel dos objetos nas coreografias de Giselda Fernandes. Discuta com eles a relação que os artistas estabelecem com os objetos: “O que as pessoas estão fazendo com estes garrafões?”; “Vocês acham que é difícil dançar com os garrafões?”; “De que maneira elas estão segurando os garrafões?”; “Vocês acham que as posições e movimentos que elas fazem para segurar os garrafões podem virar movimentos de dança? Por quê?”.

Sugestão de...

Site

Se possível, acesse com a turma a página Repertório do site oficial da companhia Os Dois, fundada por Giselda Fernandes. Lá é possível encontrar vídeos das performances **Pet na rede** e **Garrafão**, entre outras. Disponível em: <www.osdois.com/repertorio>. Acesso em: 20 out. 2017.

OUTROS TRABALHOS DE GISELDA FERNANDES

ALÉM DO ESPETÁCULO **SOBRE CISNES**, A BAILARINA E COREÓGRAFA GISELDA FERNANDES CRIOU OUTROS TRABALHOS QUE ENVOLVEM A DANÇA E A REFLEXÃO SOBRE OS PROBLEMAS AMBIENTAIS.

A **PERFORMANCE PET NA REDE** ACONTECE EM LOCAIS PÚBLICOS. DOIS ARTISTAS INTERAGEM COM UMA REDE DE PESCA CHEIA DE GARRAFAS PLÁSTICAS.

REALIZADA DE SURPRESA, SEM AVISO, A OBRA BUSCA FAZER AS PESSOAS PENSAREM SOBRE A QUANTIDADE DE GARRAFAS QUE SÃO JOGADAS NOS OCEANOS, COMO LIXO.

PERFORMANCE:

FORMA DE ARTE QUE PODE COMBINAR ELEMENTOS DO TEATRO, DAS ARTES VISUAIS E DA MÚSICA. GERALMENTE OCORRE EM ESPAÇOS E MOMENTOS ESCOLHIDOS PELO ARTISTA PARA SURPREENDER O PÚBLICO.



Hilton Ilerrodalveiro de Fátima

► **PET NA REDE**, DE GISELDA FERNANDES, NO ATERRO DO FLAMENGO, RIO DE JANEIRO, 2010.

JÁ A **PERFORMANCE GARRAFÃO** COMEÇA COM OS ARTISTAS POSICIONADOS EM PONTOS DIFERENTES DE UMA PRAÇA. TODOS CARREGAM GARRAFÕES DE ÁGUA, MAS APENAS UM DELES ESTÁ CHEIO.

EM SEGUIDA, OS INTEGRANTES SE ENCONTRAM NO CENTRO DA PRAÇA E UM DOS ARTISTAS ESVAZIA O ÚNICO GARRAFÃO CHEIO DE ÁGUA. ENTÃO, TODOS JUNTOS, OS ARTISTAS TENTAM SE EQUILIBRAR NOS GARRAFÕES VAZIOS.

Texto complementar

[...] a *performance* liga-se ao *happening* (os dois termos aparecem em diversas ocasiões como sinônimos), sendo que neste o espectador participa da cena proposta pelo artista, enquanto na *performance*, de modo geral, não há participação do público. A *performance* deve ser compreendida a partir dos desenvolvimentos da arte *pop*, do minimalismo e da arte conceitual, que tomam a cena artística nas décadas de 1960 e 1970. A arte contemporânea põe em xeque

os enquadramentos sociais e artísticos do modernismo, abrindo-se a experiências culturais díspares. Nesse contexto, instalações, *happenings* e *performances* são amplamente realizados, sinalizando um certo espírito das novas orientações da arte: as tentativas de dirigir a criação artística às coisas do mundo, à natureza e à realidade urbana. Cada vez mais as obras articulam diferentes modalidades de arte – dança, música, pintura, teatro, escultura, literatura etc. – desafiando as classificações habituais e colocando em questão a própria definição de arte. As relações entre arte e vida cotidiana, assim como o rompi-

Foto: Reprodução do Instagram



► **GARRAFÃO**, DE GISELDA FERNANDES, NO ATERRO DO FLAMENGO, RIO DE JANEIRO, 2006.

SOBRE QUAL PROBLEMA VOCÊ ACHA QUE ESSA PERFORMANCE PODE LEVAR AS PESSOAS A REFLETIR?

SOBRE A ARTISTA

GISELDA FERNANDES (1961-) É BAILARINA, COREÓGRAFA, PRODUTORA E PROFESSORA DE BALÉ NO RIO DE JANEIRO. INICIOU SUA CARREIRA NO BALLET OFICINA, TAMBÉM NO RIO DE JANEIRO.

EM 1993, FUNDOU A COMPANHIA DE DANÇA CONTEMPORÂNEA OS DOIS – DANÇA CONTEMPORÂNEA E UMA PRODUTORA COM O MESMO NOME.

DESDE 2000, TEM ESTUDADO E CRIADO COREOGRAFIAS COM OBJETOS DO COTIDIANO. SUA PRIMEIRA CRIAÇÃO FOI O SOLO **CASTELO D'ÁGUA**, QUE ESTREOU EM 2002.



► A BAILARINA GISELDA FERNANDES.

ASSIM TAMBÉM APRENDO

- O QUE VOCÊ ACHOU DO TRABALHO DE GISELDA FERNANDES? CONVERSE COM OS COLEGAS E O PROFESSOR CONTANDO POR QUE GOSTOU OU NÃO GOSTOU DO QUE VIU DA OBRA DA ARTISTA.

Assim também aprendo

Para realizar a reflexão proposta, é importante que os alunos revisitem as atividades, leituras e conversas que tiveram até o momento. Se, ao longo dos estudos, você fez registros das falas e discussões da turma e se algumas de suas anotações e produções estiverem disponíveis neste momento, utilize esses recursos para que rememorem o que foi realizado.

Peça aos alunos que comentem aquilo que foi estudado. Pergunte: "O que vocês conheceram sobre a artista?"; "O que vocês acharam da possibilidade de usar objetos cotidianos em apresentações de dança?"; "O que vocês observaram quando conversamos sobre os espetáculos da artista?". Deixe que se manifestem livremente durante a conversa.

► A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de dar continuidade à apreciação da dança contemporânea, por meio dos trabalhos de Giselda Fernandes, como forma de manifestação da dança, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

mento das barreiras entre arte e não arte constituem preocupações centrais para a *performance* (e para parte considerável das vertentes contemporâneas, por exemplo arte ambiente, arte pública, arte processual, arte conceitual, *land art*, etc.), o que permite flagrar sua filiação às experiências realizadas pelos surrealistas e sobretudo pelos dadaístas. [...]

PERFORMANCE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3646/performance>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Ampliando o repertório cultural

Aldemir Martins

Faça uma leitura coletiva do texto e das imagens. Pergunte aos estudantes: “O que vocês acharam das cores usadas nas obras?”; “As pinturas se parecem com os animais reais? Por quê?”.

Sugestão de...

Site

Se possível, acesse a página do verbete Aldemir Martins na **Enciclopédia Itaú Cultural**. Lá é possível conhecer mais informações sobre sua biografia, bem como reproduções de algumas de suas obras. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2273/aldemir-martins>>. Acesso em: 20 out. 2017.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar a pintura e a dobradura como formas das artes visuais, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL

ALDEMIR MARTINS

ATÉ AQUI, VIMOS UM CISNE EM UM ESPETÁCULO DE DANÇA E UMA BALEIA-AZUL EM FORMA DE ESCULTURA. ESSES E OUTROS ANIMAIS SÃO TEMAS DAS OBRAS DE ARTE DE MUITOS ARTISTAS!

UM DESSES ARTISTAS É O CEARENSE ALDEMIR MARTINS (1922-2006), UM DOS PINTORES MAIS IMPORTANTES DO BRASIL. EM SUAS OBRAS, CHEIAS DE CORES FORTES, ELE VALORIZA AS PAISAGENS DE NOSSO PAÍS. ALDEMIR MARTINS TAMBÉM PINTOU VÁRIOS ANIMAIS. VEJA ALGUNS EXEMPLOS A SEGUIR.



▶ **TRÊS GATOS**, DE ALDEMIR MARTINS, 2004 (ACRÍLICA SOBRE TELA, 80 cm × 100 cm).



▶ **GALO**, DE ALDEMIR MARTINS, 1973 (ACRÍLICA SOBRE TELA, 100 cm × 81 cm).

E VOCÊ? TEM UM ANIMAL PREFERIDO? QUAL GOSTARIA DE VER EM UMA PINTURA COMO AS DE ALDEMIR MARTINS?

46

UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de atividade complementar

Se achar pertinente, proponha que os estudantes façam uma pesquisa sobre obras de artistas que retratam animais, para que contraponham diferentes formas de representação de animais nas artes.

Os tópicos a serem pesquisados são:

- Biografia do artista.
- Trabalhos do artista que retratem animais.

Para que apresentem os resultados de suas pesquisas, or-

ganize os alunos em quartetos ou quintetos. Peça que compartilhem as imagens entre si e contem sobre os artistas que pesquisaram. Proponha questões para que os grupos discutam, como uma forma de incentivar a apreciação e promover suas observações sobre a produção artística: “Que animais os artistas representam?”; “Que materiais estes artistas usam?”; “Vocês encontraram artistas que representaram os mesmos animais, mas de jeitos diferentes?”; etc.

A ARTE JAPONESA DO ORIGAMI

E UM ANIMAL FEITO DE PAPEL, VOCÊ JÁ VIU? OBSERVE ESTE ORIGAMI.



O ORIGAMI É UMA FORMA DE ARTE FEITA COM PAPEL DOBRADO QUE SURTIU HÁ MUITO TEMPO, NO JAPÃO. NA IMAGEM, VEMOS O ORIGAMI DE UM *TSURU*, UM TIPO DE GARÇA QUE É CONSIDERADA UM SÍMBOLO DE SORTE PARA OS JAPONESES.

ESSA AVE É UM DOS TEMAS MAIS IMPORTANTES DO ORIGAMI. NO JAPÃO, EXISTE UMA LENDA QUE DIZ QUE A PESSOA QUE FIZER MIL *TSURUS* USANDO ESSA TÉCNICA TERÁ UM DE SEUS DESEJOS REALIZADOS.

VOCÊ JÁ TINHA VISTO UM *TSURU*? SABE FAZER ALGUMA DOBRADURA USANDO A TÉCNICA DO ORIGAMI?

SUGESTÃO DE...

LIVRO

ORIGAMI PARA CRIANÇAS: ANIMAIS DA TERRA, DO AR E DO MAR, DE MARI ONO E ROSHIN ONO (PUBLIFOLHINHA, 2015), TRAZ PASSO A PASSO E MATERIAL PARA VOCÊ CRIAR DIVERSOS ORIGAMIS DE ANIMAIS!



▶ CAPÍTULO 2 47

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A arte japonesa do origami

Ao abordar os *origamis*, faça algumas perguntas para verificar os conhecimentos prévios da turma: “Vocês já viram esse tipo de dobradura? O que acharam dela?”; “Vocês acham que é difícil executá-la? Por quê?”.

Faça uma sondagem sobre o que os alunos conhecem e já viram sobre o Japão: “Vocês costumam assistir a desenhos animados japoneses?”; “Há alguém da sala que descende de japoneses?”. Pergunte se eles acham que a cultura do Japão é muito diferente da cultura do Brasil e por quê. Procure ouvir e tomar nota do que eles já conhecem, para que você possa retomar o que foi dito por eles ao longo do trabalho, fazendo conexões com os novos conteúdos. Se achar pertinente, mostre em um mapa a localização geográfica do Japão em relação ao Brasil, apenas para que os alunos tenham uma ideia de distância física.

Sugestão de...

Vídeo

Como fazer origami: aprenda as dobraduras de um *tsuru*.

Disponível em: <<http://gshow.globo.com/como-fazer/noticia/2017/02/como-fazer-origami-aprenda-dobraduras-de-um-tsuru.html>>. Acesso em: 20 out. 2017.

Este vídeo apresenta um passo a passo de como fazer um *tsuru*. Se achar pertinente, exiba-o para os estudantes e proponha que tentem executá-lo. Lembre-se de que é preciso providenciar os papéis para a dobradura.

Leitura complementar

Para saber mais sobre a arte do *origami*, bem como conhecer outras dobraduras desse tipo, como a tulipa e o peixe-dourado, acesse o boletim **Mais Japão!**, número 2, do Consulado-geral do Japão no Rio de Janeiro. Disponível em: <www.rio.br.emb-japan.go.jp/Publicacoes/Origami.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2017.

Experimentação

Oriente os alunos para que formem os grupos e escolham coletivamente os animais que serão representados. Depois que todos os grupos tiverem feito suas escolhas, faça uma sondagem sobre os animais escolhidos: "Vocês já viram esse animal? Como ele é? Que barulhos faz?"; "Como esse animal se movimenta? Ele é rápido ou mais devagar?".

Se possível, procure na internet alguns vídeos que retratem os animais escolhidos pelos grupos e exiba-os para que possam conhecê-los melhor. Ressalte que a ideia não é que eles os copiem exatamente, mas que representem da forma que acharem mais adequado, pois essa é uma atividade que envolve a criação e a mobilização dos repertórios.

Depois que as sequências de movimentos forem estabelecidas pelos grupos, oriente-os para que ensaiem até se sentirem seguros. Destaque que cada um tem o seu jeito de dançar, portanto, não há problema se cada integrante do grupo executar os movimentos de uma forma.

Se achar pertinente, proponha aos alunos que criem figurinos e caracterização para a apresentação. Uma ideia é reutilizar objetos cotidianos que podem fazer mal para a natureza, como sacos e garrafas plásticas.

Combine uma data com a turma para realizar as apresentações. Prepare, junto com eles, um espaço para isso. Pode ser a quadra da escola, por exemplo. O importante é que tenham uma área sem obstáculos para fazer os movimentos e que também possa receber os convidados.

EXPERIMENTAÇÃO

 QUE TAL FAZER COMO GISELDA FERNANDES E, COM OS COLEGAS, APRESENTAR UM ESPETÁCULO DE DANÇA INSPIRADO NOS ANIMAIS?

- 1 FORME UM GRUPO COM NOVE COLEGAS.
- 2 COM O GRUPO, ESCOLHA OS ANIMAIS QUE VÃO INSPIRAR A APRESENTAÇÃO DE VOCÊS.
- 3 COM OS COLEGAS, PENSE NOS SONS E NOS MOVIMENTOS QUE OS ANIMAIS ESCOLHIDOS FAZEM.
- 4 AGORA, CRIE UMA SEQUÊNCIA DESSES MOVIMENTOS. DEPOIS, ESCOLHA UMA MÚSICA PARA SER USADA NA APRESENTAÇÃO.
- 5 ENSAIE ATÉ DECORAR TODOS OS MOVIMENTOS.



APRESENTANDO

- 1 COMBINE COM O PROFESSOR O DIA DA APRESENTAÇÃO.
- 2 CONVIDE SUA FAMÍLIA, OS COLEGAS E A COMUNIDADE ESCOLAR PARA ASSISTIR AO ESPETÁCULO!

REGISTRANDO

- 1 TIRE FOTOGRAFIAS DOS ENSAIOS E DA APRESENTAÇÃO. DEPOIS, IMPRIMA ALGUMAS E GUARDE NO PORTFÓLIO!

48

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR09

Processos de criação

BNCC EF15AR11

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de criar e improvisar movimentos dançados de modo coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâ-

micos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento. Além disso, poderão estabelecer relações entre as partes do corpo na construção do movimento dançado estipulado para a apresentação.

O QUE ESTUDAMOS

- O ESPETÁCULO DE DANÇA **SOBRE CISNES** PODE NOS FAZER REFLETIR SOBRE AS AMEAÇAS À NATUREZA E SOBRE NOSSA RELAÇÃO COM OS ANIMAIS.
- OS DANÇARINOS PODEM USAR OBJETOS PARA CRIAR OS FIGURINOS E OS CENÁRIOS DE SEUS ESPETÁCULOS.
- OS DANÇARINOS USAM OS MOVIMENTOS PARA SE EXPRESSAREM.
- OS MOVIMENTOS DA DANÇA PODEM SER PESADOS OU LEVES, RÁPIDOS OU LENTOS.
- A MUDANÇA DE UM MOVIMENTO PARA O OUTRO PODE SER SUAVE OU BRUSCA.
- OS ANIMAIS TAMBÉM PODEM SER TEMA DE PINTURAS, DE ESCULTURAS E DE DOBRADURAS FEITAS EM PAPEL.



DICA DE VISITAÇÃO

NA CIDADE EM QUE VOCÊ MORA EXISTEM GRUPOS DE BALÉ CLÁSSICO OU DE DANÇA CONTEMPORÂNEA? APROVEITE PARA CONHECÊ-LOS NA COMPANHIA DO PROFESSOR E DOS COLEGAS OU DE SEUS RESPONSÁVEIS.

É HORA DE RETOMAR O PORTFÓLIO



O QUE VOCÊ APRENDEU NESTE CAPÍTULO? EM UMA FOLHA DE PAPEL SULFITE, FAÇA UMA PINTURA PARA MOSTRAR O QUE VOCÊ MAIS GOSTOU DE ESTUDAR.

» O QUE ESTUDAMOS

49

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

O que estudamos

Leia com os alunos a síntese daquilo que foi estudado no capítulo e esclareça possíveis dúvidas. Depois, converse com eles sobre a questão apresentada no box **É hora de retomar o portfólio**. Com base nessa questão e no exame dos trabalhos arquivados no portfólio, incentive-os a refletir sobre seu desempenho nos estudos e a compartilhar as avaliações que fizeram.

Faça uma roda com os alunos sentados no chão. Eles podem estar com seus livros, o que os ajudará a se lembrar do que estudaram. Peça a eles que digam aquilo que de mais importante estudaram e aprenderam no capítulo. Por fim, faça um registro coletivo dessa conversa. Em um pedaço grande de cartolina ou papel paraná, vá anotando o que disserem, em tópicos. Depois, promova a leitura coletiva do texto.

É hora de retomar o portfólio

Antes de orientar os alunos a produzirem a pintura proposta, converse com eles sobre o percurso que fizeram durante os estudos deste capítulo: “Depois do que vimos neste capítulo, de que maneira vocês acham que a dança pode expressar ou comunicar ideias?”; “E o que é uma coreografia?”; “Vocês ficaram satisfeitos com a experimentação?”; “Quais foram as maiores dificuldades em relação à dança?”; “Depois do estudo deste capítulo, vocês acham que o que aprendemos ajuda a responder à pergunta ‘A arte faz pensar?’”; “Que palavras novas vocês aprenderam?”; “O que foi mais complicado de fazer?”; “Houve algum trabalho ou atividade que vocês acharam que não conseguiriam fazer? Por quê? Como conseguiram?”.

Retome a lista que foi feita no início do bimestre junto com a turma. Assim os alunos terão mais condições de perceber o que foi aprendido até agora. Verifique, também, o aprendizado deles analisando seus portfólios e a participação em sala a partir dos seguintes critérios observáveis:

- O aluno compreende que há diversas formas de manifestação da dança e que elas têm características e papéis distintos?
- O aluno utiliza a dança como forma de expressão nas atividades propostas?
- O aluno amplia sua consciência corporal por meio da observação e da ciência de suas proporções, postura e movimentos?
- O aluno distingue diferentes tipos de movimento e suas propriedades, como força, velocidade e direção?
- O aluno percebe pulsações e divisões rítmicas, acompanhando tais pulsações com movimentos no espaço e experiências com direção, intensidade e velocidade do movimento?
- O aluno desenvolve a percepção das relações de espaço, direção e distância?
- O aluno realiza atividades coletivas de forma integrada, acompanhando ritmo, deslocamentos e passos coreográficos?

A arte faz pensar!

A intervenção de Thiago Cóstackz

A última parte da unidade tem como propósito dar um fechamento para o projeto proposto em seu início por meio da pergunta “A arte faz pensar?”.

Antes de iniciar o trabalho, retome a lista feita ao final da introdução e atualizada antes de iniciar o capítulo 2. Pergunte aos alunos se os itens que propuseram se concretizaram. Pergunte, também, se outros itens que inicialmente não estavam listados foram trabalhados ao longo da unidade, já que o trabalho com o projeto abre espaço para novas investigações. Então, questione o que acham que farão nesse encerramento e como pensam em resolver a situação-problema proposta, criando uma nova lista, para a qual sugerimos os seguintes tópicos:

- Conhecer um artista que realiza intervenções nas cidades para falar sobre o cuidado com os animais.
- Descobrir mais sobre a intervenção artística.
- Realizar uma intervenção artística com foco na preservação do meio ambiente.

Retome os conteúdos da introdução dos capítulos e, então, apresente as imagens da intervenção **Salve-me**, de Thiago Cóstackz. O texto e as imagens desta dupla de páginas oferecem uma visão introdutória do trabalho do artista.

Ao fazer essa apresentação, faça perguntas como: “Vocês já presenciaram uma intervenção artística? Qual?”; “Como foi essa experiência?”. Após conhecerem melhor o artista e o conceito de intervenção artística, os alunos poderão se inspirar para realizar sua própria intervenção.

A BNCC nestas páginas

Processos de criação

BNCC EF15AR23

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de reconhecer as relações processuais entre diversas linguagens artísticas por meio de um projeto de intervenção.

A ARTE FAZ PENSAR!

A INTERVENÇÃO DE THIAGO CÓSTACKZ

AO LONGO DO TRABALHO COM ESTA UNIDADE, VIMOS QUE A ARTE PODE NOS EMOCIONAR E NOS SURPREENDER!

APRENDEMOS QUE OS ARTISTAS DE TEATRO PODEM USAR O CORPO, OBJETOS, BONECOS E ATÉ MESMO SOMBRAS PARA INSTIGAR NOSSA IMAGINAÇÃO.

TAMBÉM VIMOS COMO OS MOVIMENTOS CORPORAIS DOS DANÇARINOS, O FIGURINO E O CENÁRIO DE UM ESPETÁCULO DE DANÇA PODEM NOS FAZER REFLETIR SOBRE OS PROBLEMAS AMBIENTAIS.

A ARTE PODE MEXER COM NOSSOS PENSAMENTOS E EMOÇÕES DE MUITAS MANEIRAS, NÃO É? VAMOS DESCOBRIR MAIS UMA? OBSERVE AS IMAGENS A SEGUIR. O QUE VOCÊ VÊ NELAS? QUAL SERIA SUA REAÇÃO AO VER ALGO ASSIM NO CAMINHO PARA A ESCOLA OU PARA CASA?



► INTERVENÇÃO **SALVE-ME**, DE THIAGO CÓSTACKZ, NO PÁTIO DO COLÉGIO, SÃO PAULO, 2014.



Thiago Cóstackz/Arquivo do artista

► INTERVENÇÃO **SALVE-ME**, DE THIAGO CÓSTACKZ, NO PÁTIO DO COLÉGIO, SÃO PAULO, 2014.

ESSAS IMAGENS SÃO REGISTROS DA INTERVENÇÃO **SALVE-ME**, DO ARTISTA THIAGO CÓSTACKZ, QUE NASCEU NO RIO GRANDE DO NORTE. ELAS MOSTRAM UM ENORME BALÃO EM FORMA DE POLVO FLUTUANDO EM LUGARES PÚBLICOS DA CIDADE DE SÃO PAULO. SURPREENDENTE, NÃO É MESMO?

ESSA É UMA DAS CARACTERÍSTICAS DE UMA INTERVENÇÃO: PEGAR AS PESSOAS DE SURPRESA! A INTERVENÇÃO É UMA FORMA DE ARTE QUE PODE MISTURAR VÁRIAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS E QUE, GERALMENTE, ACONTECE EM ESPAÇOS POR ONDE PASSAM MUITAS PESSOAS, COMO AS RUAS E AS PRAÇAS DAS CIDADES.

VAMOS CONHECER MELHOR ESSA OBRA?

Texto complementar

Intervenção

Os projetos de intervenção são um dos caminhos explorados por um universo bastante diverso de artistas interessados em se aproximar da vida cotidiana, se inserir no tecido social, abrir novas frentes de atuação e visibilidade para os trabalhos de arte fora dos espaços consagrados de atuação, torná-la mais acessível ao público e desestabilizadora e menos mercantilizada e musealizada. Tal tendência, marcante da arte contemporânea, é geradora de uma multiplicidade de experimentações artísticas, pesquisas e propostas conceituais baseadas em questões ligadas às linguagens artísticas, ao circuito da arte ou ao contexto sociopolítico.

As linguagens, técnicas e táticas empregadas nesses trabalhos são bastante heterogêneas. Intervenções podem ser ações efêmeras, eventos participativos em espaços abertos, trabalhos que convidam à interação com o público; inserções na paisagem; ocupações de edifícios ou áreas livres, envolvendo oficinas e debates; *performances*; instalações; vídeos; trabalhos que se valem de estratégias do campo das artes cênicas para criar uma determinada cena, situação ou relação entre as pessoas, ou da comunicação e da publicidade, como panfletos, cartazes, adesivos (*stickers*), lambe-lambes; interferências em placas de sinalização de trânsito ou materiais publicitários, diretamente, ou apropriação desses códigos para criação de uma outra linguagem; manifestações de arte de rua, como o *graffiti*.

INTERVENÇÃO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo8882/intervencao>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

51

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Que obra é essa?

Ao apreciar as imagens desta dupla de páginas com os alunos, estimule-os a observar com atenção a intervenção de Thiago Cóstacks e a levantar hipóteses acerca de qual impacto ela pode ter causado e como o público se relacionou com ela. Faça perguntas como “Como vocês reagiriam ao deparar com este trabalho?”; “Quais significados podemos atribuir a esta intervenção?”; “Como vocês acham que as pessoas reagiram ao ver esta intervenção?”; “Qual a diferença entre uma intervenção urbana e um trabalho de arte exposto no museu?”.

Ao trabalhar as imagens e o texto, procure estabelecer relações com a questão central da unidade: “Qual é o tema dessa produção artística?”; “Do que ela fala?”; “O que ela nos faz sentir?”; “Esta obra tem algo a ver com a nossa questão? O quê?”. Aponte alguns aspectos, como o fato de a obra acontecer na rua e, portanto, mais pessoas poderem vê-la e pensar sobre o assunto que ela apresenta.

Sugestão de... Site

Se possível, organize a turma para navegar no *site* do artista e apreciar outras de suas produções. Peça que observem e descubram que tipos de trabalhos ele produz, que materiais utiliza, em quais tipos de espaço os apresenta, quais temas ele aborda, etc.

A BNCC nestas páginas

Processos de criação

BNCC EF15AR23

Neste momento, os estudantes poderão reconhecer as relações processuais entre as linguagens artísticas utilizadas para construir uma intervenção.

QUE OBRA É ESSA?

VOCÊ JÁ IMAGinou ENCONTRAR UM POLVO VOADOR PEDINDO PARA SER SALVO EM UMA PRAÇA? É ISSO QUE O ARTISTA BRASILEIRO THIAGO CÓSTACKZ FEZ COM A INTERVENÇÃO ARTÍSTICA **SALVE-ME**.

USANDO UM BALÃO GIGANTE NO FORMATO DE UM ENORME POLVO, O ARTISTA PROTESTA CONTRA A EXTINÇÃO DOS ANIMAIS, PRINCIPALMENTE OS QUE VIVEM NO MAR.

THIAGO CÓSTACKZ É UM **ATIVISTA AMBIENTAL**, OU SEJA, ALGUÉM QUE AGE PARA DEFENDER O MEIO AMBIENTE. O ARTISTA CRIA OBRAS DE ARTE SURPREENDENTES, QUE LEVAM AS PESSOAS A REFLETIR SOBRE AS AMEAÇAS AO NOSSO PLANETA.



▶ THIAGO CÓSTACKZ EM FRENTE À SUA INTERVENÇÃO **SALVE-ME**, NA AVENIDA PAULISTA, SÃO PAULO, 2014.

SUGESTÃO DE...

SITE

CONHEÇA MAIS SOBRE O TRABALHO DE THIAGO CÓSTACKZ NO *SITE* OFICIAL DO ARTISTA. DISPONÍVEL EM: <www.thiagocostackz.com>. ACESSO EM: 28 DE SETEMBRO DE 2017.

52

UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de...

Livro

Caminhando sobre a Terra, de Thiago Cóstacks, 2012.

Este livro, repleto de imagens impactantes, foi idealizado para despertar a consciência do público para que percebam e mudem os hábitos nocivos para o planeta.

COMO A OBRA FOI FEITA?

PARA VOCÊ TER UMA IDEIA, O BALÃO EM FORMA DE POLVO TINHA DEZ METROS DE ALTURA E SEIS METROS DE LARGURA. É A MESMA ALTURA DE UM PRÉDIO DE TRÊS ANDARES! BEM GRANDE, NÃO É?

O BALÃO FOI PINTADO COM DESENHOS DO ARTISTA E INFLADO COM GÁS HÉLIO PARA PODER FLUTUAR. MESMO PRESO COM CORDAS, O BALÃO PODIA SE MOVIMENTAR POR MEIO DA AÇÃO DO VENTO OU DAS PESSOAS INTERAGINDO COM ELE.

ALÉM DO BALÃO, A INTERVENÇÃO CONTOU COM PROJEÇÕES EM PRÉDIOS DA CIDADE. OBSERVE AS FOTOS DESTA PÁGINA.

► PROJEÇÃO EM VÍDEO DA INTERVENÇÃO **SALVE-ME**, DE THIAGO CÓSTACKZ, SÃO PAULO, 2014.



OS VÍDEOS PROJETADOS MOSTRAVAM IMAGENS DE LUGARES E ESPÉCIES EM RISCO, AMEAÇADOS PELA POLUIÇÃO E POR OUTROS PROBLEMAS AMBIENTAIS.



AO FINAL DA INTERVENÇÃO, O BALÃO GIGANTE SE JUNTOU ÀS PROJEÇÕES, AUMENTANDO A SURPRESA!

► BALÃO E PROJEÇÃO DA INTERVENÇÃO **SALVE-ME**, DE THIAGO CÓSTACKZ, SÃO PAULO, 2014.

O QUE VOCÊ ACHOU DA INTERVENÇÃO **SALVE-ME**? NA SUA OPINIÃO, ELA SURPREENDEU O PÚBLICO? FEZ AS PESSOAS PENSAREM SOBRE OS ANIMAIS EM PERIGO?

53

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de...

Filme

Caminhando sobre a Terra – Uma viagem a 10 lugares ameaçados no Planeta, de Thiago Cóstacks. 87 min. 2014. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=ryl35huexs4>. Acesso em: 20 out. 2017.

Este documentário apresenta, através de belas imagens com pessoas sempre caminhando e jamais encarando a câmera, um resumo poético da aventura apresentada no livro homônimo.

Como a obra foi feita?

A abordagem de uma intervenção artística no espaço urbano leva a reflexões sobre o papel social e político da arte e sobre as formas de ocupação e de integração no espaço público. Procure conversar com os alunos sobre o direito à cidade e ao espaço público como exercício da cidadania, pensando nas possibilidades que cada um tem de ocupar espaços e interagir com os demais cidadãos.

Procure estimular os estudantes a pensar sobre lugares da cidade, seja em áreas urbanas ou no campo, por onde circulam e sobre questões que estes locais suscitam, por exemplo: uma praça descuidada e pouco frequentada, uma rua muito movimentada, um ponto de ônibus mal iluminado, a ausência de uma ciclovia que viabilize o transporte alternativo, uma estrada ou rua sem asfalto, etc.

Converse, então, sobre a intervenção de Cóstackz e suas características: “De que material essa obra é feita?”; “Como ela é construída?”; “O que vocês acham do jeito que ela foi exposta?”; “Qual a diferença entre expor um trabalho de arte na rua e no museu?”.

Sugestão de atividade complementar

Para dar continuidade à reflexão, peça aos estudantes que desenhem os locais mencionados durante a conversa e ajude-os a escrever as questões em cartões. Depois, coloque-os em um saquinho. Divida a turma em grupos de três a quatro alunos e peça que sorteiem um cartão. A partir do local e do questionamento, cada grupo deve pensar em pelos menos dois comentários sobre o espaço e a questão, seja propondo soluções ou ideias para ampliar os benefícios destes locais para a população.

Fazendo arte

Apoie os estudantes na execução do passo a passo. Para a realização da atividade proposta, é importante que os alunos percebam que a exploração de procedimentos, recursos e elementos das linguagens do teatro, das artes visuais e da dança permite que eles respondam à pergunta: "A arte faz pensar?". Por isso, é importante entender o conceito de intervenção ao realizar o produto final.

A confecção da piabinha é apenas uma das possibilidades e a pipa é somente um adereço para a realização da intervenção, que também pode incorporar elementos da linguagem teatral e da expressão corporal.

Se achar pertinente, você também pode propor intervenções com outras temáticas. Para isso, faça um levantamento junto à turma sobre as questões mais urgentes a serem tratadas. Anote na lousa as ideias e peça aos alunos que registrem em cartazes as questões. O próximo passo é caminhar pela escola e pensar no espaço mais adequado para realização de intervenções artísticas. Oriente os estudantes a relacionar as questões referentes ao cuidado com os animais aos movimentos que irão realizar em sua apresentação utilizando a pipa.

A BNCC nestas páginas

Processos de criação

BNCC EF15AR23

Neste momento, os estudantes poderão experimentar, por meio de um projeto temático, as relações processuais entre as linguagens artísticas utilizadas para construir uma intervenção – neste caso, as artes visuais, a dança e o teatro.

FAZENDO ARTE

VAMOS ENCERRAR ESTA UNIDADE CRIANDO UMA INTERVENÇÃO INSPIRADA NO TRABALHO DE THIAGO CÓSTACKZ. ESSA INTERVENÇÃO DEVE LEVAR O PÚBLICO A REFLETIR SOBRE OS ANIMAIS AMEAÇADOS PELA POLUIÇÃO DOS RIOS E DOS MARES.

PARA COMEÇAR, CADA ALUNO DA TURMA DEVE FAZER UMA PIABINHA, UM TIPO DE PIPA SEM VARETAS CUJO NOME REMETE AO DA PIABA, UM PEIXE QUE CORRE RISCO DE EXTINÇÃO.

- 1 PARA FAZER SUA PIABINHA, COMECE ENROLANDO A FOLHA DE JORNAL ABERTA ATÉ A METADE.



MATERIAL NECESSÁRIO

- UMA FOLHA DE JORNAL
- COLA BRANCA
- TESOURA COM PONTAS ARREDONDADAS
- PAPEL LAMINADO
- PAPEL CREPOM
- BARBANTE
- VARA DE BAMBU

- 2 DOBRE A OUTRA METADE DA FOLHA QUASE NO MEIO, DEIXANDO UM LADO MAIOR QUE O OUTRO.



Livro

A piaba é apenas uma das espécies ameaçadas de extinção no nosso país. No último levantamento realizado, entre 2009 e 2014, o Brasil somava 1173 espécies da fauna ameaçadas e outras 10 extintas. A listagem completa pode ser consultada em Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Brasília: ICMBio, 2016 Disponível em: <www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/publicacoes/publicacoes-diversas/dcom_sumario_executivo_livro_vermelho_ed_2016.pdf>. Acesso em: 28 set. 2017.

- 3 PASSE COLA BRANCA NA SOBRA, DOBRE PARA DENTRO E APERTE.



Sergio Donat/Dotaz

- 4 A PARTE EM QUE NÃO HÁ JORNAL ENROLADO SERÁ O RABO DA SUA PIABINHA. DOBRE AS DUAS PONTAS PARA DENTRO E COLE-AS PARA DAR A FORMA DE PEIXE.



Sergio Donat/Dotaz

- 5 PARA DECORAR, RECORTE E COLE DOIS CÍRCULOS DE PAPEL LAMINADO PARA FAZER OS OLHOS DA PIABINHA. DEPOIS, FAÇA AS BARBATANAS TAMBÉM COM PAPEL LAMINADO. POR ÚLTIMO, FAÇA O RABO COM O PAPEL CREPOM.



Sergio Donat/Dotaz

Intervindo

Com os projetos definidos e ajustados, marque uma data para a realização da intervenção e peça aos alunos que fotografem a atividade, se possível. Esses registros devem ser guardados no portfólio.

Registrando

Convide os alunos a contar o processo de produção, suas dificuldades, se gostaram ou não da experiência, o que deu certo e o que não deu, etc. Para ajudá-los nessa avaliação, peça que revisitem o portfólio e que analisem os registros de suas produções artísticas. Depois, se achar pertinente, auxilie-os na escrita de um texto coletivo sobre os principais pontos levantados.

A BNCC nestas páginas

Processos de criação

BNCC EF15AR23

Neste momento, os estudantes poderão experimentar, por meio de um projeto temático, as relações processuais entre as linguagens artísticas utilizadas para construir uma intervenção – neste caso, as artes visuais, a dança e o teatro.

- 6 FINALIZE AMARRANDO O PEDAÇO DE BARBANTE NA BOCA DA PIABINHA. DEPOIS, AMARRE O BARBANTE NA VARA DE BAMBU. PRONTO!



- 7 QUANDO AS PIABINHAS DE TODOS OS ALUNOS ESTIVEREM PRONTAS, DECIDA COM OS COLEGAS O QUE MAIS VOCÊS VÃO USAR NA INTERVENÇÃO. VOCÊS PODEM CRIAR CARTAZES OU FAZER UMA PINTURA CORPORAL, POR EXEMPLO.



INTERVINDO

- NA DATA COMBINADA COM O PROFESSOR, SEM AVISAR OS OUTROS COLEGAS DA ESCOLA, LEVEM SUAS OBRAS DE ARTE PARA O PÁTIO DURANTE O RECREIO E SURPREENDAM TODOS COM A INTERVENÇÃO DE VOCÊS!

REGISTRANDO

- GUARDE NO PORTFÓLIO FOTOGRAFIAS DO SEU PROCESSO DE CRIAÇÃO E DE TRABALHO E TAMBÉM DO DIA DA INTERVENÇÃO.

O QUE ESTUDAMOS

- AS INTERVENÇÕES SÃO UMA FORMA DE ARTE.
- AS INTERVENÇÕES PODEM MISTURAR MUITAS FORMAS DE ARTE, COMO O TEATRO, AS ARTES VISUAIS E A DANÇA, POR EXEMPLO.
- GERALMENTE, AS INTERVENÇÕES SÃO REALIZADAS EM LUGARES PÚBLICOS, COMO RUAS E PRAÇAS.
- QUASE SEMPRE AS INTERVENÇÕES SURPREENDEM AS PESSOAS E PODEM FAZÊ-LAS PENSAR SOBRE UM ASSUNTO.
- A PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE E O CUIDADO COM OS ANIMAIS PODEM SER TEMA DE UMA INTERVENÇÃO.
- O ARTISTA THIAGO CÓSTACKZ CRIOU A INTERVENÇÃO **SALVE-ME** PARA CHAMAR A ATENÇÃO DO PÚBLICO PARA AS QUESTÕES AMBIENTAIS.
- A ARTE FAZ PENSAR.



DICA DE VISITAÇÃO

NO LUGAR ONDE VOCÊ MORA EXISTEM ARTISTAS QUE FAZEM INTERVENÇÕES? QUE TAL CONHECER O ATELÊ DE ALGUNS DESSES ARTISTAS?

É HORA DE RETOMAR O PORTFÓLIO



EM UMA FOLHA DE PAPEL SULFITE, FAÇA UM DESENHO SOBRE O QUE VOCÊ MAIS GOSTOU DE ESTUDAR NESTA UNIDADE.

CONHECEMOS UM TEATRO DE OBJETOS QUE INSTIGA A IMAGINAÇÃO E UM ESPETÁCULO DE DANÇA QUE PODE NOS FAZER REFLETIR. TAMBÉM VIMOS COMO A ARTE É CAPAZ DE SURPREENDER COM UMA INTERVENÇÃO QUE ALERTA PARA OS PROBLEMAS AMBIENTAIS. A ARTE PODE MEXER COM NOSSOS PENSAMENTOS DE MUITAS MANEIRAS. QUE TAL CONTINUAR A CRIAR?

» O QUE ESTUDAMOS

57

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

O que estudamos

Para encerrar a unidade, retome a questão inicial com os alunos: “A arte faz pensar?”. Peça a todos que voltem aos seus portfólios e observem tudo o que foi realizado para responder a essa questão e que resultou na produção final: a intervenção artística. Ao longo dos capítulos, eles investigaram várias possibilidades, elementos e recursos das linguagens do teatro e da dança, aprofundaram sua compreensão do tema da preservação do meio ambiente, além de refletir sobre sua relação com a arte.

É hora de retomar o portfólio

Avalie o trabalho do semestre a partir do portfólio dos alunos, do seu diário de bordo e do produto final do projeto. As perguntas a seguir o ajudarão na avaliação:

- De que forma a ampliação do repertório reflete na produção do aluno?
- O aluno tem uma postura investigativa que o leva a ampliar suas possibilidades de produção?
- Ele aceita o que é apresentado nas atividades?
- Ele faz produções em grupo que consideram a diversidade de competências?
- Ele tem interesse em outras linguagens artísticas e busca trazer aspectos destas no trabalho dele?
- Ele elabora um discurso sobre sua produção que revela seu percurso investigativo, suas descobertas e pesquisas?
- O aluno aceita os desafios ou o que é apresentado como atividade? Ele vai até o final?
- Ele estabelece seus próprios objetivos?
- Ele se dispersa?
- Ele experimenta diferentes respostas ao que lhe é proposto?
- Que papel o aluno exerce no grupo de que participa?
- Como ele manifesta o significado da aula de arte na vida dele? Ele fala sobre isso?
- De que forma ele participa das atividades propostas?
- De que forma ele se relaciona com os colegas?
- Qual a assiduidade e a participação dele?

Unidade 2

Brinquedo pode ser arte?

Cada unidade dos livros da coleção traz uma proposta de Projeto de Trabalho que dura um semestre e busca criar um diálogo entre os interesses dos estudantes e o desenvolvimento das competências e habilidades presentes na BNCC, com vistas ao desenvolvimento de seus conhecimentos artísticos e estéticos e ao aprendizado da arte.

O projeto proposto para a unidade 2 contempla os seguintes aspectos:

- **Questão norteadora:** Brinquedo pode ser arte?
- **Tema contemporâneo:** Vida familiar e social e educação para o consumo, com foco na produção de brinquedos manufaturados.
- **Capítulo 3:** Estudo de elementos das artes visuais, com foco na escultura.
- **Capítulo 4:** Estudo de elementos da música, com foco nos instrumentos musicais de brinquedo.
- **Produto final:** Exposição interativa de brinquedos manufaturados.

Iniciamos a unidade 2 apresentando aos alunos a questão norteadora. A ilustração e as questões do boxe de abertura podem ser exploradas em uma discussão inicial sobre os vários aspectos relacionados ao ato de brincar, sua importância e as experiências e aprendizagens decorrentes dessa ação, bem como sobre a relação da criança com o brinquedo.



Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Expectativas de aprendizagem desta unidade

- Compreender que os objetos culturais fazem parte do patrimônio cultural da humanidade, conhecendo alguns de seus aspectos culturais e valorizando a sua preservação.
- Compreender as regras e o funcionamento de jogos e brinquedos e sua importância para a integração com o grupo.
- Conhecer brinquedos e brincadeiras de diferentes regiões do Brasil.
- Interagir com os colegas de forma colaborativa.
- Aprender a confeccionar brinquedos.
- Participar de oficina de brinquedos.
- Conhecer obras de arte em diversas linguagens e reconhecer a interação de linguagens artísticas presentes em suas concepções.
- Conhecer e experimentar atividades relacionadas à cultura tradicional, por meio do estudo de brinquedos e da compreensão de suas relações com diversas culturas.



Você gosta de brincar com brinquedos? Quais são seus brinquedos favoritos? Você sabia que é possível produzir os próprios brinquedos? Já fez algum? Um brinquedo pode se tornar arte? Nesta unidade, vamos aprender arte enquanto tentamos responder a essas e a outras perguntas!

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Competências desta unidade

- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
- Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e identidades sociais e culturais.
- Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

A BNCC nestas páginas

Processos de criação

BNCC EF15AR23

Matrizes estéticas culturais

BNCC EF15AR24

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de começar a caracterizar brinquedos, brincadeiras e jogos das diferentes matrizes estéticas e culturais com que têm e tiveram contato, explorando-os em um projeto temático, de modo a reconhecer e experimentar neles as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.

- Compreender os conceitos de intervenção e interatividade.
- Identificar e reconhecer as características de uma exposição interativa.
- Estabelecer relações entre arte, brinquedo e brincadeira.
- Comunicar aos colegas sua apreciação, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e seus principais trabalhos.
- Compreender os valores estéticos dos artistas que realizaram as obras apreciadas.
- Criar e produzir uma exposição interativa sobre brincadeiras, a partir de suas aprendizagens sobre as linguagens das artes visuais e da música, realizadas ao longo da unidade.

Brinquedos de montão!

Os brinquedos constituem um conteúdo muito importante nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Eles podem ajudar a potencializar a rotina escolar e os processos de integração e de socialização dos alunos – especialmente quando integram suas brincadeiras –, além de poderem representar uma importante expressão das culturas regionais e locais.

Antes de iniciar a leitura coletiva do texto e das imagens, pergunte aos estudantes sobre os brinquedos que eles tenham conhecido por meio de pessoas mais velhas (pais, avós, irmãos, entre outros familiares ou pessoas próximas).

Brinquedos que giram

Ao observar as imagens da página, faça perguntas como: “Alguém conhece os brinquedos das fotos?”; “Alguém já brincou com um desses ou viu alguém brincando? Como foi?”. Incentive-os a compartilhar o que sabem sobre esses e outros brinquedos que giram com os quais já tenham brincado e incentive comparações. Estimule a integração da turma e valorize a troca de opiniões e as construções coletivas de hipóteses. Depois, converse com os alunos sobre os diferentes tipos de pião que podem ser encontrados. Pergunte: “Como vocês acham que esses brinquedos foram feitos?”; “Vocês acham que conseguiriam fazer um pião? Por quê?”; “Quais materiais vocês escolheriam pra fazer um pião? Madeira, papel ou plástico? Por quê?”.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

Matrizes estéticas culturais

BNCC EF15AR24

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de caracterizar brinquedos e brincadeiras de diferentes matrizes estéticas e culturais, identificando e apreciando as expressões artísticas envolvidas na sua produção, como o entalhe do pião e a colagem da pipa, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

Brinquedos de montão!

Usando a imaginação e o que aprendem com outras gerações, as pessoas vêm transformando retalhos de tecido, tocos de madeira, pedrinhas, palitos, palha de milho, entre outros materiais, em brinquedos que giram, que voam, que correm, que nos desafiam... Nossa, quanta coisa os brinquedos fazem, não é?

Mas um brinquedo pode ser arte? Para pensar sobre essa questão, que tal conhecer um pouco mais sobre os tipos de brinquedo e aprender a construir alguns deles?

Depois é só brincar e soltar a imaginação!

Brinquedos que giram

Você conhece algum brinquedo que gira? Já brincou com algum brinquedo assim?

Um brinquedo muito popular e que gira é o pião.

Em geral, o pião é feito de madeira **entalhada** com uma ponta de metal na parte de baixo, mas também há piões feitos de outros materiais, como plástico, papelão e até papel.

Para brincar com um pião de madeira, é preciso enrolar um pedaço de barbante em volta dele e jogá-lo com a ponta de metal voltada para baixo. Depois, é só observá-lo girar! Você sabe brincar com esse ou com outros tipos de pião?

entalhado:

que é feito com a técnica do entalhe, em que desenhos, linhas e formas são gravados em um material, como a madeira.



▶ Pião de madeira.



▶ Pião de papel.



▶ Pião de plástico.

60 UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de...

Livro

KISHIMOTO, Tizuko M. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

O livro mostra como o brincar surge ao longo da história da humanidade associado à criança e à educação, e apresenta referenciais teóricos sobre as suas contribuições para o desenvolvimento integral da criança.

Brinquedos que voam

Você conhece algum brinquedo que voa? Leia o poema a seguir e tente descobrir o brinquedo sobre o qual o poeta escreveu.

O papagaio

Papagaio em Belém
É “cangula”, me disseste
Em Minas é “Maranhão”
“tapioca” no Nordeste
No céu aqui do Recife
É “papagaio” a voar

No Rio já chamam “pipa”
“pandorga” no Paraná
Mas qualquer um desses nomes
Não importa como for
Voam tão alto no céu
Bem mais alto do que vou
[...]

Edmilson Lima. **O baú de brinquedos**. Recife: Bagaço, 2004.

Esses são alguns versos do poema **O papagaio**, do poeta brasileiro Edmilson Lima. O papagaio, também conhecido como pipa, barrilete, pandorga, entre outros nomes, é um brinquedo muito antigo e diverte as pessoas há muito tempo, além de ser muito popular no Brasil.

Geralmente, esse brinquedo é feito de papel de seda, varetas de bambu e linha. Mas há outros tipos que são produzidos com sacos plásticos, jornal, papel de presente, isopor, etc. Enfim, há pipas de muitos jeitos!

Com a ajuda do vento, as pipas podem voar muito longe e muito alto!

Saiba mais

A pipa é um brinquedo muito conhecido no Brasil e já foi tema do trabalho de muitos artistas visuais. Observe a obra ao lado.

Que sentimentos e sensações essa obra desperta em você? Você já soltou pipa? O que achou?

► **Meninos soltando pipas**, de Candido Portinari, 1947 (óleo sobre tela, 60,5 cm x 73,5 cm).



Reprodução da imagem do acervo do Projeto Portinari.

► INTRODUÇÃO

61

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de...

Site

Se possível, visite com os alunos o **site Mapa do brincar**, que reúne um vasto repertório de brinquedos e brincadeiras e também apresenta suas variações regionais. Disponível em: <<http://mapado-brincar.folha.com.br>>. Acesso em: 23 out. 2017.

Brinquedos que voam

Relembre com os estudantes a piabinha que fizeram no final da unidade 1: “Vocês se lembram da piabinha que fizemos no bimestre passado?”. Diga a eles que aquele também é um brinquedo que voa, um tipo de pipa.

Em seguida, faça uma leitura do poema com os estudantes. Esclareça possíveis dúvidas em relação a vocabulário; ele apresenta alguns nomes da pipa, ou papagaio. Faça uma sondagem com a turma sobre os nomes pelos quais eles chamam esse brinquedo: “Como vocês chamam esse brinquedo?”; “Vocês gostam de brincar com ele?”. Se achar pertinente, elabore um cartaz em uma folha de cartolina com uma imagem de uma pipa e os nomes levantados pela turma para que fique exposto na sala de aula.

Sugestão de atividade complementar

Painel de brinquedos e brincadeiras

Proponha aos alunos que tragam de casa fotografias em que eles apareçam brincando e colem em uma folha avulsa. Depois, com a ajuda da turma, crie um grande painel com as fotografias. Para isso, cole as páginas em uma ou mais folhas de papel paraná.

Com o painel pronto e instalado, se achar pertinente, proponha que eles falem sobre as brincadeiras das quais estão participando nas fotos e sobre os brinquedos que estão usando. Faça perguntas como: “Qual o nome desse brinquedo?”; “Como você o conseguiu? Foi um presente?”; “Esse brinquedo serve para brincar sozinho ou coletivamente?”; etc.

Brinquedos que andam e correm

Durante a leitura compartilhada do texto, faça pausas para conversar com os alunos sobre as perguntas apresentadas. É importante que eles participem contribuindo com suas experiências para que se sintam estimulados para o estudo dos conteúdos. Faça mais algumas perguntas, como: "Vocês costumam brincar de carrinho?"; "Os carrinhos com que vocês brincam são feitos de que material?"; "Vocês já brincaram com um carrinho feito de materiais recicláveis?".

Sugestão de atividade complementar

Carrinho movido a bexiga

Material necessário: um pedaço de papelão de 15 cm x 8 cm; fita adesiva; um canudo plástico grosso; um palito de churrasco; quatro tampas de garrafa PET; uma bexiga; tesoura sem pontas.

Oriente os alunos para que realizem os seguintes passos:

1. Cortar o palito de churrasco e furar as tampas de garrafa (com a sua ajuda).
2. Com a fita adesiva, fixar a bexiga em uma das pontas do outro canudo, vedando bem.
3. Encaixar os pedaços do palito nos furos das tampas de garrafa, formando os eixos do carrinho.
4. Prender o canudo com a bexiga em um lado do papelão e os eixos do lado oposto, de modo que fiquem perpendiculares ao canudo.

Com o carrinho pronto, diga para eles encherem a bexiga de ar e soltar o carrinho no chão. Isso propulsionará o carrinho, como se fosse uma turbina.

Brinquedos que andam e correm

Existem muitos brinquedos que andam, correm e nos divertem muito, não é mesmo? Você conhece algum? O carrinho é um tipo de brinquedo que anda e corre.

Há carrinhos feitos de muitos tipos de material, como madeira, ferro, plástico e até papel, além de material reciclável.



► Carrinho de madeira.



► Carrinho feito com material reciclável.

Um brinquedo muito conhecido que anda e corre é o carrinho de rolimã. Esse carrinho geralmente é feito de forma artesanal, com diversos materiais, como madeira e ferro.



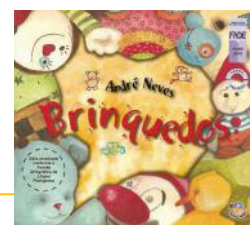
► Carrinho de rolimã.

Você já andou de carrinho de rolimã? O que achou?

Sugestão de...

Livro

No livro **Brinquedos** (Mundo Mirim, 2009), André Neves conta a história dos brinquedos que, depois de usados, ficam esquecidos em um canto da casa... O que fazer com eles? Jogá-los fora? Ou há uma solução melhor?



A BNCC nestas páginas

Materialidades

BNCC EF15AR04

Matrizes estéticas culturais

BNCC EF15AR24

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de caracterizar e experimentar brinquedos de diferentes matrizes estéticas e

culturais. Ao confeccionar brinquedos, poderão também experimentar diferentes formas de expressão artística, fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

EXPERIMENTAÇÃO

Vamos brincar com paraquedas? Siga o passo a passo para construir o seu.

1 Recorte um quadrado no saco de lixo e, depois, recorte um círculo do maior tamanho possível.

2 Abra o círculo, faça furos nas bordas e amarre um pedaço de barbante em cada furo.



Sergio Domit/Domaz

3 Junte as pontas dos pedaços de barbante e amarre no boneco ou boneca de plástico.

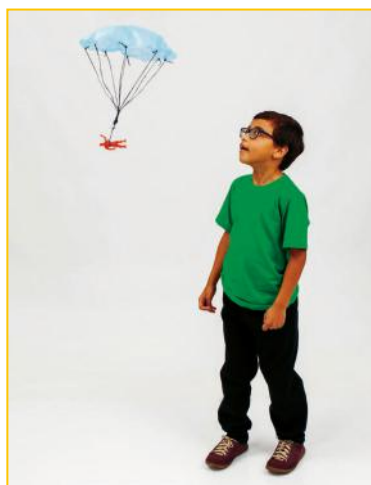


Sergio Domit/Domaz

Material necessário

- tesoura com pontas arredondadas
- um saco de lixo de 15 litros
- oito pedaços de barbante com 1 metro de comprimento cada
- um boneco pequeno ou boneca de plástico

4 Dobre o paraquedas e jogue-o para o alto. Ele vai cair bem devagar!



Sergio Domit/Domaz

Vimos que existem vários tipos de brinquedo e que eles podem ser feitos com diversos materiais, incluindo materiais naturais. Artistas criam obras inspiradas em brinquedos e brincadeiras. Mas será que algum artista criou brinquedos? Ou algum brinquedo é arte? Vamos descobrir nos próximos capítulos.

63

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Experimentação

A proposta dessa atividade tem como objetivo reforçar a percepção da associação entre a produção manual de brinquedos, a partir da utilização de material reciclável, e a arte.

Ajude os alunos com os possíveis problemas técnicos durante a execução. É possível que eles enfrentem dificuldades para cortar o círculo e fazer os furos. Para isso, eles po-

dem usar um balde como molde para traçar no saco plástico uma circunferência com canetinha e depois cortá-la com a tesoura, seguindo a linha.

É importante discutir as questões propostas após a experimentação para que os alunos reflitam sobre as possíveis relações dos brinquedos com a arte e com os artistas, sensibilizando-os para os conteúdos que serão abordados no bimestre.

Ao concluir a abertura da unidade, é importante conversar sobre os caminhos e as relações que devem ser estabelecidas no estudo dos capítulos 3 e 4. Neles, os alunos verão como duas linguagens artísticas – a arte visual e a música – utilizam os brinquedos como expressão e como meio para criar arte. Essas referências construirão um repertório sobre arte visual e música, alinhavado pelo tema do brinquedo, que será retomado no encerramento da unidade.

Apresente para os alunos o título do capítulo 3: “Um museu de brinquedo!”. Em seguida, faça algumas perguntas: “Do que será que fala esse capítulo?”; “Vocês têm bastantes brinquedos em casa?”; “Vocês têm algum brinquedo feito por vocês mesmos? Qual?”; “Vocês costumam brincar mais sozinhos ou acompanhados?”; etc.

Depois, junto com a turma, re-dija uma lista com tópicos relativos aos conteúdos e atividades que eles imaginam que serão trabalhados no capítulo a seguir. Esse conteúdo foi pensado para ocupar um bimestre do ano letivo. A proposta é que os alunos levantem o que será necessário conhecer e fazer para responder à pergunta colocada: “Brinquedo pode ser arte?”. Abaixo, há uma primeira lista de tópicos que pode ser usada como base para o que será trabalhado nos capítulos que seguem. Acate as sugestões deles, caso surjam, e extrapole a nossa sugestão de tópicos, promovendo mais atividades, como visitas culturais e técnicas, convidando profissionais para irem à escola e serem entrevistados pelos alunos, entre outras possibilidades.

- Conhecer um ou mais artistas que abordem o brinquedo em suas obras.
- Descobrir mais sobre a arte visual e seus elementos.
- Experimentar participar de exercícios de artes visuais.
- Conhecer outras formas de arte e outras culturas que valorizem o brinquedo.
- Criar uma obra coletiva que mostre o que aprendemos sobre pintura, assemblagem e escultura.

Unidade 2 – Capítulo 3

Um museu de brinquedo!

Ao iniciar os estudos do capítulo 3, retome com os alunos a questão norteadora da unidade: “Brinquedo pode ser arte?”. É importante destacar a produção de artes visuais, especialmente as tridimensionais, bem como seu aspecto lúdico, de brincadeira e experiência com os materiais e as formas de manipulá-los, organizá-los e montá-los. Para ajudar a tecer as relações entre as artes visuais e o brincar, resalte que os procedimentos de artes estão presentes nas confecções de muitos brinquedos.

As esculturas de Dim Brinquedim

Para iniciar

Neste capítulo, partindo dos trabalhos do artista Dim Brinquedim, abordamos várias formas de expressão das artes visuais: pintura, escultura, colagem e assemblagem. No desenvolvimento do conteúdo proposto, os estudantes terão a oportunidade de reconhecer e de experimentar os procedimentos envolvidos na criação, no registro e na comunicação de ideias por meio dessas modalidades artísticas. Pretende-se, assim, contribuir para aprimorar o olhar dos estudantes em relação às obras de arte visual e incentivá-los a explorar as múltiplas possibilidades do fazer artístico, criando suas formas particulares de expressão.

As questões do boxe são uma forma de desvelar o que os alunos pensam sobre as motivações do artista Dim Brinquedim. Deixe-os livres para respondê-las. Se achar pertinente, volte a elas após apresentar o trabalho do artista para que os estudantes possam rever ou confirmar suas hipóteses.

Depois da leitura compartilhada do texto, amplie a exploração das imagens, perguntando: “Com o que esses objetos se parecem?”; “Vocês já brincaram com algo assim? Como foi?”; “Já visitaram parques ou museus que têm brinquedos assim? Do que eles eram feitos?”.

Capítulo 3

Um museu de brinquedo!

As esculturas de Dim Brinquedim

Você já viu uma obra de arte que parece um brinquedo ou um brinquedo que parece obra de arte? Em que lugar e ocasião? Neste capítulo, vamos conhecer o trabalho de um artista que gosta tanto de brincar que vive de fazer brinquedos e encantar as pessoas.

Para iniciar

1. Você já fez pinturas, esculturas ou colagens para comunicar suas ideias?
2. Como você acha que os artistas transmitem suas ideias às pessoas?
3. O que você vê nas imagens a seguir?
4. Você já viu objetos como esses? Para que eles servem?
5. O que você faria se estivesse nesse local?



Esculturas no jardim do Museu Brinquedim, Pindoretama, Ceará, 2015.

64

UNIDADE 2

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Expectativas de aprendizagem deste capítulo

- Reconhecer formas distintas de expressão visual e suas características, como a bidimensionalidade ou a tridimensionalidade.
- Conhecer e realizar procedimentos de diferentes formas de expressão artística da arte visual (pintura, escultura, colagem e assemblagem).
- Ler imagens de obras de arte visual.
- Descrever o que vê e sente em relação às obras apreciadas.
- Comunicar aos colegas sua leitura, explicando o sentido que atribuiu às obras.

A escultura **Minhoca** foi feita pelo artista cearense Dim Brinquedim (1967-). Observe-a mais de perto. Não dá vontade de brincar nela?



► Detalhe da escultura **Minhoca**, de Dim Brinquedim.



► **Minhoca**, de Dim Brinquedim, sem data (escultura feita com fibra de vidro e pintada com tinta de carro, 0,45 m x 1,20 m x 7 m), Pindoretama, Ceará, 2015.

Como você acha que essa escultura foi feita?
Quais são as formas e as cores dela?
O que você sente ao ver essas imagens?

◆ Competências deste capítulo

- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Linguagem

Artes visuais.

Dimensões do conhecimento

Estesia; criação; expressão; fruição; reflexão; crítica.

◆ A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar a escultura como uma forma de expressão das artes visuais, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

- Valorizar o artista que produziu as obras apresentadas, conhecendo aspectos de sua poética e suas principais obras.
- Compreender os valores estéticos do artista e das obras apreciadas.
- Criar objetos culturais visuais a partir de sucatas e outros materiais reutilizáveis, conscientizando-se da importância de reciclar.
- Produzir obras de arte utilizando materiais e procedimentos observados nas esculturas lúdicas do artista cearense Dim Brinquedim, de forma a se apropriar desses saberes em suas próprias produções.

Que obra é essa?

Para fazer a leitura do texto e das imagens desta seção, peça aos alunos que se reúnam, cada um com seu livro, em grupos de cinco, de modo que possam trocar ideias entre si. Destaque as características lúdicas e interativas e a presença do trabalho do artista em espaços públicos. Pergunte-lhes: “A escultura de Dim Brinquedim pode ser uma obra de arte e um brinquedo ao mesmo tempo?”; “Vocês acham que para uma obra ser arte ela precisa estar no museu?”; “O que mais chamou a atenção de vocês nesta obra de Dim Brinquedim?”.

Explore com a turma as fotos apresentadas – respectivamente, uma minhoca, uma cobra e uma centopeia –, para compará-las à representação feita na escultura **Minhoca**. Pergunte: “Vocês já viram algum desses animais de perto? Onde?”; “Como esses animais se chamam?”; “Qual dos animais se parece mais com a escultura?”. É possível que os alunos indiquem tanto a minhoca como a cobra como inspirações para a representação da escultura. Acate as hipóteses, desde que justifiquem.

Ao apresentar o Museu Brinquedim e a foto das crianças interagindo com a escultura, faça algumas perguntas, como: “O que vocês acharam da ideia de Dim Brinquedim de reunir suas obras em um museu?”; “Vocês visitariam um museu como esse? Por quê?”; “O que vocês acham de poder tocar nas obras do museu?”. Ressalte que, normalmente, não é permitido tocar nas obras dos museus, para que permaneçam preservadas, mas que há casos, como o do Museu Brinquedim, que permitem e até incentivam essa interação, tornando-a parte importante da experiência dos visitantes.

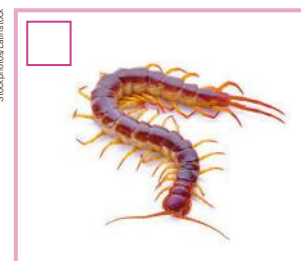
Que obra é essa?

Veja mais imagens da escultura de Dim Brinquedim. Você já tinha visto esculturas como essa? Ela é uma obra de arte ou um brinquedo? Por quê? Será que ela pode ser as duas coisas?



▶ Crianças se divertindo com a escultura **Minhoca**, de Dim Brinquedim, Pindoretama, Ceará, 2016.

Você sabe qual é o animal representado nessa escultura? Marque um **X** na imagem que você acha que mais se parece com a escultura. **Resposta pessoal.**



AS IMAGENS NÃO ESTÃO REPRESENTADAS EM PROPORÇÃO...

Dim Brinquedim cria obras de arte com as quais crianças e adultos podem brincar. Dessa forma, ele valoriza a cultura infantil e deixa uma **herança** cultural para as novas gerações!

herança: algo que pode ser transmitido de uma geração a outra.

66 UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar a escultura como uma forma das artes visuais, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

O artista já criou mais de quinhentas obras, entre brinquedos, pinturas e esculturas.

Por isso, ele resolveu criar o Museu Brinquedim, em Pindoretama, no Ceará, local onde guarda as produções que realizou nos últimos quarenta anos. A **Minhoca** fica no jardim do Museu Brinquedim, onde os visitantes podem interagir e brincar com as esculturas!



► Crianças brincando com a escultura **Minhoca**, no Museu Brinquedim, Pindoretama, Ceará, 2015.

Vamos descobrir como ele fez essa obra?

Arte e História

Você já foi a um museu? Os museus de arte são muito importantes, não é mesmo? Eles guardam e preservam obras de arte antigas e novas, consideradas valiosas para nós.

Além disso, os museus de arte permitem que todos nós possamos apreciar essas obras, pois são abertos à visitação do público em geral.

A História também se preocupa com a preservação do que aconteceu há muito tempo. Ao estudar História e visitar museus de arte, podemos aprender mais sobre o que aconteceu com as gerações que viveram antes de nós! Assim, entendemos melhor o que vivemos hoje!

Que tal pesquisar brinquedos com que as pessoas mais velhas da sua família brincavam e conhecer algumas dessas histórias?

Arte e História

Antes de realizar a leitura coletiva do boxe, pergunte: “Vocês conhecem algum museu?”; “Como é passear em um museu? É divertido?”. Lembre-se de que o produto final do Projeto de Trabalho da unidade será a montagem de uma exposição interativa – uma forma de intervenção no espaço escolar. Por isso, neste momento, é importante aproveitar para levantar as experiências dos alunos em museus e exposições e começar a pensar sobre esse contexto e esse tema.

Após a leitura, oriente os estudantes para que pesquisem com as pessoas mais velhas da família sobre os brinquedos que usavam na infância. Para isso, sugira perguntas como: “Qual era o brinquedo de que você mais gostava quando era criança?”; “Como você brincava com esse brinquedo?”; “Você brincava com ele sozinho ou com mais alguém?”. Peça que anotem as informações coletadas, principalmente o nome e o parentesco das pessoas entrevistadas, o nome do brinquedo e as regras ou modos de brincar com ele. Depois, combine um momento para que compartilhem suas descobertas. Se possível, peça que tragam fotos dos brinquedos para ilustrar as falas.

Interdisciplinaridade: Arte e História na BNCC

A noção do “Eu” e do “Outro”: registros de experiências pessoais e da comunidade no tempo e no espaço

BNCC EFO2H104

Por meio da sondagem sugerida, os estudantes poderão selecionar e comparar objetos, como os brinquedos, como fontes de memórias e histórias no âmbito familiar.

Como a obra foi feita?

Ao apresentar a imagem do artista trabalhando, destaque os materiais e procedimentos que ele utiliza na confecção de suas obras e faça algumas perguntas: “Como o artista organiza seus materiais?”; “Como ele prepara seu espaço de trabalho?”; “Há pessoas trabalhando com ele?”. Peça que pensem em como poderiam organizar seus espaços e suas mesas de trabalho para realizar suas produções.

Estimule os estudantes a levantar hipóteses acerca das motivações do artista ao realizar suas esculturas: “Por que vocês acham que o artista faz essas esculturas?”; “Vocês acham que as brincadeiras representadas fizeram parte da infância dele? Por quê?”. Com base no texto e na amostra de imagens, eles podem observar o caráter lúdico das obras e as possibilidades de interatividade que oferecem. Comente que, ao valorizar o universo do brincar, o artista destaca os brinquedos artesanais e as brincadeiras como elementos importantes do nosso patrimônio cultural material e imaterial, buscando contribuir para preservá-lo.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

Sistemas da linguagem

BNCC EF15AR07

Neste momento, os estudantes poderão identificar e apreciar trabalhos de escultura, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético, reconhecendo também o artista/artesão como categoria do sistema das artes visuais.

Como a obra foi feita?

Dim Brinquedim usa diversos materiais para produzir suas obras. Para fazer **Minhoca**, ele usou fibra de vidro, um material muito resistente! A escultura pode tomar sol ou chuva sem estragar, e o público pode pular e subir nela sem danificá-la. Para pintar, o artista usou tinta automotiva, utilizada para pintar carros, que é muito resistente também.

Agora, veja a imagem a seguir. O que o artista está fazendo? Que materiais aparecem na imagem?



► O artista visual Dim Brinquedim trabalhando com diversos materiais, Pindoretama, Ceará, 2017.

68

UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Além dos materiais usados em **Minhoca**, Dim Brinquedim também trabalha com materiais **reciclados**.

Ele faz esculturas com madeira, isopor, plástico, papelão, objetos que encontra na rua e outros materiais que podem ser reutilizados.

Assim, ele aproveita materiais que iriam para o lixo e os transforma em alegria e diversão!

Veja outras esculturas do artista. Quais materiais você acha que ele usou para fazer cada uma delas?

reciclado:
material
reutilizado depois
de descartado.



► **Casal no balanço**, de Dim Brinquedim, 2014 (técnica mista, 22 cm x 28 cm x 12 cm).



► **Currupio de meninos com manivela**, de Dim Brinquedim, 2002 (técnica mista, 29 cm x 40 cm x 29 cm).

Que brincadeiras foram representadas nas obras que aparecem nessas imagens?

Você já participou de brincadeiras como essas?

Ao dar prosseguimento à leitura das imagens, pergunte aos estudantes: “Vocês já brincaram em um balanço? Como foi?”; “Vocês acham mais divertido se balançar sozinho ou pedir para alguém empurrar? Por quê?”; “Vocês sabem o que é um currupio? Já brincaram com um?”; “Vocês costumam brincar de girar o corpo? E de girar objetos?”. Peça que tentem observar melhor as esculturas presentes no local de trabalho do artista e as que estão em destaque e descrevam como são, de que materiais são feitas e como se brinca com elas, para que se aproximem do objeto estudado.

Estimule-os a falar sobre as formas de entretenimento e diversão que predominam hoje e pergunte: “Como vocês usam o tempo que têm para brincar?”; “Vocês costumam brincar mais com brinquedos e jogos eletrônicos ou manuais?”.

Após a realização da pesquisa proposta no boxe **Arte e História**, neste capítulo, incentive-os a estabelecer comparações entre os hábitos das crianças de diferentes épocas: “Os brinquedos que vocês usam hoje são muito diferentes dos que as pessoas mais velhas usavam? Por quê?”; “Vocês conhecem algum brinquedo antigo que continua sendo usado pelas crianças hoje em dia? Qual?”.

Comente que os brinquedos e as brincadeiras tradicionais têm variadas origens. Muitos deles vieram de outros países e se transformaram aqui ou nasceram da mescla de culturas que marca nossa história. Outros foram criados por artesãos e também por crianças motivadas a transformar os mais diversos materiais e situações em formas de entretenimento e diversão.

Sugestão de...

Vídeo

Há vários tipos de currupio, que nada mais é que um brinquedo que gira, das mais diferentes formas. Se possível, apresente para os alunos o vídeo **Você sabe o que é um currupio?**, que mostra a confecção de um currupio muito simples, feito com tampa de garrafa e barbante. Disponível em: <www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/galeria/videos/2013/08/voce-sabe-o-que-e-um-currupio>. Acesso em: 24 out. 2017.

Pinturas, esculturas e colagens

Proponha a leitura compartilhada do texto e das imagens referentes às diferentes formas de expressão da linguagem visual. Incentive os estudantes a se manifestar e a compartilhar suas dúvidas, lembrando-se de que é por meio do diálogo que eles se envolvem com o objeto de estudo e revelam o que estão compreendendo do conteúdo trabalhado.

Pintura

Ao abordar as obras de arte bidimensionais, explore as diferenças entre os tipos de pintura apresentados (retrato, paisagem e natureza-morta). Chame a atenção para a ocupação espacial do suporte, a relação entre fundo e figura, a luminosidade, a ideia que se expressa na obra, se há uma narrativa ou não.

Leve para a sala de aula um desenho com tinta guache em papel-cartão e indique aos alunos a altura e a largura do papel. Mostre-lhes o verso da folha e diga-lhes que não é possível ver a parte de trás do desenho. Por isso, ele é bidimensional.

Após finalizar uma primeira leitura, retorne com os alunos à observação das imagens, instigando-os a descrever os detalhes de cada obra com perguntas como: "O que a menina do retrato está fazendo?"; "Como ela está vestida?"; "Vocês acham que essa pintura se parece com uma fotografia? Por quê?"; "Em que época vocês acham que essa pintura foi feita?"; "A menina foi retratada de perto ou de longe?"; "O que o artista desenhou na paisagem?"; "Essa pintura foi feita de perto ou de longe?"; "O que vocês sentem ao observar essa paisagem?"; "Que frutas aparecem na pintura da natureza-morta?"; "O que mais vocês identificam na natureza-morta?"; "Vocês acham que essa pintura procura representar fielmente os elementos?". Se achar pertinente, comente com os alunos que, antigamente, como não havia fotografia, os retratos eram uma forma de representar as pessoas.

Pinturas, esculturas e colagens

Para comunicar suas ideias, os artistas visuais, como Dim Brinquedim, unem técnicas e materiais com muita criatividade!

Que tal conhecer algumas formas de expressão artística que os artistas visuais usam em suas criações?

Pintura

Os artistas visuais fazem pinturas em vários **suportes**: no papel, na tela e até mesmo nas paredes!

O papel, a tela e a parede têm duas dimensões: altura e largura. Por isso, dizemos que as pinturas são obras de arte **bidimensionais**!

Você sabia que existem pinturas de vários tipos?

Retrato, por exemplo, é a representação de uma pessoa ou de um animal. Observe o retrato ao lado.

suporte:

qualquer material ou elemento que serve de sustentação para uma obra de arte.



▶ **A Infanta Margarida**, de Diego Velázquez, 1656 (óleo sobre tela, 105 cm x 88 cm).

Paisagem é a representação de uma cena vista em uma cidade, em uma praia, em uma floresta ou em outros lugares. Veja um exemplo de paisagem com um rio.



▶ **Regata em Argenteuil**, de Claude Monet, 1872 (óleo sobre tela, 48 cm x 75 cm).

70

UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

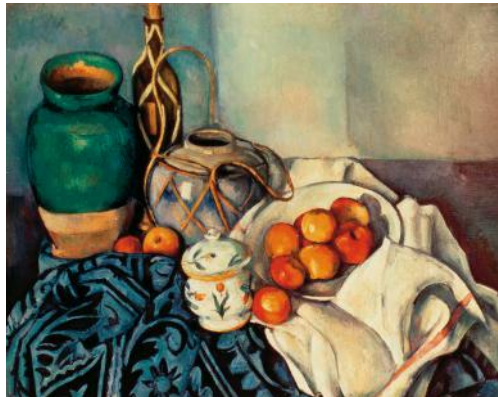
Sugestão de atividade complementar

Proponha uma apreciação de pinturas com a turma. Para isso, faça uma seleção de reproduções de pinturas para apresentar a eles.

Peça que relacionem as imagens entre si, procurando suas similaridades e diferenças. É interessante que observem também trabalhos realizados por eles mesmos ou por outras crianças, bem como pinturas de algum artista da comunidade em que vivem, uma vez que as características dessa forma de expressão artística ficam mais evidentes em uma obra original do que em uma reprodução fotográfica.

Natureza-morta é a representação de uma composição de objetos que não se movimentam, como frutas e flores.

► **Natureza-morta com pote de gengibre, açucareiro e maçãs**, de Paul Cézanne, 1893-1894 (óleo sobre tela, 48 cm x 75 cm).



Que diferenças existem entre essas pinturas? Converse com o professor e os colegas.

Atividade prática

Agora é a sua vez de se expressar visualmente!

Ao terminar cada trabalho, compartilhe os resultados com os colegas e o professor antes de guardá-lo no **portfólio**.

Que tal começar fazendo tintas para pintar um retrato?

- 1 Coloque água dentro de um pote e depois misture um pouco de pigmento em pó na cor escolhida.
- 2 Coloque um pouco de cola branca e misture. Sua tinta está pronta! Repita esse processo até obter todas as cores de que você precisa.
- 3 Agora, em uma folha de papel *canson*, crie um retrato e pinte-o com as tintas que você fez!

Material necessário

- água
- potes com tampa – um para cada cor
- pigmento em pó nas cores que você quiser
- cola branca
- papel *canson*
- pincéis de vários tamanhos
- papel toalha para limpeza



► CAPÍTULO 3 71

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade prática

Para realizar esta atividade, providencie um espaço com acesso fácil a pias e itens de higiene, como papel toalha. Também é interessante que os alunos tenham mesas grandes a sua disposição, ou mesmo que juntem mesas menores. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

O preparo de tintas é uma atividade que as crianças costumam apreciar e pode gerar euforia na turma, tornando a experiência um misturar sem cessar, acrescentando mais e mais cores e fazendo com que os resultados sejam muito parecidos. Para evitar que isso aconteça, você deve, além de organizar os materiais e o espaço da sala, dar instruções claras e objetivas, de forma que os alunos percebam sua intenção e se apropriem da proposta de criar cores para pintar um retrato.

Para esta atividade, você pode pedir aos estudantes que pesquisem fotos de quando eram bebês e também fotos atuais e que as levem para a sala de aula. Eles podem observá-las para desenhar um retrato de quando eram bebês ou um retrato atual. Se for possível, providencie alguns espelhos também, para que eles se baseiem na própria imagem refletida para produzir o autorretrato. Se achar pertinente, peça que os alunos façam retratos dos colegas.

Durante a realização da atividade, oriente-os a limpar os pincéis em um copo com água e a secá-los em papel toalha sempre que trocarem a cor da tinta. À medida que vivenciam os procedimentos de pintura, os estudantes vão se mostrando mais cientes e organizados, pois a experiência do próprio fazer traz muitos conhecimentos sobre essa forma de expressão artística. Ao acompanhar esse fazer, você poderá observar os processos artísticos de cada um, incentivando essa e outras atividades imprescindíveis para a formação deles em arte.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

Materialidades

BNCC EF15AR04

Processos de criação

BNCC EF15AR05

Neste momento, os estudantes poderão apreciar tipos diferentes de pintura (retrato, paisagem e natureza-morta) como formas de arte visual.

Além disso, terão oportunidade de experimentar a pintura como forma de expressão artística e de criação individual em artes visuais, explorando e reconhecendo seus elementos constitutivos – como ponto, linha, forma, cor, etc.

Escultura

Explore com os estudantes as fotografias representativas dos diferentes materiais e maneiras de produzir obras de arte tridimensionais. Apresente para a turma fotografias de esculturas (esculpidas, modeladas e construídas) e pergunte: "O que há em comum entre elas?"; "Alguma delas parece ser mais difícil de fazer do que as outras? Por quê?"; "Vocês já viram de perto algum desses tipos de esculturas? Como ela era? O que acharam?". As hipóteses levantadas darão a você uma ideia do que os alunos já sabem sobre as esculturas.

Se possível, exponha uma escultura ou outro objeto na classe e organize a turma de modo que todos possam examiná-la. Assim eles terão a oportunidade de investigar e compreender as dimensões das obras – largura, altura e profundidade.

Após a leitura, peça que observem novamente a foto do artista modelando a escultura em argila e converse com eles sobre suas experiências com esse material, perguntando: "A argila é seca ou úmida?"; "Ela é macia ou dura?"; "Como preparamos o espaço para usar a argila?"; "Manipulamos a argila com as mãos mesmo ou usamos instrumentos?"; "Como a argila seca?"; "Como guardamos os trabalhos de argila?".

Comente com eles que, além de esculturas, também é possível fazer utensílios domésticos com argila – como pratos, copos, vasos, moingas, etc. –, por meio do seu aquecimento, após a modelagem, em altas temperaturas, resultando em objetos de cerâmica. Faça perguntas como: "Vocês têm algum objeto de cerâmica em casa? Qual?"; "Vocês já usaram um copo ou prato de cerâmica?"; etc.

Escultura

Observe seus materiais escolares. O estojo, o giz e a borracha têm três dimensões: altura, largura e profundidade. Por isso, são **tridimensionais!**

As esculturas também são tridimensionais. Elas podem ser feitas de várias maneiras e com diferentes materiais.



As esculturas podem ser modeladas com materiais como a argila...

... ser esculpidas em materiais como a madeira...



... ser modeladas com a ajuda de um molde que dá forma à obra...

... ou ser construídas com objetos colados uns nos outros!



Você já fez alguma escultura com argila? Como foi essa experiência?

72 UNIDADE 2

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de...

Vídeo

O artesanato com argila é muito importante para a preservação e a expressão das culturas regionais. Assista ao vídeo **Mestre do artesanato no CE cria peças de argila há três gerações** e veja como uma artesã do Ceará transmitiu essa prática para a sua família. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/nosso-ceara/noticia/2014/09/mestre-do-artesanato-no-ce-cria-pecas-de-argila-ha-tres-geracoes.html>>. Acesso em: 25 out. 2017.

Atividade prática

👤 Chegou a hora de modelar com argila!

- 1 Umedeça as mãos com água e amasse a argila seguindo as orientações do professor.



Material necessário

- pote com água
- argila
- palitos de sorvete ou de churrasco sem ponta
- papel toalha para limpeza

- 2 Modele o que você quiser: bonecos em forma de pessoas ou de animais, plantas, objetos ou até mesmo figuras abstratas!



- 3 Faça desenhos na peça que você criou. Para isso use os palitos e siga sua imaginação!



Atividade prática

Para realizar esta atividade, providencie um espaço com acesso fácil a pias e itens de higiene, como papel toalha. Também é interessante que os alunos tenham mesas grandes a sua disposição, ou mesmo que juntem mesas menores. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Entregue uma porção de argila para cada estudante e dê um tempo para que a investiguem. Pergunte qual é a sensação de segurar essa porção de argila: se ela é fria, úmida, se tem cheiro, qual é a consistência, etc.

A argila é uma massa natural, fácil de ser manuseada. Antes de ser modelada, deve ser bem amassada, para que não haja bolhas de ar. Caso contrário, a peça poderá rachar ou quebrar. Para modelar a argila, as mãos dos alunos devem estar sempre molhadas.

Peça aos estudantes que, antes de começar a modelar, façam uma ou mais bolas de argila. Depois, oriente-os a amassar com os polegares o centro da bola e a modelar deixando a espessura por igual. Outra técnica possível é a dos rolinhos, que vão sendo sobrepostos e colados com água, tendo o cuidado de riscar com palito as partes a serem coladas e de umedecê-las com água, formando “dentes” que ajudam a fixar melhor as peças.

O resultado ficará ainda melhor se os alunos fizerem desenhos e texturas na argila depois de modelada, enquanto estiver úmida, usando palitos de sorvete ou de churrasco.

Ao término da atividade de modelagem, peça que deixem as peças secarem naturalmente e organize na sala uma exposição das obras produzidas.

Explique aos alunos as diferenças entre modelar e esculpir, ambas operações possíveis na argila. A atividade proposta aqui é de modelagem, executada diretamente em substâncias maleáveis, como a argila ou a cera, que podem ser moldadas à mão. Ao esculpir, o que se faz é entalhar materiais rígidos, utilizando instrumentos e técnicas adequadas.

🎨 A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

Materialidades

BNCC EF15AR04

Processos de criação

BNCC EF15AR05

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais, como a forma e o espaço, por meio dos estudos sobre a escultura, além de exercitar a criação individual em artes visuais por meio da modelagem de argila.

Colagem

Peça aos alunos que observem a imagem e estimule-os a investigar os materiais e os procedimentos de colagem utilizados. Pergunte-lhes: “Essa obra é um desenho?”; “Como vocês acham que ela foi feita?”; “Que materiais foram usados?”; “De onde esses materiais vieram?”; “Como vocês acham que o artista colocou esses materiais aí?”; “Vocês acham que foi o próprio artista que produziu tudo o que ele usou nessa obra?”. Anote as respostas no quadro e, em seguida, descreva a imagem, os procedimentos e os materiais utilizados pelo artista: colagem manual de recortes de papéis sobre papelão.

Essas ações são integrantes dos procedimentos utilizados nos trabalhos de colagem. Ambas exigem prática, pois os alunos precisam desenvolver a destreza no uso da tesoura e aprender a colar de forma adequada. Para isso, incentive-os a fazer recortes de modo a adquirir paulatinamente maior precisão.

Assemblagem

Peça aos alunos que observem as duas imagens da página e retorne a observação e a conversa que tiveram acerca da colagem. Pergunte-lhes: “O que as imagens têm em comum?”; “Quais são as diferenças entre elas?”; “São os materiais?”; “Que materiais foram usados nas assemblagens?”; “Como vocês acham que os artistas juntaram todos esses materiais?”; “Como os artistas os prenderam?”; “Que sensação vocês teriam ao tocar essa assemblagem? E a colagem?”. Deixe que os alunos se expressem livremente.

Colagem

Assim como as pinturas, as colagens são bidimensionais, feitas em superfícies, como um pedaço de papel, um pedaço de madeira ou uma tela.

Para se expressar por meio de colagem, os artistas utilizam diversos materiais, como papéis, tecidos, folhas.



► **O garoto no Puff**, do artista brasileiro Adriano Catanzaro, 2014 (colagem feita em papelão, 20 cm x 20 cm).

Assemblagem

Assemblagens são um tipo de colagem, mas os materiais usados nelas são diferentes. Isso porque as assemblagens são feitas com materiais tridimensionais! Observe a imagem ao lado.

► **Sem título**, de Kurt Schwitters, 1939-1944 (assemblagem feita com pedras, madeira e papel, 35 cm x 27 cm).



74

UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de atividade complementar

Colagem em alto-relevo

Material necessário: folhas de EVA; lápis preto; cola branca; pedaços de papelão; tesoura com pontas arredondadas.

1. Peça aos alunos que façam desenhos no EVA, de modo que possam ser recortados. Se necessário, ajude-os a lidar com a tesoura.
2. Com os recortes prontos, oriente-os para que cole as figuras sobre o papelão, da forma que acharem mais interessante.
3. Ao finalizar, peça que passem a mão sobre o alto-relevo que realizaram e pergunte qual é a sensação.

Atividade prática

- Use a imaginação para fazer uma assemblagem!



Material necessário

- papel-cartão de qualquer cor
- cola branca
- pincel
- copo de plástico para colocar a cola
- tesoura com pontas arredondadas
- caixas de papelão de vários tamanhos e formas
- restos de papel
- restos de madeira
- palitos de sorvete
- partes de brinquedos velhos
- objetos de plástico
- tampinhas de garrafa

- 1 Cole os objetos no papel-cartão, formando o desenho que você quiser. Use a imaginação!



- 2 Agora, espere sua assemblagem secar e pronto!



Atividade prática

Para realizar esta atividade, providencie um espaço com acesso fácil a pias e itens de higiene, como papel toalha. Também é interessante que os alunos tenham mesas grandes a sua disposição, ou mesmo que juntem mesas menores. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Explique aos alunos que, antes de colar, eles devem determinar o lugar em que ficará cada fragmento que vai compor a imagem, experimentando diferentes combinações até encontrar a que mais lhes agrade. Se necessário, peça que marquem levemente com um lápis. Depois disso, cada um deve usar um pincel e um copinho plástico com cola para fixar as partes sobre o suporte.

Ao final, peça-lhes que deixem o trabalho descansando sobre a mesa para que a cola seque um pouco e, em seguida, pendurem no varal. Quando as colagens secarem, recolha-as para a apreciação.

Na produção de uma colagem ou de uma assemblagem, a criança estabelece uma relação com a imagem desde o momento em que faz suas escolhas – ao selecionar um pedaço de determinada fotografia, um objeto, as posições da composição, etc. Isso possibilita a fragmentação de imagens e sua recontextualização por meio de operações como justapor, sobrepôr e relacionar.

Apesar da dificuldade que alguns alunos possam ter ao colar, é importante que você apenas indique maneiras de fazer, permitindo que realizem essa operação de forma independente. Quando a cola estiver muito grossa, oriente-os a misturá-la com um pouco de água, tomando cuidado para não diluí-la demais. O uso de pincéis para espalhar a cola é aconselhável.

A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

Materialidades

BNCC EF15AR04

Processos de criação

BNCC EF15AR05

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, etc.), por meio dos estudos e experimentações com colagem e assemblagem, exercitando também a criação de modo individual.

Outros trabalhos de Dim Brinquedim

Explore com os alunos as pinturas apresentadas nesta página, perguntando: “O que vocês veem nas imagens?”; “O que as pessoas estão fazendo?”; “Elas parecem estar felizes?”; “O que vocês sentem ao olhar para essas imagens?”.

Ao observar a diversidade de produções do artista, destaque que Dim Brinquedim realiza suas produções com base em brinquedos tradicionais do Brasil. Para ampliar o repertório dos alunos, você pode fazer uma pesquisa de brinquedos dessa categoria produzidos por diversos artesãos de diferentes regiões do país e fazer uma atividade de apreciação, conversando com a turma sobre os brinquedos tradicionais do Brasil e os materiais que os artesãos usam para produzi-los.

Ao entrar em contato com imagens que compõem uma visão da obra do artista Dim Brinquedim, é interessante chamar a atenção dos estudantes para as características e marcas de autoria que aparecem nos trabalhos por meio de perguntas como: “Como são as figuras e os personagens de Dim Brinquedim nessas obras?”; “Vocês acham que ele usa o mesmo material para fazer todas essas obras?”; “Que cores mais aparecem em suas obras?”; “Que tipo de trabalhos ele faz?”; “Eles são parecidos?”.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar formas distintas das artes visuais, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

Outros trabalhos de Dim Brinquedim

Além de esculturas que representam brinquedos e brincadeiras, Dim Brinquedim faz pinturas e assemblagens sobre outros temas.

Veja estas pinturas.



► **Quarteto**, de Dim Brinquedim, 2013 (acrílica sobre tela, 87 cm x 77 cm).



► **Brincando na chuva**, de Dim Brinquedim, 2003 (acrílica sobre tela, 97 cm x 105 cm).

O que essas obras representam? Você já participou de acontecimentos como esses? Quais cores mais chamam a sua atenção nas obras?

76

UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de...

Leitura complementar

SALES, João Victor; LANDIM, Ilana Camurça. Brincar e consumir: considerações sobre o brinquedo na sociedade de consumo. In: ALCÂNTARA, Alessandra; GUEDES, Brenda (Org.). *Culturas infantis do consumo: práticas e experiências contemporâneas*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014. p. 14-36.

No capítulo, os autores discutem o brincar no contexto da sociedade de consumo, abordando, entre outros aspectos, a produção industrializada de brinquedos.

Agora veja estas assemblagens.



► **Revoada**, de Dim Brinquedim, 2014 (técnica mista, 42 cm x 113 cm x 10 cm).



► **Nas nuvens**, de Dim Brinquedim, 2014 (técnica mista, 140 cm x 80 cm x 18 cm).

Como você se sente ao olhar para essas imagens?

Sobre o artista

Antonio Jader Pereira dos Santos, o Dim Brinquedim, é pintor, escultor e brinquedista. Seu brinquedo predileto é o João-teimoso, aquele que pode ser empurrado para a direita, para a esquerda ou para qualquer lado que volta a ficar de pé! Para o artista, o boneco ensina a nunca desistir dos nossos ideais.

O artista é muito curioso: está sempre aprendendo novas técnicas com outros profissionais, como os pedreiros e os marceneiros.

Além disso, Dim Brinquedim gosta de usar materiais novos para aprender como eles funcionam. Depois, ensina o que aprendeu em uma oficina de brinquedos no Museu Brinquedim.



► **João-teimoso**, o brinquedo predileto de Dim Brinquedim, 2011 (técnica mista, 30 cm x 50 cm x 30 cm).

Sugestão de...

Site

Visite a página do Museu Brinquedim.
Disponível em: <www.museubrinquedim.org.br>.
Acesso em: 17 de fevereiro de 2017.

Assim também aprendo

O que você achou do trabalho de Dim Brinquedim? Converse com os colegas e o professor e registre a opinião de vocês sobre a obra do artista em um texto coletivo.

Assim também aprendo

Reveja com os estudantes os trabalhos de Dim Brinquedim apresentados no livro e incentive-os a identificar aspectos que os fizeram gostar ou não da obra. Estimule-os também a dar exemplos que justifiquem seu ponto de vista. Você pode organizar os alunos em trios ou duplas para discutir a questão proposta. Nessa conversa, é importante que percebam as referências a brincadeiras e brinquedos. Questione-os: "É mais diver-

tido estudar arte relacionada com brincadeira?". Depois da conversa, escreva um texto coletivo com os alunos, registre-o na lousa e peça que o copiem e guardem uma cópia no portfólio.

Texto complementar

Dim Brinquedim, por ele mesmo

As pessoas, às vezes, acham que comecei a fazer brinquedos porque era um garoto pobre que não podia comprar brinquedos industrializados, mas na verdade eu tive muitos brinquedos comprados, e brinquedos caros da época. Comecei a fazer brinquedos pela danação de fazer.

Sempre fui muito curioso, e desde criança que estudo mecanismos. Quando eu era menino pequeno, o algodão-doce era vendido em um carrinho, que tinha uma espécie de maquininha à manivela que fazia o algodão-doce na hora. Só sosseguei quando descobri como funcionava aquele mecanismo, aí eu o readaptei e a partir dele produzi alguns brinquedos. E é assim, muitas das minhas peças são junção de vários mecanismos, que descubro ou que invento de acordo com o movimento que eu quero dar.

[...] Eu idealizo um resultado, mas não predetermino uma forma, o jeito que vou fazendo é o que é possível, depende do material que tenho disponível. Quando concluo uma peça eu mesmo não sabia que ia ficar daquele jeito.

Estou sempre juntando material. Ter uma diversidade de materiais me ajuda a inventar soluções não convencionais. Eu gosto de ter várias coisas em casa pra testar. Se vejo um parafuso perdido na calçada, uma tampinha, um arame torto, eu pego e ponho no bolso. E quando eu estou fazendo uma peça e tenho a necessidade de um material, lembro que aquela coisa, que juntei no lugar tal, vai dar certo pra resolver essa situação. Vou juntando um material e quando chega a necessidade eu uso.

[...] Todas as minhas experiências entram no meu processo de criação. Se faço um trabalho de reforma da minha casa e acompanho o pedreiro, aprendo com ele novas técnicas que vêm também para o meu trabalho. Eu uso todas as técnicas, eu aproveito tudo, todo o meu caminho de vida se insere em meu trabalho.

Disponível em: <www.museubrinquedim.org.br/apresentacao>. Acesso em: 25 out. 2017.

Ampliando o repertório cultural

Bonecas do mundo todo

Após a leitura compartilhada do texto com os alunos, peça a eles que analisem as fotos e que expressem suas impressões sobre as bonecas: "O que as bonecas têm de diferente entre si? E de parecido?"; "Com que materiais vocês acham que elas foram feitas?"; "O que vocês acham que cada uma representa?"; "A forma como elas estão representadas tem a ver com a cultura dos países onde elas foram feitas?"; "Como são as bonecas que conhecemos hoje em dia?"; "Vocês acham que as bonecas também podem ser uma obra de arte? Por quê?".

Comente com a turma sobre as origens das bonecas representadas nas imagens. Pergunte se conhecem bonecas de outros povos ou etnias, especialmente africanos e indígenas brasileiros. Se houver algum aluno indígena na turma, convide-o para comentar sobre as bonecas ou outros brinquedos produzidos pelo seu povo, caso existam.

Aproveite para explorar o repertório de toda a turma e sua relação com os brinquedos e as brincadeiras. É importante investigar o que eles já sabem sobre brinquedos e brincadeiras regionais e tradicionais. Pergunte, por exemplo: "Vocês conhecem alguém que produz bonecas artesanais?". Estimule-os a perceber a importância dessa herança falando, por exemplo, sobre o que aprenderam com as pessoas mais velhas da família. Dessa forma, é possível reforçar a ideia de brinquedos e brincadeiras que são passados de geração em geração e estão ligados à tradição.

Ampliando o repertório cultural

Bonecas do mundo todo

Você sabia que um dos brinquedos mais antigos e que faz parte de diversas culturas são as bonecas?

As bonecas podem ser feitas de muitos materiais, como barro, palha de milho, fibra, madeira, pano, porcelana ou plástico!

Cada cultura cria modelos diferentes de bonecas. Observe alguns exemplos.



▶ Bonecas indígenas brasileiras, da etnia Karajá.



▶ Bonecas turcas da província de Ardaç.



▶ Bonecas africanas, dos povos soto.



▶ Bonecas kokeshi, da região de Tohoku, no norte do Japão.

Sugestão de...

Livro

Menino brinca de boneca?, de Marcos Ribeiro (Moderna, 2011), mexe com nossa cabeça ao fazer essa pergunta. O que você pensa sobre isso?



Reprodução do livro da editora

Brinquedos de miriti

O **Círio** de Nazaré é uma festa católica que acontece no segundo domingo do mês de outubro em Belém, capital do Pará.

círio:
grande vela de cera usada em procissões.



► Milhares de fiéis no entorno da Catedral da Sé, durante a procissão do Círio de Nazaré, Belém, Pará, 2012.

Durante o Círio de Nazaré, é muito comum ver artesãos vendendo brinquedos feitos com madeira de miriti, também conhecida como buriti.

Para fazer os brinquedos, os artesãos cortam os galhos, ou “braços”, da palmeira. Com esse material flexível e macio, eles entalham bonecos, pequenos barcos, pássaros, cobras e outros bichos, de vários formatos e tamanhos.

► Artesão fazendo brinquedos e decoração de miriti, Belém, Pará, 2017.



► Brinquedos de miriti, Belém, Pará, 2017.



► CAPÍTULO 3 79

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Basílica de Nossa Senhora de Nazaré

A única basílica da Amazônia brasileira tem sua história atrelada à descoberta da imagem de Nossa Senhora de Nazaré pelo caboclo Plácido, em Belém do Pará, às margens do igarapé Murucutu, área que corresponde, atualmente, aos fundos da basílica.

Essa imagem, independente do lugar para onde era levada, desaparecia e ressurgia no mes-

mo local onde Plácido a tinha encontrado. Interpretando o fato como sinal divino, a devoção à santa adquiriu caráter oficial e foi erguida uma capela naquele local em sua homenagem, hoje a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré. [...]

BARBOSA, Virgínia. *Fundação Joaquim Nabuco*. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=995%3Abasilica-nossa-senhora-de-nazare&catid=37%3Aletra-b&Itemid=1>. Acesso em: 25 out. 2017.

Brinquedos de miriti

Faça uma sondagem com os alunos, por meio de perguntas como: “Vocês já viram alguma procissão ou romaria realizada na região onde moram? Alguém já participou de uma?”; “Para que servem as procissões?”; “Onde elas costumam acontecer?”; “Quais são os aspectos que mais chamam a atenção de vocês?”; etc.

Depois, promova a leitura compartilhada do texto, chamando a atenção para as imagens que o ilustram e realizando a leitura das imagens apresentadas no livro.

Peça aos estudantes que observem a imagem dos brinquedos e chame a atenção deles para suas qualidades e características estéticas: “Os brinquedos são todos iguais?”; “Como eles são pintados?”; “Que tipos de imagem os decoram?”. Verifique se a turma percebe os diferentes padrões utilizados nas pinturas dos brinquedos. Se achar pertinente, sugira que escolham um dos brinquedos para fazer um desenho de observação a partir da fotografia do livro.

► A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os alunos terão oportunidade de reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais – como a indígena, a africana e a oriental – nas artes visuais, conhecendo e valorizando seu patrimônio cultural.

Sugestão de... Livro

Aproveite a indicação do livro **Menino brinca de boneca?** (Moderna, 2011) e a questão proposta no box para abordar a relação dos alunos com os brinquedos e brincadeiras. Faça a mesma pergunta adaptando para os meninos e para as meninas, pensando em outros brinquedos e brincadeiras, como carrinho, *videogame*, casinha, etc.

Experimentação

Para realizar esta atividade, providencie um espaço com acesso fácil a pias e itens de higiene, como papel toalha. Também é interessante que os alunos tenham mesas grandes a sua disposição, ou mesmo que juntem mesas menores. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Volte à página 77 e promova uma conversa sobre a imagem do João-teimoso para desvelar o que os alunos sabem sobre esse brinquedo e para que formulem suas hipóteses. Para isso, você pode perguntar: "Vocês já viram esse brinquedo?"; "Como ele é chamado na região onde vocês moram?"; "Como brincamos com ele?"; "Vocês imaginam como ele é feito?"; "Que materiais são necessários para a sua confecção?". Explique que o João-teimoso, ou João-bobo, é um brinquedo muito típico no Brasil e por isso é conhecido por diversos nomes nas diferentes regiões do país.

Nesta experimentação, propomos uma atividade de construção: a montagem do brinquedo conhecido como João-teimoso. O objetivo central é propiciar aos alunos a oportunidade de entrar em contato com a produção artesanal de brinquedos utilizando materiais e procedimentos observados nas esculturas lúdicas do artista cearense. Para realizá-la, siga as orientações apresentadas no Livro do Estudante.

A BNCC nestas páginas

Materialidades

BNCC EF15AR04

Processos de criação

BNCC EF15AR05

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de experimentar diferentes formas de expressão artística, como a colagem e a escultura, por meio da confecção de um brinquedo artesanal, fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas, experimentando também a criação em artes visuais de modo individual.

EXPERIMENTAÇÃO

- Para finalizar este capítulo, vamos fazer um João-teimoso, o brinquedo preferido de Dim Brinquedim?

Material necessário

- uma bola de isopor oca ou bipartida de 15 centímetros de diâmetro
- bolas de gude ou areia
- cola para isopor
- uma bola de isopor de 9 centímetros de diâmetro
- palito de dente
- lãs, botões, retalhos de tecido e pedaços de papéis coloridos

- 1 Abra a bola de isopor de 15 centímetros e coloque as bolas de gude ou a areia dentro dela.
- 2 Passe a cola para isopor nas bordas e cole um pedaço no outro.
- 3 Depois que a cola secar, cole a bola de isopor menor na bola maior. Se for necessário, use o palito de dente para ajudar a fixar uma bola na outra.
- 4 Enfeite seu boneco usando os botões para os olhos, os retalhos de tecido e os pedaços de papéis coloridos para as roupas e as lãs para o cabelo.
- 5 Seu João-teimoso está pronto!



Fotos: Sérgio Dornes/Dornes



Expondo

- Você e os colegas vão reunir todos os trabalhos da turma e fazer uma exposição! Siga as orientações do professor na montagem e convide os colegas de outras turmas para visitar a exposição e apreciar os trabalhos!

80

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de atividade complementar

João-teimoso de bexiga

Material necessário: uma bexiga, fita adesiva, uma borracha, canetinhas coloridas, restos de papel colorido.

Oriente os alunos para que realizem os seguintes passos:

1. Encher a bexiga com ar e dar um nó na ponta.
2. Usando a fita adesiva, colar a borracha na base.
3. Enfeitar o boneco usando canetinhas, restos de papel e fita adesiva, da forma que achar mais interessante.

O QUE ESTUDAMOS

- Os artistas visuais fazem obras de arte bidimensionais e tridimensionais.
- As pinturas são bidimensionais. Elas podem ser retratos, paisagens ou naturezas-mortas.
- As esculturas são tridimensionais. Elas podem ser modeladas, esculpidas, feitas com moldes ou construídas.
- As colagens são bidimensionais.
- As assemblagens são tridimensionais.
- As bonecas são um brinquedo muito antigo e são diferentes em cada cultura.
- Na festa do Círio de Nazaré são comercializados brinquedos feitos com madeira de miriti.



Dica de visitação

Na cidade em que você mora existem museus de arte visual? Se sim, não deixe de visitá-los com os colegas e o professor!

É hora de retomar o portfólio



O que você mais gostou de estudar neste capítulo? Faça uma pintura com tinta guache em uma folha de papel *canson* expressando o que mais gostou e guarde o registro no portfólio.

» O QUE ESTUDAMOS

81

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

O que estudamos

Inicie o trabalho com esta seção promovendo a leitura coletiva da síntese dos conceitos estudados. Retome com os alunos os trabalhos de Dim Brinquedim apresentados no livro e incentive-os a identificar aspectos que os fizeram gostar ou não das obras. Essa conversa pode ser feita coletivamente ou em pequenos grupos. Se julgar interessante, encerre a atividade registrando na lousa uma síntese coletiva do que foi discutido.

Incentive-os a refletir sobre seu desempenho nos estudos e a compartilhar as avaliações que fizeram. Faça uma roda com todos os alunos sentados no chão. Eles podem estar com seus livros. Peça a eles que digam aquilo que de mais importante estudaram e aprenderam no capítulo. Por fim, faça um registro coletivo dessa conversa. Em um pedaço grande de cartolina ou papel paraná, vá anotando o que disserem, em tópicos. Depois, promova a leitura coletiva do texto.

É hora de retomar o portfólio

Antes de orientar os alunos a fazer a pintura proposta, converse com eles sobre o percurso que fizeram durante o estudo deste capítulo. Para isso, pergunte: “Depois do que vimos neste capítulo, seu conhecimento acerca das artes visuais, em especial da escultura, mudou?”; “Você ficou satisfeito com as produções artísticas?”; “Quais foram as suas maiores dificuldades no decorrer dos estudos?”.

Retome a lista que foi feita no início do bimestre, junto com a turma, assim eles terão mais condições de perceber o que foi aprendido até agora. Verifique, também, o aprendizado dos alunos analisando seus portfólios e a participação em sala a partir dos seguintes critérios observáveis:

- O aluno reconhece e distingue os elementos das artes visuais estudados nas apreciações?
- O aluno utiliza elementos constitutivos das artes visuais em suas produções de maneira consciente, mobilizando seu repertório imagético?
- O aluno avalia o uso das propriedades das artes visuais em suas produções, reconhecendo suas estratégias de construção?
- O aluno compara e avalia os resultados de suas pesquisas e experimentações com formas distintas de manifestação das artes visuais, na busca de soluções para expressar suas ideias e sentimentos?

Além disso, avalie se o aluno:

- precisa de ajuda para identificar e reconhecer os elementos das artes visuais.
- apresenta facilidade em trabalhar com os diversos elementos constitutivos das artes visuais e suas propriedades, mas ainda precisa de alguma orientação.
- consegue se apropriar e trabalhar com os procedimentos das artes visuais explorados, sem necessidade de supervisão ou acompanhamento direto.
- explora e pesquisa os elementos constitutivos das artes visuais e reconhece suas propriedades, a partir da apropriação que ele tem dos procedimentos desenvolvidos na atividade.

Unidade 2 – Capítulo 4

Uma orquestra de brinquedo!

No capítulo 4, continuamos o trabalho com a questão norteadora da unidade: “Brinquedo pode ser arte?”. Nesse sentido, pretendemos oferecer aos estudantes a oportunidade de ampliar o contato que já têm com os sons e suas características, somando às suas vivências novas experimentações e reflexões, especialmente acerca da criação de sons e músicas a partir de instrumentos de brinquedo.

Antes de iniciar o trabalho, retome com os alunos a lista feita ao final da introdução da unidade e atualize-a. Pergunte a eles se o que foi listado se concretizou e se há outros elementos para adicionar. Retome a questão norteadora do projeto e pergunte o que os alunos imaginam que precisam saber sobre a música para respondê-la. Pergunte também o que imaginam que vão estudar partindo do título do capítulo. Sugira, então, alguns itens para compor a lista com a turma:

- Conhecer um ou mais artistas que se expressam por meio da linguagem musical.
- Descobrir mais sobre o som e seus elementos.
- Experimentar jogos musicais.
- Conhecer outras formas de arte e outras culturas que relacionam arte e brinquedo.
- Criar uma obra coletiva que mostre o que aprendemos sobre música.

A música da Orquestra de Brinquedos

Para iniciar

Inicialmente, faça uma leitura coletiva das imagens apresentadas na abertura do capítulo e incentive os estudantes a comentar livremente o que observam. Utilize as questões do boxe para guiar a discussão sobre a apresentação da Orquestra de Brinquedos e de seus instrumentos.

Ajude-os na exploração com algumas perguntas complementares: “O que as pessoas da foto estão fazendo?”; “Como elas estão



Uma orquestra de brinquedo!

A música da Orquestra de Brinquedos

Nesta Unidade estamos investigando se brinquedo pode ser arte. No capítulo anterior, vimos como a arte visual e o brinquedo podem ser unidos para a construção de brinquedos e até para a criação de um museu de brinquedos.

Os brinquedos podem inspirar outras linguagens artísticas? O que os brinquedos têm a ver com música? É o que vamos descobrir a partir de agora!

Para iniciar

1. O que você sente ao ouvir uma música de que gosta?
2. Os artistas podem se expressar por meio da música? Por quê?
3. Você já tocou algum instrumento musical? Ou já brincou com algum instrumento musical de brinquedo?
4. Será que é possível fazer música com instrumentos musicais de brinquedo?



▶ Apresentação da Orquestra de Brinquedos em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2017.

vestidas?”; “Por que será que elas estão vestidas assim?”; “Como são os instrumentos musicais que elas estão tocando?”; “Algum de vocês tem ou já teve instrumentos musicais de brinquedo?”; “Que sons eles fazem?”; “Os sons desses instrumentos são parecidos com os dos instrumentos profissionais?”; “Como se toca um instrumento de brinquedo?”; “De que materiais eles são feitos?”. Deixe os alunos falarem livremente sobre suas experiências com instrumentos de brinquedo.

Em seguida, prossiga com a exploração do texto e das imagens e incentive os alunos a falar sobre a experiência deles com as cantigas de roda e as canções tradicionais, perguntando: “Vocês já brincaram de roda com os colegas?”; “Durante a brincadeira, vocês cantavam alguma música? Como ela era?”; “Vocês conhecem alguma cantiga de roda da região em que vocês moram? Qual?”.

A imagem da página anterior é o registro de uma apresentação da Orquestra de Brinquedos, um grupo musical de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

O **repertório** do grupo é composto de cantigas de roda e canções folclóricas brasileiras, além de músicas tradicionais e de compositores famosos. Você conhece algum desses tipos de música?

Observe nas imagens abaixo alguns dos instrumentos que os artistas da Orquestra de Brinquedos tocam nos espetáculos.

repertório:
conjunto de músicas escolhidas para um espetáculo ou álbum.



Você já viu instrumentos musicais assim? Será que dá para fazer música com eles?

A resposta é **sim!** Vamos conhecer uma das músicas que compõem o repertório da Orquestra de Brinquedos e descobrir como os músicos desse grupo preparam seus espetáculos!

» CAPÍTULO 4 83

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Competências deste capítulo

- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Linguagem

Música.

Dimensões do conhecimento

Estesia; criação; expressão; fruição; reflexão; crítica.

A BNCC nestas páginas

Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar a música executada com instrumentos de brinquedo como uma forma de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em contextos de circulação como um espetáculo.

Expectativas de aprendizagem deste capítulo

- Reconhecer elementos da linguagem musical em objetos cotidianos e na natureza.
- Identificar características dos sons (variações de intensidade, altura e duração).
- Perceber a pulsação e o andamento da música.
- Apreciar obras de arte musical.
- Descrever o que ouve e sente em relação às obras apreciadas.
- Comunicar aos colegas sua apreciação, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Compreender os valores estéticos e valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e seus principais trabalhos.
- Criar uma apresentação musical tendo como inspiração o trabalho da Orquestra de Brinquedos.

Que obra é essa?

Depois de fazer a leitura compartilhada do texto e da imagem, apresente a composição “O trenzinho do caipira”, de Heitor Villa-Lobos (você pode encontrá-la facilmente na internet), para os alunos e estimule-os a falar sobre as impressões e sensações que tiveram ao ouvir essa música e de que forma seus sons e a melodia remetem ao título dessa composição. Pergunte: “Como vocês se sentiram ao ouvir essa música?”; “Ela é calma ou agitada?”; “Há algum som na música que lembra um trem?”; “A que velocidade um trem anda?”; “Quais são os sons de um trem?”; “Quando viajamos de trem, o que vemos pela janela?”; “Vocês conseguem imaginar uma paisagem ao ouvir essa música? Como é a paisagem?”; “Que sons vocês conseguiram identificar?”; “Que instrumentos vocês acham que os artistas usaram para tocar essa música?”; “Como são os sons que vocês ouviram: fracos, fortes, longos ou curtos?”; “Esses sons lembram o som de alguma coisa? Do quê?”; etc.

Com essas perguntas você vai chamar a atenção dos alunos para as sensações causadas pela música, em razão de sua pulsação, seu andamento, sua melodia, etc. Esse é um exercício de escuta, percepção e interpretação musical.

Sugestão de... Música

Se possível, execute a versão de “O trenzinho do caipira”, tocada pela Orquestra de Brinquedos, e incentive os estudantes a compará-la com a versão original, de Heitor Villa-Lobos. Faça perguntas como: “Vocês acharam as duas versões parecidas? Por quê?”; “De qual vocês gostaram mais? Por quê?”; “Olhando para a foto, vocês conseguem identificar os instrumentos que escutaram?”; “Qual das versões tem sons mais fortes? E mais longos?”; etc.

Ao dialogar com a música popular, Villa-Lobos fazia uso de sons rurais, urbanos, apitos, estampidos, de sapatos, revelando que essa mistura pode ser enriquecedora.

Que obra é essa?



▶ Orquestra de Brinquedos tocando “O trenzinho do caipira”. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2017.

“O trenzinho do caipira” é uma das músicas do repertório da Orquestra de Brinquedos. Sua versão original foi composta por Heitor Villa-Lobos (1887-1959), famoso compositor brasileiro.

Sugestão de...

Música

Que tal ouvir uma música tocada pela Orquestra de Brinquedos? Procure ouvir “O trenzinho do caipira”. Disponível em: <<http://goo.gl/XEYnXt>>. Acesso em: 6 de outubro de 2017.

84

UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Heitor Villa-Lobos

Villa Lobos foi um importante compositor brasileiro, além de instrumentista, regente e professor de música. Durante sua vida, criou cerca de mil obras. Cirandas, choros, sinfonias, música de câmara, óperas e outros gêneros musicais — em tudo o que compôs, imprimiu uma marca de brasilidade.

[...]

Algumas de suas composições de destaque são *Cair da tarde*, *Evocação*, *Miudinho*, *Melodia sentimental*, *Quadrilha*, *O canto do uirapuru* e *Bachianas brasileiras* (que inclui a música chamada

Para criar essa música, Villa-Lobos se inspirou nos sons que um trem faz durante sua viagem. Você consegue imitar esses sons? Talvez você consiga, usando a voz ou o corpo. Já o compositor usou notas musicais para criar sua obra. Você sabe o que são as notas musicais?



► O compositor Heitor Villa-Lobos regendo uma **orquestra**. Paris, França, 1959.

As notas musicais são cada um dos sete sons com que se cria e se produz música. Cada nota tem um nome. Vamos conhecê-las?

orquestra:
conjunto de músicos que fazem apresentações musicais.

dô ré mi fá sol lá si

Você conhece o som dessas notas? Diferentes instrumentos musicais podem produzir cada uma delas. Foi assim que a Orquestra de Brinquedos recriou a composição “O trenzinho do caipira”. Eles produzem as mesmas notas, como Villa-Lobos as ordenou, mas usando apenas instrumentos de brinquedo!

► CAPÍTULO 4 85

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

“Trenzinho do caipira”, a qual imita o movimento e os ruídos de uma locomotiva com os instrumentos de uma orquestra). A melodia do “Trenzinho” recebeu letra do poeta brasileiro Ferreira Gullar.

[...]

Heitor Villa-Lobos obteve reconhecimento nacional e internacional por sua obra. Entre outros, recebeu o título de doutor *honoris causa* da Universidade de Nova York. Fundou a Academia Brasileira de Música, da qual foi o primeiro presidente. Villa-Lobos morreu no dia 17 de novembro de 1959, no Rio de Janeiro.

Britannica Escola. **Enciclopédia Escolar Britannica**. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/levels/fundamental/article/Heitor-Villa-Lobos/483633>>. Acesso em: 26 out. 2017.

Verifique o que os alunos já sabem sobre as notas musicais. É possível que eles tenham alguma familiaridade com o tema, pois muitos instrumentos de brinquedo trazem escrito o nome das notas musicais. Caso haja na turma crianças que tenham instrumentos de brinquedo, peça que tragam para a escola e os apresentem aos colegas.

Se possível, reproduza os sons das sete notas musicais para a turma, repetindo algumas vezes. É possível encontrar exemplos na internet com facilidade. Você também pode tocá-las usando algum instrumento de sua preferência.

Essa é uma oportunidade de ajudar os alunos a associar o som que o instrumento produz à notação musical. Depois de fazer a leitura compartilhada do texto e de escutar os sons com os alunos, converse com eles sobre o fato de os músicos terem criado sete sons padrão que, juntos, permitem criar uma infinidade de músicas. Se achar pertinente, execute novamente as versões de “O trenzinho do caipira” e peça a eles que tentem identificar as notas ao escutá-las.

► A BNCC nestas páginas

Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar formas distintas de expressão musical por meio da obra de Heitor Villa-Lobos e do trabalho da Orquestra de Brinquedos, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação.

Como a obra foi feita?

Organize os alunos em duplas ou trios para acompanhar a leitura compartilhada do texto e observar as imagens desta seção do livro. Peça que discutam as seguintes questões: "Como são os sininhos?"; "Que tipo de som eles devem fazer?"; "Alguém tem um sino em casa? Como ele é?". Se possível, execute alguns exemplos de sons de sino. Eles podem ser encontrados facilmente na internet.

Sugestão de...

Leitura complementar

ALVIM, Alessandro. Linguagem colonial. O Globo. Disponível em: <<http://infograficos.oglobo.globo.com/rio/sinos.html>>. Acesso em: 26 out. 2017.

Na época colonial, os sinos tinham função religiosa e civil no Rio de Janeiro, capital da Colônia. Suas badaladas podiam, por exemplo, avisar a população caso a cidade estivesse sofrendo uma invasão. Leia mais sobre isso no infográfico "Linguagem colonial", que também traz informações sobre a anatomia dos sinos, alguns aspectos culturais e exemplos de toques que podem ser executados pelo leitor, bem como informações sobre seus usos como forma de aviso, chamado, alerta, etc.

Como a obra foi feita?

A ideia de gravar músicas com instrumentos de brinquedo partiu de um acontecimento inusitado!

Ao entrar em uma loja de instrumentos musicais, o músico Yanto Laitano, da Orquestra de Brinquedos, encantou-se com um jogo de quatro pares de sininhos coloridos, cada um com um som.



► Jogo de sininhos musicais.

Na mesma loja, o artista viu ainda uma bateria e um piano de brinquedo e imaginou que, acompanhado de outros músicos, poderia criar sons diferentes e executar muitas músicas com brinquedos de uma forma divertida!



► Alguns dos instrumentos da Orquestra de Brinquedos: piano, sanfona, guitarras e bateria. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2017.

Além dos instrumentos e das músicas, o espetáculo conta com outros elementos, como o figurino dos músicos. Veja, novamente, as fotos das apresentações da Orquestra de Brinquedos.

Agora, veja as fotos a seguir, escreva o nome de cada item representado e faça um **X** na alternativa que mais se parece com as roupas dos músicos.



Bailarina.



Soldadinho de chumbo.



Urso de pelúcia.

Você viu como a roupa dos músicos se parece com a roupa de um brinquedo? Vestindo-se dessa forma, eles mesmos acabam se parecendo com brinquedos!

Para interpretar a música "O trenzinho do caipira", os artistas sobem ao palco vestidos de soldadinhos de chumbo e tocam sininhos de brinquedo em meio ao público.

Com esses instrumentos, eles também procuram imitar os sons de uma locomotiva em movimento. Depois, outros instrumentos se juntam aos sinos e o espetáculo continua!

► Os músicos da Orquestra de Brinquedos em interação com o público. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2017.



Ao apreciar com os alunos as fotos do grupo em apresentações, converse com eles sobre as características cênicas do espetáculo dos músicos, fazendo-os perceber as relações entre o tipo de música que os integrantes da Orquestra de Brinquedos produzem e a forma como se apresentam. Discuta com os estudantes as seguintes questões: "Como são as roupas dos músicos?"; "Que tipo de roupas são essas?"; "O que essas roupas nos lembram?"; "Vocês já viram pessoas vestidas assim? Onde?"; "O que elas fazem?"; "Essas são as roupas de alguma profissão específica?"; "Como são as cores e detalhes dessas roupas?"; "Qual é a expressão no rosto dos músicos?".

Peça aos alunos que realizem a atividade proposta e assinalem com um **X** a foto que julgarem mais adequada. Se achar conveniente, sugira aos alunos que formem trios e façam desenhos de observação dos uniformes de apresentação do grupo.

► A BNCC nestas páginas

Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar formas de expressão musical por meio do contato com o trabalho da Orquestra de Brinquedos, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação.

Propriedades dos sons

Promova a leitura compartilhada do texto e das imagens referentes às características dos sons e, se possível, execute sons que exemplifiquem os tipos de som mencionados. Eles podem ser encontrados facilmente na internet, em CDs ou DVDs, ou mesmo tocados por você usando algum instrumento de sua preferência.

Nesta seção, vamos trabalhar com as características do som, como variações de altura (graves e agudos), de intensidade (fortes e fracos) e de duração (longos e curtos). O estudo da música e a apreciação de sons e seus timbres depende muito da escuta e da produção de sons. Por essa razão, é importante que, no momento da escuta musical, os alunos dediquem uma atenção minuciosa aos sons apresentados.

Sons fortes

Se possível, execute exemplos de sons fortes, como o rugido de um leão, para que os alunos exercitem a escuta. Eles podem ser encontrados facilmente na internet. Se achar pertinente, peça aos alunos que tentem imitar o rugido de um leão.

Sons fracos

Faça a leitura compartilhada do texto com os alunos e peça a eles que imitem o som de folhas se mexendo sob a influência do vento. Depois, se possível, reproduza sons fracos para que a turma escute. Eles podem ser encontrados facilmente na internet.

Para que estabeleçam uma relação com o som que eles ouviram anteriormente, pergunte: "Que diferenças vocês notaram entre esse som e o som do rugido do leão?"; "Vocês acham que o som das folhas voando pode ser ouvido claramente se estivermos longe? Por quê?"; etc.

Propriedades dos sons

Para criar composições musicais, os artistas estudam os mais diversos tipos de som e suas propriedades. Vamos conhecer algumas delas?

Sons fortes

Alguns sons podem ser ouvidos mesmo quando estamos longe de seu **emissor**. Esses são os sons fortes.

O rugido de um leão, por exemplo, é tão forte que pode ser ouvido a distância.

Como você representaria esse som com um desenho?

Quais outros sons fortes você conhece? Você consegue fazer um som forte?

Sons fracos

Alguns sons são ouvidos apenas quando estamos próximos de seu emissor. Esses sons são os sons fracos.

emissor:

aquele que emite algo, que manifesta o som.



Uma folha que voa com a força do vento, por exemplo, emite um som tão fraco que quase não se ouve.

Como você representaria esse som com um desenho?

Você conhece outros sons fracos? E você consegue fazer um som fraco?

Quando estão na sala de aula, o professor pede a você para falar com os colegas usando sons fortes ou fracos?

Sugestão de...

Livro

SCHAFFER, R. Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Unesp, 2013.

Este livro é uma coletânea de ensaios em que o autor, que é professor de música, descreve como faz para despertar a percepção sonora em seus alunos.

Atividade prática

Neste capítulo, que tal participar de algumas brincadeiras musicais?

Ao terminar cada trabalho, faça registros dos resultados e compartilhe com os colegas antes de guardá-los no **portfólio**.

 Vamos adivinhar quem está criando sons?

- 1 Forme uma roda com os colegas.
- 2 O professor vai escolher dois alunos: o primeiro vai esperar fora da sala de aula e o segundo vai ficar na roda, fazendo sons variados, como sopros e assobios.
- 3 Quem estiver na roda deve imitar os sons criados pelo colega.
- 4 Depois, quem estava fora da sala de aula deve ir para o centro da roda e tentar descobrir quem está criando os sons.
- 5 Quando todos estiverem fazendo os sons juntos, quem os criou deve tentar fazer o som mais forte do que os colegas.
- 6 Se quem estiver no centro acertar, vai para a roda, e o colega que criou os sons sai da sala de aula, enquanto o professor escolhe outro aluno para criar sons.



▶ CAPÍTULO 4 89

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR14

Materialidades

BNCC EF15AR15

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de perceber e explorar a intensidade como propriedade sonora e como ele-

mento constitutivo da música, por meio de uma brincadeira musical, explorando fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal) e em objetos cotidianos, especialmente os da sala de aula.

Atividade prática

Estimule os alunos a se envolverem na atividade e a explorar as diferentes possibilidades sonoras. Ressalte a importância de prestar atenção em todos os sons produzidos pelos colegas. O objetivo desta atividade de escuta é exercitar a audição e a percepção musical. Para isso, organize os alunos em roda.

Para começar a brincadeira, sorteie um aluno que vai criar os sons e outro para tentar adivinhar quem é o criador. Informe que eles podem criar qualquer tipo de som: cantando, batucando em mesas, cadeiras ou no próprio corpo, batendo palmas, assobiando, soprando, etc.

Neste momento, é importante que exercitem as características dos sons fortes e fracos. Explique a eles que, para descobrir quem está liderando os sons, eles devem ficar de "ouvidos abertos", e não somente olhar para ver quem emite os sons. Repita a atividade até que todos tenham oportunidade de criar sons.

Sugestão de atividade complementar

Adivinhando sons fortes e fracos

Proponha aos alunos que, depois de ouvirem os exemplos de sons fortes e fracos, imitem outros animais ou fenômenos da natureza que produzam sons fortes e fracos. Ao ouvir a imitação que um colega fizer, os demais estudantes devem adivinhar quais são os fenômenos ou animais.

Depois, organize-os em trios e peça que cada um imite sons fortes e fracos. Para isso, os integrantes devem combinar qual som farão e reproduzi-lo simultaneamente. Os demais alunos devem tentar descobrir que som é esse. Nesse momento, estimule a atenção, a escuta ativa e a integração da turma.

Sons graves

Se possível, execute exemplos de sons graves para que os alunos escutem. Eles podem ser encontrados facilmente na internet.

Procure saber se os estudantes compreenderam o que é um som grave (ou baixo) e peça que descrevam esse som. Nesse momento é provável que alguns alunos respondam que se trata de um "som grosso". Aproveite a oportunidade para explicar a eles que aquilo que chamam de "som grosso" é conhecido tecnicamente como som grave.

Sons agudos

Antes de propor a audição coletiva de sons, peça aos alunos que imitem um apito de trem. Depois, se possível execute um exemplo de som agudo. É possível encontrar sons desse tipo na internet.

Ressalte a importância de prestarem muita atenção ao som que será executado. Ao fim da audição, pergunte: "Que diferenças vocês notaram entre esse som e o som do trovão?". Caso os alunos respondam que o apito do trem é um "som fino", explique que aquilo que eles chamam de "som fino" é conhecido tecnicamente como som agudo.

Depois, proponha outras comparações entre sons agudos e graves, como o apito do juiz em uma partida de futebol e o retumbar de um surdo (tambor de som abafado), a voz feminina e a voz masculina, entre outros, para que eles possam assimilar melhor a diferença entre esses dois tipos de som.

Sons graves

Como é o som de um trovão? E o som de uma vaca mugindo ou de um motor de trator ou caminhão quando está ligado? Esses sons são encorpados. Chamamos sons com essa característica de graves, ou de sons baixos.



Roberto Weigand/Arquivo da editora

Como você representaria com um desenho o som do trovão, que de vez em quando, de tão grave, chega a assustar?

Sons agudos

Enquanto alguns sons são encorpados, outros sons podem ser estridentes, como o apito de um trem! Esses sons são os sons agudos, também chamados de sons altos.

Com qual desenho você representaria o som do apito de um trem?



Roberto Weigand/Arquivo da editora

90

UNIDADE 2 >

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de atividade complementar

Sinos graves e agudos

Explique aos alunos que os sinos são instrumentos que podem ser mais graves ou mais agudos, mas que se caracterizam por produzir sons que duram bastante tempo. Os sinos pequenos produzem um som agudo e os grandes produzem sons graves.

Se possível, pesquise e execute áudios com diferentes exemplos de sons de sino e peça aos alunos que identifiquem qual é o som grave e qual é o agudo. Faça pausas e toque um som de cada vez e pergunte se cada um deles é mais grave ou mais agudo que o anterior.

Atividade prática

🎲 Agora é a vez de brincar de trava-línguas.

1 Escolha um dos trava-línguas a seguir para recitar com os colegas, no mesmo ritmo.

O rato roeu a roupa do rei de Roma.
A rainha com raiva mandou remendar.

Bagre branco, branco bagre.

Olha o sapo dentro do saco.
O saco com o sapo dentro.
O sapo batendo papo.
E o papo soltando o vento.

Domínio público.



2 Ao sinal do professor, altere a altura da voz para grave ou aguda: se ele levantar as mãos, recite com voz aguda. Se abaixá-las, recite com voz grave.

Atividade prática

Na atividade de trava-línguas, treine e exercite as frases com os alunos antes de começar cada rodada. Combine os sinais de alteração de altura com a turma. Se achar pertinente, procure outros trava-línguas e continue a dinâmica com os alunos por mais tempo. Veja alguns exemplos a seguir:

- A vaca malhada foi molhada por outra vaca molhada e malhada.
- Três pratos de trigo para três tigres tristes.
- Fala, arara loura. A arara loura falará.
- A aranha arranha a rã. A rã não arranha a aranha.

🎲 A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR14

Materialidades

BNCC EF15AR15

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de perceber e explorar a altura como propriedade sonora e como elemento constitutivo da música, por meio de uma brincadeira musical com trava-línguas, explorando a voz como fonte sonora.

Sons longos

Se possível, reproduza alguns exemplos de sons longos. Eles podem ser encontrados facilmente na internet, em CDs ou DVDs, ou tocados por você usando instrumentos musicais de sua preferência. Em seguida, oriente os alunos para que marquem um **X** na figura escolhida para representar um som longo e peça que justifiquem.

Continue a exploração do tema perguntando: "Será que prestamos mais atenção a um som longo?"; "Existem sons muito longos?"; "Por quanto tempo vocês conseguem segurar um som?"; "Qual é o som mais longo de que vocês se lembram?". Depois, estimule os alunos a reproduzir outros sons longos que conhecem.

Sons curtos

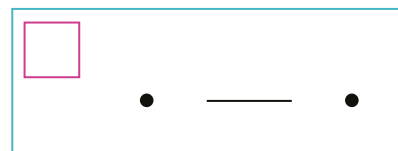
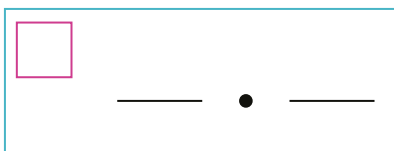
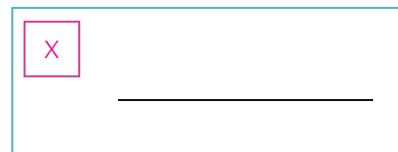
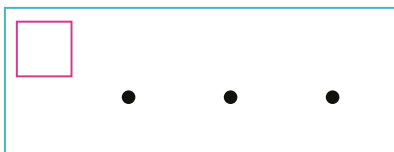
Após a leitura compartilhada do texto, peça aos alunos que tentem imitar o som do tique-taque de um relógio. Se possível, reproduza alguns exemplos de sons curtos. Eles podem ser encontrados facilmente na internet. Depois, estimule os alunos a reproduzir outros sons curtos que conhecem.

Peça que relacionem o som executado com o som que ouviram anteriormente, perguntando: "Vocês perceberam alguma diferença entre os dois sons que escutam?"; "De quais sons curtos vocês se lembram?". Você também pode apresentar a eles alguns outros exemplos de sons e pedir que identifiquem quais são longos e quais são curtos. Por exemplo: sirene de uma ambulância, batida de um martelo, alarme de um automóvel, toque de uma campainha, zumbido de um mosquito, latido de um cachorro, som da buzina, entre outros.

Sons longos

Alguns sons se prolongam e demoram a acabar. Esses sons são os sons longos. Você consegue fazer um som longo?

Qual dos desenhos a seguir você escolheria para representar o som longo que você acabou de fazer? Marque um **X** no desenho escolhido.



Sons curtos

Alguns sons têm um tempo de duração muito breve. Esses sons são os sons curtos.

O tique-taque do relógio, por exemplo, é um som curto.

Como você representaria esse som com um desenho? Algum dos desenhos acima poderia representar os sons curtos? Qual? **Primeiro desenho:**

• • •



92

UNIDADE 2

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR14

Materialidades

BNCC EF15AR15

Notação e registro musical

BNCC EF15AR16

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de perceber e explorar a duração como propriedade sonora e como elemento constitutivo da música, por meio da reprodução de sons, explorando a voz, o corpo e objetos cotidianos como fontes sonoras. Além disso, os alunos poderão explorar a representação gráfica dos sons como forma de registro musical não convencional.

Atividade prática

Que tal desenhar os sons?

- 1 Feche os olhos e ouça atentamente as combinações de sons que o professor vai produzir.
- 2 Em uma folha de papel sulfite, desenhe os sons que você ouviu e identificou.
- 3 O importante é desenhar o caminho que você acha que o som faz e como ele acontece.
- 4 Lembre-se das características dos sons! Se um som for forte, fraco, grave, agudo, curto ou longo, seus desenhos devem ser diferentes!

Material necessário

- folha de papel sulfite
- lápis de cor



Gratuito/Arquivo da Editora

Atividade prática

Nesta atividade, explique aos alunos que você vai produzir quatro combinações diferentes de sons e que eles devem ouvi-las atentamente porque vão ter de representá-las por meio de desenhos. Escolha sons variados, como trechos de músicas, sons de objetos, pessoas falando, animais, etc. Essas fontes sonoras devem provocar estímulos diferentes para que eles possam representar os sons.

Ao escutar o som de um animal, eles poderão representá-lo usando uma referência figurativa, por exemplo; ao escutar uma música instrumental, poderão fazer uma interpretação do som, e assim por diante. Se achar pertinente, antes de iniciar a atividade, converse com a turma, levantando questões como: "Como vocês descrevem os sons de um molho de chaves balançando?"; "E os sons de uma porta abrindo?"; "E os de alguém andando pela sala?"; "Como podemos representar esses sons por meio de desenhos?"; etc.

Explique aos alunos que eles não precisam desenhar a fonte sonora, mas como imaginam que são os sons e como são os caminhos que esses sons fazem para chegar até nossos ouvidos.

Pode ser interessante atentar para as cores usadas pelos estudantes nas representações. Verifique, por exemplo, se eles usam cores fortes e/ou escuras para sons fortes e/ou graves; ou cores fracas e/ou claras para sons fracos e/ou agudos; etc. Não indique uma forma "correta", deixe-os livres para fazer as representações. Depois, pergunte o porquê das escolhas.

Sugestão de atividade complementar

Representações gráficas dos sons

Depois dos momentos de escuta de todos os tipos de som apresentados nesta seção (fortes/fracos, graves/agudos, longos/curtos), proponha aos alunos que representem os sons com sinais gráficos. É importante que comecem a associar os sons ao conceito de notação musical, mas de maneira criativa,

e não por meio dos sinais padrão. A notação musical padrão será apresentada nos anos posteriores.

Auxilie-os perguntando: "Como vocês desenhariam um sinal para representar esses tipos de som?"; "Agora observem os desenhos de vocês e dos colegas: Eles são diferentes ou parecidos?"; "Por que eles são parecidos/diferentes?"

Outros trabalhos da Orquestra de Brinquedos

Leia o texto e as imagens dessa seção coletivamente e, se for possível, apresente aos alunos a canção “Pezinho” interpretada por outro artista, para que eles conheçam uma versão produzida com instrumentos clássicos. Proponha perguntas para explorar o que ouviram, como: “Como é a música que vocês ouviram? Ela é lenta ou é rápida?”; “Que tipos de som vocês conseguem identificar nela?”; “Como vocês imaginam que seria a versão executada pela Orquestra de Brinquedos?”; “Que instrumentos de brinquedo vocês acham que foram usados para fazer essa versão da música?”; “Como seriam os sons: mais fortes ou mais fracos? Mais graves ou mais agudos?”; etc.

Ao tratar das motivações dos artistas da Orquestra de Brinquedos, pode-se observar que eles buscam valorizar o universo das crianças, seus brinquedos e brincadeiras. Também é muito importante para o grupo a experimentação de materiais sonoros não usuais.

Explique aos alunos que os Beatles foram um grupo inglês que ficou mundialmente famoso na década de 1960. Se possível, promova a audição da música “Imagine”, de John Lennon. Ela pode ser encontrada na internet com facilidade. Em seguida, reproduza a versão da Orquestra de Brinquedos (disponível em: <<https://goo.gl/wac5FR>>. Acesso em: 26 out. 2017) para que eles possam compará-las. Faça perguntas como: “As duas versões da música são muito diferentes?”; “De qual versão vocês gostaram mais? Por quê?”; etc.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR13

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar formas de expressão musical por meio do contato com o trabalho da Orquestra de Brinquedos, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação.

Outros trabalhos da Orquestra de Brinquedos

A Orquestra de Brinquedos criou novas versões para diversas músicas, como a composição “Pezinho”, que faz parte do folclore gaúcho. Você conhece essa canção?



Orquestra de Brinquedos em apresentação em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2017.



Foto: Adriana Marcomini/Arquivo Orquestra de Brinquedos

Outra composição que a Orquestra de Brinquedos incorporou ao seu repertório é “Imagine”, do músico britânico John Lennon (1940-1980). Esse artista ficou muito conhecido por seu sucesso na banda de rock The Beatles. Você já ouviu falar dessa banda? Conhece alguma música dela?

Arte e Ciências

Não é só a Arte que se dedica a refletir sobre o uso de outros materiais para dar um sentido diferente a eles: as Ciências também!

Os artistas, assim como os cientistas, estão sempre pesquisando novos materiais que podem substituir os materiais originais usados no dia a dia ou ser mais eficientes do que eles.

Essa busca é constante e faz com que a Arte e as Ciências estejam sempre em transformação!

Que tal trabalharmos investigando materiais sonoros? Siga as orientações do professor para realizar uma pesquisa sobre eles.

94

UNIDADE 2

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Arte e Ciências

Retome com os alunos as conversas que tiveram na unidade 1 sobre o tópico **Arte e Ciências**, lembrando que já havíamos falado sobre o trabalho de pesquisa tanto de artistas como dos cientistas para representar os animais. Destaque o trabalho de pesquisa de sonoridades feito pela Orquestra de Brinquedos, que procura sons nas mais diversas fontes.

Proponha aos alunos que passem por espaços da escola que você julgar adequados

para que selecionem elementos diversos (como portas, paredes, mesas, cadeiras, grades, corrimãos, etc.), de diferentes materiais (metal, madeira, plástico, tijolos, etc.). Oriente-os para que investiguem os sons que estes elementos emitem. Para isso, peça que deem batidas leves, estilo “toc toc”, e escutem com atenção. Peça também que pensem nos sons que costumam ouvir no dia a dia da escola (por exemplo: sinal, apagador passando na lousa, lápis riscando papel, etc.).

Sobre o grupo

A Orquestra de Brinquedos foi criada por Yanto Laitano em 2011, no município de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul.

O grupo é formado por Fábio “Musklinho” Ly, Filipe Narcizo, Beto Chedid, Luíza Girardello, entre outros artistas.

Os integrantes do grupo se vestem de soldadinhos de chumbo em todas as apresentações.



Integrantes da Orquestra de Brinquedos. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2017.

Além de interpretar as músicas que mencionamos neste capítulo, o grupo já recriou músicas de artistas mundialmente famosos, como o tema da **Nona sinfonia**, do compositor alemão Ludwig van Beethoven (1770-1827).

Eles se apresentam em diversas regiões do Brasil, encantando os públicos adulto e infantil!

Assim também aprendo

O que você achou do trabalho da Orquestra de Brinquedos? Converse com os colegas e o professor e crie um texto coletivo sobre o que gostou e o que não gostou na obra do grupo.

Depois, reúna-os para uma conversa. Faça perguntas como: “Que sons interessantes vocês descobriram?”; “Qual som forte/fraco/grave/agudo vocês encontraram? De que material ele vem?”; etc. Em seguida, monte uma tabela na lousa com seis colunas, uma para cada tipo de som: grave, agudo, curto, longo, forte, fraco. Peça aos alunos que escolham três sons que encontraram e categorizem conforme a tabela.

Ao final, peça que copiem a tabela e guardem no portfólio. Se achar pertinente, peça também que cada um faça uma representação gráfica do som de que mais gostaram e apresente para os colegas, justificando e descrevendo o material que produziu aquele som.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Interdisciplinaridade: Arte e Ciências na BNCC

Propriedades e usos dos materiais; Prevenção de acidentes domésticos

BNCC EF02CI01

A proposta de investigação dos sons emitidos pelos objetos de diferentes materiais pode ajudar os estudantes a desenvolver a habilidade de identificar de que materiais (metais, madeira, vidro, etc.) são feitos os objetos que fazem parte da vida cotidiana e como esses objetos são utilizados.

Assim também aprendo

Proponha aos alunos a elaboração coletiva de um texto crítico sobre o trabalho da Orquestra de Brinquedos. Explique o que é preciso considerar para construir um texto como esse:

- Identificar aspectos que lhes fizeram gostar ou não da obra.
- Argumentar em defesa de seu ponto de vista, explicando as razões pelas quais gostaram ou não da obra.
- Criar um título que ajude o leitor a antecipar o tipo de crítica que encontrará no texto.

Organize as opiniões da turma em um cartaz ou na lousa. Você pode ajudá-los, perguntando: “Como o grupo produz música?”; “O trabalho do grupo é divertido?”; “Que tipo de instrumentos eles usam?”. Os estudantes devem guardar uma cópia do texto no portfólio.

Sugestão de atividade complementar

Proponha um levantamento de artistas que produzem obras musicais com instrumentos inusitados ou com o próprio corpo. Para isso, forme grupos de três a quatro integrantes. Auxilie os alunos na busca de informações e na escolha do artista ou grupo musical que irão focalizar.

Peça que tragam imagens dos músicos e de seus instrumentos e, se possível, amostras de suas produções musicais.

Ampliando o repertório cultural

O Quebra-Nozes

Faça uma leitura coletiva do texto e apresente a imagem da montagem do espetáculo de balé **O Quebra-Nozes**. Neste momento, é possível tratar com os alunos sobre as narrativas das coreografias e espetáculos de dança. Observe com eles que no balé a história é contada sem palavras, somente com a música e a dança executadas em cena.

Saiba mais

Após apresentar o resumo da história do balé **O Quebra-Nozes**, faça uma sondagem com os estudantes, levantando perguntas como: “Alguns de vocês tem um quebra-nozes em casa? Como ele é?”; “Vocês já viram um quebra-nozes parecido com um soldadinho de chumbo?”; “Vocês já usaram um quebra-nozes?”; “Como vocês se sentiriam se ganhassem um quebra-nozes de presente?”.

A BNCC nestas páginas

Matrizes estéticas e culturais

BNCC EF15AR03

Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de apreciar o balé clássico como forma de manifestação da dança, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar.

Além disso, os alunos também poderão reconhecer e analisar a influência de matrizes estéticas e culturais indígenas nas artes visuais, a partir do estudo de alguns de seus brinquedos artesanais.

Ampliando o repertório cultural

O Quebra-Nozes

O soldadinho de chumbo é um brinquedo bastante conhecido e está presente em diversas obras artísticas, como o famoso conto **O soldadinho de chumbo**, do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875).

Também aparece em um espetáculo de balé clássico muito conhecido, **O Quebra-Nozes**, criado pelo compositor russo Piotr Ilitch Tchaikovsky (1840-1893). Baseado em um conto de Alexandre Dumas (1802-1870), o espetáculo conta a história de uma menina que ganha um **quebra-nozes**, parecido com um soldadinho de chumbo.

História? Como assim, um espetáculo de dança conta uma história?

Sim! Os espetáculos de balé clássico podem contar uma história, além de encantar com os movimentos delicados dos bailarinos.

quebra-nozes:
utensílio usado
para abrir nozes.



▶ Cena do espetáculo de balé clássico **O Quebra-Nozes**, Copenhague, Dinamarca, 2016.

Saiba mais

A história do espetáculo de balé **O Quebra-Nozes** se passa no período do Natal. Durante a festa da família, as crianças Clara e Fritz estão esperando ansiosas os presentes que vão receber. O padrinho da menina, Drosselmeyer, chega um pouco atrasado e distribui presentes para todos. Para Clara, ele dá um presente especial: um quebra-nozes com a aparência de um soldadinho de chumbo.

Fritz fica enciumado e, desajeitado, quebra o boneco. A menina fica muito triste e a festa acaba...

Todos vão embora e Clara vai dormir. De repente, o quebra-nozes ganha vida! Mas a alegria não dura muito: aparecem ratos por toda parte, atacando a menina. Quebra-Nozes luta com energia e derrota os animais.

Então, Quebra-Nozes se transforma em um príncipe, e ele e Clara partem para lugares mágicos, como a Terra da Neve e a Terra dos Doces.

No final, Clara desperta e percebe que tudo não passou de um sonho...

96

UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de atividade complementar

Balés que contam histórias

Proponha uma atividade de pesquisa para que os estudantes descubram outros balés que apresentem coreografias que contam histórias. Organize os alunos em grupos de quatro a seis integrantes e proponha que pesquisem acerca de balés clássicos e descubram quais são as histórias contadas em suas coreografias. Depois, cada grupo apresenta sua pesquisa, contando a história dos seus balés.

Se houver recursos de computador e projetor na escola, sob sua orientação os alunos podem pesquisar por vídeos com cenas destes espetáculos na internet, para assistirem juntos.

Brinquedos indígenas brasileiros

Assim como o soldadinho de chumbo é um brinquedo bastante popular na Europa, os diversos povos indígenas brasileiros produzem uma grande variedade de brinquedos.

Esses brinquedos são feitos com materiais naturais e divertem muito a criançada, que chega a passar um dia inteiro procurando os materiais para construí-los.

Vamos conhecer alguns deles?

Peteca

Um dos brinquedos indígenas mais famosos é a peteca, que se joga dando palmadas na base dela. A peteca pode ser feita de palha amarrada com fios de buriti.

Você já brincou de peteca? Do que ela era feita?

► Peteca dos indígenas Guarani M'Byá, feita com palha de milho, aldeia Tenondé Porã, Parelheiros, São Paulo, 2012.



Cata-vento

Vários brinquedos indígenas podem ser construídos com partes de plantas, como folhas, caules e gravetos. Um exemplo é o cata-vento das crianças indígenas da aldeia Xavante de Pimentel Barbosa, em Mato Grosso. Esse brinquedo é formado por uma haste de madeira e por pás formadas por folhas de plantas resistentes, que giram com o vento.

► Menino xavante brincando com cata-vento no Ritual Wai'á, na aldeia Xavante de Pimentel Barbosa, Mato Grosso, 2003.



Brinquedos indígenas brasileiros

Antes da leitura do texto, pergunte aos alunos o que eles conhecem sobre as etnias indígenas presentes no Brasil e sua cultura: "Vocês costumam ver notícias sobre povos indígenas na televisão ou na internet?"; "Que imagem vocês têm dos povos indígenas em sua memória?"; "Vocês sabem como eles vivem, quais são seus costumes, como é seu dia a dia?"; "Vocês conhecem a arte indígena?"; "Sabem qual a função da arte no contexto cultural e social dos povos indígenas?"; "Vocês acham que nossa sociedade reconhece e valoriza a cultura e a arte indígena? Por quê? De que forma?". Registre as hipóteses dos alunos e, em seguida, dê andamento à leitura coletiva do texto e das imagens.

Após realizar a leitura e promover as discussões por meio das perguntas propostas no Livro do Estudante, pergunte aos alunos se eles conhecem outros brinquedos indígenas. Se houver alguma criança indígena na turma, convide-a a apresentar os brinquedos com que as crianças de seu povo brincam.

Sugestão de...

Site

Para conhecer brincadeiras de outros povos indígenas, acesse a página "Brincadeiras" do site **Povos Indígenas no Brasil Mirim**, do Instituto Socioambiental (ISA). Disponível em: <<https://mirim.org/como-vivem/brincadeiras>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

Experimentação

Nesta seção propõe-se aos estudantes preparar uma apresentação da canção “O trenzinho do caipira”, unindo a música executada pela Orquestra de Brinquedos e a letra criada pelo poeta Ferreira Gullar. Se quiserem, eles poderão acompanhar a música com instrumentos de brinquedo e outros materiais sonoros, ou ainda produzir sons com o corpo.

Primeiro, faça a leitura compartilhada da letra da canção. Leia em voz alta cada estrofe pelo menos duas vezes para que os alunos repitam com você. Depois, reproduza novamente versões da música para que eles se inspirem. Pense em como organizar os alunos para essa audição: eles podem se sentar em roda para observar uns aos outros enquanto ouvem a música e acompanham a letra com o livro em mãos. Em seguida, ouça a música com eles e vá cantando junto com a letra, para que eles memorizem a cadência das palavras.

Converse com os estudantes sobre como farão essa apresentação. Uma opção interessante para isso é separar a turma em dois grupos, encarregando um deles de tocar e o outro de cantar.

Apresentando

Reserve um tempo para os ensaios e combine com os alunos o dia da apresentação, que pode ser aberta a familiares e a colegas de outras turmas da escola. Se possível, crie com os estudantes um figurino que remeta ao trabalho da Orquestra de Brinquedos. Você pode pedir aos alunos que façam as vestimentas com papel e roupas velhas ou que se fantasiem de algum personagem de que eles gostam muito.

EXPERIMENTAÇÃO

Agora, que tal fazer uma apresentação da música “O trenzinho do caipira” com a turma toda?

O poeta brasileiro Ferreira Gullar (1930-2016) usou trechos de um de seus poemas para criar uma letra para ela. Vamos conhecer a letra dessa canção?

Lá vai o trem com o menino	Correndo vai pela terra
Lá vai a vida a rodar	Vai pela serra
Lá vai ciranda e destino	Vai pelo mar
Cidade e noite a girar	Cantando pela serra do luar
Lá vai o trem sem destino	Correndo entre as estrelas a voar
Pro dia novo encontrar	No ar

Alfredo Bosi (sel.). **Ferreira Gullar**. São Paulo: Global, 2000. (Coleção Melhores Poemas).

1 Seguindo a orientação do professor, ouça “O trenzinho do caipira”. Há muitas versões dessa música disponíveis. Entre elas, a versão criada pela Orquestra de Brinquedos.

2 Com a ajuda do professor, você vai cantar unindo letra e música.

3 Ensaie bastante!

Apresentando

Depois de aprender a cantar a música, você deve se organizar com a turma para apresentá-la!

1 Combine um dia para a apresentação. Convide seus familiares e colegas de outras turmas para assisti-la.

2 Pense em uma roupa para o grande dia. Você pode se inspirar nas vestimentas dos artistas da Orquestra de Brinquedos.

Registrando

Não se esqueça de registrar a sua apresentação em áudio ou em vídeo.

98

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nestas páginas

Materialidades

BNCC EF15AR15

Processos de criação

BNCC EF15AR17

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas,

voz, percussão corporal) e em objetos cotidianos, como os de uso escolar e também instrumentos de brinquedo, experimentando ainda improvisações de modo coletivo e colaborativo.

O QUE ESTUDAMOS

- Os músicos criam músicas com sons diferentes, que podem ser agudos, graves, fracos, fortes, longos ou curtos.
- As músicas podem ser criadas a partir das sete notas musicais.
- É possível criar novas possibilidades musicais a partir de músicas que já existem.
- Os músicos podem fazer experiências musicais com instrumentos inusitados.
- Além dos instrumentos musicais, podemos fazer música com materiais sonoros, como instrumentos de brinquedo, sucatas e objetos do cotidiano.
- Os brinquedos inspiram outras linguagens artísticas, por exemplo, espetáculos de balé, como **O Quebra-Nozes**.
- Os indígenas brasileiros podem criar seus brinquedos com materiais naturais.



Dica de visitação

Na cidade em que você mora há grupos musicais ou artistas que tocam músicas com instrumentos inusitados, como os instrumentos de brinquedo? Se sim, não deixe de visitá-los com os colegas e o professor.

É hora de retomar o portfólio



O que você aprendeu neste capítulo? Em uma folha de papel sulfite, faça uma colagem sobre o que você mais gostou de estudar.

» O QUE ESTUDAMOS

99

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

O que estudamos

Leia com os alunos a síntese daquilo que foi estudado no capítulo e esclareça possíveis dúvidas. Depois, converse com eles sobre a questão apresentada no box **É hora de retomar o portfólio**. Com base nessa questão e no exame dos trabalhos arquivados no portfólio, incentive-os a refletir sobre seu desempenho nos estudos e a compartilhar as avaliações que fizeram.

Faça uma roda com todos os alunos sentados no chão. Eles podem estar com seus livros, o que os ajudará a se lembrar do que estudaram. Peça a eles que digam aquilo que de mais importante estudaram e aprenderam no capítulo. Por fim, faça um registro coletivo dessa conversa. Em um pedaço grande de cartolina ou papel paraná, vá anotando o que disserem, em tópicos. Depois, promova a leitura coletiva do texto.

É hora de retomar o portfólio

Antes de orientar os alunos a fazer a colagem proposta, converse sobre o percurso que fizeram durante o estudo deste capítulo. Pergunte: “Depois do que vimos neste capítulo, o que mais aprendemos sobre as relações entre música e brinquedo?”; “O que vocês aprenderam com as experimentações e atividades que realizamos?”; “Quais foram as maiores dificuldades que vocês enfrentaram ao longo dos estudos?”.

Retome a lista que foi feita no início do bimestre, junto com os alunos, assim eles terão mais condições de definir o que foi aprendido até agora. Verifique, também, o aprendizado dos alunos analisando seus portfólios e a participação em sala a partir dos seguintes critérios observáveis:

- O aluno reconhece e distingue os elementos fundamentais da linguagem musical estudados?
- O aluno se sente estimulado a incorporar referências musicais além das que trouxe com ele?
- O aluno ressignificou algum conceito anterior sobre a linguagem musical?
- O aluno está relativizando o conceito que ele tem de gosto musical conforme amplia seu repertório?
- Como o aluno descreve a relação que tem com a música? Ele fala sobre isso?

Além disso, avalie se o aluno:

- precisa de ajuda para identificar e reconhecer os elementos da linguagem musical.
- apresenta facilidade em trabalhar com as propriedades do som e os diversos elementos constitutivos da linguagem musical, mas ainda precisa de alguma orientação.
- consegue se apropriar e trabalhar com os elementos da linguagem musical explorados, sem necessidade de supervisão ou acompanhamento direto.
- explora e pesquisa os elementos constitutivos da linguagem musical e reconhece suas propriedades a partir da apropriação que ele tem dos procedimentos desenvolvidos na atividade.

Brinquedo pode ser arte!

A última parte da unidade tem como propósito fechar o projeto proposto em seu início, a partir da pergunta “Brinquedo pode ser arte?”. Para começar, retome a lista com tópicos relativos às atividades realizadas com os alunos antes de iniciar os capítulos 3 e 4. Pergunte se os itens que propuseram se concretizaram e se outros itens que inicialmente não estavam listados foram trabalhados ao longo da unidade, já que a proposta do projeto abre espaço para novas investigações. Então, questione o que acham que farão nesse encerramento e como pensam em resolver a situação-problema proposta, criando uma nova lista, para a qual sugerimos os seguintes tópicos:

- Conhecer um ou mais artistas que criam exposições interativas sobre brinquedos.
- Descobrir mais sobre as exposições interativas.
- Experimentar produzir uma exposição interativa.
- Criar uma exposição de arte com brinquedos manufaturados.

A exposição de Sálua Chequer e Zé de Rocha

Retome os conteúdos da introdução e dos capítulos e, então, apresente as imagens da exposição **Brinquedos à mão**, de Sálua Chequer e Zé de Rocha.

O texto e as imagens desta dupla de páginas oferecem uma visão introdutória do trabalho e das motivações dos curadores. Ao apresentá-los para os alunos, procure relacionar os processos de pesquisa e de criação de Sálua e Zé com seu próprio processo ao longo desta unidade: eles partem de uma vontade, uma ideia ou uma questão e realizam uma pesquisa para respondê-la, que resulta em um projeto de exposição.

Discuta com os alunos sobre como poderão, agora inspirados por este tema, realizar o seu produto final deste projeto: “Como podemos mostrar que brinquedos e arte se relacionam?”; “Uma exposição é uma boa maneira de mostrar se brinquedo é arte?”; “Em

Brinquedo pode ser arte!

A exposição de Sálua Chequer e Zé de Rocha

Ao longo do trabalho com esta Unidade, descobrimos que os brinquedos têm tudo a ver com arte! Eles podem ser produzidos com materiais diversos, podem ser usados para brincar e também podem servir de tema para um museu ou ser usados como instrumentos musicais, além de inspirar a montagem de espetáculos, como os da Orquestra de Brinquedos e **O Quebra-Nozes**.

Os brinquedos são uma produção cultural importante, fazem parte de todas as culturas e estão sempre se renovando. Como podemos fazer todo mundo brincar com eles e valorizá-los, então?

Foi a partir dessa pergunta que os **curadores** baianos Sálua Chequer, pesquisadora e colecionadora, e Zé de Rocha, artista visual, organizaram a exposição interativa

curador: profissional que escolhe o tema e as obras de uma exposição de arte.

Brinquedos à mão.

O que você vê na imagem abaixo? Quantos brinquedos diferentes! Mas todos têm uma coisa em comum: são manufaturados, ou seja, feitos à mão!

A exposição **Brinquedos à mão** possui um acervo de mais de 1900 brinquedos antigos, mas que ainda participam do dia a dia de muitas crianças.

Depois de trinta anos coletando esses brinquedos manufaturados, o que Sálua Chequer mais queria era fazer todo mundo brincar com eles!

Para ela, brincar com os brinquedos é o melhor meio de fazer as pessoas perceberem as qualidades desses objetos.

► Brinquedos na exposição interativa **Brinquedos à mão**, Salvador, Bahia, 2016.



Artista Chequer. Caramelo/Arquivo do fotógrafo

uma exposição de brinquedos, as pessoas podem brincar com eles?”; “Brincar também é arte?”. Destaque as relações que as pessoas estabelecem com os objetos e o espaço e entre elas mesmas. Mostre como é importante as pessoas poderem interagir em uma exposição de brinquedos.

Para Zé de Rocha, os brinquedos manufaturados encantam e divertem. Eles não são objetos criados apenas para serem observados. Eles foram feitos para brincar, incentivando a interação e a troca entre as pessoas.

O que você pensa sobre isso?

► Zé de Rocha, curador da exposição interativa **Brinquedos à mão**, em Salvador, Bahia, 2017.



Antônio Chequer Carvalho/Arquivo do Fotógrafo

◆ A BNCC nestas páginas

Sistemas da linguagem

BNCC EF15AR07

Matrizes estéticas culturais

BNCC EF15AR24

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de caracterizar brinquedos e brincadeiras de diferentes matrizes estéticas e culturais. Além disso, poderão reconhecer o museu, as exposições, os artistas, artesãos e curadores como categorias do sistema das artes visuais.

◆ Texto complementar

A atividade de curadoria tem origem institucional, tendo surgido no século XIX da necessidade de se pensar um acervo a partir de suas especificidades. A princípio, cabia ao curador estudar, preencher lacunas e pensar formas diferentes de mostrar determinada coleção, o que acabava resultando em exposições de longa duração, montadas depois de um grande período de estudo e pesquisa. Nos anos 1960, com o advento da experimentação na arte, aliado à consolidação de espaços alternativos, tais como a Kunsthalle (1918), na Suíça, e o Museu de Arte Temporária (1974), nos Estados Unidos, começaram a surgir exposições temporárias que evidenciaram uma mudança na atuação do curador, que passou a sugerir temas e propor projetos aos artistas e se tornou independente de museus. [...]

MARMO, Alena. R.; LAMAS, Nadja. C. O Curador e a Curadoria. In: MARMO, Alena Rizzi; LAMAS, Nadja de Carvalho. (Org.). *Investigações sobre arte, cultura, educação e memória* – Coletânea. Joinville: Univille, 2012. p. 19-29.



► Cantinho do brincar da exposição interativa **Brinquedos à mão**, Rio de Janeiro, 2016.

Os brinquedos dessa exposição não ficam apenas expostos! São também um convite para que crianças e adultos se movimentem entre eles e brinquem com alguns deles!

101

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de...

Leitura complementar

MARIN, Ana B. Sálua Chequer, educadora e pesquisadora: "A gente deixa de ser criança quando quer". *O Globo*, 13 jan. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/salua-chequer-educadora-pesquisadora-gente-deixa-de-ser-crianca-quando-quer-20766291>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

Nesta entrevista, Sálua Chequer comenta sobre a exposição **Brinquedos à mão** e conta um pouco da sua visão sobre os brinquedos e a relação que as pessoas têm com eles.

Como a exposição foi feita?

Ao realizar a leitura coletiva do texto e a apreciação das imagens, destaque a interatividade presente na exposição, elemento que deverá ser retomado pelos alunos ao realizarem o projeto de exposição interativa. Converse sobre a importância da experiência e do contato em uma atividade artística.

Comente também que a interação acontece não somente porque alguns objetos podem ser tocados e manipulados, mas porque alguns deles podem ser ativados, usados, mobilizados pelos visitantes. Faça algumas perguntas como: “Nestas fotos, os brinquedos são arte?”; “O que vocês acham da possibilidade de ir a uma exposição e poder tocar nos objetos expostos?”; “Vocês acham interessante poder tocar os objetos de uma exposição? Por quê?”.

Oriente-os também para que observem como a exposição está montada e como ela promove a interatividade.

A BNCC nestas páginas

Sistemas da linguagem

BNCC EF15AR07

Matrizes estéticas culturais

BNCC EF15AR24

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de caracterizar brinquedos e brincadeiras de diferentes matrizes estéticas e culturais. Além disso, poderão reconhecer o museu, as exposições, os artistas, artesãos e curadores como categorias do sistema das artes visuais.

Como a exposição foi feita?

Os brinquedos foram coletados ao longo dos últimos trinta anos, durante pesquisas de Sálua Chequer em diversas cidades do interior e capitais nordestinas.

Eles foram presenteados por amigos, adquiridos de artesãos e coletados em feiras livres de alguns estados, como Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Piauí.



Foto: Antônio Chequer Cavalcante do Instituto



Brinquedos que fazem parte da exposição **Brinquedos à mão**. Rio de Janeiro, 2016.

Sobre a colecionadora

Sálua Chequer nasceu em Ibirataia, na Bahia. Ela é educadora, musicista, pesquisadora e brincante.

Há quase quarenta anos, estuda a cultura brasileira, em especial a cultura das comunidades interioranas, que ainda têm muitos brinquedos artesanais em feiras livres e mercados.

Sálua adora o colorido e as formas dos brinquedos, bem como o entusiasmo dos artesãos que os produzem. Assim, começou a adquirir alguns deles e a pesquisar como eram feitos, para que serviam, quem os fazia...

Aos poucos, ela percebeu que possuía uma coleção considerável e que poderia criar uma exposição interativa, ou seja, uma exposição em que as pessoas pudessem interagir com alguns dos brinquedos e com os outros visitantes! Em outras palavras, uma exposição em que todos pudessem brincar!



Antônio Chequer/Arquivo do fotógrafo

► Sálua Chequer, curadora da exposição **Brinquedos à mão**. Salvador, Bahia, 2016.

Depois de conhecer uma exposição em que os objetos expostos são brinquedos, podemos concluir que brinquedos podem ser arte!

Agora, que tal criar uma exposição interativa com brinquedos manufaturados?

Sobre a colecionadora

Ao abordar os detalhes sobre a colecionadora e curadora Saluá Chequer, lembre os estudantes de que eles vão criar uma exposição de brinquedos manufaturados por eles mesmos. Explique que a principal característica dessa exposição, assim como da **Brinquedos à mão**, é a interatividade, por isso é importante que reflitam sobre este aspecto ao planejar e montar a exposição.

Por meio da realização das atividades propostas nas próximas páginas, os estudantes poderão:

- Compreender que os objetos culturais fazem parte do patrimônio cultural da humanidade, conhecendo alguns de seus aspectos culturais e valorizando a sua preservação.
- Compreender as regras e o funcionamento de jogos e brinquedos e sua importância para a integração com o grupo.
- Conhecer brinquedos de diferentes regiões do Brasil.
- Interagir com os colegas de forma colaborativa.
- Participar de uma oficina de brinquedos.

Sugestão de...

Áudio

Se possível, escute a entrevista em que Saluá Chequer conta detalhes e curiosidades sobre a exposição **Brinquedos à mão**. Disponível em: <<http://culturafm.cmais.com.br/cultura- agora/brinquedos-artesanais-ganham-destaque-em-mostra-na-caixa-cultural>>. Acesso em: 27 out. 2017.

Fazendo arte

Sua mediação é fundamental para que a proposta da seção **Fazendo arte** possa ser realizada. Planeje o tempo e os recursos disponíveis para a execução de cada etapa da atividade.

As atividades de produção de brinquedos artesanais devem ser feitas pelos alunos individualmente, em dupla ou em pequenos grupos. O objetivo é reforçar a percepção da associação entre a produção manual de brinquedos, a partir do reaproveitamento de materiais, e a arte, além de ampliar o repertório dos estudantes, envolvendo aprendizagens relacionadas à construção de saberes e competências necessárias à formação social e cidadã.

A proposta é que, a partir da confecção destes brinquedos, os alunos elaborem coletivamente uma proposta de intervenção: uma exposição interativa sobre o tema arte e brinquedo na escola. Para isso, discuta com eles sobre as possíveis formas de interatividade que podem acontecer neste contexto.

O brinquedo em si já é um objeto interativo, mas pode haver outras formas de interatividade, como brincadeiras coletivas com os brinquedos e os visitantes ou mesmo oficinas para ensinar como confeccionar estes ou outros brinquedos. Neste caso, é importante reunir os alunos com os brinquedos já prontos e propor que experimentem, que criem formas de brincar coletivamente com eles para apresentar aos visitantes. Para que realizem oficinas de confecção de brinquedos, os estudantes precisam retomar os procedimentos necessários para sua confecção e sistematizá-los no caderno ou em cartazes.

Para realizar estas atividades, é interessante que os alunos tenham mesas grandes a sua disposição, ou mesmo que juntem mesas menores. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Antes de realizar a **primeira atividade**, peça que os alunos obser-

FAZENDO ARTE

Vamos encerrar o estudo desta Unidade fazendo brinquedos manufaturados e depois criando uma exposição com eles?

Você se lembra do cata-vento dos indígenas Xavante feito com partes de plantas? Que tal construir um brinquedo que voa usando folhas? Veja como é simples!

1 Separe os materiais necessários. Observe o formato que as folhas devem ter, conforme a imagem.



Material necessário

- folhas de árvore de formato alongado
- palitos de churrasco ou graveto fino

2 Rasgue as folhas ao meio e as espete no palito, como mostra a imagem.



3 Coloque o palito no meio das mãos e esfregue as palmas, como na foto. Depois jogue o palito para cima e observe o voo do seu brinquedo.



vem as imagens. Em seguida, oriente-os para que confeccionem os brinquedos, seguindo as instruções apresentadas no Livro do Estudante. Ajude-os a fazer os furos nas folhas e a fixar o palito. Se necessário, peça que usem um pouco de cola branca para ajudar a prender as folhas.

Com materiais recicláveis é possível construir um carrinho. Vamos tentar?

- 1 Para começar, encape as caixas com os papéis coloridos. Faça dois furos em cada lateral menor da caixa de leite usando os palitos de churrasco. Passe os palitos pelo furo de forma que atravessem a caixa. Esses serão os eixos que vão segurar as rodas do carrinho.



Sergio Dutra/Doutiz

- 2 Peça ao professor que fure as tampas de plástico. Encaixe as tampas nos palitos. Elas serão as rodas do carrinho.



Sergio Dutra/Doutiz

- 3 Em seguida, cole a caixa menor em cima da caixa de leite.



Sergio Dutra/Doutiz

- 4 Por fim, com as canetinhas, desenhe para-brisas, retrovisor, portas, antena, entre outros elementos. Depois, é só brincar!



Sergio Dutra/Doutiz

Material necessário

- caixa de leite
- caixa menor que a de leite
- papéis coloridos
- tesoura com pontas arredondadas
- fita adesiva
- dois palitos de churrasco
- quatro tampas plásticas de garrafa PET
- cola branca
- canetinhas

Para realizar a **segunda atividade**, confeccionando um carrinho, peça com antecedência que tragam as caixas de casa. Oriente-os para que lavem-nas por dentro e deixem secar, para remover os restos de leite. Ajude os estudantes a fazer os furos nas caixas e nas tampas de plástico.

A BNCC nestas páginas

Matrizes estéticas e culturais

BNCC EF15AR03

Materialidades

BNCC EF15AR04

Processos de criação

BNCC EF15AR05

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de experimentar a criação em artes visuais, experimentando formas de expressão artística como a colagem, o recorte e as técnicas mistas, fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas. Além disso, poderão reconhecer e analisar a influência da matriz estética e cultural indígena nas artes visuais, ao caracterizar e experimentar brinquedos provenientes dela.

Fazendo arte

Antes de realizar a **terceira atividade**, relembre com os estudantes a conversa que tiveram sobre as bonecas do mundo todo no capítulo 3.

Em seguida, oriente-os a acompanhar os passos indicados no livro para a confecção da boneca de meia.

A BNCC nestas páginas

Materialidades

BNCC EF15AR04

Processos de criação

BNCC EF15AR05

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de experimentar a criação em artes visuais com técnicas mistas, fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas.

Vamos fazer uma boneca de meia?

Material necessário

- meia ¾ lisa
- pacote de algodão ou de fibra sintética para o enchimento
- seis pedaços de barbante ou seis elásticos
- tesoura com pontas arredondadas
- canetinha para tecido

- 1 Coloque o enchimento na meia e espalhe bem para formar o corpo da boneca.



Paulo Marz/Acervo do fotógrafo

- 2 Faça os pés da boneca prendendo dois elásticos ou pedaços de barbante na parte de baixo da meia, onde ficam os dedos.



Paulo Marz/Acervo do fotógrafo

106

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de atividade complementar

Se julgar interessante, outra possibilidade é pedir que os alunos confeccionem bonecas usando palha de milho.

Confecção de boneca de palha de milho

Material necessário: 10 palhas de milho; 7 elásticos ou pedaços de barbante; tesoura com pontas arredondadas; cola quente (que deve ser manipulada apenas por você).

Oriente os alunos a seguir estes passos:

1. Juntar seis palhas de milho, colocando uma dentro da outra.
2. Fazer a cabeça da boneca amarrando um elástico ou barbante na parte de cima das palhas.
3. Fazer o corpo, amarrando outro elástico no meio das palhas.
4. Juntar as quatro palhas restantes e prender com um elástico ou barbante bem no meio.
5. Prender um elástico em cada extremidade para fazer os braços da boneca.

- 3 Agora, faça os braços usando mais dois elásticos ou barbantes, repetindo o processo.



Paulo Marçal/Agência do fotógrafo

- 4 Com outro elástico ou barbante, faça o pescoço.

- 5 Com o último elástico, amarre a ponta que sobrou da meia. Depois, vire-a para baixo, dando acabamento na cabeça da boneca.



Paulo Marçal/Agência do fotógrafo

- 6 Agora, sua boneca está pronta! Com a canetinha, faça o rosto dela: olhos, nariz e boca.



Paulo Marçal/Agência do fotógrafo

107

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

6. Colar os braços na parte de trás da boneca, com a cola quente.

7. Para finalizar, dividir a parte de baixo da palha em duas pontas e amarrar com um elástico cada uma para formar as pernas.

Você pode falar para os alunos que, caso prefiram montar uma boneca com vestido, e não com calças, eles podem desamarrar os dois elásticos das pernas e deixar a palha solta na parte de baixo. Para a versão da boneca com vestido, serão necessários apenas cinco elásticos. Os alunos poderão ainda usar materiais diversos para criar detalhes da boneca como cabelo, olhos, boca, roupa e acessórios.

Sugestão de atividade complementar

Apresentamos aqui mais uma atividade de confecção de brinquedo, caso queiram ampliar sua exposição.

Confecção de peteca

Material necessário: areia; saco plástico pequeno; folha de jornal; folha de papel crepom com 35 cm x 35 cm, na cor que preferirem; fita adesiva; fita adesiva colorida.

Oriente os alunos a seguir estes passos:

1. Colocar um pouco de areia no saco plástico. Fechá-lo com um nó bem firme e cortar a ponta de plástico que sobrar.
2. Embrulhar em folha de jornal o saco plástico com areia até formar uma bola. Prender as pontas do jornal com fita adesiva.
3. Envolver a bola na folha de papel crepom e deixar as pontas do papel soltas. Torcer um pouco as pontas como se fosse uma embalagem de bala e prendê-las com fita adesiva colorida.
4. Abrir o papel crepom na parte de cima como se fosse um ovo de Páscoa e recortar as pontas.

Após a confecção, você pode mostrar aos alunos diferentes maneiras de brincar com peteca. Qualquer que seja a maneira de brincar com peteca, o objetivo é que ela não caia no chão. Vale tudo para deixá-la no ar. O ideal é lançá-la com a mão, mas os alunos podem usar também outras partes do corpo.

Para os alunos brincarem em duplas, por exemplo, um dos alunos deve lançar a peteca para o colega, e o colega deve rebatê-la para não deixá-la cair. Assim, cada jogador continua rebatendo para que ela fique sempre no ar.

Expondo e apresentando

Se achar interessante, você também pode retomar outros brinquedos ou brincadeiras exploradas nos capítulos desta unidade, e propor que façam parte da exposição interativa.

É importante envolver os alunos na escolha do local para a exposição e na definição da maneira como ela vai ser montada. É preciso ter em mente que se trata de uma exposição coletiva e interativa, que vai precisar não somente de espaço e montagem adequados para a exibição dos brinquedos confeccionados por eles, mas também de uma disposição que possibilite a sua manipulação e devolução ao lugar. Também deve haver espaço para brincar.

Produzindo a oficina

Caso planejem ações como praticar brincadeiras ou propor oficinas de confecção de brinquedos, será preciso definir o espaço e as condições para tais propostas, bem como providenciar os materiais necessários previamente.

Registrando

Se possível, peça aos alunos que tragam celulares com câmera para fazer registros fotográficos da exposição. Depois, reserve um momento de discussão para que selecionem as fotos de que mais gostarem. Então, com a ajuda do professor de Informática Educativa, auxilie-os a gravar CDs com as imagens para que guardem em seus portfólios.

A BNCC nestas páginas

Processos de criação

BNCC EF15AR23

Matrizes estéticas culturais

BNCC EF15AR24

Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de reconhecer e experimentar, em um projeto temático, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas para a realização de uma exposição interativa.

Expondo e apresentando

Após a produção dos brinquedos, pense em como você e seus colegas vão apresentá-los aos visitantes da exposição. Eles estarão pendurados na parede? Em cima de uma mesa?

É preciso, também, planejar oficinas de construção de brinquedos, para que todos possam interagir e brincar. Assim, você pode ensinar o que aprendeu, construindo brinquedos com os visitantes da exposição.

Brinquedos na exposição
Brinquedos à mão.
Rio de Janeiro, 2016.



Antonio Chequer Carvalhoso/Arquivo do fotógrafo

Produzindo a oficina

Antes da oficina

- 1 Treinem como fazer os brinquedos para ensinar às pessoas.
- 2 Convidem colegas de outras turmas, professores e demais profissionais da escola, pais e responsáveis e pessoas da comunidade para o dia da oficina.

Durante a oficina

- 1 Levem para o dia do evento o material necessário para a produção dos brinquedos.
- 2 Vocês também podem deixar seus brinquedos expostos para que os participantes da oficina possam apreciar seu trabalho.

Registrando

Que tal fazer uma seleção de imagens para mostrar o que você vivenciou ao produzir e criar a exposição interativa? Para isso, não se esqueça de fotografar todo o processo.

108

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Além disso, eles poderão caracterizar e experimentar brinquedos de diferentes matrizes estéticas e culturais, bem como valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial da cultura brasileira.

O QUE ESTUDAMOS

- Existem brinquedos que são feitos à mão. Eles são chamados de brinquedos manufaturados.
- Os brinquedos manufaturados possuem muitas qualidades e devem ser valorizados.
- As exposições de arte podem ser interativas.
- Quando as pessoas podem mexer nas obras de uma exposição, sentem-se participantes do processo.
- Brinquedos podem ser arte!



Dica de visitação

Na cidade em que você mora existem espaços de exposição? Aproveite a ocasião para conhecer curadores e outros profissionais que trabalham nesses espaços!

É hora de retomar o portfólio



O que você aprendeu neste projeto? Em uma folha de papel sulfite, faça uma colagem sobre o que você mais gostou de estudar.

Vimos que as artes visuais e a música transformam os brinquedos em arte e que é possível criar uma exposição interativa para fazer todo mundo brincar. Vimos também que alguns brinquedos são feitos à mão. Esses brinquedos possuem muitas qualidades e devem ser valorizados. Além de fazer uma exposição, existem muitas outras formas de valorizar os brinquedos. Que tal continuar a criar?

» O QUE ESTUDAMOS 109

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

O que estudamos

Para encerrar a unidade, retome a questão inicial com os alunos: “Brinquedo pode ser arte?”. Peça que todos voltem aos seus portfólios e observem tudo o que foi realizado para responder a essa questão que resultou na produção final: a exposição interativa de brinquedos. É importante que os estudantes percebam as frentes nas quais trabalharam para chegar a esse resultado. Ao longo do

capítulo, eles investigaram várias possibilidades, elementos e recursos das linguagens visual e musical, aprofundaram sua compreensão do tema do brinquedo, além de refletir sobre sua relação com a arte, principalmente com as artes visuais e a música. Também conheceram um exemplo de exposição interativa. Nesse percurso, entraram em contato com diversos conteúdos e mobilizaram habilidades e competências importantes para sua formação.

É hora de retomar o portfólio

Avalie o trabalho do semestre a partir do portfólio dos alunos, do seu diário de bordo e do produto final do projeto. As perguntas a seguir o ajudarão na avaliação:

- O aluno incorporou elementos estudados em seu repertório? Quais?
- A ampliação do repertório do aluno definiu mudanças em sua produção?
- O aluno tem uma postura investigativa na atividade de experimentação e produção? Ele experimenta, observa e considera os resultados de suas experimentações?
- De que forma a ampliação do repertório reflete na produção do aluno?
- O aluno tem uma postura investigativa que o leva a ampliar suas possibilidades de produção?
- Ele aceita o que é apresentado nas atividades?
- Ele faz produções em grupo que consideram a diversidade de competências?
- Ele tem interesse em outras linguagens artísticas e busca trazer aspectos destas no trabalho dele?
- Ele elabora um discurso sobre sua produção que revela seu percurso investigativo, suas descobertas e pesquisas?
- O aluno aceita os desafios ou o que é apresentado como atividade? Ele vai até o final?
- Ele estabelece seus próprios objetivos?
- Ele se dispersa?
- Ele experimenta diferentes respostas ao que lhe é proposto?
- Que papel o aluno exerce no grupo de que participa?
- Como ele manifesta o significado da aula de Arte na vida dele? Ele fala sobre isso?
- De que forma ele participa das atividades propostas?
- De que forma ele se relaciona com os colegas?
- Qual a assiduidade e participação dele?

BIBLIOGRAFIA

Linguagem visual e audiovisual

ALMEIDA, Cândido José Mendes de. *O que é vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Primeiros Passos).

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual*. 2. ed. São Paulo: Cengage, 2016.

BARBERO, Jesus. M. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. *Redesenhando o desenho: educadores, política e história*. São Paulo: Cortez, 2015.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Todas as Artes).

CHIPP, Herschel B. *Teorias da arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DERDIK, Edith. *Formas de pensar o desenho*. 5. ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

GOMBRICH, Ernst. H. *A história da Arte*. 16. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.

MORAES, Dênis de. *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Linguagem musical

ANDRADE, Mário de. *Dicionário musical brasileiro*. São Paulo: IEB/Edusp, 1989.

MARIZ, Vasco. *História da música no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

OHTAKE, Ricardo. *Instrumentos musicais brasileiros*. São Paulo: Rhodia, 1988.

SCHAFER, Murray. *Le paysage sonore. Marseille: Wildproject*, 2010.

_____. *O ouvido pensante*. 3. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2013.

TINHORÃO, José R. *Pequena história da música popular: da modinha à canção de protesto*. 7. ed. São Paulo: 34, 2013.

WISNIK, José M. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Linguagem da dança

BOGÉA, Inês. *O livro da dança*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

BREGOLATO, Roseli. *Cultura corporal da dança*. 3. ed. São Paulo: Ícone, 2007.

CORTES, Gustavo. *Dança, Brasil! Festas e danças populares*. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

KATZ, Helena. *Brasil descobre a dança, a dança descobre o Brasil*. São Paulo: DBA, 1994.

MARQUES, Isabel. *A dança no contexto*. São Paulo: Ícone, 1999.

Linguagem teatral

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

_____. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. *O jogo teatral no livro do diretor*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

STANISLAVSKI, Constantin. *A criação de um papel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

Culturas afro e indígena brasileiras

BERGAMASCHI, Maria Aparecida (Org.). *Povos indígenas e educação*. Porto Alegre: Mediação, 2008.

JECUPÉ, Kaka Werá. *A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio*. São Paulo: Peirópolis, 1998.

MUNDURUKU, Daniel. *Contos indígenas brasileiros*. São Paulo: Global, 2004.

OGOT, Bethwell Allan (Ed.). *História geral da África: África do século XVI ao XVIII*. São Paulo: Cortez, 2011.

SISTO, Celso. *Mãe África: mitos, lendas, fábulas e contos*. São Paulo: Paulus, 2007.

MATERIAIS RECOMENDADOS

Coleções

ARTE AO REDOR DO MUNDO. São Paulo: Callis.
ARTISTAS BRASILEIROS. São Paulo: Callis.
A VIDA E A OBRA DE. São Paulo: Madras.
CRIANÇAS FAMOSAS. São Paulo: Callis.
GRANDES MESTRES. São Paulo: Ática.
MESTRES DA MÚSICA. São Paulo: Moderna.
MESTRES DA MÚSICA NO BRASIL. São Paulo: Moderna.
MESTRES DAS ARTES. São Paulo: Moderna.
MESTRES DAS ARTES NO BRASIL. São Paulo: Moderna.
ÓPERAS PARA CRIANÇAS. São Paulo: Callis.
PEQUENA VIAGEM. São Paulo: Moderna.
POR DENTRO DA ARTE. São Paulo: Ática.
SANTA ROSA, Nereide. *A Arte de Olhar*. São Paulo: Scipione.

Livros paradidáticos

BRANDÃO, Toni. *Maracatu*. São Paulo: Studio Nobel, 2007.
CANTON, Kátia. *Escultura aventura*. São Paulo: DCL, 2009.
_____. *Fantasias*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
_____. *Moda: uma história para crianças*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
COELHO, Raquel. *A arte da animação*. São Paulo: Formato, 2004.
_____. *Música*. São Paulo: Formato, 2006.
MCCAUGHREAN, Geraldine. *Romeu e Julieta*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
NESTROVSKI, Arthur. *O livro da música*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.
SOUZA, Flávio de. *O livro do ator*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2001.

Sites*

Linguagem visual e audiovisual

Academia Brasileira de Literatura de Cordel: <www.ablc.com.br>

Cinemateca: <www.cinemateca.gov.br/>

Itaú Cultural: <www.itaucultural.org.br/>

Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS RJ): <www.mis.rj.gov.br/>

Museu de Arte Brasileira da Faculdade Armando Álvares Penteado (MAB Faap): <www.faap.br/museu/>

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP): <www.mac.usp.br/>

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp): <<http://masp.art.br/masp2010/>>

Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM SP): <www.mam.org.br/>

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio): <www.mamrio.org.br/>

Museu do Índio: <www.museudoindio.gov.br/>

Museu Histórico e Artístico do Maranhão: <www.cultura.ma.gov.br/portal/mham/index.php>

Museu Histórico Nacional: <<http://mhn.museus.gov.br/>>

Museu Imperial: <www.museuimperial.gov.br/>

Museu Lasar Segall: <www.museusegall.org.br/>

Museu Nacional de Belas Artes: <<http://mnba.gov.br/portal/>>
Museu Náutico da Bahia: <www.museunauticodabahia.org.br/>
Pinacoteca de São Paulo: <<http://pinacoteca.org.br/>>
Portal Brasil Cultura: <www.brasilcultura.com.br/>
Portal do Instituto Brasileiro de Museus: <www.museus.gov.br/>
Projeto Portinari: <www.portinari.org.br/>
Tarsila do Amaral: <www.tarsiladoamaral.com.br/>

Linguagem musical

Academia Brasileira de Música: <www.abmusica.org.br/>
Biblioteca Nacional – Música: <www.bn.gov.br/tags/musica>
Cultura Artística: <www.culturaartistica.com.br/>
História da Música: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/musicaoque.htm>>
Linha do tempo da música brasileira: <<http://timelinemusicabrasileira.org.br/>>
Mozarteum Brasileiro: <<https://mozarteum.org.br/>>
MPB Net: <www.mpbnet.com.br/>
Origem da Música Caipira: <www.violatropeira.com.br/origem>

Linguagem da dança

Bienal Internacional de Dança do Ceará: <www.bienaldedanca.com>
Canal Curta! – Danças brasileiras: <www.canalcurta.tv.br/pt/series/serie.aspx?serield=417>
Festival Conexão Dança: <www.conexaodanca.com.br/>
Festival de Dança de Joinville: <www.festivaldedanca.com.br/site/>
Instituto Caleidos: <www.institutocaleidos.org/>
Revista *Dança Brasil*: <www.dancabrasil.com.br/>

Linguagem teatral

Clown: <www.clown.comico.nom.br/>
Denise Stoklos: <www.denisestoklos.com.br/>
Festival Internacional de Londrina: <<https://filo.art.br/>>
Funarte – Portal das Artes – Teatro: <www.funarte.gov.br/teatro/>
Oficina de Teatro: <<http://oficinadeteatro.com/>>

* Todos os acessos dos sites recomendados foram feitos em 6 de novembro de 2017.

